



REVISTA  
DA ACADEMIA  
NORTE-  
RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS

63/99

1980-81

v. 28 n. 16 nov. 1980/81







**REVISTA  
DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS**





# REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Natal, 1951 — Irregular



1981

---

*Impresso no Brasil*

*Printed in Brazil*

Distribuição gratuita

---

Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras  
ANO 1 — n. 1 — 1951 —  
Natal, Academia Norte-rio-grandense de Letras irreg.  
Editor varia: a partir de 1981, Ed. RN-Econômico.  
1. Literatura Brasileira — Periódicos. 2. Aca-  
demia Norte-rio-grandense de Letras.

RN-UF/BC 80/07

CDU 869.0(81)(05)  
061.12(813.2)





## S U M Á R I O

- Apresentação — 11  
No mesmo Ramalhete/L. da Câmara Cascudo/ 13  
Centenário de Januário Cicco/ 14  
Saudação de Nilo Pereira e discurso de posse de Mário Moacyr Porto/ 25  
Discurso de posse de Jurandyr Navarro/ 46  
Necrológio de Walter Wanderley — Pe. Jorge O'Grady de Paiva/ 44  
Paulo de Viveiros — Tribuno e Historiador — Antônio Soares Filho/ 57  
Da Condição dos Homens é da Presença das Coisas — Américo de Oliveira Costa/ 63  
Arquitetura Civil — / Oswaldo de Souza/ 72  
Esmeraldo Siqueira — Poemas e conto / 73  
A Família no Brasil — / Otto Guerra / 92  
Carta-Prefácio a Raimundo Nunes — / Nilo Pereira / 100  
Anjo Azul — / Maria Eugênia Montenegro / 103.  
Rodrigues Pinagé — / Príncipe dos Poetas do Pará — / Veríssimo de Melo / 105  
Introdução ao Cântico dos Cânticos — / José Melquíades de Macedo / 116  
Cântico dos Cânticos — / Gaspar de Menezes / 124  
O Díficil Problema do Hifen — / Ascendino Almeida / 138  
Estatutos e Regimento da Academia / 157 / 164  
Os Nossos Mortos / 167 /  
Patronos e Acadêmicos — / Membros Honorários, Beneméritos e Correspondentes — / 170.





## MAIS UM NÚMERO

Condensamos, no número 16 da Revista da Academia, o trabalho desta oficina provinciana de cultura. É o produto das forças intelectivas de vários Acadêmicos. É, também, a amostragem da movimentação útil dos valores locais, como expressão viva e marcante das nossas letras. A matéria é variada nos seus temas e estilos. Na prosa ou na poesia, a conceituação das coisas e da vida está na moldura do tempo, no criticismo e na análise do passado ou do presente, sem exclusivismos literários ou preconceitos de escolas, entretanto com a vitalidade e revalorização do humanismo e da cultura geral.

Aqui, o ensaio, a ficção, a história e a biografia têm a imagem e o sabor da terra, na fidelidade à paisagem e ao sopro de vida.

O número 16 veio até nós trazido por mãos generosas. Como tantas vezes tem acontecido, contamos, nesta oportunidade, com a colaboração da professora Ecilda Ramos de Souza, ativa e atuante Secretária Executiva do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação — FNDE, do MEC. Proporcionou-nos os recursos para o custeio desta edição. A brilhante patrícia, inteligente e culta, toda sensibilidade e espírito, tem atendido, como sempre, com a maior solicitude, aos pedidos que lhe temos formulado.

Este número da Revista presta, assim, comovida homenagem a essa magnífica patrocinadora da cultura nacional.

Onofre Lopes  
Presidente

Natal, novembro/81



## NO MESMO RAMALHETE

Lúis da Câmara Cascudo

Morava eu no chalé 393, na Junqueira Aires, em 1936. Setembro, outubro, novembro, passeava no terraço exterior, dialogando com os fantasmas da minha obstinação, por uma Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Irritava-me a omissão do Rio Grande do Norte na relação nacional das associações de letras. Entre nós, nada existia do que vivera antes. Chamei Aderbal de França, o inesquecível Danilo, para ajudar minha teimosia. Ouvia, afetuosamente, os nomes egrégios que a cidade citava com acatamento e saudação. Todos sorriam, concordando comigo, mas céticos quanto à viabilidade do atrevido projeto.

Comecei escolhendo vinte e cinco eminências, fundamentos da circulação literária. Confidenciavam:

— Natal é terra do já teve!

Entre os primeiros vinte e cinco valores indispensáveis, incluí as poetisas Carolina e Palmyra Wanderley, famosas cotovias na passarela local. A Academia nasceu há 45 anos na convivência feminina adorável.

Leio no "Agreste", publicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, (Pernambuco), que devo à bondade de Aleixo Leite Filho, uma clara e ágil crônica de Durval Ferreira, transcrita da "Letra da Província", Limeira, S.P., intitulada "Mulheres Imortais", sobre a presença feminina nas Academias de Letras do Brasil. Ainda repercute o estampido da eleição na Academia Brasileira de Letras de Dinah Silveira de Queiroz, depois de 84 anos de solidão. Imagino a surpresa de Luis XIV e as caretas irônicas de Anatole France com a eleição da belga Marquerite Yourcenar, naturalizada norte-americana e depois francesa, março de 1980, com trezentos e quarenta e cinco anos de ausência. Durval Ferreira menciona as Academias de São Paulo, Goiás, Piauí, Santa Catarina, Pernambuco, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Maranhão, Santos, Alagoas e Rio Grande do Sul, tendo a compartilhação da graça feminina, algumas posteriores à Norte-Rio-Grandense. Não chegou ao conhecimento de Durval Ferreira a existência da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, viva desde novembro de 1936, com duas fundadoras e duas madrinhas, há 45 anos. Estamos no ramalhete deste a primeira hora existencial.

(Palavras ditadas à sua esposa, d. Dhália Cascudo).

## O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JANUÁRIO CICCÒ

No dia 30 de abril de 1981, foi comemorado condignamente o centenário de nascimento do médico insígne Januário Cicco, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e que ocupava a Cadeira nº 11, cujo patrono é Padre João Maria.

Pelo evento histórico houve uma concelebração na capela da Maternidade, a cargo do Arcebispo Metropolitano, Dom Nivaldo Monte, também um dos nossos imortais.

Conforme a programação centenária, teve lugar, na data acima, a inauguração de uma placa comemorativa, ainda na Maternidade, que recebe o seu nome, falando na ocasião o médico Iaperí Araújo. E no anfiteatro da mesma Maternidade, o Prof. Leide Moraes, seu diretor, proferiu substancioso discurso em homenagem ao ilustre benemérito, cuja solenidade foi presidida pelo Magnífico Reitor e acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

A noite, no salão nobre da Academia Norte-rio-grandense de Letras, por iniciativa de sua presidência e com a participação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, teve lugar uma sessão magna, oportunidade em que o Prof. Onofre Lopes da Silva, presidente da Academia, e o Dr. Enélio Lima Petrovich, presidente do Instituto Histórico e Geográfico, discorreram sobre a personalidade do homenageado, fixando relevantes aspectos de sua vida e de sua obra.

Esta revista, evocando a memória de um dos seus mais valorosos integrantes, faz publicar, nas páginas seguintes, os discursos dos presidentes da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico, como preito maior de respeito àquele que tudo fez em prol da comunidade norte-rio-grandense, e deixou a marca de sua existência em todo o Estado, sendo, até, também nome de município e de rua.



Discurso do Acadêmico Onofre Lopes, em sessão solene da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, em homenagem a Januário Cicco, na data do seu centenário de nascimento. (30.04.1881 — 30.04.1981).

O tempo é a medida universal e a testemunha constante dos acontecimentos. Um século é um conteúdo de ações e reações que marca uma fração da vida. O homem é o grande agente, causa e concausa do fato cotidiano, da evolução dos conhecimentos e das mutações sociais. A história é o registro da vida. Os velhos e os novos tempos se identificam e se completam na grande caminhada. Grandes figuras humanas foram e são a força criadora e orientadora de valorosas conquistas. São os grandes líderes do saber e a força catalizadora dos acontecimentos. O ambiente e o clima orgânico ou intelectual são as condicionantes geradoras de todas as coisas. A essência humana e a substância espiritual são o princípio das nobres realizações. Cada época tem o seu clima e também as condições em que os grandes vultos aparecem e imprimem as coordenadas que fazem a fisionomia das ciências, das artes, da sociologia e da política dos povos. Físicos e matemáticos penetram os espaços e sondam os grandes segredos do cosmo. Fisiologistas, geneticistas e sociólogos aprofundam-se nas pesquisas meta-orgânicas e nas reações psicológicas das coletividades, para descobrir o segredo universal e avaliar as forças da harmonia social. É a permanente manifestação da vitalidade do espírito. As forças renascentistas, o Iluminismo do século XVIII, o criticismo e as conquistas do século XIX e XX fizeram surgir os grandes vultos no humanismo, nas ciências exatas, na biologia e na sociologia, que imprimiram no tempo o selo do progresso e da condição humana. Há um século, os alicerces da vida tinham apenas a argamassa dos valores incipientes. As conquistas eram inexpressivas. O progresso era uma expressão vazia. A educação, que seria o princípio básico de todas as atividades humanas, era restrita e limitada às concentrações urbanas de maior significação. O homem, como criatura política, e como unidade econômica, não alcançava senão modestas altitudes. A vida era simples, porque pequenas eram as aspirações, e reduzidas as possibilidades de cada um. Foi este o mundo de 1881 em que nasceu Januário Cicco. Filho de pai italiano e de mãe brasileira de São José de Mipibú, apenas cercava-o o ambiente da escola primária na velha cidade interiorana, ou o espírito do curso secundário de pouco realce, em Natal e Paraíba, onde se escasseavam estímulos e exemplos construtivos. Seguiu-se o período da formação profissional no estado da Bahia, com a conclusão do curso médio aos 25 anos de idade. Foi o período de formação humana e espiritual. É que a Bahia era o centro trepidante da intelectualidade brasileira, projetada sobretudo pelo renome da sua Faculdade de Medicina, vetusta e prestigiosa. A cultura geral e o brilho das elites contagiavam a mocidade da essencialidade dos seus ideais e aspirações. Vindo desse efervescente centro de cultura, o jovem médico chegou a Natal alicerçado de boa propedêutica e da visão universalizante e humanística do exercício profissional e da função sociológica que deveria ter na sociedade, então carente de seguras diretrizes para a dinâmica da vida. Talvez, sem o saber, tenha começado a lançar as bases de um futuro novo para o Rio Grande do Norte. Bases múltiplas e duradouras visando ao homem, às

suas condições de saúde, ao seu bem estar social, à sua cultura. Desde cedo, mostrou irresistível vocação para investigar e discernir, comparar e dar soluções para os problemas coletivos. Sempre esteve a serviço do bem comum e das ações úteis e práticas. A dinâmica do seu espírito impunha renovação: os velhos métodos e o anacronismo dos sistemas foram sacudidos pelas forças das novas concepções. Homem inteligente, atuante e multimodo, movido pelas idéias de renovação, sempre objetivo e prático, fez da profissão médica um sacerdócio leigo, incansável na luta contra a doença e no permanente esforço de orientar e sensibilizar a coletividade para os problemas humanos, educacionais e sanitários. Foi um apaixonado estudioso das condições eugênicas do homem brasileiro. Cedo, convenceu-se de que a cultura geral, as atividades científicas e o trabalho técnico não são uma expressão anacrônica e decorativa de uma civilização. Estava provado que o rendimento intelectual era a própria substância do crescimento, da qualidade e do critério de cada civilização. Com segurança de atitudes, não permitiu que o seu idealismo fosse sufocado pela avalanche sem rumo dos despreparados. Soube ter serenidade, tolerância e sabedoria. É que Januário tinha a sua própria força, a sua própria fé, o sentimento do dever, a visão e a antevisão do futuro que ele queria para a terra e a sua gente. Como médico, fez sacrifícios, e o sacrifício é a forma divina de heroísmo, com que sempre serviu à ciência e à arte médicas, serviu à verdade, sendo fiel à sua consciência, fiel ao próximo e à coletividade, escalando caminhos íngremes e escarpas abruptas para a sua maior glória. Logo nos primeiros anos de sua vida profissional, com dinâmica nova e vivo idealismo, tendo apenas 3 anos de formado, impôs-se ao espírito lúcido e empreendedor de Alberto Maranhão, Governador do Estado, como sendo a oportuna e providencial solução para o problema hospitalar da cidade de Natal. O casarão que então servia de depósitos de doentes na antiga Rua da Salgadeira não podia ter o nome de Hospital. Era um amontoado de doentes de todas as espécies mórbidas em penosa promiscuidade, sem medicamento, sem higiene, sem assistência médica e sem enfermagem. Alberto Maranhão adaptou uma sua antiga casa de campo, que se situava em Belo-Monte, hoje Petrópolis, para servir de Hospital, estabelecimento de 18 leitos, evidentemente de instalações precárias, entretanto de melhores perspectivas. Convidou Januário Cicco para a tarefa de organizar, prestar serviços e diglirir a modesta Unidade de Saúde. Inicialmente, Januário era só e desdobrava-se no trabalho de atendimento, contando apenas com 5 religiosas e um enfermeiro. Trabalhava todas as horas do dia ou da noite, nos dias úteis ou não, executando heroicamente todos os serviços de cirurgia, clínica geral ou especializada, prática sumária de laboratório e até mesmo serviço dentário de urgência. Os chamados ao Hospital, a todos os momentos, atendia-os no seu cavalo alazão, nunca lhe faltando o estímulo e a disposição para tanto. Ao influxo da sua inspiração e da natural vocação de ampliar e aperfeiçoar a assistência médico-hospitalar, fez do hospital primitivo, no decorrer dos anos, um nosocômio de larga capacidade, contando com o corpo médico cuidadosamente selecionado, em condições de serem praticadas a medicina e a cirurgia contemporâneas às ciências e às artes dos tempos modernos. Januário Cicco expandiu a assistência de modo progressivo e, como complemento de sua imaginação filantrópica, criou a Maternidade, soberbo edifício com que compôs o sólido núcleo de cultura e assistência médico-hospitalar que, mais tarde, deveria inspirar o nascimento da Faculdade de Medicina e da Universidade do Rio Grande do Norte. O espírito de Januário não ficou somente aí:



simultaneamente agitava o meio intelectual da cidade, dele participando ativamente, e nele instilando as suas idéias de renovação, de aperfeiçoamento e de progresso. Preocupou-se com os problemas sanitários da cidade, participou do movimento literário da terra, marcou a sua presença em pesquisas do Patrimônio Cultural e Histórico, foi um dos fundadores desta Academia de Letras, cadeira nº 11, que tenho a honra de cuidar como seu sucessor. Foi membro de maior relêvo do Instituto Histórico e Geográfico, escreveu, com linguagem veemente e apurado estilo, páginas de boa literatura, de ciência, de filosofia e sociologia que ilustram o nosso acervo bibliográfico. Os seus livros e conferências qualificam-no como um homem de letras, médico arguto e erudito, sociólogo, e escritor de alto nível. Escreveu o “Destino dos Cadáveres”, “Como se Higienizaria Natal”, “Notas de um Médico de Província”, “Eutanásia”, “Padre João Maria”, “A Puericultura no ano 1999”, além de conferências e artigos de jornais, revelando erudição e espiritualidade na análise e na conceituação dos problemas de variados aspectos, gerais ou especializado. Por tudo que fez, Januário Cicco foi um grande exemplo, fonte permanente de estímulos e de ensinamentos. Agente e modelo de uma época e de muitas gerações. O Hospital e a Maternidade que criou são a sua verdadeira imortalidade. Instituiu o espírito médico, organizou serviços de toda seriedade e eficiência, fez em torno de si um corpo médico devidamente qualificado, instilou em diversas gerações de profissionais o senso da responsabilidade, criando, assim, um clima e um estado de espírito para que, com essas bases e com o estímulo de sadio idealismo nascessem e crescessem as grandes realizações, que seriam, entre nós, a obra do século: a nossa Universidade.

Viveu 71 anos, e hoje faz um século do seu nascimento. Podemos, desta altura, avaliar a natureza e a extensão da sua obra. A cidade de Natal sempre se recordará da sua figura respeitável, do médico de confiança, do homem culto, austero, franco e honesto. O Hospital e a Maternidade foram, seguramente, as células geradoras, magistrais e catalizantes de uma nobre constelação. A Faculdade de Medicina, o Instituto de Ciências Biológicas, a Faculdade de Farmácia, a Escola de Enfermagem, o Hospital de Pediatria são, ao lado das demais unidades de igual importância na hierarquia dos conhecimentos humanos, pilastras e alicerces dessa obra, sempre notável e sempre grandiosa para todas as gerações. É, efetivamente, uma soma de realizações que orgulha nossa capacidade de trabalho. É este o chão sagrado de Januário Cicco. É este o chão sentimental desta terra. Ninguém, em tempo algum, agora ou no futuro, a qualquer título, a qualquer justificativa, terá o direito de apagar um grande passado, nem de subestimar a dignidade desse passado, nem de ser um iconoclasta, nem de tentar substituir o que há de grande e emocional, de espiritual e gratificante de uma população toda, por fachadas novas, muitas vezes sem conteúdo, muitas vezes vazias de história e serviços, muitas vezes, ou sempre, ineficientes, servindo apenas de exterior roupagem de minguados fins. Prezo-me de ter contribuído para, há algum tempo atrás, ter evitado tamanha distorção, e, nesta comemoração do centenário de Januário, sem direitos a alegar, peço à cidade, aos homens e às mulheres de pensamento desta terra, ao velho corpo médico do Hospital e da Maternidade, aos membros desta Academia de Letras, aos membros do Instituto Histórico e Geográfico, a todos os fiéis das nossas tradições e do nosso passado, do nosso idealismo, da nossa gratidão, e da sensibilidade de todos nós, que façamos um apelo aos céus para que nun-

ca amadureça no espírito da administração universitária, de qualquer tempo, a idéia de impor a morte ao centro de cultura médica, ao chão de Januário, o passado e a tradição de toda uma gente. Januário, sem a sua obra, não seria uma sagração de 100 anos de trabalho fecundo, de grandes exemplos, de edificante e imorredoura recordação. A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras aplaude Januário Cicco, a sua memória e o seu século.



## IN MEMORIAM

(Em 30 de abril de 1981, no centenário de nascimento de Januário Cicco).

*Como se fosse mesmo um varão de Plutarco,  
Ele soube viver a sua nobre vida.  
Útil, altiva, austera, exposta em cada marco  
Deixado a assinalar na estrada percorrida.  
    Servindo à nossa Pátria, à família, ao seu meio,  
    Não precisou jamais de alarde ou propaganda,  
    Silencioso, tenaz, o tempo todo cheio  
    De fecundo labor e calma formidanda.  
Tinha, apesar de sábio, uma alma de criança.  
Aquele austeridade, apenas aparente,  
Disfarçava o candor, a natureza mansa  
Do seu modo de ser profundo humanamente.  
    Ele, se vivo fosse, agora centenário,  
    Estaria escutando este preito de glória.  
    Morto embora, reluz seu nome extraordinário  
    Como intenso clarão nas páginas da história*

Esmeraldo Siqueira

**Enélio Lima Petrovich**

**“Cada um de nós vive a recordação daqueles que se foram com a morte eterna, e continuam vivos na lembrança do afeto que deixaram. É a saudade, essa lembrança do bem que se viveu, da amizade que se não apaga, guardando-se e cultivando-se a imagem, o retrato de quem fez a nossa alegria na terra”.**

Eis o que também dissera Januário Cicco, a 15 de outubro de 1939, na sessão magna de sua posse, nesta Casa, ocupando a cadeira n.º 11, em que é Patrono Padre João Maria — o Santo de Natal.

E, agora, já decorridos 42 anos, reúnem-se nesta noite, a Universidade, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte para — solidários e uníssonos — evocar a sua memória — a memória de quem soube, como raros, dar de si antes de pensar em si.

Confesso. Tinha apenas 18 anos, em 1.º de novembro de 1952, data em que faleceu o homenageado. Mas dois instantes de sua presença em mim se impregnaram.

Um dia, meu pai, que negociava à rua Coronel Bonifácio, hoje Câmara Cascudo, vendo-o passar, apontou: “Aquele é Januário Cicco, médico da família”.

Outra vez, uma tarde, na calçada da Livraria de Fortunato Aranha, bairro da Ribeira, meu tio-avô e padrinho de batismo e casamento, Nestor Lima, um dos fundadores desta Academia e presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, conversava com Otávio de Gouveia Varela. Ia eu sempre pedir a sua bênção. E em um desses encontros, o velho e saudoso padrinho-avô (assim o chamava), apresentou-me a Januário Cicco. Cumprimentei-o, no acanhamento da idade jovial, respeitosamente. Ele acrescentou logo: “Lembro-me muito de seu avô, Matheus Petrovich. Era grande amigo”.

Estas as rápidas passagens de sua figura singular e humana, que guardo indelével. Do homem probo e digno. Verdadeiro sacerdote da Medicina. E não podemos olvidar, num momento como este, o que nos escreveu, sabedor desta homenagem, o querido consócio Nilo Pereira:

**“Januário Cicco é mais do que um nome: é uma legenda. A ele tudo se deve no campo da Medicina Social e Preventiva. Foi o fundador do Hospital Juvino Barreto, que representa uma justa homenagem ao apóstolo da caridade, em Natal. Alberto Maranhão, um príncipe do Renascimento, deu a sua casa de veraneio, em**

Petrópolis, para que Januário a transformasse nesse Hospital, que foi mais tarde Miguel Couto e é hoje das Clínicas. Edificou uma Maternidade.

Em cada quarto o nome de uma flor, como a mostrar que o parto é uma flor que desabrocha, um botão que se faz rosa.

Sonhou com uma Faculdade de Medicina, que não chegou a ver. O que ele não pôde fazer Onofre Lopes fez. É o seu continuador, o outro Januário Cicco, que foi além da Faculdade de Medicina, erguendo com os seus braços de herói a Universidade do Rio Grande do Norte.

E assim conclui Nilo Pereira, o seu depoimento:

“Posso dar um testemunho pessoal, talvez pitoresco. Nos meus quinze anos de idade, tanto estudei para os preparatórios no Ateneu Norte-rio-grandense, com medo, principalmente, do Padre Calazans Pinheiro, que fiquei magro e pálido. Meu pai me levou primeiro ao consultório do meu padrinho, Octávio de Gouveia Varela, que afirmou: “Esse menino não tem nada. A receita é esta: vinho reconstituente Silva Araujo”.

Como não tivesse muito proveito, meu pai me levou a Varela Santiago. Disse o mesmo e passou o mesmo vinho. Por último, a Januário Cicco, que, sorrindo mais do que Santiago e menos do que Octávio Varela, frisou bem:

“Esse menino não tem nada. Tome vinho reconstituente Silva Araujo”.

Como se vê, através desses lances meteóricos, procuro recordá-lo, vivo, palpitante, conselheiro, doutrinador, espiritualista, nesta festa centenária de emoção e de saudade.

Inegavelmente, o seu grande sonho fora a Faculdade de Medicina.

Nas expressões do confrade José Tavares da Silva, “foi o velho anseio e cujas obras de assistência perpetuarão para sempre sua memória, no coração daqueles que sabem cultivar a gratidão para com os seus benfeitores. Foi consternado diante do sofrimento humano, nos arroubos de sua mentalidade viril e impetuosa, na exaltação do seu patriotismo, na contemplação filosófica de seu idealismo, na ansiedade de bem servir ao bem público, desenvolvendo e melhorando o nível cultural da nossa sociedade, que Januário Cicco concebeu a idéia de criar uma Faculdade de Medicina em Natal”.

Médico, filantropo, ninguém o superava na época em que viveu, cuja irradiação de seu nome alcança e fica até os nossos dias. É nome de Maternidade, de Avenida em Natal e de município no Estado. Diagnóstico certo, pontualidade no atender aos doentes, expansão temperamental. Extravasava o seu espírito, seguindo sempre o exemplo de Gamaliél. Sobre a sua vida, suas obras, na amplitude do tempo, à vista das datas e dos números, já discorreram Iaperi Araújo, Leide Morais e Onofre Lopes, nesta efeméride secular.

Na verdade, há pessoas, nesta trajetória fugaz, num mundo tão carente de solidariedade humana, que são predestinados só para fazer o bem. Pautam a sua retilínea conduta, no silêncio dos gabinetes ou no tumulto das ruas e das praças, pensando e agindo em favor da comunidade sofredora, com a vontade férrea e irresistível de amenizar sempre os males dos seus semelhantes. Januário Cicco, inegavel-



mente, construiu; pedra sobre pedra, conforme a imagem bíblica, as suas grandes realizações, e, entre elas, o monumento de seu ideal, a Maternidade que, com justiça, tem o seu nome.

Quanto sacrifício! Quantas lágrimas derramadas! Ela, porém, aí está, como fruto de sua coragem e de sua obstinação, fazendo, quase hora a hora, nascer muitas vidas, pelo mistério do amor, na preservação da humanidade. Das entranhas da mãe pobre as orações se elevaram e continuam subindo aos céus, no agradecimento constante e eterno, a Januário Cicco, imortalizado pela lição sublime e ontológica do dever e da caridade, galardões maiores de sua existência.

Em “Tribuna do Norte” de 2 de novembro de 1952 (um dia após o seu falecimento), o confrade Aluizio Alves assim o definiu:

**“Era uma força da natureza, despertada para o bem da coletividade. E como todas as forças da natureza, nem sempre harmoniosa, algumas vezes extremada, enraivecida, destruidora.**

**Dele, pode-se dizer que morreu de sonhar. Deve dizer-se que tombou lutando. Foi a sua vida, o seu destino, a sua glória.**

**Sua partida brusca, sem um aperto de mão para os amigos, dá-nos, por isso mesmo, a sensação de que alguma coisa diminuiu em torno de nós, da cidade em que vivia, da terra a que devotara a sua profissão e a sua existência, o mundo dos humildes e dos enfermos, dos pobres e dos desesperançados”.**

**Foi esta a vida de Januário Cicco, para a qual não se abriu, apenas, um túmulo no cemitério triste, mas uma cicatriz em cada coração magoado”.**

Estas as digressões síngelas, oportunas, simples, espontâneas, calcadas, inclusive e sobretudo, em testemunhos de quantos conheceram mais intimamente Januário Cicco, que se aliam, em nome da mais antiga instituição cultural do Rio Grande do Norte, o venerando Instituto Histórico e Geográfico — às homenagens ora prestadas pelo centenário de seu nascimento.

Por estas razões — minhas senhoras e meus senhores, autoridades, para repetir o poeta dos Lusíadas: “outro valor mais alto se alevanta”.

Sim, como que sublimando sobremaneira esta manifestação telúrica e emocional em louvor de Januário Cicco, récorramos a quem, no tempo e no espaço, é símbolo, nume tutelar, no patrimônio cultural brasileiro.

Refiro-me a Luis da Câmara Cascudo, que saudou Januário Cicco, em outubro de 1939, dia de sua posse na imortalidade acadêmica, e fôra ainda o orador na inauguração do mausoléu no Cemitério do Alecrim. Ontem, falei ao mestre acerca desta romaria evocativa. Leu o meu bilhete. Levantou-se, ergueu os braços e disse:

“Ah, centenário de nascimento de Januário! Não fosse meu estado gripal compareceria”.

Esta, pois, a palavra do mestre de todos nós — do historiador da Cidade do Natal. Ouçamo-la, com atenção e silêncio;

(gravação de Câmara Cascudo)

Há quase um século, cantou Kahlil Gibran, o profeta do Líbano, no seu célebre poema "Canto do Homem":

**Estou aqui desde o instante inicial  
E continuo aqui.  
E cá ficarei até o fim  
Do mundo, pois não haverá fim  
Para meu ser tomado de tristezas".**

Decerto, sob a inspiração do filósofo e poeta do Oriente, o mestre Câmara Cascudo — sócio benemérito de nossa "Casa da Memória" e fundador desta Academia, quis também aqui ficar, invisível e presente, em Homenagem a Januário Cicco, que foi e é, realmente, para todas as gerações, **um forte e um bom.**

**Enélio Lima Petrovich**

(Proferido em 30-4-81 — centenário de nascimento de Januário Cicco — Academia Norte-Rio-Grandense de Letras)

## NOTAS AVULSAS

**Nilo Pereira**

Januário Cicco é mais do que um homem; é uma lenda. A ele tudo se deve no campo de Medicina Social e Preventiva, no Rio Grande do Norte. Foi o fundador do Hospital Juvino Barreto, que representa uma justa homenagem ao apóstolo da caridade, em Natal. Alberto Maranhão, um príncipe do Renascimento, deu a sua casa de veraneio, em Petrópolis; para que Januário a transformasse nesse Hospital, que foi mais tarde Miguel Couto e é hoje das Clínicas. Construiu a Maternidade que tem o seu nome. Em cada quarto o nome de uma flor, como a mostrar que o parto é uma flor que desabrocha, um botão que se faz rosa.

Sonhou com uma Faculdade de Medicina, que não chegou a ver. O que ele não pode fazer, Onofre Lopes fez. É o seu continuador, o outro Januário Cicco, que foi além da Faculdade de Medicina, erguendo com os seus braços de herói a Universidade do Rio Grande do Norte. Onofre Lopes, à semelhança de Januário Cicco, vem dos tempos heróicos. Completou e ampliou o que o seu mestre e amigo iniciou.

O elogio do padre João Maria, patrono da Cadeira nº 11, mostra quanto o médico e o sacerdote se unem no culto supremo da Caridade. Um é o Santo venerado na praça pública, uma forma de canonização; o outro é o apóstolo do bem, o evangelizador da Medicina. Na Academia Norte-rio-grandense de Letras, na qual teve assento, seu elogio coube ao seu sucessor, Onofre Lopes, e a José Tavares da Silva, este último em discurso proferido em sessão conjunta da Academia e da Sociedade de Assistência Hospitalar, em 9 de novembro de 1972, por ocasião do vigésimo aniversário do falecimento do grande pioneiro. O médico e o escritor foram os aspectos que as duas orações destacaram.

Posso dar um testemunho pessoal, talvez pitoresco. Quando eu tinha quinze anos de idade, tanto estudei para os Preparatórios no Ateneu Norte-rio-grandense, com medo, principalmente, do padre Calazans Pinheiro, tio de Veríssimo de Melo, que fiquei magro e pálido. Meu pai me levou primeiro ao consultório do meu padrinho Octávio de Gouveia Varella, que afirmou: “Esse menino não tem nada. A receita é essa! Vinho Reconstituente Silva Araujo. Como não tirasse muito proveito, meu pai me levou a Varella Santiago. Disse o mesmo e passou o mesmo Vinho. Por último a Januário Cicco, que, sorrindo mais do que Santiago e menos do que Octávio Varella frisou bem: — Esse menino não tem nada. Tome o Vinho Reconstituente Silva Araújo...

Notei que Januário Cicco tinha as mãos gordas, mas leves. Só depois vim a saber que eram mãos de anjo, mãos finas da caridade cristã. Não esquecerei que ele era irmão do cônego Celso Cicco, vigário do Ceará Mirim, que lhe assistiu aos derradeiros momentos. E de Alcides Cicco, tenor e diretor do antigo Teatro Carlos Gomes. Três irmãos pela Ciência, pela Fé e pela Arte.



## SAUDAÇÃO A MÁRIO MOACYR PORTO

Nilo Pereira

Confesso que é das maiores honrarias acadêmicas de minha vida receber, hoje, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o novo acadêmico MÁRIO MOACYR PORTO, nome eminente de minha geração e de minha turma na Faculdade de Direito do Recife.

Dele tenho as melhores recordações como colega em quem já se prenunciava o mestre que ia ser: mestre do Direito, jurista, advogado, magistrado, humanista, professor universitário, Desembargador e Reitor da Universidade Federal da Paraíba. Parecendo ser um aluno até certo ponto bisonho, e mesmo um tanto retraído, sem maior participação nas agitações estudantis da época, dá-me agora a impressão de ter sido, a seu modo, um modo talvez pouco paraibano, um pouco como Ruy Barbosa, na sua época de aluno da Faculdade do Recife: aluno mais introspectivo do que extrovertido. Enquanto Tobias e Castro Alves eram do tipo extrovertido, romântico, um tanto vulcânicos à maneira de Victor Hugo, Ruy vivia recolhido aos seus estudos na casa onde estava hospedado, na qual o irlandês Purcell devia manter, certamente, o bom tom, a sobriedade, a austeridade vitoriana da época. Não se sabe de movimentos e estudantadas em que Ruy — aluno da Faculdade de Direito do Recife — tenha aparecido. Em casa do irlandês Purcell falava corretamente o seu inglês, lia os clássicos, preparava-se para ser o purista da Língua, o jurista eminente, o “campeão do Habeas-Corpus”, o incomparável advogado da liberdade dos oprimidos e dos injustiçados.

A Faculdade do tempo de MÁRIO MOACYR PORTO — do nosso tempo — teve a sua fase de agitação criadora. Basta lembrar que uma Revista que marcou época pelo seu espírito combativo e pelo ecletismo das idéias, tinha o sugestivo e sintomático nome de AGITAÇÃO, fundada e dirigida por Gil de Methodio Maranhão, nosso colega de turma, mais tarde grande historiador pernambucano. As idéias predominavam sobre os ressentimentos. Os autores mais lidos — um Oswald Spengler, um Charles Péguy, um Henri Massis, um Jackson de Figueiredo, um Tristão de Atahyde, um Chesterton, um Padre Leonel Franca — além do livro clássico de Morin — A REVOLTA DOS FATOS CONTRA OS CÓDIGOS — davam bem a medida da nossa inquietação. Do outro lado da corrente estavam os que se batiam em nome de Marx, de Lênine, de Freud, de Sorel. E como ponte de aproximação entre as duas linhas divisórias da cultura e da ansiedade de descobrir o mundo, velavam os leitores de Eça de Queiroz, os amigos da “santa ironia”, aqueles que viam na vida o seu lado caricatural e acreditavam que Antero de Quental era um “santo” e que a gargalhada passada sete vezes em torno das Instituições as faz aluir. Nesta última falange estava Otacílio Alecrim, de quem eu já era amigo desde 1930,

quando juntos escrevíamos n'“A República”. Alecrim foi o maior líder estudantil — ou, para melhor dizer universitário, embora ainda não houvesse a Universidade — do seu tempo. Deve ter sido o derradeiro discípulo de Tobias, a rir da Metafísica e do Direito Natural, dizendo sempre que na Faculdade, que me parecia mais uma Catedral do que um templo do saber jurídico, Tobias muitas vezes conversava com o Fausto de Goethe.

Onde foram essas conversas, assistidas por Mefistófeles? Onde os dois gênios, tão aproximados pelo culto do germanismo puro, se encontravam? Ninguém sabia, nem o próprio criador da fantasia um tanto épica. Algo restava dessa alegoria fantástica, dessa simbologia agônica, mas grandiosa. Éramos expectadores do que não víamos. O que verdadeiramente sentíamos era o drama universal das idéias, as consequências da Primeira ‘Guerra Mundial, que se prolongaram no Brasil até 1930, o cair do pano sobre a nossa “belle époque”, animada por um romantismo hugoano, que teve em Segundo Wanderley, no Rio Grande do Norte, um dos seus mais altos representantes.

MÁRIO MOACYR PORTO foi sempre, nesses encontros e desencontros, um ponto culminante do saber recolhido, quase convencional, que não se extravia em conversas e debates, mas não se recusa ao testemunho pessoal, abscondito, do que lhe vai n'alma. Não o víamos na tempestade. Esbravejando, gritando “slogans” convencionais: era um jovem muito consciente do papel que ia desempenhar e preparava-se para enfrentar um mundo que ele não ignorava ser de transição e de luta.

Sempre o admirei no seu modo talvez unamuniano de encarar as idéias. Não era um católico como Afonso Bezerra ou como Otto Guerra ou como Antônio Othon Filho ou como Antônio Fernandes da Costa, talvez por não ter passado pela Congregação Mariana de Moços de Ulysses de Goes; nem um agitador em quem ainda se refletissem os arroubos oratórios do socialista Pimenta, que José Lins do Rego retratou poderosamente no Dr. Pestana, líder de um operariado sempre em greve. Era um espírito introspectivo, debruçado sobre o mundo, auscultando estranhas pulsações que vinham das revoluções do século quase iniciante.

Todos nós, crentes ou descrentes, católicos ou marxistas, liberais ou perrepietas, indiferentes e sibaritas, que também os havia, todos nós muito o admirávamos. Por um erro de perspectiva ou por um ato de simples generosidade fui o escolhido. Isto porque — já se argumentava na época — MÁRIO está ao nível de um professor, podia ser o nosso paraninfo, se a subversão das tradições permitisse que um colega pudesse chegar a tamanha consagração. Nele, essa laúrea seria da maior justiça. MÁRIO MOACYR PORTO nasceu mestre. O lugar de orador da turma seria demasiado para os concluintes de então, mas muito pouco para ele. Era o aluno mais moço da nossa turma. Formou-se com 20 anos de idade. Por isso elegeram o menor — a menor distância entre o maior e o pequeno — a justa medida de equilíbrio de julgamento numa pendência em que havia de predominar como justiça imante o meio termo, que é expressão do bom senso.

Não pensem, Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos, que sou fácil no elogio; e que tomo a recepção acadêmica, na sua liturgia tradicional, como um elogio pré-estabele-



cido. Apenas esperava por uma ocasião como essa para dar o meu testemunho, ainda que inteiramente desvalido, sobre uma das maiores figuras de minha geração. Se o exalto é por justiça; se o analiso é para encontrar no fundo do poço — onde Nabuco via sempre a sua imagem refletida — a transparência do espírito humano; e se o recebo, nesta hora ritual, é porque ele me deu esse privilégio, talvez por ser eu um colega seu de turma ou por inspiração evangélica, que não lhe falta, vendo em mim aquele que só merece pela amizade, que não pelo mérito pessoal e intelectual.

Note-se que o chamado elogio acadêmico nem sempre é elogio. Ao receber, na Academia Brasileira de Letras, o grande romancista francês Anatole France, na época de maior encantamento do autor de **La Rotisserie de la Reine Pédauque**, Ruy Barbosa tantas restrições fez ao romancista que ele, na frase de Michel Simon, “commença de rire jaune”. Era um deus abalado no seu pedestal, enquanto Euclides da Cunha, sentindo que o deus não lhe havia dado a devida atenção, intentava pateá-lo; no que foi contido pelo seu médico Antônio Austregésilo, que o ameaçava de internamento se realizasse o seu sinistro desejo. Euclides caiu em depressão, conta o prof. Austregélio, até que este, mestre da Neurologia e da Psiquiatria, apresentasse o autor d’**Os Sertões** como o maior escritor sul-americano do seu tempo. Tudo estava sanado. Euclides tinha um complexo de superioridade.

Não precisais, meu ilustre MÁRIO MOACYR PORTO, dessas euforias. O vosso complexo — se o tendes — é de humildade.

Sois um homem humilde; e nisso está o vosso maior valor. Quase um casmurro — se me permitis a palavra de bom sentido machadeano — sendo, apesar disso, um “causeur” descontraído nas já famosas reuniões dos sábados na Livraria Universitária do nosso Walter Pereira, amável anfitrião, ao lado de escritores e mestres de notável saber, tais como Américo de Oliveira Costa e Alvamar Furtado, ou de Humberto Nési, excelente figura humana, ou do folclorista Veríssimo de Melo, um xaria valioso.

Não houve posição, por mais alta, nem circunstância por mais significativa, que vos mudasse o temperamento. O mesmo homem nas coisas e quase que as mesmas coisas — variando um pouco na dimensão ocasional do momento — no homem retilíneo, inteligente, lúcido, sabendo quanto vale a precariedade da glória humana. Mas não ignorando que essa glória não é apenas uma vicissitude, pois é preciso conquistá-la a golpes de dignidade. Essa vossa companheira — a glória das letras e do saber jurídico — não vos tem iludido; sois um espírito afeito às mudanças do nosso tempo, que atingem não somente as estruturas políticas como também os comportamentos pessoais, tão variáveis quando se tem uma falsa noção do que é subir e do que é descer.

Maquiavel ensinou ao Príncipe as várias maneiras de permanecer no poder; mas esqueceu-se de ensinar como descer dele. Nisso Dante foi mais sábio do que Maquiavel: a glória do mundo ardeu muitas vezes no fogo do Inferno, onde, não raro, acabaram reinos e potestades.

Camus disse que o poder é triste. Para Maquiavel é uma virtú especial, que o Renascimento cultivou, exaltando o homem feliz, que fez da razão o suporte de tudo.

Teria de ser esse homem maquiavélico, necessariamente, o inspirador da Revolução Francesa, na linha mestra de Maquiavel, Lutero e Rousseau, reformadores e revolucionários da natureza humana. A Idade-Média morria aí. Mas é preciso lembrar o conceito de Beajoin — fixado por Edgar Barbosa no seu admirável ensaio sobre Leonardo da Vinci — segundo o qual o Renascimento é um filho ingrato da Idade-Média. Ingrato e pródigo, ao mesmo tempo, pois, desbaratando os seus tesouros, não os ignorou: serviu-se deles para elaborar um novo mundo de liberdade e de criação. O grande problema do Renascimento — como afirma Arnest Cassirer — é o problema da liberdade. A arte mascara esse problema com a sua grandiosidade humana, despida do sobrenatural, isto é, do gótico medieval, que, segundo Rafael, é “um estilo sombrio”.

Sempre as sombras da Idade-Média; mas quantas luzes nessa escuridão! Vós, Sr. MÁRIO MOACYR PORTO, que sois um humanista, bem sabeis que também se trabalhou à luz de velas, nas Universidades, nas abadias, nos mosteiros, nos conventos, nas bibliotecas, sobre manuscritos imortais.

Sr. Acadêmico MÁRIO MOACYR PORTO:

Vindes ocupar nesta Academia Norte-rio-grandense de Letas — a Casa de Luiz da Câmara Cascudo e de Henrique Castriciano — a cadeira n.º 20, de que é patrono AUTA DE SOUZA, e cuja última ocupante foi PALMYRA WANDERLEY. Isso significa que aqui estais sob o signo da Poesia.

Sobre AUTA DE SOUZA a palavra final de exegese não apenas literária, mas humana, devemos-la, como muito bem sabeis, a Luiz da Câmara Cascudo que, escrevendo sobre uma “vida breve”, tornou-a tão longa e eterna como a própria dor que a poetisa semeou nos seus versos. Ela se esvaiu em versos, diz Edgar Barbosa no prefácio do livro de Cascudo. O seu último perfume estava no jasmineiro que ela plantou em Macaíba, ceifado por mãos homicidas, pois que esse jasmineiro era um ser humano que prolongava no tempo a eternidade da poesia.

Lembrarei apenas o “Salmo de Auta de Souza”, de Homero Homem:

“Auta, santinha e  
beata, pelo “Horto”  
de flor e ladainha,  
Guia ao porto  
do Potengi adentro  
esse navio  
Longa  
longamente  
esperado  
Com um porão  
carregado de flor,  
outro de pão”.

Cascudo foi o menino que ela ninou, quando ele esperava por um mingau retardatário. Não sabia que estava ninando o seu maior biógrafo. Somente Henrique Castriciano poderia sobrepujar Bilac e Jackson de Figueiredo no que escreveram



sobre o rouxinol magoado do “Horto”. O irmão talvez tenha espiritualizado demais a “pobre moça tuberculosa”, que sempre lhe arrancava lágrimas quando nela falava: lágrimas que eu vi brilharem por mais de uma vez nos seus olhos distantes.

PALMYRA WANDERLEY nos deixou há pouco tempo. Tenho dela a mais grata recordação. Quando saiu o seu livro **Roseira Brava**, lembro-me muito de sua gentil dedicatória — “Ao Nilo, ramo verde da inteligência potiguar”. Hoje, teria de escrever ramo seco; e já não seria mais da inteligência, mas de teimosia literária malograda.

Rendo aqui minha homenagem à grande poetisa. Ela foi um momento de beleza criadora. Diferia de AUTA DE SOUZA — que Cascudo humanizou até trazê-la ao seu cotidiano de menina-moça — na alegria triunfal da vida; mas somavam-se no lirismo cristão, na “Poesia em Cristo”, de que falou o grande poeta Murillo Mendes. Ambas se encontraram nas regiões do espírito humano, onde o mistério é o pressentimento de Deus. E ambas voltam agora ao nosso convívio, no momento em que MÁRIO MOACYR PORTO, o nosso novo e eminente confrade, toma posse na cadeira n° 20, tão feliz nos seus ocupantes — desde a poetisa até o jurista.

Não sois de modo algum um estranho na nossa terra. Pelo contrário; sois um dos nossos. Logo depois de formado em Direito, ocupastes a Promotoria Pública das Comarcas de Currais Novos e Acari, começando aí vossa brilhante carreira de magistrado. Depois de terdes sido Promotor de Piancó e Souza, na Paraíba, que é vosso Estado natal, fostes Juiz de Direito das Comarcas de Cajazeiras, Patos, Bananeiras, Campina Grande e João Pessoa. Por fim, desembargador do Tribunal de Justiça da Paraíba, por duas vezes seu Presidente; como também Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do mesmo Estado.

A esses títulos, que enobrecem o magistrado e o jurista, acrescentais os da vossa insigne carreira de professor universitário, ocupando com singular brilhantismo os cargos de Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba e Reitor da mesma Universidade.

Ainda no vosso Estado, e como reconhecimento do vosso mérito intelectual, sois membro da Academia de Letras da Paraíba, da qual tenho a honra de ser sócio correspondente.

Quanto à vinculação do vosso nome ao Estado do Rio Grande do Norte — além da amizade e da admiração de muitos dos nossos conterrâneos — sois Professor titular de Direito Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Assessor Jurídico da mesma Universidade e membro do nosso Conselho da Ordem dos Advogados. Sucedestes na presidência da Mineração ao Desembargador Tomaz Salustino, vosso eminente sogro, padrão da dignidade e da honradez da Magistratura northerio-grandense. Sois ainda Diretor-Presidente da Mineração Potyra e da Brejui Mineração e Metalurgia. Mas vosso principal ouro é o que extrais do vosso espírito, com o qual iluminais este noite acadêmica.

Ao enumerar os vossos títulos, não tenho em vista apenas um burocrático “curriculum vitae”, senão também, e sobretudo, dar o testemunho de uma vida que representa a vitória de um dos mais eminentes colegas de turma. Hei de sempre in-

sistir nisso, nesse tempo proustiano, que não foi perdido. Das mulheres da chamada “vida fácil”, diz Mauro Mota que quanto mais perdidas, mais achadas. Dizei o mesmo do tempo: quanto mais perdido, mais achado. A verdade é que para vós, Sr. MÁRIO MOACYR PORTO, o tempo não foi achado, porque nunca foi perdido.

Vossa consagração acadêmica, espécie de sagração episcopal das letras, acontece hoje como um testemunho que o Rio Grande do Norte vos dá, reconhecendo e proclamando o vosso grande mérito de escritor também literário, além de jurídico.

Demorastes na vossa posse; e nisso estava o que sempre exaltei no vosso espírito: a humildade. Não chegais até nós revestido da vaidade humana, que perde as almas. Dante, na **Divina Comédia**, condenou muito mais os pecados do espírito do que os da carne. O que levou o meu saudoso amigo Jordão Emerenciano a propor uma revisão teológica dos pecados capitais: ao invés de mundo, diabo e carne, ele sugeriu — mundo, diabo e peixe ... Era a maneira de tirar a carne do inferno dan-tesco, da qual, aliás, ela não estava excluída.

A vaidade é desses pecados do espírito, assim como o orgulho, a soberba, a superioridade de raças gerando as grandes injustiças e os horrores do Nazismo. O super-homem contra o homem.

Para vós, Sr. MÁRIO MOACYR PORTO, o Direito tem sido uma “constante” em vossa vida. Sois essencialmente um jurista. Vossos trabalhos claramente o demonstram. Sempre ouvi falar no brilho, na erudição e na justeza das vossas sentenças. Fostes o “juiz direito”, de que fala Camões: a toga do magistrado esteve sempre limpa e alva nos vossos ombros. Se tivesseis de julgar Frinéia, não teries tido necessidade de vê-la nua: mas Bilac não teria escrito, devido à vossa austeridade, o poema erótico que renovou a jurisprudência dos Tribunais ...

Vossa obra literária e jurídica não pode ser mensurada num simples discurso protocolar. O enunciado dos vossos trabalhos é o bastante para dizer da sua grande significação no espaço cultural brasileiro.

Eis aqui, sumariada, a lista das vossas obras mais conhecidas, que revelam o escritor e o jurista que tendes sabido ser por toda a vossa vida:

- Ação de Responsabilidade Civil (Edição da Revista dos Tribunais)
- Discursos (Imprensa Oficial da Paraíba)
- Sursum Corda (Imprensa Oficial da Paraíba)
- Crise no Ensino (Imprensa Oficial da Paraíba, oração de paraninfo das turmas concluintes de todas as Escolas e Faculdades da Universidade Federal da Paraíba)
- “Deux Études sur la Responsabilité Civile” (Tese apresentada no Congresso de Direito Comparado realizado em Hamburgo, Alemanha, em 1963).
- Ação da Seguradora contra o Terceiro Causador do Sinistro (Revista Forense).
- Da Sub-Rogação nos Contratos de Seguro (Revista Forense)
- Da Acumulação do Benefício Terrestre com a Indenização devida pelo Autor do Dano (Revista Forense).
- Responsabilidade pela guarda das coisas inanimadas (Revista dos Tribunais de São Paulo).
- Responsabilidade Civil em Acidente de Automóvel (Revista Forense).



- Da Prestação Alimentar e Ação da Responsabilidade Civil (Revista Forense).
- Da Compra e Venda Mercantil (Revista dos Tribunais de São Paulo).
- Da Continuação da Sociedade Comercial com os Herdeiros do Sócio Falecido. (Revista Forense).
- Teoria da Aparência e Herdeiros Aparentes (Revista Forense).
- Direito de Superfície e Construção em Terreno Alheio (Revista Forense).
- Os Fundamentos Estéticos do Direito (Revista Forense).
- O Efêmero e o Eterno no Direito (Revista Forense).
- Advogado. Interveniente e Adesivo Autônomo (Revista Forense).
- “Astreinte” (Revista dos Tribunais de São Paulo).
- Aspectos Sócio-Econômicos da Mineração no Nordeste (Palestra proferida no Fórum de Abertura do Curso Internacional sobre Economia Mineral aplicada aos países em desenvolvimento).

Impressiona-me nos vossos trabalhos, Sr. MÁRIO MOACYR PORTO, a constante devoção que tendes pelo Direito. O discurso intitulado “Sursum Corda”, proferido quando da vossa posse na Presidência do Tribunal de Justiça da Paraíba, em 29 de janeiro de 1958, é um cântico de louvor ao Direito. Bastava essa frase — “Ninguém empobrece quando dá sem receber, pois ninguém tira o que Deus nos concedeu. O que se perde não era nosso; a gente só perde aquilo que não tem”. — lembrando as frases curtas, incisivas, abissais de José Américo de Almeida — bastava isso para nos dar a medida do vosso alto espírito.

Na vossa oração de Paraninfo, proferida na colação de grau da primeira turma de Bacharéis da Faculdade de Direito da Paraíba, em 10 de dezembro de 1955, o elogio que fazeis da imaginação dá à vossa mensagem um esplendor especial, um sentido diferente às palavras litúrgicas, às vezes convencionais, que sempre acodem em tumulto nessas horas. Rematais o vosso lúcido pensamento com a sentença de José Américo: “Ver bem não é ver tudo, é ver o que os outros não vêem”.

Esse discurso é o que, em 1932, imaginávamos, que pudessemos fazer para a nossa turma, que não vos escolheu orador, como já disse, porque já éreis Paraninfo.

Se não me engano, há nos vossos discursos — aqueles que pude ler para sentir no seu todo a **grandeza de um espírito e a lucidez de uma razão** — uma nota interior de confiança nas forças transcendentais, que atuam na elaboração do mundo moderno. Falastes na undécima hora, como Reitor, aos formandos da Universidade da Paraíba, em 1963. Algo de apocalíptico ressoa em algumas afirmações vossas, tiradas de um mundo onde Virgil Gheorgiu encontrou a alma humana dilacerada pela violência dos tempos.

São apenas trechos colhidos numa leitura amena, esses que põem diante dos nossos olhos um pensador de bom estilo, um escritor que nunca se separa do Magistrado, um Professor e um Juiz que, ora vestindo a beca, ora a toga, se identifica pelo discurso filosófico, isto é, pela penetração na alma humana, pela visão de um mundo em transição.

Vossa obra não é vasta, mas é densa. Não vos perdeis pela quantidade, porque sois o valor, a qualidade, a permanência. Muito vos aproximais da sensibilidade

**social dos problemas — como mostrastes na bela saudação a Dom Mário Vilas Boas. Isso engrandece a vossa alma, a vossa cristã inteligência.**

**É com essa bagagem de tão grande importância que chegais a esta Academia. Ela vos recebe de braços abertos, sentindo, repito, que sois um dos nossos pelo saber camoneano de experiência feito, pela identificação espiritual com a nossa terra e a nossa gente, pela admiração que todos temos quando consideramos bem o privilégio da vossa presença entre nós, a significação deste ato de liturgia acadêmica.**

**O mundo desfeito em que vivemos, caracterizado pela luta dos homens contra o Homem, como acentua o filósofo Gabriel Marcel, reclama uma fuga espiritual que nos leva a meditar sobre os valores do espírito. A maior crise do mundo moderno é o esvaziamento do humano no homem. A liturgia, a arte, a beleza, a solidão, a contemplação de uma noite estrelada, a música impressentida do coro dos anjos, que tanto impressionou Nabuco, a criatividade como instrumento de Deus e como expressão poética do grande Mistério — tudo isso há de ser a melhor maneira de redenção do mundo devastado pelos pecados deste momento crucial, agônico, final. O drama já no 3º. ato.**

**As Academias serão sempre esse refúgio de amor e de solicitude, a ação e a contemplação, o meio e o fim da criação estética. Não nascemos para um mundo esotérico, para um estilo de vida sem comunicação com a realidade. Somos a própria realidade social na sua dimensão literária e humanística. Lutamos por um humanismo integral, que leve a Arte a ser a compreensão da criatura humana, tão violentada nos seus direitos e, sobretudo, no maior deles — o direito à vida.**

**A vossa voz tem, a partir desta noite, mais uma tribuna e vós tendes mais um público para vos ouvir. Sois uma das maiores afirmações da nossa cultura regional, um conselheiro experiente, um homem público que o Direito marcou pelos seus altos princípios de Justiça, Equidade e de Solidariedade humana.**

**Temos a consciência desse valor e por isso exultamos com a vossa entrada nesta Casa de tanta tradição e de tão glorioso trabalho, valorizada e engrandecida, nos dias de hoje, pela inteligência e zelo superiores do nosso grande presidente Onofre Lopes. Sejam estas minhas palavras — as mais pobres que podiam ser ditas — o louvor que, como diz o poeta, mesmo na boca dos pequenos sai às vezes acabado.**

**Sêde bemvindo, Sr. Acadêmico MÁRIO MOACYR PORTO.**



## DISCURSO DO ACADÊMICO MÁRIO MOACYR PORTO

Coube a mim o singular destino de falar sobre dois grandes nomes da poesia potiguar: AUTA DE SOUZA, patrono da cadeira n.º 20, desta Academia, e PALMYRA WANDERLEY, a quem sucedo nesta casa. E por falar em sucessão, lembrei-me das palavras de Lauro Muller quando investido no Ministério que coubera a Rio Branco: nada mais melancólico do que suceder sem substituir. Eu de mim repetiria: a cadeira se preenche mas o lugar continua devoluto.

Confesso, com humildade, que não faço versos. A minha veia poética se esclerosou às primeiras tentativas de rimar, justamente na adolescência, que é a idade em que a natureza nos impõe os primeiros versos e as primeiras espinhas. Já escrevi, copiosamente, sobre Direito, e, com relativa frequência, em outros tempos, sobre arte e literatura. A poesia me seduz, mas a prosa me apetece. Creio que a prosa vem de pensar e de perquirir e a poesia de fugir e imaginar. Sempre achei que o sentimento poético é uma espécie de imaginação em dia de folga, um vôo de pássário inquieto e livre, resposta às nossas perguntas interiores, fuga às limitações do mundo, solução catártica das agonias da intimidade. Por muito tempo a métrica limitou esse vôo, como se fosse possível disciplinar o instinto andejo dos pássaros. Rima compulsória no verso é, para mim, um processo de redução, uma disciplina, um metrônomo no andamento do sentimento criador, que se quer ousado e livre, para que se realize na plenitude de sua grandeza e beleza.

A poesia de AUTA DE SOUZA, fiel aos padrões estéticos da época, é um permanente processo de contensão. Poeta néo-romântico, ao que parece, a sua poesia é de um maniqueísmo muito ao gosto dos simbolistas, hábeis no jogo dos sentimentos e das palavras ambivalentes: amar, chorar, viver, morrer, sorrir, carpir, dor, amor, etc. Uma espécie de sombra iluminada, onde a luz é um pretexto ou uma intrusa indesejada na treva.

Augusto dos Anjos, cujo drama existencial toca ou afina surpreendentemente com AUTA DE SOUZA, diz no tom categórico que era muito seu: "Provo que a mais alta expressão da dor consiste essencialmente na alegria". AUTA DE SOUZA não diz diferente quando diz:

"O riso do olhar é o pranto  
Os olhos riem chorando".

Todo mundo fala que a aflição poética de AUTA DE SOUZA era o fruto da saturação religiosa do seu espírito e dos sofrimentos do corpo, que enfermara aos 14 anos. Mas há que distinguir: Para o religioso, para o católico do seu tempo, a fé se traduzia na amedrontada repetência da disciplina litúrgica. A vida e o mundo não passavam de duas penitências necessárias à conquista da bemaventurança. O homem, anjo decaído, não distinguia Jupiter de Deus. O crente, não. Para ele a vida não era apenas um doloroso viático para a morte, mas um presente da bondade do seu criador. Cristo não era triste. E São Francisco de Assis, que é o mais amável dos santos, fazia versos e conversava com os pássaros. E era alegre como um guizo.

Acontece que AUTA era simplesmente religiosa. Tinha a aflita esperança de alcançar o céu e não a tranqüila certeza de alcançá-lo. A vida, para ela, um vale de lágrimas. A doença, insidiosa e tenaz, um tormento de todas as horas. A morte, en-

carada como um descanso e uma libertação. Entre o médico e a Igreja crucificou-se. Esvaiu-se em versos e hemoptises. Queixava-se, por isto, com a desesperança de um suicida:

“Fugir à mágoa terrena  
E ao sonho que faz sofrer;  
Deixar o mundo sem pena  
Será morrer?”

AUTA DE SOUZA, entretanto, não era uma poetisa mística, segundo o depoimento do mestre Câmara Cascudo, seu biógrafo incomparável. Na verdade, não há êxtases, visões, pantins, em sua obra poética. Os seus versos não pretendem provar nada. Eram, simplesmente, um espécie de turbulento onde queimava o incenso da sua fé e, sobretudo, a sua amargura de viver sem esperança.

Olavo Bilac, um poeta do seu tempo, preso a fórmulas e moldes inflexíveis e inextensíveis, no prefácio que escreveu para o “Horto”, diz que não há na poesia de AUTA “labor de artista”. Não sei bem o que, para Bilac, significava “labor de artista”. Talvez fosse o compasso, a carpintaria, a bolha de nível, o metrônomo, a fita métrica, a máquina de calcular, que, nos seus versos cantados, substituíam a verdadeira emoção poética, o mágico e profundo sentimento da vida.

Poesia para mim não é ourivesaria, isto é, habilidade em pinçar palavras coincidentes para o êxito orquestral da estrofe, arte em que Bilac era mestre. O importante não é ver de perto, mas ver perto o que é distante, distinguir e identificar o que os sentidos não alcançam. O essencial não é disciplinar o ritmo da emoção, mas imaginar e viver a emoção imaginada em seu arranque indisciplinado. Acho que este foi o segredo e o êxito de Baudelaire. Bilac, ao contrário, fez do seu estro uma partitura e executou, comportadamente, os tons musicais da sua clave. É ou foi um poeta de conservatório. AUTA, ela mesma, fez concessões aos modismos poéticos da época. Em seu soneto “No Jardim das Oliveiras”, que a crítica costuma eleger como dos mais belos do seu estro, a pobre moça de Macaíba pagou o seu tributo à frase de efeito, cuidadosamente trabalhada. Refiro-me ao último terceto que diz:

“Pobre Jesus, como num sonho via,  
Em cada sombra a traição de Judas  
Em cada estrela os olhos de Maria”.

É a chamada “chave de ouro”, um artifício que fez época no princípio do século. AUTA não precisava fazer concessões para realçar a doce, ingênua e pura beleza dos seus versos. O que a salvou foi justamente não possuir a “técnica”, que Nestor Víctor, seu crítico, reclamava inexistir em sua poesia. Chegados a esta altura, cabe-me esclarecer que não é do meu propósito confrontar a chamada poesia moderna com a poesia do passado, medir-lhes as virtudes e os defeitos, como se fora possível contabilizar os valores da emoção através de simples medidas do tempo. No meu entender não há poesia moderna e antiga, mas boa e má poesia. Acontece que se costuma identificar a poesia recente como moderna através do deliberado hermetismo da sua construção. O moderno seria, assim, uma espécie de quadratura do círculo, que não é mesmo para se entender. Mas não é. Nada mais fácil do que acreditar difícil.

↳ Pessoalmente não me agrada o verso medido, necessariamente rimado, matriculado em Escola, pois poesia é sobretudo arremesso sem plano de vôo, em que a



alma é a lenha do seu corpo, para dizer como Fernando Pessoa. Poesia boa, por exemplo, é a de Cecília Meirelles, que por ser autêntica e pura, é intemporal e irretocável. Estes versos são dela:

### Canção da Alta Noite

“Alta noite, lua quieta, muros frios, praia rasa.  
Andar, andar, que um poeta  
não necessita de casa.  
Acaba-se a última porta.  
O resto é o chão do abandono.  
Um poeta, na noite morta,  
não necessita de sono.  
Andar ... Perder o seu passo  
na noite, também perdida.  
Um poeta, à mercê do espaço,  
nem necessita de vida.  
Andar ... enquanto consente  
Deus que seja a noite andada.  
Porque o poeta, indiferente,  
anda por andar — somente.  
Não necessita de nada”.

É bonito, inteligível, verdadeiro. E digo verdadeiro muito de propósito porque na criação artística o verdadeiro não é absolutamente o real. Se o real fosse o verdadeiro, o artesanato dos fotógrafos teria liquidado a arte dos pintores. Fernando Pessoa dizia que o poeta é um grande fingidor. Tem que ser. Os retratos que nos levam a exclamar: “Só falta falar”, são quase sempre muito pobres de valor artístico. A arte em qualquer ângulo ou enfoque é sobretudo um trabalho de recriação. A verdade no domínio da arte não é o que se vê mas o que o intérprete julga ter visto, pois, como diz José Américo, ver bem não é ver tudo, mas ver o que os outros não vêem. A exatidão, a sinceridade, são elementos estranhos à criação artística. Conheço pianistas que são infiéis à música por excessiva fidelidade às notas, o que os transforma em mediocres datilógrafos do teclado. Quando eu digo: o céu azul do Nordeste é belo e profundo, expresso uma verdade incontestável. Entretanto, a abobada celeste nem é céu e nem é azul, pois um e outro não passam de miragens dos sentidos. Mas Deus, que é o nosso artista maior, recriou o real, e deu aos nossos pobres sentidos a certeza do céu e a certeza do azul. E quem pode negar a realidade incontestável desta miragem manifesta? Este é também o poder e o fim da arte: a transfiguração. No seu sentido essencial, a arte é, portanto, o estilo da imaginação, ou mais concretamente, a representação do que deveria ser, segundo a compreensão da sensibilidade de cada um. Shakespeare pendurava uma lanterna no palco do teatro “Globo” e advertia um auditório de mercadores e de marinheiros que aquela candeia, oscilante e tosca, era a lua, a branca e etérea lua, debruçada do firmamento. E todo mundo — rezam as crônicas — via e sentia na luz baixa do candieiro de azeite a poeira luminosa do astro luminoso. Wagner dizia o óbvio: o artista nunca deve exprimir o que vê, mas o que sente ao ver além do visto. O mun-

do sensível vale apenas como estímulo. O resto está dentro de nós. Conta-se que Newton assistiu uma maçã desprender-se do galho e da queda, fenômeno banalíssimo, deduziu a lei da gravitação universal. Eu, no lugar de Newton, teria me limitado a comer a maçã, porque poucos são os eleitos entre os muitos que são chamados. E a poesia — que é a imaginação em época de férias — é, por isto mesmo, a mais pura, a mais livre, a mais perfeita forma de dar ao homem finito uma dimensão infinita e permanente. Se eu perguntar ao auditório que me ouve, quem era o homem mais rico, o político mais influente, a mulher mais bonita, do tempo de AUTA DE SOUZA, ninguém sabe. Mas se eu indagar quem era uma mocinha humilde de Macaíba, que em 1897 escreveu este verso antológico:

“Ao longe, a lua vem dourando a treva ...  
Turibulo imenso para Deus eleva  
o incenso agreste da jurema em flor”.

todo mundo sabe e dirá por uma só boca: AUTA DE SOUZA.

Assim, o homem só constrói no plano da eternidade através das manifestações da arte. Na ciência, a última verdade é o último erro. A própria geometria euclidiana passa, presentemente, por uma revisão. Mas quem ousa “melhorar” um busto de Rodin, uma tela de Matisse, um verso de Castro Alves? São grandezas intemporais e irretocáveis e que, como Cristo, apontam o caminho, a verdade e a vida do homem na terra. A poesia, sobretudo. Manoel Bandeira diz que há versos que “perseguem” a gente a vida inteira. Todo mundo tem um, dois, dez versos que ficam ressoando em nosso espírito com a persistência do marulho de uma concha marinha. Uns, pela sua inigualável beleza, outros nem mesmo se sabe porque. Exemplos: Guilherme de Almeida põe na boca de uma monja um verso que nunca me largou:

“Meu coração fugiu do peito:  
Foi nos meus joelhos que eu o senti”.

De Neruda:

“Quiero escribir los versos màs tristes esta noche”.

De Fernando Pessoa:

“Não sei como é que se pode achar um poente triste  
Só se é por um poente não ter uma madrugada”.

De Inácio da Catingueira:

“Amor é como bexiga  
Só dá na gente uma vez”.

E para quebrar a austera circunspeção dos versos solenes, um verso gaiato de Ascenço Ferreira, mais ou menos assim:

“Chiquinha, entra pra dentro, minha filha  
do jeito que tu andas vais terminar prostituta.  
Deus te ouça minha mãe, Deus te ouça”.

Guardo também um verso de AUTA DE SOUZA, que me acompanha desde a adolescência. Eu me explico: Havia em casa de meus pais um exemplar do “Horto”, que eu e meus irmãos lemos e relemos. E dos versos lidos, um me ficou na memória para toda a vida:

“Em pranto escrevam sobre a minha lousa  
Longe da mágoa, enfim, no céu repousa  
Quem sofreu muito e quem amou demais”.



E a propósito: Será mesmo que AUTA amou demais? A exaltação religiosa trai, quase sempre, uma sublimação da libido, assegura a Psicanálise. Pela vida de AUTA, que não foi tão triste como geralmente se diz, passou um seresteiro, que era também um valsita de sucesso, que deu muito calor humano à recatada donzela dos versos angelicais. Aliás, há uma lenda em torno da sua vida, que seria invariavelmente triste, desconsolada, lúgubre. Não foi assim. É um engano pensar que a poetisa de "Horto" era uma dessas mocinhas caquéticas, que atravessam a vida sem um consolo de uma linha curva no corpo ou no comportamento. Segundo o surpreendente testemunho de mestre Cascudo, AUTA era uma moça airosa, morena, esculpida em polpa de sapoti, cheia de corpo, graciosa, com uma voz doce e musical. Se o retrato sai favorecido ou generoso, a demasia corre por conta do seu extraordinário biógrafo. Namorou, dançou. Bisbilhotou como toda moça de sua época. Os versos tristes, dolorosos, amargos, eram, então, uma atitude, uma postura mental da "cotovia mística das rimas", como a chamou Francisco Palma? Volto a dizer que o poeta é sobretudo um fingidor. Sinceramente acreditam no sofrimento que fingem existir, para usar a linguagem de Fernando Pessoa. Mas é preciso crer no sortilégio transfigurador da ilusão. As coisas grandes do mundo não foram feitas pelos que indagaram e duvidaram, mas por aqueles a quem os galos cantaram três vezes antes que abjurassem a fé das suas convicções. AUTA acreditava na sua fé e construiu a sua poesia sobre a pedra da sua crença, o que deu grandeza e eternidade à sua obra.

Os intérpretes da mensagem poética de AUTA DE SOUZA, como sempre acontece com a exegese das obras dos grandes vultos da literatura, atribuíram-lhe, alguns deles, influências dos mais inesperados autores. Edgar Barbosa, que prefacia o livro de Câmara Cascudo - "Vida Breve de AUTA DE SOUZA" — aborda o assunto em uma página de fino labor literário: "A que título — diz o nosso Edgar — nos ocorrem essas digressões, quando se trata da poetisa do "Horto" e deste belo livro de Luis da Câmara Cascudo? Justifico-me: é que sofisticadamente a AUTA, depois de morta, emprestam-lhe papéis e destinos que ela nunca imaginou representar. Seu começo e seu fim carregado de névoas românticas, tiveram para nós a força obsessiva de estribilho de Poe. E por isso, Marceline Desbordes Valmore, a elegiaca da frustração, estaria no "Horto"; e também Elizabeth Barrett Browning, a inglesa dos sonetos ao estilo português". E também Cristina Rosseti. E também Gerard de Nerval, etc. Como diz Edgar, há um certo sadismo intelectual nisso tudo, que se compraz em torturar as mensagens mais humanas. Não creio, também, em tais influências. O romantismo da época favorecia a poética desconsolada e lúgubre. Era bonito, naquele tempo, dividir a vida entre a tuberculose e as novenas. Em Minas, Alphonsus Guimarães, contemporâneo de AUTA, pois nasceu em 1870, tocava com a nossa conterrânea o doce hinário dos versos místicos. A harpa de um era o saltério da outra. Os nomes dos seus livros testemunham o seu fervor religioso: "Setenário das Dores de Nossa Senhora", "Dona Mística", "Pastoral dos Cren-tes, do Amor e da Morte", etc. Pois bem. Os críticos também se empenham em identificar na poesia de Alphonsus Guimarães grosseiras imitações de simbolistas franceses. Manoel Bandeira, apesar de seu confesso admirador, diz, com a maior semcerimônia, que o conhecido poema "Aria dos Olhos", de Alphonsus é um mero "pastiche" de "Automne", de Verlaine. Ora, "pastiche" não significa semelhança ou aproximação, mas plágio grosseiro. Não há maior injustiça. Vamos ouvir os dois

**versos, e que me permitam traduzir o conhecidíssimo verso de Verlaine.**

“Aria dos Olhos”, de Alphonsus:

“Mágoas do além  
De olhos de quem  
Pede esmolas;  
Gemidos e ais  
Das outonais  
barcarolas”.

“Automne”, de Verlaine:

“Les sanglots longs  
Des violons  
De l’automne  
Blessent mon cœur  
D’une lueur  
Monotone”

Pastiche nenhum. Entre um e outro verso há apenas uma ligeira identidade ou semelhança no andamento melódico, muito próprio e natural entre os que se nutriam, como AUTA e Alphonsus, do “pão santo” das litânias. AUTA e Alphonsus, irmãos em Cristo. e na visão dolorosa do mundo, foram verdadeiros e sós. Os seus versos eram contas dos seus rosários. **Deploráveis** essas tentativas de escarpelar a poesia de AUTA, no ingrato propósito de surpreender na intimidade mais profunda do seu talento criador influências alienígenas. Como diz Cascudo, seu extraordinário biógrafo, um poeta explicado é um assombro de inutilidade erudita. Na Paraíba se deu coisa semelhante. Augusto dos Anjos aturdiu com o seu gênio a rasa paisagem mental da sua Privilândia. Os seus contemporâneos não entenderam nem a ele e nem a sua poesia, excedente da sua época. O “Eu”, a sua obra solitária, pareceu grande demais para ser a criação daquele rapaz esquisito e meio doido, a quem os conhecidos chamavam de “pássaro molhado”, numa alusão ao seu perfil encolhido, taciturno, desolado. Urgia entroncar a sua obra em uma fonte primária de autoridade supostamente maior. Cesário Verde foi o escolhido. Augusto teria se inspirado na obra do poeta português. Ora, até nos títulos dos seus livros os poetas conflitam: o de Augusto dos Anjos, “Eu”. O de Cesário Verde, “Nós”. Para quem leu os versos do poeta lisboeta logo se convence da inferioridade do seu estro em comparação ao talento criador de Augusto, a quem Oto Maria Carpeaux qualifica-o “o mais original e o mais independente de todos os poetas mortos do Brasil”.

Certo que ninguém é uma ilha, notadamente nos domínios da arte. Nada pode ocorrer pela primeira vez. Há coisas e fatos inéditos mas não há fatos e coisas originais. Américo de Oliveira Cos;a, meu guru em assuntos ligados à literatura francesa, reproduz em seu livro “A Biblioteca e seus habitantes”, que sempre leio com prazer e proveito, a seguinte opinião de um renomado crítico:

“Verlaine, Mallarmé e Rimbaud não teriam sido o que foram sem a leitura feita, na idade decisiva de “Les Fleurs du Mal”, de Baudelaire”. Entretanto, às “Flores do Mal”, segundo a análise de Eça de Queiroz, “continham apenas resumos críticos de torturas morais que Baudelaire muito finamente compreendera, mas nunca pessoalmente sentira. Tanto assim que Baudelaire compusera primeiro em prosa as



“Flores do Mal” e só mais tarde, depois de retificar a justeza das análises, as pas-sara a verso, laboriosamente, com um dicionário de rimas”.

A conclusão a que chego é que não há no pássaro canoro batizado com o nome de AUTA DE SOUZA marcas visíveis de poetas daqui ou de outras terras, ainda que fosse certo que tinha para época uma boa educação. Sabia bem as línguas francesa e inglesa, segundo depoimento do seu irmão Henrique Castriciano, línguas que aprendera em um Colégio de freiras em Recife.

Pelo que li de AUTA DE SOUZA e sobre AUTA DE SOUZA, concluo que não foi tão infeliz e triste quanto os seus versos informam ou gemem. A lutuosa tristeza do seu estro foi mais uma excentricidade da época do que a consequência de um desespero existencial. AUTA foi moça requestada, querida, mimada. Não chegava para quem queria. Nos saraus da sua época, era a primeira figura. Dançava, recitava, namorava, divertia-se. O mundo lhe dera o que a vida lhe negara. Um dos seus versos vale por um retrato fidelíssimo:

“Quando eu morrer, vou assim:  
Sustendo meu coração ...  
Saudade da terra? Sim!  
Saudade da vida? Não!

Liderava as moças que no seu tempos cultivavam as letras, entre outras Generosa Pinheiro, Carolina Naninguer, Maria Carolina Wanderley, Ana Lima. Inspirava versos entusiásticos. Tinha uma corte de admiradores. Escrevia para os jornais e revistas da época. Frequentava o famoso Clube do Biscoito, que, como informa Cascudo, “fazia reuniões dançantes nas residências dos associados, bailes até depois do galo cantar”. Assim passou pela vida AUTA DE SOUZA, atormentada pela enfermidade impiedosa, mas sem perder o gosto pelos prazeres do mundo.

Há um ponto que eu gostaria de dar especial realce na vida literaria de AUTA. O pseudônimo que usou: HILÁRIO DAS NEVES. Nome de homem. HILÁRIO quer dizer alegre, divertido, folgazão. NEVES significa branco, alvo. A vida de AUTA, ou, pelo menos, a sua poesia, é um muro de tristíssimas lamentações e ela, como se sabe, uma pessoa de cor. Se não estou construindo no plano das conjecturas fantasistas, o pseudônimo HILÁRIO DAS NEVES é a tradução, consciente ou inconsciente, do sofrido desejo de ter sido na vida o que não foi, isto é, homem, alegre, saudável e branco. Há de se dizer que o singular achado é uma mera e arbitrária coincidência. É possível. Mas é irrecusável que o pseudônimo HILÁRIO DAS NEVES merece um estudo em profundidade, um mergulho nos surpreendentes desvãos do subconsciente.

E PALMYRA WANDERLEY? Como devem ter observado, fujo deliberadamente das notas biográficas, das anotações do registro civil, do relato dos fatos corriqueiros da vida. Entendo eu que o que vale na apreciação, boa ou má, da vida de um artista, de um sábio, de um santo, é a sua obra, a sua mensagem, a sua contribuição em inteligência, sensibilidade, cultura e perfeição espiritual. Se teve sarampo na infância ou o pai foi isso ou aquilo, são acontecimentos, como diz Guimarães Rosa, na vida de cada qual, ocorrências comuns na vida de todos nós. Registro, assim, poucas notas a seu respeito: Nasceu em Natal, a 06 de agosto de 1894, sendo filha de Celestino Carlos Wanderley e de Ana Guimarães Wanderley. Fundou a revista “Via Latea”, de vida efêmera, juntamente com Carolina Wanderley, Anita Vieira, Stela Gonçalves, Stelita Melo, Joanita Gurgel e Maria da Penha. O seu primeiro li-

vro se chamou “Esmeraldas”, publicado em 1918. Publicou o seu “Roseira Brava” em 1929, seu livro definitivo. Segundo o depoimento de Veríssimo de Melo, deixou numerosos livros e trabalhos inéditos, entre os quais “A Festa das Cores”, “Nebli- na na Vidraça”, “Minha canção auriverde”, “Espelho Partido”, “Vidro de mui- tas Cores”, “Álbum de Família”, “Rosa Mística”, “Discursos e Conferências”, “Sutilezas Femininas”, etc. Colaborou assiduamente em jornais e revistas deste e de outros Estados. Faleceu em idade avançada. Casou com Dr. Raimundo França. Foi moça alegre, extrovertida, participante. Ao contrário de AUTA DE SOUZA, a sua vida deslisou tranqüila, sem os sobressaltos das paixões insatisfeitas ou o in- fortunio das enfermidades sem remédio. Teria passado a vida em branca nuvem, se a vocação hereditária para o Parnaso não tivesse estilizado os seus sonhos na panteística moldura dos seus versos. PALMYRA, moça de intensa vida social, es- creveu “et pour cause”, numerosos versos de circunstância. Encomendavam-lhe versos para as festinhas e solenidades da época e a sua extraordinária facilidade em versejar comprometeu de certo modo a unidade essencial da sua obra.

É uma desgraça para um poeta facilidade em rimar. Perícia em perpetrar ver- sos termina invariavelmente em poesia de almanaque. Toda obra de arte é arran- cada de dentro, com raízes e tudo, suja de tempo e de palavras, como diz Tiago de Melo. Notar, entretanto, que o verso perfeito, puro, irretocável, dá quase sempre a impressão de espontaneidade, de fácil composição, de aligeiramento mesmo na tessitura da sua forma e conteúdo, parecendo ter brotado de uma nascente, como uma força da natureza.

É uma falsa impressão. La Fontaine dizia: Escrevo com dificuldade versos fá- ceis. Uma das coisas piores que nos pode acontecer é escrever mal com facilidade.

PALMYRA correu esse risco, mas o seu irrecusável talento poético salvou-a de sossobrar na chatice dos versos bonitinhos. Enamorada da sua terra e de sua gente, muitos dos seus poemas são uma espécie de roteiro sentimental da cidade: “Salve Rainha do Potengi”, “Petrópolis é a Colina do Sonho”, “Praia do Meio”, “Areia Preta”, “Tirol”, “Alecrim”, “Barro Vermelho”, “Passo da Pátria”, “Lagoa Ma- noel Felipe”, “Refoles”, etc. Seria, então, esta a poesia de PALMYRA? Não foi, por milagre. Quando as festinhas de aniversário e de batizado lhe davam trégua ou conseguia livrar-se da obrigação de versejar as datas cívicas, PALMYRA revela- va-se um poeta de extraordinários recursos, de uma ternura e delicadeza verdadei- ramente tocantes. O seu soneto “Bentevi”, por exemplo, resgata-a de todas as suas concessões à poesia de encomenda, para firmar-se em uma composição de grande beleza. Vamos ouvi-lo:

“Toda tarde, sempre à mesma hora,  
Vem visitar-me um passarinho amigo...  
Canta cantigas que eu cantava outrora  
Canta coisas que eu sinto, mas não digo

De onde ele vem, não sei; nem onde mora;  
Se lembranças me traz, guarda-as consigo.  
Sinto, no entanto, quando vai-se embora  
Que a minha alma não quer ficar comigo.

Hoje tardou... Há chuvas no caminho,



Mas chuva não faz mal aos passarinhos  
E ele há de vir, a tarde, festejando

Lá vem ele, ligeiro como um sonho...  
Canta coisas tão minhas, que eu suponho  
Ser o meu coração que vem cantando”.

Aliás devo dizer, para ser honesto, que não acho que a chamada poesia de circunstância ou de encomenda perca necessariamente em grandeza e beleza pelo fato de ser de encomenda ou de ocasião. Pelo seguinte: Para a fatura de um bom verso não é necessário nenhum lastro emocional. A poesia não é obrigatoriamente uma projeção de um drama, o eco passional de uma alegria ou tormento interior. A poesia é, em qualquer circunstância, uma fuga, uma espécie de sentimento heterônimo, uma falsidade legitimada pela imaginação. Fernando Pessoa que, analisando a si, analisava o homem, confessava:

“Dizem que finjo ou minto  
tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto com a imaginação.  
Não uso o coração”.

Não estou anunciando novidades. Outros já perquiriram e desacreditaram os fundamentos convencionais da criação poética. Não creio na inspiração e tão pouco na sinceridade como fatores responsáveis pela criação da verdadeira obra de arte. T. S. Eliot, poeta e crítico inglês, nascido americano, mundialmente famoso, em seus “Selected Essays”, esclarece: “Não é pelas emoções pessoais, as emoções provocadas por acontecimentos particulares de sua vida que o poeta se apresenta de qualquer modo notável ou interessante. A poesia não é um desenfrear de emoção, mas uma fuga à emoção. Não é expressão da personalidade, mas uma fuga à personalidade”.

Em suma, digo eu: Não é preciso sentir para se expressar um sentimento. Em poesia é necessário imaginar o sentimento, libertá-lo das limitações do pessoal, do sincero, transformá-lo em algo solto e diverso, por obra e graça da fantasia, que é a imaginação alforriada do cativo dos sentidos. O verdadeiro não é o real e a sinceridade não é componente necessário à criação artística. A história do falso mendigo de Joraci Camargo, em Deus lhe Pague, é convincente e tocante. Convincente e tocante, sobretudo, porque é imaginada, prestigiada por uma moldura estética que em nada coincide com a vulgaridade de sua vida real. O sofrimento chocante das crianças famintas das favelas de Mãe Luíza e do Mereto, escassamente nos toca e escassamente nos perturba, sejamos sinceros. Entretanto, é patente, insofismável, flagrante, e todos nós somos filhos de Deus. Mas o sofrimento de ficção do cinema, dos dramalhões feitos por judeus ávidos de lucros, nos comove até as lágrimas. Força é convir, então: sob o ponto de vista artístico, há mais veracidade no sofrimento de ficção do cinema do que no sofrimento indiscutível das favelas. A Igreja sempre soube disto, isto é, sempre soube da força de persuasão do alegórico e do mágico. São Sebastião, todo crivado de flechas, dói e convence. E é muito mais verídico pelas suas setas do que pela sua vida. Então, não é a arte que imita a vida, mas é a vida que imita a arte, como descobriu Oscar Wilde.

Aliás, tudo se encontra em Fernando Pessoa, sem dúvida o maior poeta da língua portuguesa, depois de Camões. Em seu poema "Autopsicografia" desvenda o claro enigma:

"O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente  
E os que lêem o que escreve  
Na dor lida sentem bem  
Não as duas que ele teve  
Mas só a que eles têm".

Encerradas essas considerações, é de assinalar-se que "Roseira Brava", obteve menção honrosa da Academia Brasileira de Letras. A justificativa da distinção acadêmica, subscrita por Ademar Tavares, Olegário Mariano e Luiz Carlos Guimarães, é mais uma louvação de confrades benevolentes que o crítico pronunciamento de julgadores isentos. Dizem eles de PALMYRA: "A Academia faz trabalho de perfeita justiça distinguindo com menção honrosa a "Roseira Brava", de PALMYRA WANDERLEY, para quem tem a comissão os seus melhores louvores e em quem reconhece uma das vozes mais harmoniosas que nos vem do Norte do Brasil. Cantora das coisas natais, é esta realmente uma nota que mais atrai no "Roseira" e onde o plectro de PALMYRA mais alto se define, como na parte do seu livro: — Rosas de sol e de esmeraldas. A poetisa de Rainha do Potengi, da cidade oblata, sempre um gesto de elevação, das moitas tristes, das serenatas, dos cajueiros rumorosos, das dunas brancas, coloca-se galhardamente para receber a menção honrosa que a comissão resolveu dar ao seu livro".

Bem que a comissão poderia dizer mais e melhor. Poderia ter registrado que PALMYRA nascida e criada em uma época em que o verso se afogava na rígida disciplina da métrica, da rima, do padrão, das escolas, a sua poesia, de certo modo, se libertou do que Cascudo chamou de "rebanho passadista". A sua audácia, enorme para uma moça que versejou na primeira metade do século, fora notada e de algum modo censurada por Medeiros e Albuquerque, que sobre ela emitiu o seguinte juízo:

"A autora de "Roseira Brava" é realmente poetisa. Guarda uma grande elevação de pensamento, mesmo quando exagera no verso livre".

Más não parou aí a afoiteza renovadora da poetisa das festinhas da cidade do Natal de 1930. O seu poema "Moleque de Rua" inaugurou entre nós a poesia engajada à questão social, às injustiças das discriminações econômicas, a exploração do homem pelo homem. E tudo em versos soltos, ditos com amargura e quase ódio:

"Menino do ôco do mundo, fujão:  
tão sujo de alma, tão sujo de mão  
mudaram-te o nome e a sorte mudou  
viver tu não podes no meio dos outros  
se a tua inocência na rua ficou".



PALMYRA era mesmo um poeta imprevisível, desconcertante, múltiplo. Ora de uma ingenuidade pueril, de um lirismo edulcorado, de um romantismo de colegial. Outras vezes, uma mulher crucificada na tortura dos sentidos exacerbados e insatisfeitos. O seu poema "Exaltação", deve ter escandalizado Natal da década de 30, habituada aos embalos das suas cantigas de faz de conta. Vamos ouvir o poema, que paga a pena:

"Porque eu te quero bem, eu desejo ser tua;  
Tua toda tua, inteiramente tua;  
Na completa renúncia do meu ser...  
Porque eu te quero bem, quero que sejas meu,  
Todo meu e só meu e unicamente meu,  
Na grande exaltação de te querer

Porque eu te quero bem é que, numa ânsia louca,  
Sofro a condenação de querer e esperar...  
Até que a sementeira amadureça  
E os beijos quentes que tu tens na boca,  
Rebentem em minha boca, a saciar

Porque eu te quero bem  
É que a minha alma estua  
Na contida expansão de quem deseja e quer...  
Porque eu te quero bem eu desejo ser tua;  
Na imolação divina de me dar,  
Pela glória maior de ser mulher!"

O que é que se passava na alma e no corpo dessa moça romântica, cuja poesia, quase sempre, era um manso lago azul sem crispações humanas? Sorór Mariana do Alcanforado, de repente alforriada da beatice preconceituosa da época? Influência da poesia de Gilka Machado, cujo erotismo "pour épater le bourgeois" fez sucesso na década de 20? Que significa, em sua obra e em sua vida, o poema "Exaltação"? Fogo de santelmo a queimá-la por dentro ou lúdico exercício para choçar as filhas de Maria da Província?

Ariel nunca domina completamente Caliban e o coração tem razões que a própria razão desconhece. A verdade é que PALMYRA, apesar das limitações do tempo, nunca rezou em cartilhas ortodoxas. A sua musa foi um saltério que tocava em diferentes tons, desde os piedosos louvores a N. S. da Apresentação até a indignada objurgatória de "Moleque de Rua". Onde está, onde se esconde a verdadeira PALMYRA? Nela mesma, digo eu, na unidade fundamental da sua alma compósita, no milagre das contradições coincidentes. Finalmente, o poeta é, sobretudo, um grande fingidor.

## NECROLÓGIO DE WÁLTER WANDERLEY

Pe. Jorge O'Grady de Paiva

No epitáfio do escritor Wálter Wanderley poderia gravar-se a frase clássica: “Amou sua terra e sua gente”.

Teve a noção perfeita do clã, da taba, da tribo, vale dizer, da família, da sociedade, da pátria.

Pôs a pena a serviço do nobre ideal latino. **Pro aris et focis**, ardoroso cultor, que foi, dos Lares e Penates. Dotou seus escritos de permanente interesse — marca que o tempo não apaga.

Preparou-se, desde cedo, como havia mister: selecionando leituras, fazendo anotações, organizando e planejando tudo o que desejava escrever. Pesquisas e notas, ele as conservava em “registros” semelhantes aos famosos “arquivos implacáveis” do pernambucano João Condé.

Conhecia a arte de interrogar e a escutar, da qual nos fala, em seu Evangelho, S. Lucas, ao referir o episódio de Jesus, aos 12 anos, no Templo, a dialogar, durante três dias, com os doutores da Lei (Lc II, 46).

Hauria, assim, de fonte cristalina, a linfa clara e pura dos que podiam informar com veracidade e precisão, mesmo que não houvessem testemunhado os fatos. Disse Sêneca, desalentado, na velhice, que “de cada vez que estiveram entre os homens voltara menos homem”. Wálter, pelo contrário, à medida em que contactava com as pessoas e, com elas, lidava, mais homem se sentia, mais humano se tornava.

De estilo direto e franco, sobrio e leve, visava menos à forma do que ao fundo, já que era, por feição temperamental, objetivo e é a objetividade a característica de quem faz história, através da exposição fiel e narrativa exata. Definiu Cícero a História como “Mestra da Vida”. Teve Wálter tal mestra, frequentou-lhe a escola, percorreu-lhe os currículos. Assim habilitado deixou-nos “Família Wanderley” e “Gente da Gente”, livros que lembram o belo conceito de Monteiro Lobato, o de que “Uma nação se faz com homens e com livros”. As obras que escreveu foram do gênero formador das pátrias, sólidos tijolos de sua construção, argamassa viva dos que mourejaram no trabalho e plantaram os marcos da civilização. “Gente da Gente” é magnífica valorização da “prata de casa”, nele se relevando grande evocar do passado e traçando admiráveis perfis. “Família Wanderley” é levantamento genealógico de fôlego, envolvendo bom número de artifícios do rincão nordestino. Pretendia prosseguir com “Família Fonseca e Silva” e “Famílias macauenses”, obras esboçadas. “Eliseu Viana, o educador”, é vigoroso ensaio biográfico. Quanto a “Paulo de Albuquerque, o poeta da Abolição”, “Macau na poesia de Edinor Avelino”, “Mossoró na poesia de Cosme Lemos” e “Uma Viagem sentimental à minha terra”, sem esquecermos o póstumo “O Culto da liberdade na voz de seus poetas”, são aditamentos à sua obra histórica, desde que tudo, em Wálter (inclusive o pendor poético), se subordinava à visão realista do mundo, da vida e dos homens.

Detentor da cadeira nº 8 da ANRL, cujo patrono é a historiadora e poetisa Isabel Góndim e cujo fundador é o genealogista e homem de pesquisa Matias Maciel, dir-se-ia que a escolhera a dedo. Era, ali, como soem dizer os ingleses, “o homem certo no lugar certo”. Representava a entidade na Federação das Academias de Letras do Brasil

e pertencia, ainda, ao Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Norte.

Aliava às atividades intelectuais as de origem prática e econômica, sendo empresário bem sucedido. Foi esposo dedicado e pai extremo. Nele manteve-se, intangível, o espírito de família, sobranceiro às crises que o assoberbavam.

Esse o homem a quem ora pranteamos e que tão cedo partiu, cheio de vida e de esperança, mas a qual prestamos esta homenagem de nossa saudade.

Camões, para servir à pátria e cantar sua gente, teve “o braço às armas feito” e “a mente às musas dada (Lus. X, 155).

Teve Wálter Wanderley, semelhantemente, o braço às lutas feito para batalhar, como batalhou, arduamente, na vida e a mente às musas dada para cantar, como cantou, enternecidamente, nas letras, sua gleba e sua gente.

Honra lhe seja! Descanse em paz!

**Alocução na missa de 30º dia, na igreja de S. Luzia do Rio de Janeiro, por iniciativa do Centro Norte-rio-grandense.**



## DISCURSO DE POSSE DE JURANDYR NAVARRO

Discurso de posse do Prof. Jurandyr Navarro proferido na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, por ocasião de seu ingresso na Cadeira antes ocupada pelo acadêmico Paulo Pinheiro de Viveiros, em 25 de março de 1981.

Senhor Presidente,  
Senhores Acadêmicos:

**A ética, todos sabem, é o estudo do procedimento ideal. O maior conhecimento, segundo Sócrates, é o conhecimento do bem e do mal. A isto aludem os investigadores da filosofia.**

Ingresso nesta Academia de Letras norteado pelo humanismo antropocêntrico, criador dos caracteres éticos. Entendo que o homem deve cultivar a sua inteligência, sem, contudo, descurar-se dos valores morais que devem presidir todos os atos de sua vida.

Citado por muitos, Emanuel Kant considerou as duas maravilhas do mundo: em cima o céu estrelado e dentro de nós a lei moral.

A alma humana não é plasmada pela instrução. A educação é que forma o homem. Igualmente, se a sabedoria verdadeira é a que reside no coração, no dizer de Jesus, a ciência do intelecto poderá acionar turbinas e devassar os espaços, mas nunca dará paz à consciência.

De consequência, que adiantará ao homem o progresso industrial para satisfazer o seu estômago, a sua vaidade, se o seu coração está inquieto?

Meus senhores,

Sinto-me envaidecido em pertencer a este templo que mantém aceso o fogo sagrado da cultura, em cujas labaredas é queimado o incenso à musa Calíope e à deusa Minerva.

Passo a ocupar a Cadeira cujo Patrono é um Padre e o Fundador um Advogado. O sacerdote chama-se João Manuel de Carvalho e o causídico Paulo Pinheiro de Viveiros.

Do Patrono disponho, tão só, de fragmentos biográficos. Natalense nascido em 1841; foi João Manuel um dos mais ilustres precursores da República. A História registra o seu corajoso discurso proferido aos 11 de junho de 1889, no plenário da Câmara dos Deputados do Império, e que terminava exclamando: Viva a República!

Quando moço, orientado pelos pais, ingressou no Seminário, no Estado do Maranhão, ordenando-se aos vinte e quatro anos. Retornando a Natal, foi atraído pela política, tendo se inscrito no Partido Conservador. Em pleito de 1867 foi eleito deputado provincial. Três anos mais tarde lançava, no Rio de Janeiro, o jornal político "O Quinze de Julho", que tivera vida efêmera, em virtude da linguagem polêmica e violenta com que eram ornados os seus pronunciamentos.

Espírito agitado, lança, tempo depois, outro órgão de imprensa chamado "A Nação".



Foi reeleito por sucessivas legislaturas. No ano da proclamação da República, ao fundar-se o Partido Republicano, teve em João Manuel um dos seus filiados.

Vem a República e João Manuel, humildemente, não toma parte no novo Governo. Fica de fora já que se batera por idéias e não por cargos públicos.

Foi vigário da Candelária, no Rio, e de outras paróquias. Em Amparo, cidade paulista, dirigiu o "Correio Amparense", nunca deixando de se ligar às atividades jornalísticas.

Em síntese, são traços do perfil biográfico do Patrono da Cadeira n. 28, da Academia, Padre João Manuel de Carvalho, de saudosa memória. Escuso-me de descrevê-lo sob o ângulo literário ou existencial em virtude do seu elogio já ter sido feito por outro acadêmico, no momento próprio.

Meus senhores,

Sucedo, com a reverência devida, a um nome ilustre, ilustre por todos os títulos. A sua vida foi uma constante dinâmica de ocupações intelectuais.

Paulo Pinheiro de Viveiros, acadêmico dos mais preclaros, e Presidente desta Academia, por duas vezes, tendo sido também, Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, figurando em sua Diretoria como Vice-Orador. Teve sempre o cérebro ocupado. Não se quedava em cogitações profundas. Edgar Barbosa, em artigo, falando sobre esta Casa, diz que em Paulo de Viveiros as idéias não ficavam por muito tempo ao relento das divagações. A ação era a sua vida. Daí ter certeza na carreira que abraçara. O advogado é, por natureza, um homem trepidante e irrequieto, como Paulo o era.

### O Advogado

Honrando a beca que lhe cobria os ombros, Paulo de Viveiros ocupou todos os espaços da advocacia, estacionando, principalmente, na liça forense.

Todos sabem que o Direito exhibe um elenco de especialidades bem definidas. A carreira do bacharel oferece uma série de alternativas, como a magistratura, a advocacia em geral e o ministério público. Todavia, há umas nuances somente percebidas pelos que lidam com a profissão. Por exemplo, há os advogados que atuam tanto no civil como no crime, isto é, em processos de natureza civil ou criminal. Alguns se dedicam a um só destes ramos mencionados. Outros preferem o trabalho. Os bacharéis do Ministério Público, que são promotores e procuradores, fixam-se na área criminal e raras vezes na trabalhista e eleitoral.

Como se vê, numa visão globalizante, ao bacharel em direito um horizonte vasto se apresenta, além da magistratura estadual e federal e as funções liberalizantes dos consultores.

Dessas categorias o advogado militante, ou seja, o que atua no Fórum é que é o atleta intelectual da profissão.

E Paulo de Viveiros formava ao lado dos que laboram nesta arena forense. Vida trepidante e desgastante a do advogado.

Difere da função do consultor jurídico, que em gabinete hermético, descontraído, procura decifrar a misteriosa Hermenêutica, a ciência da interpretação, para o parecer certo, o parecer matemático, indutivo, adornado da terminologia jurídica e jungido pela sistemática legal.

Não assim o papel do advogado militante no Fôro, na clara acepção do vocábulo. Aqui a sua atividade é mais febril. Sua ação não se desenvolve na retaguarda. É o

combante da linha de frente. A sua arma é a dialética verbal. Fala mais do que escreve, como age mais do que pensa. Nas audiências, o raciocínio terá que ser rápido, independentemente das reflexões tardias. Requer, o seu concurso, intuição, auidade mental, agudeza psicológica, conhecimento da pessoa humana. Deve aperceber-se das falhas dos depoentes, dos cochilos do oponente, tirar partido da ocasião e deduzir soluções nas razões orais, que terá de articulá-las, de imediato. Sem aludir a sua atuação no tribunal do júri, onde postula a defesa do constituinte, sabendo, de antemão, que neste Pretório, também está sendo julgado pela opinião pública. Em suas "Cartas", disse La Bruyere, que o orador está diante do auditório como o réu diante do Juiz.

O advogado, a quem Deus concedeu o dom da Palavra, é uma vitrine da sociedade. Todos o contemplam!

A sua atividade também difere da função judicante, sendo esta mais de natureza estática, embora de suma importância. Sobressai, destarte, a advocacia forense, assim intepretada, como a mais liberal e movimentada, revestida de certos requisitos de ordem física e psicológica.

E o feito psicológico e sentimental de Paulo de Viveiros se coadunava com a sublime vocação abraçada. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Recife, em 1930. Pertenceu ao Conselho da Ordem e ao Instituto. Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento. Foi advogado da ex-Estrada de Ferro "Sampaio Correia", da COSERN, do Banco do Povo e de Firmas Comerciais. Foi advogado militante no Fôro de Natal, no interior do Estado e Recife. Advogava no nível.

## O ORADOR

Outra atividade intelectual que se lhe amoldou, foi a de orador. Inteligente, vivaz e habilidoso, ele se conformou bem com a arte de falar em público. E mais. O orador só se realiza quando é incendiado pela febre da eloquência. Era o que não faltava a Paulo Pinheiro de Viveiros.

Tanto nos duelos forenses, nos eventos sociais, nos discursos de exaltação, nas proclamações cívicas, e nas educativas, sempre e sempre foi o orador aplaudido.

Falava de improviso, a braços soltos. O discurso escrito se constituiu num tormento para os tribunais natos. Não se eximiu, entretanto, em fazê-lo, nas ocasiões em que não cabia a improvisação.

Através de exercícios, o declamador aprende a arte de falar. Mas o orador completo é o que conhece a linguagem culta. Que saiba escrever para que a elocução seja vestida da formosura da expressão literária. "A oração tem tanto que agradar ao ouvido quanto deleitar a inteligência". O segredo da forma escrita se lhe não deve ser desconhecida. É a sua catarsis, a purificação da oratória. O estudo da literatura e a cultura geral são indispensáveis. Lembra Maurice Garçon, que a disciplina pela linguagem escrita leva a correção da linguagem falada. A este complemento essencial, que é saber escrever para bem se expressar, que se deve o triunfo de Cícero sobre Hortênsio, como orador.

Pode a arte tribunicia ser retórica ou simplesmente eloquente. A perfeição é a conciliação das duas. A eloquência é imanente, nasce com o indivíduo. A retórica é adquirida pelo estudo.

Paulo de Viveiros consagrava ambas.

A tribuna reclama, ainda, os chamados dotes internos e externos, traduzidos os



primeiros em talento, memória, imaginação, inspiração, sensibilidade e emoção, por serem os atributos da inteligência e da vontade. E os dotes externos, a boa aparência e a educação da voz.

Dotado de cultura geral, da postura exigida, da articulação certa da expressão verbal, da expressão estética e da gesticulação, são indícios veementes de que Paulo Pinheiro de Viveiros conciliava os dotes acima descritos. O seu estilo oratório fixava-se mais na oratória acadêmica e didática, alcançando o coração e a inteligência.

Paulo passou a vida fazendo discursos, focalizando assuntos políticos, religiosos e sociais. Citamos alguns que foram gravados: "Saudação ao Passado", pronunciado aqui nesta Academia, em sessão comemorativa dos 350 anos da cidade do Natal, em 24.12.49. Na Irmandade do Senhor dos Passos proferiu em 22.01.40 discurso de elogio ao Papa Pio XI. Discurso sobre Getúlio Vargas em 21.04.40. Discurso de saudação ao Deputado Dioclécio Duarte em 17.07.40. Discurso na solenidade do lançamento da Pedra Fundamental da Sede da Rádio Educadora de Natal em 13.04.39. Discurso em Campina Grande por ocasião da inauguração da agência do Banco do Povo em 02.05.44.

Pode a tribuna tanto servir para o bem, como para o mal. A vida está a mostrar as duas faces do deus mitológico Janos bifronte. A linguagem está à disposição do homem. Tanto poderá ela instruir e educar, como destruir e corromper. Assim é na oratória, assim é na imprensa, assim é na cátedra, assim é nos livros.

Por todos conhecido é o episódio ocorrido na vida de Esopo, que chegou a ser difundido através de La Fontaine. O escravo de Xantho foi incumbido por seu amo de comprar no açouque o que houvesse de melhor. Esopo trouxe línguas. Os convidados de Xantho fartaram-se delas. Advertido, por tamanha extravagância, Esopo retrucou que assim se portara por considerar a língua o que há de melhor, acrescentando ser ela o laço da vida, a chave das ciências, o órgão da verdade, da razão, etc.

Procurando uma vindita, disse-lhe Xantho, no outro dia, para trazer o que achasse pior. Ao mercado retorna Esopo e novamente traz língua, dizendo: é o que há de pior por ser a mãe de todas as discussões, de todos os processos, a origem das guerras, etc.

### **O jornalista**

O jornalismo sadio, escola de humanismo e trincheira da liberdade, atraiu, desde cedo, à sensibilidade aguçada do meu antecessor. Fez-se repórter na imprensa pernambucana, quando estudante de direito da Universidade do Recife. Em Natal, já formado, continuou sua atividade jornalística. Escreveu reportagens, artigos, sueltos, editoriais. Foi certo tempo, Diretor da Sucursal do Diário de Natal.

Ao preparar este panegírico tive diante dos olhos recortes de jornais cedidos pela viúva do elogiado, D. Lúcia de Viveiros, em que ví, num deles, artigo assinado por Paulo, publicado no Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, exemplar de 12 de junho de 1937 "Frei Miguelinho, o Herói de 17". Trata-se de um trabalho de exaltação àquele herói-mártir. Sob o título "Brava Gente", o órgão "A Razão", divulga matéria de Paulo de Viveiros, aos 09 de maio de 1933, de natureza política. Outras publicações trazem o seu nome, versando assuntos vários. No Diário de Pernambuco, de 23 de agosto do mesmo ano, escreve "A Reforma da Justiça Nacional", transcrito três dias depois no Diário de Natal. "Questões de Hermenêutica", é o título



do trabalho forense, publicado pelo "Jornal do Comércio" do Recife, em 23 de maio de 1935. Na República de 10 de julho de 1936 publica "Questões de Direito". "A Razão" de 29 de outubro do referido calendário traz o estudo "O Estado e a Economia Particular". E assim desfila neste album de recordações e depositório de cultura, matérias as mais diversas, efemérides sociais, notícias e registros sobre a vida pública de Paulo de Viveiros, como publicações pela imprensa brasileira. Trata-se de uma fonte riquíssima, que poderá ser levantada e enfiada em livro, por algum abnegado pesquisador da cultura do Estado.

O que ele escreveu, como repórter, jornalista e intelectual, o credencia como homem de imprensa que foi.

### **O Administrador**

Como administrador Paulo de Viveiros ocupou primeiramente o cargo de Oficial de Gabinete da Interventoria Rafael Fernandes, promovido depois a Chefe de Gabinete do Interventor, cargo equivalente, hoje, a Secretário-Chefe da Casa Civil.

Depois ocupou o de Diretor do Departamento Administrativo do Estado.

Foi o primeiro Diretor da Faculdade de Direito de Natal, nomeação do Governador Sylvio Pedroza. Presidente da Fundação "José Augusto", no Governo Walfredo Gurgel. Diretor do Núcleo de Estudos de Problemas Brasileiros da UFRN, gestão de Genário Fonseca.

Em todos os cargos ocupados se houve com competência, habilidade e probidade.

### **O Escritor**

É adotada na teoria da literatura moderna, a classificação dos gêneros literários, espelhados na sua forma, na sua composição e no seu conteúdo, respeitando-se Benedetto Croce, para quem não há gênero literário, pois cada obra é uma individualidade.

A forma é dividida em prosa e verso. Na prosa a composição pode ser: expositiva, representativa e mista. O mesmo dar-se com o Verso.

Qual o conteúdo do gênero literário de Paulo de Viveiros? Pelo que foi descrito da sua atividade como professor, jornalista, advogado e orador, e pelas obras que deixou, facilmente é identificável. O conteúdo do seu gênero literário está inserido na oratória, na epistolografia e no ensaio, conteúdo da chamada composição expositiva. Firmou-se, portanto, no ensaio expositivo e na oratória.

Não atuou o seu gênero literário no teatro (drama, comédia) nem na ficção (romance, novela, conto).

Não tendo sido poeta, não expressou a poesia lírica nem a satírica, como não atuou no teatro (tragédia, comédia, farsa, auto), como abstraía-se da poesia épica (epopéia, poema heróico-cômico).

Nas classificações dos antigos, na de Platão, por exemplo, Paulo de Viveiros estaria incluído na Narrativa.

Paulo de Viveiros foi, portanto, um expositor ensaísta. A sua conferência sobre Costa Pinheiro, editado em 1947, bem o comprova.

O livro sobre a Aviação é uma obra histórica, no dizer de Nilo Pereira. É um livro expositivo e histórico, portanto.

Além destas duas obras deixou plaquetas outras intituladas “Presença de Roma em Natal”, (1969) editada pela Prefeitura, que é o seu discurso por ocasião da última mudança da Coluna Capitolina, fincada na Praça Carlos Gomes, nesta Capital, vínculo da amizade ítalo-brasileira, lembrança do Duce, o ditador Mussolini.

Dita coluna, evoca o templo augusto de Júpiter, e do ponto de vista escultural é originada do modelo do capitel dórico, da escola de Esparta.

Deixou outro discurso enfeitado em opúsculo sob a designação “Um Governo, um Homem”, editado pela Fundação José Augusto em 1972, em que traça e comenta os dados biográficos do Governador Alberto Maranhão, conhecido como o Mecenas das letras potiguares, em homenagem ao seu centenário.

Finalmente, o discurso de despedida da Universidade (1977) “Onde as Idades se Encontram”, editado pela editora Universitária, oração de agradecimento pelo título de Professor Emérito.

Deixou muitos discursos que se acham espalhados pelos arquivos dos jornais de Natal, Recife e do Rio de Janeiro.

Ao morrer, estava escrevendo suas Memórias, que estão sendo revistas e preparadas, no seu aspecto formal, pelo filho, advogado Augusto Carlos.

O livro sobre a Aviação — História da Aviação no Rio Grande do Norte, publicado pela Editora Universitária em 1979 — trata-se de uma narrativa em que expõe desde o início da implantação da via aérea no Rio Grande do Norte, idéia partida da França em fazer a ligação pelo ar, em linhas comerciais, com os outros países, não só da Europa como de outros continentes.

O Prefácio é do escritor e acadêmico Américo de Oliveira Costa, um dos incentivadores para que Paulo de Viveiros enfeixasse, nun livro, todo o acervo do material recolhido sobre o assunto.

Esta obra é de grande importância para as instituições culturais do Estado e do Brasil, como fonte de pesquisa histórica.

Como escritor, o estilo de Paulo de Viveiros apresenta-se claro e escorreito. Não era grandiloquente nem musical e nem pobre de expressão. O que perdia na formosura ganhava na concisão. Fixava-se, assim, na áurea média da estilística.

### **O Professor**

Dedicou-se ao magistério superior desde a criação da Faculdade de Direito de Natal, na gestão Sylvio Pedroza, sendo nomeado Professor e Diretor daquela unidade acadêmica.

Lecionou, inicialmente, a disciplina Direito Romano, durante um largo período. Com a mudança curricular, sendo extinta a cadeira, optou pela de Direito Civil. Sendo convidado para dirigir o Núcleo de Estudos Brasileiros, passou a ensinar a disciplina Estudo de Problemas Brasileiros.

A docência fascinava principalmente pelo contato direto que tinha com a mocidade estudiosa.

Ao aposentar-se foi laureado com o maior título conferido pela Universidade, que coroou a sua carreira, o de professor emérito.

Destaco, a seguir, alguns parágrafos do seu comovente discurso de despedida, ao receber, em solenidade universitária o Capêlo Branco.

Ei-los:

“Despojaram-se de minha velha túnica de mestre, bordada de vermelho, a servi-



ço do direito, ciência do bom e do justo, para cobrirem-se de outra que a generosidade do alto Conselho desta Universidade me outorgou.

A que se foi, representa para mim muitos anos de vibração, num ensinamento de gerações, já situadas no tempo, a serviço dos mais variados escalões das atividades culturais do Estado.

A outra com que ora me distinguem num reconhecimento ao esforço dispendido, é fruto, para mim, muito mais do coração de abnegados colegas, ao companheiro que se afasta sob o peso da idade e da doença.

Esta outra não possui o colorido que enfeita, na variedade de tons, a definir inclinações profissionais e a distinguir valores.

Tem a cor neutra dos cabelos brancos, porque na discreta flutuação dos seus arminhos, representa a serenidade do tempo, aprendizado ou sabedoria ...

Vestidas de branco viviam as Vestais, a serviço das divindades romanas e a seu exemplo ainda hoje, as noivas, na tradição secular, na riqueza e na pobreza, têm na alvura do vestido de núpcias, o simbolismo de uma virgindade que se apaga.

Branca era a toga do magistrado romano e, a serviço da República, vestiam-se de branco os Senadores, mesmo que assim estivesse Brutus, quando assassinou Cesar, no pórtico do Parlamento.

... Sob este simbolismo, viverei junto a esse augusto Colégio de Professores, mais em espírito e em presença afetiva, incorporando-me nos dias festivos, ao desfile processional de garridas cores, na tradição dos antigos cortejos medievais de Bolonha ou Salamanca, redivivas e sapientes, formando no grupo dos eméritos junto a magnificência reitoral que a tudo preside, numa assessoria levada pelo direito de ser velho, como os meus ilustres companheiros, a tal ponto erigidos.

O direito de ser velho, além de uma conjuntura do tempo, não é demérito; pela idade, se não se estanca no meio do caminho, a ele se vai chegando, num inexorável contar de dias seqüentes.

Se é possível resistir à ferrugem da vida e alcançar a maturidade, com o raciocínio perfeito, sem os maiores atritos da seqüela que o mal registra no organismo, a velhice é a consagração da existência bem vivida, se a vida foi útil à comunidade.

Roma consagrou na palavra Senador o epíteto de velho - senectus - exemplo do homem prudente, pensado e refletido e, por tal, em condições de poder merecer o título de Pai da Pátria e Conselheiro do Príncipe e que, no decorrer de mais de dois mil anos, ainda hoje, por toda parte, representa, na composição política dos povos, o agrupamento conselheiral dos regimens.

“... E a cátedra é o instrumento para orientar e transmitir, para ensinar e modular caracteres, instruindo e formando gerações novas, homens responsáveis.

É onde as idades se encontram, a serviço dos interesses comuns”.

Em 1955 visitou a Espanha integrando delegação brasileira ao Congresso Ibero-Americano de Municípios, realizado em Madri, Granada e Servilha. Visitou oficialmente a Universidade de Salamanca, onde teve a oportunidade de examinar os métodos da velha casa de cultura.

Ao mergulhar na eternidade, Paulo de Viveiros foi saudado, ao pé do túmulo, por um colega do Curso de Direito, o Professor Milton Ribeiro Dantas, em nome dos Professores fundadores da antiga Faculdade de Direito de Natal e dos atuais docentes do Curso de Direito da UFRN, em cuja oração elegíaca exaltava a figura do



morto, nas palavras que destaco: ... **“Você deu mostras extraordinárias e inequívocas de grande lutador ... Assistimos sempre emocionados, saudosos e amargurados o início da última viagem dos nossos queridos e dos nossos amigos, conscientes que os passageiros da Barca de Caronte devem levar saudades da vida, lembranças inapagáveis deste imenso “vale de lágrimas”. ... A morte de cada homem é a morte de um pouco de nós mesmos, porque somos parte da humanidade, no pensamento de John Donne, no seu “Devoções”. De qualquer forma, felizes são os que morrem como você Paulo de Viveiros, que pelejou o bom combate, cercado do carinho da sua Família e da permanente admiração dos seus colegas e amigos. O diretor padrão, como estruturador e implantador de uma organização curricular e administrativa, constituiu um marco indelével na história do ensino superior norteriograndense...**

Em nome da Ordem dos Advogados falou o bacharel João Barreto.

**A memória de Paulo de Viveiros não será abandonada ao esquecimento “da eterna ausência”, como os ressurgidos tristonhos da obra de Papini, porque esta Academia o terá como eterna lembrança .**

### **Mensagem**

Incitam-me, neste momento, as palavras pronunciadas por Pasteur, na sua oração de posse na Academia Francesa, palavras repassadas de eloquência e indicadores de uma vibrante profissão de fé nos sadios sentimentos humanos. Ei-las:

**“A grandeza das ações humanas se mede pela inspiração que lhes deu origem. Feliz de quem traz em si um deus interior, um ideal de beleza, e lhe obedece: ideal de arte, ideal de ciência, ideal de pátria, ideal das belezas do Evangelho! São estas as fontes das ações heróicas e das idéias sublimes. Todas são penetradas de reflexos do Infinito”.**

Sim, porque todos devem, na vida, ter um ideal, um ideal nobre. E o ideal que animava o célebre sábio, em sua luminosa vida, toda ela voltada para a ciência e para a verdade, afigura-se-me o roteiro certo para a caminhada humana.

A inspiração interior e salutar enche os abismos do espírito. Sacia-no porque constitui o seu alimento. Busque-se primeiro as coisas do espírito que do resto não sentiremos a sua falta, frisque Bacon, o Lord Chancellor, repetindo Sócrates, que disse existir matéria infinitamente mais digna de meditação do que as árvores e as pedras e mesmo do que as estrelas — que era espírito do homem.

A grandeza das palavras de Pasteur indica a senda para chegar-se ao dia de que fala Papini, no seu “Juízo Universal”, quando todos possam ser julgados por Deus.

A geração presente atravessa uma fase das mais difíceis. O mundo anda todo conturbado. Parece até que a bruxa de Mefistófeles anda à solta com seus fâmulos, trazendo a infelicidade geral. Nunca a humanidade atravessou dias tão terríveis de violência. Violência do desespero, violência do egoísmo, e até a violência em forma de ameaça política, simbolizada na sombra da guilhotina de Robespierre.

Assiste-se um retrocesso desolador da moral cristã. Através os veículos de comunicação, a imoralidade, a mais baixa e lamacenta, está a invadir os lares indezesos. Não se respeita mais nem mesmo as próprias crianças, na belicose do entendimento. O mal estende os seus tentáculos em todas as atividades humanas, disfarçado por inúmeras formas.

Esta a dominar, porque não encontra um dique que tolha o seu avanço destruidor. E ele já penetrou fundo na sociedade brasileira.

Quando não se cuida de uma planta delicada, ervas daninhas circundam-na e sufocam-na. A mesma coisa se dá com a criança, com a pessoa humana, com a comunidade.

O que confere esplendor a uma sociedade é o trabalho perene, o estudo bem dirigido e uma educação aperfeiçoada. A instrução, por si só, repito, não condiciona o homem para uma vida de nobres ideais. A educação, nunca é pouco insistir, é que plasma a sua alma e o torna apto para os embates da vida.

Uma Pátria ciosa de que é grande e desenvolvida por possuir um celeiro de técnicos, mas que, se faltam a estes a dignidade e a robustez do caráter, esta Pátria, não está enobrecida nem segura, porque se apenas instruídos e não educados, seus filhos hoje podem servi-la como meros transfugas de seus deveres, para usá-la abertamente amanhã.

A educação cívica, a educação formal, a educação religiosa e a educação moral é que formam os verdadeiros patriotas.

A instrução ensina tão somente a se ganhar dinheiro. Daí a evasão dos cérebros, dos técnicos e dos esportistas para o exterior. A Pátria, para eles, é coisa secundária.

Por conseguinte, o mal se alastra porque ninguém o contesta. É aceito pelo indiferentismo, deglutido pelo comodismo e entronizado pela covardia. Verdade amarga, mas verdade verdadeira, como dizia Jakson de Figueiredo.

Que sejam de todos as convicções esplêndidas, expressadas por Pasteur, no seu brilhante discurso. Elas se opõem às investidas malsãs, enfraquecedoras do espírito.

Esta Academia, ao lado de outras instituições intelectuais, tem o dever **preçoso** de lutar contra essas forças maléficas que ousam sufocar a nacionalidade. O **pecado** da omissão é o mais pusilânime. Aqui é que se forjam os escritores. **Que eles** continuem frutificando obras de valor salutar.

O Brasil necessita da formação de novas elites. O florescimento social, intelectual e político depende da formação das elites. E a formação destas depende, em parte, das boas leituras.

Os egípcios exibiam o dístico à entrada das suas bibliotecas: "Tesouro dos remédios da alma".

Há quem diga que uma leitura pode transformar um homem.

Paulo Bouget, citado por Riboulet, disse que "não há ninguém, entre nós, que, descendo aos refolhos de sua consciência, não reconheça que não seria exatamente o que é se não tivesse lido tal livro, tal trecho de história ou de filosofia".

"O livro, diz Edward Montier, "tem mais influência que o mestre, que o amigo mais íntimo".

A leitura tem decisiva influência, ou para o bem ou para o mal.

De Bonald enfatizava que, desde o **Evangelho ao Contrato Social**, foram os livros que fizeram as revoluções.

Há leituras que dignificam a pessoa humana como há leituras que asfixiam os sentimentos da mocidade, rebaixando o seu caráter e envilecendo a sua personalidade.

Campeia, como todos sabem, uma vil literatura, que Victor Hugo, no seu tempo, já combatia, já reprochava, já causticava. Mas que Emile Zola, ao contrário, a justificava como sendo Arte, e como tal intocável. São as chamadas leituras licencio-



sas, narcótico maldito, qual libação embriagadora dos sentidos e geradora dos delírios da imaginação, conduzindo a mocidade ao mundo do deboche e da quimera. Entorpecente que sepulta a sobriedade moral, que todo jovem tem o direito de cultivar.

Em relação ao assunto, há um vastíssimo estudo dos efeitos dessas encenações que oblitera os sentidos e o cérebro da juventude, indispondo-os para o trabalho intelectual e para os encantos do saber e da moral.

A pederastia passiva é ovacionada nos nossos teatros. Os cinemas lembram os lupanares. A televisão não fica atrás. Não falo sobre as revistas porque é caso para ser tratado nas Delegacias de Polícia.

O mal tem os seus encantos, que a mocidade não resiste. Muito difícil é ser contida a sedução de Baco e de Vênus. Pelo dinheiro, os agenciadores do mal exploram-na e distilam, pelo cinema e revistas, doses sucessivas de veneno que podem ser letal para a alma do jovem brasileiro.

Mercantilizam a sordidez em detrimento da miséria moral das gerações moças. Mitridates, pelo menos, a ingerir as pequenas doses de veneno, o fazia para prevenir a traição, imunizando-se. Era uma atitude de defesa. E o seu espírito não era molestado.

O que fazem com a geração adolescente lhe não traz nenhuma recompensa. O seu sacrifício é um sacrifício inútil, um sacrifício sem glória. É o novo Prometeu acorrentado ao vício sem esperança de libertação.

Tudo isto porque tiraram a religião das escolas do primeiro grau. Que do homem sem religião? Apenas um animal. Quando instruído e sábio vira computador. Nada mais. Inverte, assim, o pensamento de Rui Barbosa, quando afirmou ser o homem um erro em busca da verdade. O homem de hoje parece ser representado pela verdade em busca do erro.

Tácito, no seu "Germânia", adverte Roma dos bárbaros germânicos, enfatizando que eles tinham o sentido da organização, uma só mulher e não chavam graça no deboche. Tal o caráter moral imprimito àquele povo ainda nômade, mas que sabia o que queria e já pautava uma política social das mais avançadas, que serviria de exemplo a algumas nações atuais.

É escusado salientar que tais bárbaros, analisados sociológica e antropológica-mente pelo autor dos "Anais", pouco tempo depois, incendiaram a púrpura dos Césares, púrpura tismada de sangue e suja de baba, sinal vivo das matanças e das orgias.

E a mocidade romana? Esta, debochada, de que nos fala Tácito, desfibrada e sem aquele vigor da antiga família latina, da família educada à vista dos pais e dos preceptores, esta mocidade não tinha sequer mais força atlética, e nem moral, para resistir à nova organização germânica que se formava às portas da Cidade Eterna.

Foi o que aconteceu à França, no alvorecer da Segunda Guerra Mundial, com a sua juventude desorientada pelo desatino dos políticos. A respeito, duas passagens colhidas, em livro e oralmente, atestam a sua decadência. Registra, a primeira, que os políticos franceses preferiam o invasor a engolirem Leon Blum, como expressou o intelectual parisiense, transtornado pela evidência dos fatos. Disse: "Eles queriam Hitler, e o tiveram".

Outro depoimento da lassidão em que se encontrava a sociedade francesa, daqueles dias, temo-lo de um diálogo mantido entre um funcionário da Embaixada



brasileira e um colega francês, passado numa pequena boite, em noite invêrnosa, junto à fronteira alemã. Os dois amigos, em linguagem coloquial, ao som melodioso de uma guitarra, palestravam. Eis que, pela madrugada, quando a claridade começava a expulsar as trevas, o brasileiro sonolento observa, através à vidraça, uns pontos negros a dançarem ao longe, contrastando com a brancura da neve dos Alpes suíços. E aqueles pontos negros iam se multiplicando, num crescendo espantoso. Curioso, interpela ao companheiro boêmio, com quem estivera a noite toda:

— Que é aquilo, ao longe, que se move na neve?

— Ah! Responde o francês, virando-se: é a mocidade alemã! Todos os dias, antes do amanhecer ela chega, aos grupos numerosos. Faz caminhadas, ginástica e recebe instrução bélica. Enquanto isso, a nossa juventude passa as noites insones nas boites e a vagabundar pelas ruas desertas.

Assim estava a mocidade francesa: vazia a perambular pelas noites a sua inutilidade, inutilidade provada com a sua vergonhosa rendição, logo nos primeiros combates. Foi, portanto, incapaz de deter, no seu solo sagrado, a mocidade radiante, esbelta e varonil dos germânicos, mocidade disciplinada, instruída e eugenizada.

Pergunto àgora, e a nossa, como está?

O filósofo Renouvier teria razão, quando afirmou que Deus fez o mundo perfeito e que os homens o **perverteram**?

É tempo de se cuidar da nossa mocidade. A vida passa, o tempo corre célere e a providência pode tardar. Precisa-se cuidar enquanto é tempo. Igual às folhas, são as gerações dos homens, diz o verso de Horácio. De verdes e logo se tornam secas. A vida biológica não retrocede nem estaciona. Precisa-se cuidar.

Teria razão Goethe, ao proclamar, que os defeitos de um homem são os de sua época? Não será isto o que se chama **determinismo social**?

A nossa juventude parece entregue à sua própria sorte. Impõe-se-lhe uma orientação disciplinar, sadia e segura, porque ela está a assistir, perplexa, os eclipses de suas faculdades. Se fosse militar, eu diria que ela estava a precisar era de uma boa ordem unida!

O individualismo, o frio individualismo, foi que enfraqueceu o caráter ateniense. Estamos com Alcebiades, quando se insurge contra o governo dos fracos. Atualmente é inaceitável, diante dos fatos sociais ocorridos todos os dias, é inaceitável um governo fraco. Não que ele seja totalitário mas que, sendo autoritário e consagre os postulados democráticos. Somente um governo forte pode debelar a violência e a licenciosidade, que estão a agredir, impunemente, uma sociedade indefesa.

Evite-se chegar à situação desoladora das mocidades romana e francesa. Não se fala como os filhos de Atenas, que somente depois de terem **Queronéia ensanguentada** e Tebas coberta de cinzas, foi que "procuraram ouvir Diógenes ..." Precisa-se cuidar.

Um saneamento moral é possível ser aplicado, estabelecendo-se critérios bem definidos. O determinismo, não se iludam, é a fraqueza humana. Aristóteles, o mestre dos sábios, na sua *Ética*, diz que o homem pode vencê-lo, escolhendo e mudando o meio em que vive, pela inteligência e pela vontade. Precisa-se cuidar...

Quem atinge metade da década dos sessenta, limiar cronológico da velhice, se volta ao pensamento para o passado, verifica, compungido, que o número de amigos mortos é muito maior do que o de vivos. Doce é a vida, porém é breve. Constantes são os necrológicos e a saudade — disse Da Costa e Silva — “embala nossa infância e nos segue por toda a vida”.

Será que a inteligência que impulsiona o progresso, a imaginação que cria as belas artes, o coração que espalha o amor, a voz que conforta os que sofrem, os olhos que viram maravilhas e leram Dom Quixote, os ouvidos que ouviram Chopin e Beethoven ou Caruso e Nelson Gonçalves, o olfato que aspirou “o perfume sutil das flores tropicais”, — tudo isso desaparece definitivamente do homem após o curto período da vida terrestre?

Sim. Tudo que agrada ou desagrada aos sentidos finda com a morte. Não esqueçamos, porém, o anúncio dos profetas e a garantia de vida eterna dada pelo Filho de Deus no Sermão da Montanha e na agonia da morte na Cruz. As minguadas concessões de alegria terrena serão substituídas pelas eternas bem-aventuranças.

Sabemos, apenas — ensina o Evangelho — que, na outra vida, não haverá, para os eleitos, nem sofrimentos, nem preocupações, nem angústias, nem dor. Ignoramos, entretanto, como serão as alegrias, perpétuas e sem monotonia. Talvez a mente humana nem ao menos possa imaginá-las. Os teólogos, sem interferência da Igreja, especulam sobre as dádivas da nova vida e, certamente, a de melhor agrado é a de rever amigos e familiares, aqueles a quem amamos na Terra ou nos deixaram saudades.

**Discurso em 25-03-1980, na Academia.**

Todas as religiões aceitam a doutrina da vida eterna e Congresso Internacional de Parapsicologia aprovou unânime conceito científico de que a alma é imortal e ninguém volta a este mundo. Os cristãos e os próprios racionalistas que negam a divindade de Jesus Cristo, jamais poderiam admitir que foram ludibriados por um homem absolutamente puro, sumamente bom, que sempre perdoou e morreu crucificado por amor ao próximo.

Portanto, a vida terrena é transitória, é estágio, é oportunidade de preparação para a vida eterna. Com essa fé inabalável, com essa esperança de reencontro, é que devemos recordar o amigo morto.

\*\*\*\*\*

No itinerário da despedida compareci ao Cemitério, ajudando a conduzir uma amizade de quarenta anos. Recusei ver o corpo sem vida de Paulo Pinheiro de Viveiros. Preferi guardar a lembrança do amigo vivo, o rosto cheio e de bom humor, a conversa inteligente e de homem bem informado. Tinha o curioso costume de pedir



cigarro a todos os amigos que ia encontrando e, ao revés, se alguém lhe pedia, prontamente, retirava do bolso interno do paletó a carteira de cigarro velho e barato. Nele, era falsa e brincalhona exibição de avareza, pelo menos no meu julgamento, sabedor de ciência própria que sou, na qualidade de senhorio, que ele sustentava e pagava o aluguel mensal de moradia de parenta pobre, solteira, hoje octogenária. Do meu conhecimento também, o episódio ocorrido com o delinquente conhecido pela alcunha de "Pé Seco". Assaltara-lhe a residência e furtou-lhe muitos objetos valiosos jamais recuperados. Quando se encontrava preso escreveu um bilhete à sua vítima, solicitando uma rede, pois, estava dormindo no piso do cárcere da Colônia Penal. Paulo acudiu ao pedido e levou pessoalmente a rede. Apesar do nosso constante convívio, vim a saber do fato muito tempo depois e por intermédio de familiares, parecendo que o doador seguia a recomendação evangélica de não saber a mão esquerda o que fizera a direita, completando-se, assim, o verdadeiro ato de piedade cristã: perdoou, socorreu e silenciou.

Entretanto, o ato de caridade mais amplo, repercutindo na comunidade, ocorreu quando a alma generosa e atuante de Paulo de Viveiros salvou a sobrevivência de dezenas e dezenas de cegos e surdos-mudos, ameaçados de fome à falta de recursos financeiros e se cuidava da extinção do Instituto que Ricardo Barreto fundara.

Perdulário, sim, não foi. Lutando, arduamente, desde a adolescência, para se manter e vencer na vida, aprendeu a valorizar o fruto do trabalho e nessa escola educou os filhos. O mais velho, ainda de calças curtas, no horário de folga dos estudos ia trabalhar no escritório do pai e recebia salário semanal. Jornais velhos e garrafas vazias não eram jogadas no lixo. Aconselhadas pelo pai, as crianças juntavam e vendiam na bodega e delas usufruíam o produto do negócio.

\*\*\*\*\*

Na vigília da saudade, recordei o orador fluente, arquiteto de imagens verbais, o braço esquerdo descido em repouso, enquanto o direito erguido na vertical, a mão e os dedos vibrando, empolgava o auditório embevecido pela palavra do tribuno. Lembrei a extraordinária capacidade de organização e eficiência no trabalho, instalando a antiga Faculdade de Direito de Natal, hoje denominada Curso de Direito, segurando firmemente o leme de direção nos dificultosos primeiros anos de funcionamento da escola. Posteriormente, organizando e dirigindo o Núcleo de Estudos Brasileiros da Universidade, dando-lhe feição modelar e programação adequada à disciplina integrante do currículo escolar de todas as áreas do ensino superior. Finalmente, veio-me à memória o dinamismo que imprimiu aos trabalhos desta Academia, quando exercia a Presidência, inclusive conseguindo, sem constrangimento, que diversos sócios fundadores retardatários viessem proferir discurso de posse.

Esse um dos traços marcantes da personalidade de Paulo de Viveiros. O que administrava, dirigia ou tinha missão a cumprir, realizava presentâneo e com coragem, entusiasmo, dedicação e imaginação criadora. Foi assim que a Universidade, gastando pequena verba, construiu, na Faculdade de Direito, a maior biblioteca especializada do Estado, o diretor pedindo pessoalmente o acervo de livros de magistrados e advogados aposentados, solicitando doações dos autores.



Certo que Paulo de Viveiros não nasceu em berço de ouro. Aliás, quantos afortunados residiram em Natal, desde os tempos da Colônia até a Segunda Guerra Mundial? Poucos, muito poucos e muitos deles imigrantes laboriosos.

Cidade sem indústria, sem Universidade, nem ao menos curso superior isolado, ponderável parte da população vivia dos parcos vencimentos de funcionário público ou salário de empregado. Raros os comerciantes enriquecidos. Os profissionais liberais, que não possuísem bens de herança, precisavam do suplemento de emprego para atender às despesas da família. Era assim Natal, no tempo da mocidade escolar de Paulo de Viveiros.

Depois piorou a vida do estudante pobre. Surgiu, no meio da década de 1930, o chamado curso científico, intermediário entre o ginásio e o superior. Desprovida a capital do novo curso, os alunos continuavam encerrando o ciclo de humanidades no Atheneu ou Colégio Marista. A minoria, que conseguia viajar para estudos fora do Estado, lutava a duras penas para a manutenção no Recife ou Fortaleza. Permitam-me relatar um exemplo. Amigo da adolescência, meu companheiro no teatro de amadores, filho único de viúva paupérrima, moradora em São José do Mipibu, onde fazia doces e outras guloseimas para, com os rendimentos do pequeno comércio, pagar os estudos do filho, foi este um dos compelidos a fixar-se no Recife a fim de cursar o científico. Com a transferência, agravou-se o sacrifício da mesada materna. A situação financeira do rapaz tornou-se ainda mais apertada, a ponto de dormir cedo para não sentir fome. Nos últimos anos de vida a doceira recebeu a recompensa de ver o filho oficial da Força Aérea Brasileira, indo morar em seu lar. Acompanhei o sepultamento da velhinha heróica, no extenso curso de automóveis deslocando-se pela pista, conduzindo, inclusive, o Governador do Estado. O estudante que passou privações e tanto devia ao amor materno, era então Comandante da Base Aérea de Parnamirim.

Na cidade pobre, aos 17 anos de idade Paulo trabalhava no "Diário de Natal", órgão católico dirigido por meu pai. Ingressando na Faculdade de Direito do Recife conseguiu trabalho no serviço de reportagem do "Jornal do Comércio", passando a correspondente quando retornou formado em Direito. No elenco de cargos que ocupou, desde a adolescência até o fim, trabalhou incansavelmente. O ócio da aposentadoria federal, a que tinha direito, não diminuiu o ritmo do labor. Encontrava sempre pretexto de não parar.

Certa vez encontrei-o abatido fisicamente. Disse-lhe que era tempo de poupar-se e fizesse como eu fiz aposentando-me da advocacia remunerada. Num gesto que era dele, exclusivamente dele, usado quando discordava de alguma coisa, arrastou a palma da mão da testa até o queixo, enquanto assoprava fortemente as narinas e concluía: "Ainda não". No entanto, sentia-se em decadência física, tanto assim que, há cerca de quatro anos, convidei-o para orador da solenidade anual de aniversário do América Futebol Clube, promovida pelo Conselho Deliberativo, então por mim presidido. Era costume o orador falar a braços soltos e a escolha recaía num orador nato. Surpreendi-me quando tirou do bolso discurso escrito. Depois, perguntei o motivo e veio a resposta: "Não confio mais no improvisado..."

A maior virtude que sempre apreciei em Paulo de Viveiros foi o carinhoso e dedicado zelo pela família. Já com encargos financeiros domésticos, sua probidade obrigou-o a solicitar dispensa da função pública que ocupava em comissão. Rude golpe em seu orçamento caseiro. Falava-me, então, do apoio, estímulo e estoicismos

mo da esposa amada. Atirou-se resoluto ao trabalho ingente da advocacia exercida até ser hospitalizado para a morte, principal origem do patrimônio material que deixou. Dizia-me ter sido o ano mais negro de sua vida aquele em que perdeu um filho com menos de dois anos de idade. O primeiro falecera recém-nascido. Quanto aos outros dois deu-lhes educação esmerada, inclusive no Colégio Mackenzie de São Paulo e hoje, um titulado em Direito, o outro Engenheiro Civil, ambos brilham na vida pública pela competência profissional.

Sua preocupação maior era deixar a família bem amparada quando a morte viesse buscá-lo. Nesse sentido, participei de episódio comovente. Numa roda de amigos falava-se da recente morte de Edgar Barbosa e alguém perguntou como ficaria a situação da viúva, certo de que o montepio de magistrado aposentado, deixado por aquele colega, poderia ser absorvido pela inflação monetária e, no cargo de professor da jovem Universidade, não tinha tempo de serviço suficiente para pensão integral. Em silêncio, Paulo prestava a maior atenção ao comentário. Exercendo cargo federal durante muito tempo, proibido, portanto, de advogar contra a União, havia se desinteressado pela legislação do funcionalismo. Quando informei que o montepio ou pensão, para efeito de pagamento, independia de tempo de serviço completo e era sempre integral, o semblante de Paulo expandiu-se feliz. Num relance, compreendi, emocionado, o motivo daquela euforia de um homem que esperava a morte próxima e no momento pensava no benefício da pensão da viúva, a lembrança da companheira admirável, que lhe dera apoio objetivo e constante nos momentos difíceis, legítima herdeira do espírito firme e construtivo dos Pessoa de Queiroz.

Apenas uma vez notei Paulo de Viveiros irritado. Talvez, guardadas as proporções, com "cólera divina" de Jeová contra os judeus pecadores. Foi quando o Conselho Departamental do Curso de Direito tornou optativa a disciplina de Direito Romano, da qual era professor titular desde a fundação. Mestre fluente e erudito, disciplinador, e rigoroso na aplicação das notas, os alunos tinham mesmo que estudar, mas gostavam do docente que possuía a habilidade pedagógica de manter permanente bom-humor e viver no meio deles, conversando descontraído. Os frutos do ensino do Direito dos pretores e juriconsultos chegavam nos três anos seguintes, na facilidade do aprendizado do Direito Civil, pois, o Direito Romano ainda é a base do Direito Civil do Ocidente.

Não era a primeira vez que os responsáveis pelo ensino público retiravam do currículo obrigatório disciplina necessária à formação da juventude. Lembro-me do meado da década de 30, quando a legislação federal de iniciativa do Ministro Gustavo Capanema extinguiu do curso secundário o lecionamento de duas cadeiras: "Moral e Civismo" e "Cosmografia". Sem o magistério do culto cívico e dos valores espirituais, deve ter se expandido o embrião do desamor à Pátria e o do respeito humano. Quanto à extinção das lições de Cosmografia, fez com que velhos e moços chegassem à Era Espacial jejunos de rudimentos da Astronomia.

\*\*\*\*\*

Descabe nesta reunião fazer a crítica literária da obra de Paulo de Viveiros, tribuno e historiador. A tarefa será de quem vier sucedê-lo nesta Academia de Letras. Registro apenas que deixou o livro "História da Aviação no Rio Grande do Norte", incorporado definitivamente ao patrimônio da pesquisa histórica no Es-



tado, memórias do repórter que conversou com os ases da aviação quando nascia a navegação aérea entre a Europa e a América do Sul. Segundo informa Hélio Galvão, provavelmente a doutrina militar japonesa considerava, na época, o estreito Dakar-Natal uma das "sete esquinas do mundo".

Publicou também conferência sobre o tio, Manoel Teófilo da Costa Pinheiro o até então esquecido sertanista, braço direito do Marechal Rondon na Comissão que penetrou as terras mais longínquas do país, construindo linhas telegráficas e integrando os indígenas na comunidade nacional. Costa Pinheiro foi o primeiro potiguar astrônomo profissional e a divulgação do trabalho de Paulo de Viveiros levou, tempos depois, à eleição do sertanista para patrono da "Associação Norte-Rio-grandense de Astronomia".

Um opúsculo denominado "Presença de Roma em Natal", documenta a chegada da esquadrilha comandada pelo General Ítalo Balbo, Ministro da Aeronáutica da Itália, que inaugurou a Coluna do Capitólio de Roma, oferta de Benito Mussolini à cidade, monumento sempre esquecido de ser mostrado ao turista.

Quatro outros opúsculos são discursos proferidos em solenidades, jóias literárias, embora, na opinião de muitos, os que mais empolgavam o auditório eram aqueles em que o orador utilizava a dádiva divina de bem falar a braços livres. O discurso com o título "Onde as idades se encontram" é o canto de cisne, despedindo-se da Universidade e da tribuna, quando recebeu o título de Professor Emérito.

Paulo escreveu e deixou inéditas suas memórias. A pedido dele, li a primeira parte, onde recorda a vida de repórter e estudante de Direito.

\*\*\*\*\*

Há menos de dois anos Paulo de Viveiros penetrou neste salão da Academia andando devagar, a marcha pesada, os pés sem a leveza dos anos passados. Fui visitá-lo para indagar o que estava ocorrendo. Contou-me que sofria de diabete, cardiopatia e reumatismo. Constatou-se depois que não era reumatismo e sim gota. Em minha ignorância da medicina, pensava que eram palavras sinônimas e gota fosse designação privativa dos velhos doentes da aristocracia inglesa, como se vê no cinema. Acrescentou que procurara os especialistas e, em conseqüência, ingeria diariamente 35 doses de remédios. Cada especialista ignorava a medicação receitada pelo colega da outra especialidade. Em suma, tratava do organismo como se fosse constituído de compartimento estanques, um móvel formado de módulos.

Lamentei o desaparecimento do clínico geral, hoje circunscrito aos que trabalham no interior do país. O avanço da medicina exige o desdobramento das especialidades.

Com a ajuda decisiva de Dona Lúcia, consegui que ele procurasse o médico e lavasse a relação de todos os medicamentos receitados. A ética profissional foi respeitada e houve entendimentos.

Tempos depois, andando normalmente, sentindo-se outro homem, dizia-me em sua residência: "Não tenho medo de morrer, o que me apavorava era a possibilidade de ficar inutilizado". Declaração típica de um velho lidador que jamais se conformaria com a invalidez.

Passou o tempo e a marcha de novo lenta, os pés lerdos. Preocupado, perguntei o motivo ao médico, também amigo. Simplesmente, inadmissível no diabético, o doente estava relaxando o tratamento. No dia seguinte encontro o paciente nesta



Academia, amparado pela esposa. "Foi muito bom encontrá-los juntos", disseram, "o médico me afirmou que você estava relaxando o tratamento". Ele riu, dizendo: "é gostoso saber que os amigos se interessam pela minha saúde". Perguntei porque havia abolido os passeios à noite na Avenida Circular, pois, a principal recomendação do médico era que caminhasse ao menos meia hora diariamente. A resposta foi a informação de que perigosos marginais perambulavam pela praia. Queimei, então, o último cartucho: "Paulo, lembre-se, ao menos, que você é um homem útil ao Rio Grande do Norte".

\*\*\*\*\*

O lidador não sentiu a invalidez que tanto temia. O coma prolongou-se por meses. O sofrimento foi transferido para a esposa dedicada, presente dia e noite ao lado da cama hospitalar. Faleceu no dia 11 de dezembro último. Durante muito tempo ainda, os numerosos amigos sentirão que falta alguém em Natal.

## DA CONDIÇÃO DOS HOMENS E DA PRESENÇA DAS COISAS (\*)

Américo de Oliveira Costa

Versos de Shakespeare: **“Os homens estão nas mãos dos deuses como as moscas nas mãos das crianças. Brincam com eles até esmagá-los”**. Palavras do príncipe D. Pedro, em *“La Reine Morte”*, de Montherlant: **“Estamos nas mãos do destino como um pássaro na mão de um homem”**.

Em seu leito de morte, a Monsenhor d'Hulst, que lhe perguntava: — **“Não sentis, no universo, uma intenção benevolente?”** — não seria muito diferente a resposta de Taine: — **“Não; vejo a Natureza como uma bela mulher, esplendidamente vestida, que anda sem se preocupar com as formigas em que pisa. Sou uma dessas formigas. Vou ser esmagado”**. Era esse mesmo Taine, no entanto, assim cético e fatalista, quem deste modo previa a grandeza que pode alcançar o homem, nas suas tentativas de Prometeu contra os Deuses: **“Conheço os limites do meu espírito, mas não os do espírito humano”**; o que era uma consequência natural desta sua máxima: **“Elevar-se cada dia sobre seus próprios ombros”**. Hemingway, profético em parte, quanto ao seu destino pessoal, mas confiante no triunfo do esforço dos outros, do esforço coletivo, dos que viriam ou virão depois, em dinâmica e continuidade, refletiria: **“Quando as pessoas defrontam o mundo com suficiente coragem, o mundo só pode quebrá-las, matando-as, e por isso, é claro, mata-as. O mundo quebra toda gente, e, depois, muitos ficam mais fortes no lugar da fratura”**. Recebendo o prêmio Nobel de Literatura, de 1950, proclamava William Faulkner: **“Negue-me a aceitar o fim do homem ... Acredito que o homem não apenas resistirá, como prevalecerá. Ele é imortal, não porque apenas dentre as criaturas seja dotado de uma voz inextinguível, mas por possuir uma alma, um espírito capaz de compaixão, de sacrifício, de sofrimento ... A voz do poeta não deve servir somente de testemunho do homem; ela pode ser, também, uma das estacas, um dos pilares que o ajudarão a resistir e a vencer”**. Espírito humano, todavia, que se não encontra isento de humilhações. Scheler aponta pelo menos, as suas três maiores, e todas devidas ao próprio homem: o deslocamento de nossa terra de centro do Universo, para a periferia, por Copérnico; o enquadramento do gênero humano no reino animal, por Darwin; e a subordinação de nossa consciência ao subconsciente, por Freud. Caberia, talvez, aqui, a constatação de Gide, no seu *“Journal”* (1939): **“Não existe acrópole que a onda da barbárie não possa atingir, nem arca que não acabe por afundar. Agarramo-nos a destroços”**. Ritornelo de J. M. G. Le Clézio: **“... não há verdade humana ... nem beleza, nem certeza ... nada que escape à deterioração, ao desvirtuamento, à destruição...”** — **“a única força que resiste é a da desgraça e da dúvida”**. Quase no final de *“Les Tribault”*, de Roger Martin du Gard, em cena transcorrida nos últimos meses da Primeira Guerra Mundial, comenta um personagem: **“Acreditamos que a humanidade, adulta, se encaminhava para uma época em que a sabedoria, a medida, a tolerância se aprestariam, enfim, a reinar sobre o mundo ... Em que a inteligência e a razão iam, enfim, dirigir a evolução das sociedades humanas ... Quem sabe se não nos apresentaremos, aos olhos dos historiadores futuros, como ingênuos, ignorantes, que alimentavam enternecedoras ilusões sobre**

**sua aptidão à civilização? Quem sabe se não fechávamos os olhos a alguns dados humanos essenciais? Quem sabe se, por exemplo, o instinto de destruir, a necessidade periódica de arrasar tudo o que generosamente edificamos, não é uma dessas leis essenciais que limitam as possibilidades construtivas de nossa natureza? — uma dessas leis misteriosas e decepcionantes que um sábio deve conhecer e aceitar?...'**

Os Evangelhos são um repositório de sabedoria divina, mas igualmente uma encruzilhada de mistérios humanos. — Como e em que sentido, por exemplo, está escrito em S. João, 14, 12, esta afirmação categórica? **"Aquele que crê em mim fará também as coisas que eu faço, e fará outras ainda maiores"**. Em "Le phénomène humain", Teilhard de Chardin confia e espera: **"O homem, — não centro estático do Mundo — como se acreditou durante muito tempo, mas eixo e flecha da Evolução — o que é muito mais belo"**.

Nos "Pensamentos de um Biólogo", escreverá, apocalipticamente, Jean Rostand: **"A espécie humana há de passar como passaram os Dinossauros e os Estegocéfalos. Pouco a pouco, a pequena estrela que nos serve de sol perderá o seu poder iluminante e aquecedor ... Terá, nessa altura, cessado toda a vida sobre a Terra, que continuará, como astro caduco, o seu voltear sem fim nos espaços sem limites ... E então, de toda a civilização humana ou sobre-humana — descobertas, filosofias, ideais, religiões — nada subsistirá. Não restará mesmo, de nós, o que resta hoje do Homem de Neanderthal, do qual, pelo menos, alguns "despojos" encontraram asilo nos museus do seu sucessor. Será anulada, para sempre, neste recanto do Universo, a aventura grotesca do protoplasma. Aventura que, talvez, se renove noutros mundos, sempre sustentada pelas mesmas ilusões, criadoras dos mesmos tormentos, sempre igualmente absurda, igualmente vã e igualmente condenada, desde o princípio, à frustração final e à treva infinita ..."**

Conselho a si próprio de Roland Dubillard, poeta francês, num livro "Je dirai que je suis tombé" (1966): **"Não aumenteis do peso das vaidades o peso das coisas"**. E La Rochefoucauld: **"Não devemos jamais ... nos servir de palavras e de termos maiores que as coisas"**. Em seus "perfis", fala Jorge Luís Borges: **"Tenho sempre chegado às coisas depois de ir aos livros"**. Regra do Talmud **"Não vemos as coisas como elas são e sim como nos parecem"**. Pirron estabeleceria variações: **"As coisas não são como parecem, mas como aparecem"**. Reflexão de Epicteto: **"Não são as coisas que perturbam os homens, e sim suas opiniões sobre as coisas"**. Observação do filósofo Stuart Mill: **"As palavras são os nomes das coisas, não as idéias que temos das coisas"**. Num romance do alemão Dieter Wellersboff, há uma mulher que inquire: **"Que é a vida, afinal, senão as idéias que dela fazemos?"** Advertência do título de um romance de Raphaële Billetdoux: **"Cuidado com a doçura das coisas"**. Concepção de E. Estaunié: **"As coisas vivem"**. Filosofia de Leibniz: **"As coisas inferiores vivem nas coisas superiores de uma maneira mais nobre que nelas mesmas"**. Teoria que o poeta Vinicius de Moraes explicaria praticamente, a seu modo, no poema "Conjugação da Ausente".

**'Tua graça caminha pela casa  
Moves-te blindada em abstrações, como um T. Trazes  
A cabeça enterrada nos ombros qual escura  
Rosa sem haste. És tão profundamente**



**Que irrelevantes as coisas, mesmo do pensamento.  
A cadeira é cadeira e o quadro é quadro  
Porque te participam”.**

Marguerite Yourcenar, em “Souvenirs pieux”, seu primeiro volume de memórias, assinala como a morte transforma e descaracteriza as coisas possuídas pelos vivos: **“Nada prova melhor o pouco da individualidade humana, à qual todavia nos ligamos tanto, como a rapidez com que aqueles objetos que lhe constituíam o suporte e por vezes o símbolo, terminam, por sua vez, fora de uso, deteriorados ou perdidos”.**

Falando do universo novelesco de Alberto Morávia, o crítico H. Guillet observa que, ao contrário do universo sartreano, ele é feito “de essências precisas e determinadas por si mesmas, sem intervenção do espírito humano. O resultado nem por isso é mais reconfortante: em meio aos minerais, cores, plantas, máquinas, ou mesmo em meio às “pessoas-objetos”, em meio às “coisas que são coisas”, e recusam obstinadamente humanizar-se, o homem sente-se aturdido de solidão, torna-se inquieto, alucinado, obsedado, angustiado”. Impõe-se, então, o problema da impossibilidade de dar um sentido humano às coisas que não o têm. **“Deveríamos habituar-nos (diz Morávia) não somente a não avaliar essas coisas, mas igualmente a não explicá-las, a não interpretá-las. Deveríamos deixá-las livres de ser o que são, eis tudo”.** Em seu livro “Superstições e Costumes”, evoca Luís da Câmara Cascudo o sertão, em 1910, velhas fazendas de gado, quando, em certas tardes, aparecia, montado no jumento catolé, o velho Simão Justino, citador do “Lunário Perpétuo”, linguagem sibilina, cabalística, figura de lenda. **“Riscando no ar um desenho que ninguém entendia, dava explicações mais complicadas que os próprios enigmas. — Todas as coisas deste mundo falam, mas ninguém entende! afirmava, olhando um ponto no espaço distante”.** No seu romance “Cem anos de solidão”, o colombiano Gabriel Garcia Marquez escreve esta passagem: **“As coisas têm vida própria — apregoava o cigano com áspero sotaque — tudo é questão de despertar a sua alma”.**

No seu “Journal”, 5º., Anais Nin completaria o círculo: **“Os objetos morrem quando não são mais iluminados por certas experiências e pelos grandes momentos de nossa vida”.** Já num sentido de generalização, entre coisas abstratas e concretas, observará Renoir: **“Há bastante coisas incômodas na vida para que ainda criemos outras.** Ao que um dos personagens do romance “Le Barbare”, de Henri-Francois Rey, aduzirá, citando um provérbio espanhol: **“As coisas possuem uma tendência natural a se acomodarem por si mesmas”.**

Ponderação stendhaliana de raro alçance: **“Amigo leitor, não passes tua vida a odiar e a ter medo”.** Advertência do preceito bíblico: **“Nunca te deites sobre a própria coléra”.** Provérbio luba, africano: **“Não escondas o mal no teu coração; ele o destruirá”.** Freud reconhece que “não é o ódio de nossos inimigos que nos é prejudicial”; — “o ódio que experimentamos pelos outros é que nos destrói”. **Fragmentos de um evangelho apócrifo, citado por Jorge Luis Borges em “O elogio da sombra”:** **“Não odeies a teus infimigos, porque, se o fazes, és de algum modo seu escravo. Teu ódio nunca será melhor que tua paz”.** O dramaturgo Anouilh dizia: **“Estou convencido de que, se os homens, para esquecer, se dessem o centésimo do mal que se causam para lembrar-se, há muito o mundo estaria em paz”.** Máxima admirável de Kant: **“Lembra-te de esquecer”.** Título de um livro de Da-

nella Vita: **“Esquece, se queres viver”**. Conselho de Khrishnamurti: **“Colabora com a vida”**. Nos seus “Carnets”, Camus confessa, tranqüilo, sua **“poderosa organização para o esquecimento”**. Numa passagem de **“Wilhelm Meister”**, de Goethe, fala-se num conselho visto num cartaz: **“Lembra-te de viver”**. Experiência de Gilberto Amado: **“Viver é conciliar-se com o possível”**. Emile Henriot, em **“On n'est pas perdu sur la terre”**: **“É necessário que esqueçamos para viver. Viver é livrar-se do que nos prende. Viver é libertar-se de si mesmo”**. Inscrição feita gravar por Mérimée num anel: **“Lembra-te de desconfiar”**. Horácio, nas **“Odes”**: **“Carpe diem”**, isto é, aproveita o dia de hoje.

Trecho de Montherlant, em **“Les Olympiques”**: **“O destino mais difícil é o de viver pela razão. — Não é, por isso, um belo instante, aquele em que ajudamos alguém, de quem somos amigos, para esse destino? aquele em que o poupamos do sofrimento estúpido? aquele em que lhe ensinamos como usar deste mundo? Poder dizer-se em seu leito de morte: “Não tive de contrariedades senão o estritamente inevitável”, — que vitória para a vida! E que vitória para a inteligência! Porque a deusa “Inacessível aos desgostos”, não o esqueçamos, é Atena, a deusa da inteligência. A deusa armada com uma lança, a inteligência desmascaradora de monstros, que destrói os falsos motivos de sofrer, e ri: “Sofrer por isto!”. Cesare Pavese, em **“O ofício de viver”**, insiste na acentuação dessas circunstâncias, que a tantos espaca: **“Deveríamos nos surpreender se as coisas acontecessem de outro modo: acumulamos cóleras, humilhações, ferocidades, angústias, lágrimas, delírios e, no fim, nos descobrimos com um câncer, uma nefrite, um diabete, uma esclerose, que nos liquida. É isto aí”**. Dos **“Carnets”**, de Camus: **“Segundo os Egípcios, o justo deve poder dizer depois de sua morte: “Não causei mal a ninguém”; do contrário, será o castigo.****

“Quanto mais devagar bater o coração, melhor: uma vida moderada permite durar mais tempo. Não era isto que um médico traduzia afirmando que todas as emoções, boas ou más, — pensava, sobretudo, no amor, — encurtam a vida?”. indaga Pierre Brodin a Jean Rostand, no longo diálogo com o cientista, constituído pelo livro **“A vida essa aventura”**. E Jean Rostand: **“Naturalmente que o repouso, a calma e a ausência de emoções fortes devem ser favoráveis à longevidade. Mas, uma vida assim letárgica valerá a pena ser vivida? Além disso, uma vida demasiado protegida e preservada não deixaria de ter inconvenientes do ponto-de-vista psíquico. A calma demasiada traria consigo o tédio e o desinteresse...”** — **“Não esqueçamos que aquilo que nos fatiga é também aquilo que nos sustenta e o que nos gasta é igualmente o que nos anima. Vivemos um pouco daquilo que nos mata...”** Isaac Singer, escritor judeu-polonês, prêmio nobel 1978: **“Os filósofos em geral desejam o controle das emoções — especialmente um homem como Spinoza, que considerava condenáveis todas e quaisquer emoções ... retire as emoções de um ser humano e ele será transformado em vegetal. As emoções são fundamentais para o ser humano”**. Do escritor Cândido Mota Filho: **“O homem indiferente é o que tem sua personalidade atrofiada, ou que tem a vida sempre diminuída”**.

Proust e suas quatro condições de felicidade: 1) a vida ao ar livre; 2) o amor de um ser; 3) o desapego de toda ambição; 4) a criação.

Trecho do **“Diário Íntimo”**, de Kafka, que o escritor brasileiro Hélio Pellegrino considera uma fórmula de vida, a que gostaria de permanecer sempre fiel: **“Há dois pecados humanos capitais, dos quais todos os outros decorrem: a impa-**



**ciência e a preguiça. Por causa de sua impaciência, foi o homem expulso do paraíso. Por causa de sua preguiça, não retornou a ele. Talvez não exista senão um pecado capital, a impaciência. Por causa da impaciência, foi o homem expulso, por causa dela não consegue voltar. Tenhamos paciência — uma longa, interminável paciência — e tudo nos será dado por acréscimo”.**

Reflexo de uma personagem de “As Meninas”, romance da Lygia Fagundes Telles: “... nós, as criaturas humanas, vivemos muito (ou deixamos de viver) em função das imaginações geradas pelo nosso medo. Imaginamos conseqüências, censuras, sofrimentos que talvez não venham nunca e assim fugimos do que é mais vital, mais profundo, mais vivo. A verdade, meu querido, é que a vida, o mundo dobra-se sempre às nossas decisões. Não nos esqueçamos das cicatrizes feitas pela morte. Nossa plenitude, eis o que importa. Elaboremos em nós as forças que nos farão plenos e verdadeiros”.

A contraditória complexidade da natureza humana nos conduz, entretanto, por outros caminhos, entre os quais aquele colocado sob o signo do provérbio chinês: **“O homem não vive cem anos e cria-se preocupações por mil”**. Shakespeare, em “O mercador de Veneza”: **“É perder a vida comprá-la por demasiados cuidados”**. A sabedoria oriental, a este respeito, é precisa. Veja-se outro provérbio chinês: **“Um homem pode possuir mil acres de terras, mas dorme numa cama de dois metros”**.

Jules Romains, em “Knock”: **“Todo ser bem de saúde é um doente que se ignora”**. Definição de um fisiologista espirituoso: **“A saúde é um estado precário que não pressagia nada de bom”**. Conformismo filosófico de Paul Morand, em “Mon plaisir em littérature”: **“Nunca nos curamos; aprendemos a conviver com nossas doenças”**. Conclusão de Maurice Druon, em certo trecho de “Les Rois Maudits”: **“Cada homem que morre, é o homem mais pobre do universo”**. Em “O sentimento trágico da vida”, Unamuno recorda a história de pobre lavrador, morto num leito de hospital. Quando o padre fez-lhe, sobre as mãos, as unções dos últimos sacramentos, recusara-se a abrir a mão direita, fechada sobre algumas moedas sujas, sem se dar conta de que, num instante próximo, nem sua mão nem ele próprio seriam mais dele. Título interrogativo, de uma parábola de Tolstoi: — **“Qual a quantidade de terra de que uma criatura humana precisa para viver?”**. No final, a morte responderia: **“Tens necessidade apenas da terra exigida para a tua sepultura: seis pés, da cabeça aos dedos dos pés”** — Não teria razão, então, o poeta que, desencantadamente, exclamou: **“Dizem-te uma terra e és apenas um túmulo”**?

Em carta ao escritor norte-americano Archibald Macleish, escreve o poeta Saint Jonh Perse: — “Da Ásia, e sobretudo da Ásia Central, extra-planetária e extra-temporal, eu poderia dizer-lhe, pretenciosamente, que me prodigalizou uma medida ampliada do espaço e do tempo ...”

“Gostaria mais, entretanto, de contar-lhe esta lembrança, que em mim anula muitas outras: à soleira de uma cabana mongólica, em pleno deserto de Gobi, um dia, ao montar no cavalo, fiz com que me traduzissem uma bela frase gutural de um Lama errante da grande seita vermelha: **“O homem vive em casa, mas morre no deserto ...”** Durante dias e dias, no curso de longas cavalgadas, moi e remoi esta frase, sensível ao paladar de um Ocidental que nunca está seguro de haver lavado bastante a boca de todo o ressaibo romântico ... até o dia em que, num mosteiro de Lamas, à saída do deserto, me foi dada a trivial explicação: o homem moribundo



**deve ser exposto fora da tenda, para não contaminar a morada dos vivos”.**

Numa resposta a discípulos que foram ao seu gabinete no Colégio de França, a pedir-lhe uma orientação para a vida, sugeriu Renan: **“Procurai compreender”**. Da compreensão nascem a tolerância, a indulgência, a piedade, mesmo o bom humor. Palavras finais de uma página de Bernanos, no álbum de autógrafos de uma moça brasileira: **“É necessário superarmos a vida. Mas a única maneira de superar a vida é amá-la. E a única maneira de amá-la é prodigalizá-la sem medida. Todos os pecados capitais juntos causam, no homem, menos dano que a avareza e a secura do coração”**. Há um personagem de Dickens, em *“Martin Chuzzlewit”*, que tem um papel curioso. É Mark Tapley, criador, do albergue do Dragão, cujo fim, na vida, é manter-se de bom humor no meio de circunstâncias difíceis. Divisa de Collette, que envelheceu sem amargura, embora a doença e o sofrimento: **“Observa. Aceita. Admira. E detém-te apenas para morrer”**. Conselho estoico de Amado Nervo: **“Nada te pode acontecer que não mereças. Vive sem cuidado”**. Em *“Balthazar”*, Lawrence Durrell insistirá: **“...somos nós os criadores dos nossos infortúnios e neles se encontram as nossas impressões digitais”**.

A frase de Gide, atrás mencionada, ensina, sobretudo na sua parte final, o resultado melancólico de todo esforço e de todas as lutas sobre a terra. Na abertura de *“Le malheur d’aimer”*, o romancista Claude Roy interroga menos do que exclama: **“Existe, porém, tempo que não seja contado, amor que não tenha seu termo, e vida que não possua seu fim? Não é necessário que nossos olhos estejam fixados sobre um dia designado, sobre uma hora certa, para que saibamos que tudo o que amamos nos será arrancado, ou que seremos retomados de tudo o que amamos”**. Então? E a promessa poderosa dos versos de Ezra Pound?: — **“O que tu muito amas, permanece, o resto é detrito/ o que tu muito amas não te será arrancado/ O que tu muito amas é teu verdadeiro bem”**.

Compensação razoável às humilhações inevitáveis, eis a visão profética de Claude Bernard: **“Estou persuadido que um dia virá em que o fisiologista, o poeta e o filósofo falarão a mesma linguagem e todos se entenderão”**. Num dos seus livros da última década do século passado, Tchekov atribuía a um de seus personagens reflexões paralelas, embora o pessimismo pessoal da conclusão: **“As ciências morais só satisfarão o pensamento humano quando, no decorrer de sua evolução, se encontrarem com as ciências exatas e andarem com elas de mãos dadas. Não sei se este encontro se dará sob o microscópio, ou nos diálogos de um novo Hamlet, ou numa nova religião, mas creio que, antes de isso acontecer, a terra se cobrirá de uma nova camada de gelo ...”** No romance *“A vela ao vento”*, do russo Soljénitsyne, Alex, sua figura principal, inquirere: **“Por que a ciência?”** Responde-lhe um amigo que a ciência é a alma do século XX. Réplica incisiva de Alex: **“Ou sua ausência de alma”**.

— E o cálculo de Sartre? **“O homem não é a soma do que possui, mas a totalidade do que ainda não tem, do que poderia ter”**. Grande compensação, indispensável de aqui ser igualmente fixada. Esta anotação do *“Diário”* de Miguel Torga, volume VII, Coimbra, 29 de junho de 1956: **“A Criação do Mundo”**, de Haydn. De vez em quando, Deus encontra alguém à sua medida”. Em suas *“Memoires”*, escrevia Romain Rolland: **“Cabe-nos completar a obra da Criação! “Deus criou o**

homem”, diz-se. Mas o homem lhe retribui à altura! Está longe de haver acabado de criar Deus” — De muito distante, no tempo, vem o eco da voz de Sófocles, em “Antígona”: **“Maravilhas há muitas, mas nenhuma tão estranha e terrível como o homem”**. Em sua “Oração aos Moços” dirá Rui Barbosa: **“O Criador começa e a criatura acaba a criação de si própria”**. O que confere validade à observação de Cervantes: **“Cada homem é como Deus o fez e às vezes pior”**.

— **“Ô tu, que tens todos os nomes ...”**, invocava a inquietação aristotélica face ao Infinito, visando possivelmente fixar a Unidade fundamental sobre a multiplicidade de suas manifestações ... Diógenes Laércio restaria, ao contrário, dentro de suas fronteiras sem saídas: **“Quanto aos deuses, não posso saber o que são nem o que não são; demasiados obstáculos se opõem a tais indagações, obscuridade do assunto e brevidade da vida”**. **“Nada é certo”**, repetia o ceticismo de Pirro, seguro embora de que, pela impossibilidade de atingir a verdade, seria preferível abster-se de todo julgamento. Conta-se dele, por isso mesmo, que seus discípulos não choraram sua morte, pois não estavam certos de que ele houvesse morrido. A propósito: Anatole France, outro relativista, considerava a pergunta **“Que é a verdade?”**, feita por Pilatos a Jesus, como a mais profunda que ainda se formulara na terra. Adendo do norte-americano Will Durant: **“Na realidade, todas as demais questões dependem dela”**. De contexto, assim, superiormente metafísico, ela constitui, também, uma simples categoria de comportamento, de que se alhearia, contudo, à semelhança de tantas criaturas humanas, o personagem de um romance de Christine de Rivoyre, **“Le bord de la mer”**: — **“A verdade?”** Como se isso arranjasse a vida ...”

Por volta de 1910, o poeta néo-grego Konstantinos Kavaphis escreveu o poema **“Esperando os bárbaros”**. Como de tantos outros de sua raça, sua poesia se exprime em signos, oráculos, premonições, perplexidades, submissões à fatalidade dos destinos. Otto Maria Carpeaux assim traduziu-o em prosa:

4 — **“Que esperamos, reunidos aqui na praça? — É por que hoje chegam os bárbaros. Por que os senadores estão tão apáticos? Por que não fazem leis? — É porque hoje chegam os bárbaros e eles vão fazer as leis. — Por que nosso imperador espera às portas da cidade, revestido da coroa e com ar solene? — Porque hoje chegam os bárbaros e o imperador receberá o chefe deles e lhe conferirá títulos honoríficos. Por que nossos cônsules e outras autoridades estão tão festivamente vestidos, ostentando braceletes de ametista e anéis de ouro? — Porque hoje chegam os bárbaros e as jóias costumam deslumbrá-los. — Por que os nossos oradores não falam com sua habitual eloquência? — Porque hoje chegam os bárbaros e eles não apreciam as belas frases e os discursos compridos. — Por que, de repente, essa perturbação geral? Por que as ruas e as praças ficaram vazias e por que todos voltam para casa, de caras sombrias? — É porque chegou a noite e os bárbaros não chegaram, e das fronteiras voltaram pessoas afirmando que não existem bárbaros. — E agora, que será de nós sem os bárbaros? Teria sido uma solução”**.

Nos seus “Carnets”, argumenta Montherlant: “Enquanto os Bárbaros avançavam sobre Bizâncio, os doutores bizantinos discutiam o sexo dos anjos, para irrisão da posteridade. Mas sendo doutores, e apenas doutores, que outra coisa desejaríeis que eles fizessem? E se eles tivessem discutido “problemas da hora”, tal circunstância haveria detido os Bárbaros? Em vez de vê-los abandonar o terreno por qualquer melancólico abrigo, admiro que esperem a morte com tranquilidade e des-



denhem mudar o que são, por pouco que seja”.

Eis uma nobre tentativa de reabilitação dos doutores bizantinos, que não parecia tardia se ajuntarmos ao conceito de Gide a conclusão de Valéry de que “as civilizações também são mortais”. A hora de Bizâncio havia soado e seus filósofos e sábios não teriam condições próprias para modificar o rumo dos destinos. Bizantinismo por bizantinismo, verificou-se sempre o fenômeno um pouco por toda parte, em épocas diversas da história, inclusive sem a presença de Bárbaros ... Em 1629, por exemplo, quando começava a espalhar-se na França a moda dos “salões” literários, na corte ou nas cidades, e a Preciosidade neles fazia sua entrada, em pompa e circunstância, formou-se um grupo em torno do poeta Valentin Conrart, reunindo-se uma vez por semana, para ouvir a leitura de versos, comentar as obras do dia, e entreter-se de uma espécie de “Escolástica mundana”, pois o gênero de temas que se discutia era, galantemente, do seguinte teor: “Do amor dos espíritos”, “Do amor dos corpos”, “Das correlações que existem entre o amor e a amizade”, etc ... Esse grupo, de que fazia parte o poeta Boisrobert, familiar de Richelieu, acabou, como é sabido, sendo o núcleo inicial da Academia Francesa, por cartas patentes de Luís XIII, que lhe deram, assim, um patrocínio oficial.

Protestatário, anti-bizantino, eis como se ergue a voz de Bertrand Russell, na estigmatização do já citado fato histórico, comparando-o com certas manifestações atuais: **“O império romano desabava, mas os Padres da Igreja disso não cuidavam. O que os preocupava era a maneira de preservar a virgindade. Para eles, tal coisa era muito importante ... Hoje, a espécie humana também se desmorona e vejo eminentes eclesiásticos para quem todo o problema está em impedir a inseminação artificial: acham isto muito mais importante que impedir a guerra mundial que nos extermine até o último. Há, em tal atitude, a meu ver, como uma falta de senso das proporções”**.

De dentro da tumultuária multidão livresca, Jacques de Lacretelle escolhe e define: **“Os livros de maior preferência são os que trazem uma descoberta e, ao mesmo tempo, satisfazem uma expectativa”**. Conceito do americano James Farrell: **“A literatura fornece julgamentos sobre as condições, ações, pensamentos, situações, meios, esperanças, desesperos, ideais, sonhos e fantasias. Ela torna o leitor mais consciente dos problemas da vida”**. É este, de resto, um critério seguido por Reggiani, ator e cantor francês, para a qualificação das criaturas humanas e suas obras: **“Um homem deveria ser julgado pelo que ele dá à geração seguinte, pela ampliação de horizontes que tornou possível ao maior número”**. Os destinos, contudo, não são fáceis de compreensão. E o futuro permanece a incógnita inquietante, a cujo respeito o chinês Li Tai Po (701-762) filosofava: **“Lamentamos-nos pensando no passado. Lamentarmo-nos-íamos mais se pensássemos no futuro”**. Montherlant exemplifica, desencantada, nos seus “Carnets”: **“Lucrécio traz uma concepção metafísica nova ao mundo romano, e a única que convenha a um homem de razão. Sêneca, uma arte de viver pela sabedoria, que é nova igualmente para os Romanos. Petronônio, uma arte de viver pela libertinagem graciosa, de que não tem equivalente a literatura latina. Todos três se suicidam”**.

Na suas “Antimémoires”, André Malraux lembra o episódio do debate entre alguns intelectuais, a que seu pai assistia, e que tinha como tema a permanência do homem através das civilizações: **“Quando o colóquio começou (diz Malraux) meu pai percebeu que havia esquecido a que ponto os intelectuais são uma casta. Por-**



que o pensamento deles busca a adesão, não a prova, porque eles se referem à biblioteca mais que à experiência; embora a biblioteca, afinal, seja mais nobre e menos tagarela que a vida ...” No meio das discussões, “um barbudinho hirsuto (prossegue Malraux).. perdido nas suas melenas brancas, como uma pata de gato num novelo de lã, dissera: “**Notem que os três grandes romances da conquista do mundo foram escritos, um por um ex-escravo, Cervantes; outro, por um ex-sentenciado a trabalhos forçados, Dostoiévski; o terceiro, por um ex-condenado ao pelourinho, Daniel Defoe**”.

Em “Os Lusíadas”, fala Camões de “... os reis, cuja vontade/ Manda mais que a justiça e que a verdade”.

E isto o absolutismo, constatável, igualmente, nas esferas do pensamento e do espírito, mesmo nas regras do idioma. No seu livro “A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil”, o escritor Barbosa Lima Sobrinho conta um pequeno incidente curioso da Roma Imperial, registrado por Max Müller. Tibério, certa vez, empregava uma palavra que os puristas latinos condenavam. O coro dos aduladores solidarizava-se, entusiasta, com a inovação lingüística. Roma falara ... Um dos presentes ao fato, entretanto, não curvou a cabeça e advertiu: “**Tu César, tens o poder de dar o direito de cidadania aos homens, não às palavras**”. No mesmo filósofo alemão, encontra-se, ainda, a menção de outro episódio também lembrado por aquele escritor brasileiro: o imperador Sigismundo declinara, como sendo do gênero feminino, um vocábulo considerado neutro. Um frade, que ouvia, não se conteve na retificação. Indagou, então Sigismundo, quem havia afirmado que a palavra era neutra. O frade respondeu: — “Alexandre Galo”. — E quem era Alexandre Galo? Ao lhe ser explicado, pelo censor, que se tratava de um monge, redarguiu Sigismundo, não sem alguma arrogância maliciosa: — “**Pois bem, eu sou Imperador, e suponho que minha palavra vale tanto quanto a de um frade**”.

Conta-se que, certa ocasião Denis, tirano de Siracusa, perguntava a Arístipo, filósofo grego, para que lhe servia a filosofia. Ao que Arístipo logo respondeu: “**Para conversar com todos os homens, livremente, sem temê-los**”.

(\*) 19º capítulo do livro “A Biblioteca e seus Habitantes”, a sair em edição revista e ampliada.

## ARQUITETURA CIVIL

Oswaldo de Souza

Analisando-se a arquitetura colonial brasileira, verifica-se que suas formas foram esboçadas dentro dos padrões comuns, das edificações de Portugal. Onde melhor podemos apreciar essa influência é nos Estados da Bahia, Minas, Rio de Janeiro, Pernambuco, Pará e Maranhão.

Herdamos de Portugal a mesma tradição na arte de construir, em alvenaria de pedra ou de adobe, o que é fácil de compreender, quando sabemos viver a colônia “impedida de qualquer contacto que não fôsse com o mundo português”, — como observa o arquiteto Lúcio Costa, referindo-se às características da arquitetura civil e religiosa da cidade fluminense de Parati. De 1500 a 1822, estivemos sob um regime colonial de rigorosa observância, obedientes aos moldes do mundo luso, no plano da arquitetura.

Os riscos das edificações civis e religiosas, de então, seguiam as peculiaridades das obras arquitetônicas de Portugal dos séculos XVII e XVIII. Muito raramente introduzimos elementos nossos, só adotados de acordo com as exigências do clima.

Com muita eloquência falam-nos os velhos casarões do Brasil colônia, verdadeiros marcos de uma época, ostentando suas sacadas de grades de ferro, apoiadas sobre verga de cantaria, seus beirais corridos, com as extremidades em “cauda-de-andorinha”, particularmente, bem características da arquitetura colonial brasileira.

Não podemos esquecer, ainda, que os mouros, temporariamente habitantes da Península Ibérica, depois de reconquista pelos cristãos, também inspiraram formas à arquitetura portuguesa que se estenderam até nós; um dos exemplos mais frisantes são os muxarabiês, que, ainda hoje, enfeitam balções de velhas mansões coloniais brasileiras.

Vivendo sob um regime colonial de tão rigorosa observância, submissos aos moldes do mundo português, esse clima perdurou pelo século XIX adentro, mantendo-se o mesmo imobilismo arquitetônico, devido, em parte, às condições sociais e econômicas em que vivíamos.

Só com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, uma nova era surgiu, com a renovação das artes e da cultura, pela Missão Artística de 1816, trazendo para o Brasil uma boa equipe de artistas, sobretudo de arquitetos, sendo de destacar-se Grandjean de Montigny (1776-1850), que teve grande atuação como arquiteto, e deu importante subsídio à propagação das belas artes no Brasil.

**(Excerto do livro: “ACERVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE”, que está sendo editado pela F.J.A.)**

**POEMAS DE ESMERALDO SIQUEIRA**



## INVOCATIO

Verbo! — sombra e clarão, flama que projetastes  
Em formas ideais de música perene  
A alma austera e veraz de Dante Alighieri,  
Transbordante de amor e cóleras divinas!  
Vós pudestes guardar como relíquia eterna  
Os versos de Villon em plangentes baladas,  
Os hinos de Ronsard, a verve de Molière  
E o trágico imortal de William Shakespeare ...  
Taumatúrgico Verbo, que trouxestes  
Dos cárceres malditos para a História,  
Na voz de Chénier, o grito rebelado  
Dos mártires heróis da liberdade;  
Vós, que destes ao **Fausto** as rutilâncias  
Do lirismo filosófico de Goethe;  
Que cingistes de louro a fronte augusta  
De Lord Byron e Percy Shelley,  
Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire ...  
Ó Verbo das estranhas maravilhas,  
Baixai dessas alturas um momento  
Até a mais humilde das mensagens!  
Quem sou não indagueis aos panteões,  
Que lauréis jamais teve o nome meu.  
Eu sou o ardente anônimo devoto  
Da Poesia e da Verdade!  
Perscrutei em silêncio os sentidos ocultos  
De pretensos segredos milenares,  
Cada mito, cada lenda, cada sonho,  
No imenso turbilhão das misérias humanas.  
Descei, Verbo fecundo, ao ignoto retiro  
Onde em ânsias te invoco neste adeus.  
A Morte já vem perto, escuto-lhe a passada.  
Vinde colher a tempo a minha despedida,  
A prova que existi, que não passei em vão  
Como quem não presente ao fim de tudo o nada,  
Nem percebe a ilusão da comédia da vida!

## DOLOR VITAE

Em vez de gemidos e ais,  
Deixa que a vida te leve.  
Já sabes até de mais  
Que o nada te aguarda em breve.

Tudo nos fere. Entretanto,  
Nas ondas do mar de fel  
Há de mistura com o pranto  
Algumas gotas de mel.

Gotas só ... E, mesmo assim,  
Esse ilusório favor  
Tem simplesmente por fim  
Tornar mais vivo o amargor.

**Perdão.** Não sei consolar-te  
Como o bom facultativo  
Que, esgotando os meios da arte,  
Recorre ao paliativo.

Desde a idade de menino,  
Negando infernos e céus,  
Venho cumprindo o destino  
De rasgar todos os véus.

Se és meu igual, não tens cura,  
É natural que de nós  
Ria a pateta figura  
De qualquer Dr. Pangloss.

Que ria, pois, o otimista  
Que vê tudo cor de rosa,  
Conquanto do mundo assista  
À comédia pavorosa.

Também o arrasa a doença,  
Das misérias a coorte,  
Nem o salva a rósea crença  
Do mal da vida e da morte.

Pior que nós, ele passa  
Pela existência perdido,  
Cego em frente da desgraça,  
Sem nada haver compreendido.

Morre, às vezes, centenário:  
Muito comeu e bebeu ...  
Que fez de extraordinário?  
— Durou tanto e não viveu.

Porque, — convém lembrar  
Esta verdade esquecida:  
— Viver não é só durar,  
Mas, entender bem a vida.



## A PEDRA FATAL

Havia uma pedra  
No pé da calçada,  
No pé da calçada  
Havia uma pedra.  
A pedra que havia  
No pé da calçada  
A relva encobria  
Matreira e calada.  
De noite, eu não via  
A bruta cilada,  
Da pedra que havia  
No pé da calçada.  
Na pedra pisei,  
Sinistra pisada,  
O pé desloquei  
Na pedra malvada.  
Havia uma pedra  
No pé da calçada,  
No pé da calçada  
Havia uma pedra.  
Que pedra danada!

**Nota:** — Este acidente de fato me aconteceu, há uns bons vinte e cinco anos, no trecho da rua Correia Teles que desemboca na São Tomé. Lembrando-me de certos versos muito conhecidos de Carlos Drummond, este poema escrevi de pilhéria e sarcasmo, que certamente não agradará a ninguém, mas, pelo menos, me serve de desabafo e divertimento.

## CRÔNICA DE UM DESTINO

(Conto de Esmeraldo Siqueira)

Chamava-se Pisistrato Vitalino, nome, como se vê, um boçado ridículo, mesmo chocante, por causa do apelido famoso, de origem grega, ao lado daquele **Vitalino** de cunho plebeu e cujo feminino se celebrizara hilaramente numa canção zombeteira das solteironas.

Vitalino era filho de mãe sertaneja, Francelina Medeiros, e de pai natalense, o professor primário Sebastião Dionísio, que conhecera Francelina quando fora dirigir o Grupo Escolar de Seridolândia. A moça pertencia a uma das melhores famílias do lugar, não lhe faltavam dotes físicos, possuía algumas letras e prendas domésticas. Sebastião Dionísio já se cansara da vida de solteiro. Em breve, iria completar quarenta anos. Francelina, com cinco lustros feitos, começava a perder a esperança de casar-se. Quis, no entanto, a sorte que o professor se engraçasse dela. O namoro foi meio tímido, como ainda de costume naquele ano de 1924. Sebastião parecia muito mal dotado para as aventuras amorosas. Seu tipo o estava indicando. Pequeno, frágil, com acentuada assimetria facial, pausado e grave na conversa como na marcha. Rigorosamente abstêmio, ninguém o vira nunca fumar nem beber. Quanto a mulheres, havia até quem lhe negasse capacidade viril, tal o recato de sua conduta.

O noivado de Sebastião e Francelina durara quatro meses. Casaram-se festivamente aos 6 de janeiro de 1925. Em setembro deste mesmo ano, justamente no dia da independência política de nossa pátria, nasceu Pisistrato, logo registrado no cartório do tabelião trovaador Leonídio da Cunha. O batizado realizou-se vinte dias depois. Foram seus padrinhos o coronel Inário Pires e sua esposa dona Margarida.

Por que os pais teriam dado aquele nome ao menino?

Dona Francelina teve a culpa do **Vitalino**. Ela cogitou em perpetuar afetuosamente a memória do seu avô paterno, o major Vitalino de Araujo Medeiros. Mas, o **Pisistrato** fora lembrança do professor, que formara o espírito à leitura de pequenos almanaques.

NAs suas palestras, Sebastião Dionísio estava sempre a citar passagens decoradas desses folhetos. REcordava-se de haver lido num deles uma referência à comissão de Pisistrato, retocadora e ordenadora das rapsódias atribuídas a Homero. O nome de Pisistrato, além da raridade, pareceu-lhe sonoro e bonito. E desejou que o filho se enobrecesse com ele. Não censurou a esposa pela escolha do outro nome. Aceitou-o sem discussão, porque — justiça se lhe faça — jamais procurava contrariar Francelina.

Eis aí como nasceu o nome de Pisistrato Vitalino, fruto da erudição almanaqueana do pai e de um sentimento de afeição familiar da genitora.

O casal não estacou no primogênito. Duas meninas nasceram nos anos imediatos, Maria Aparecida e Joséfa Izaura. Pisistrato chegara aos quatro anos de idade, quando esta viera ao mundo. Fisicamente, ele quase nada tinha do pai, exceto os olhos castanhos claros e os cabelos finos e estirados. Tudo o mais denotava a robustez das heranças maternas. Relativamente às qualidades mentais, era ainda cedo



para se falar, mas, pelo modos da criança, de esperteza invulgar, podia-se dizer que não puxava a nenhum dos genitores. Sebastião Dionísio pasmava da facilidade com que o pimpolho, naquela idade, repetia as letras do alfabeto e contava na ordem certa os algarismos. Outros fatos ainda mais confirmavam a precocidade do pequeno, cujo espírito curioso surpreendia às vezes as pessoas grandes. Algumas perguntinhas dele as deixavam em apuros, o que não admira, porquanto, sobre não ser fácil explicar bem seja o que for, o ambiente da criança carecia de capacidade. Mesmo nesse precário meio familiar, ela fez progressos até à idade de entrar numa escola primária. O professor Sebastião, inobstante a cultura de almanaque, pôde ajudar nisso os primeiros passos do filho, que ingressou na classe inicial já sabendo ler e contar passavelmente. Desse ponto em diante, é que se acentuou cada vez mais a faculdade de aprender de Pisistrato.

Não se concluirá desses fatos que o garoto vivia somente para estudos. Absolutamente. Se precoces lhe deram os dons de inteligência, não menos promissores se revelaram os que lhe dera a natureza em relação a vida somática. Sadio e forte, provido de grande vivacidade, Pisistrato, no seu oitavo ano, não ficava atrás dos mais ousados e dextros companheiros em caçadas, montaduras, banhos de açude. Apesar de não ser brigão, nunca se saía mal quando forçado a lutas corporais. Todos em Seridolândia o admiravam, já reconhecendo um bravo homemzinho no filho do professor.

Não existindo em Seridolândia nenhum estabelecimento de ensino secundário, os pais de Pisistrato, ao completar este onze anos e meio, pensaram em mandá-lo para Natal. A família de Sebastião Dionísio, residente nesta cidade, sendo remediada, poderia receber a criança. Sebastião escreveu ao seu genitor, o velho Henrique Dionísio, que, vivendo sozinho com a esposa, também idosa, respondeu ao filho, declarando-se feliz por ter de hospedar o neto. A presença do menino iria alegrar a solidão da casa, de onde todos os filhos haviam desertado à medida que se iam casando.

Francelina encarregou-se minuciosamente do enxoval de Pisistrato. A bonita mala de couro, bem arrumada, fixou pesada de quanto necessitavam o menino em roupas e pequenos objetos de uso pessoal, inclusive material de estudo.

Certo, seria absurdo supor que Pisistrato não experimentava abalo algum nessa brusca mudança de hábitos. Quase doze anos vividos em Seridolândia, sem nunca se haver afastado de lá, representavam naturalmente uma profunda sedimentação psicológica que o tempo nem as peripécias do mundo poderiam aniquilar. Como apartar-se indiferente das afeições do lar e daquela existência num meio que, apesar de humilde, encerrava, até então, todo o seu universo? Mas ele já era forte, e assistiu sem fraquezas aos preparativos da sua viagem para a capital. No íntimo, sentia a importância da situação, a gravidade de enfrentar outra vida, longe dos seus e das pessoas amigas, num mundo novo para ele, embora a casa dos avós natalenses ainda fosse uma continuação da família.

## II

Aproximava-se o fim do ano de 1937. Pisistrato chegara a Natal no começo de novembro. A casa de seus avós, situada na avenida Rio Branco, do lado da sombra, ficava pertinho do Colégio Estadual e do antigo Mercado Público.

Excursado dizer do carinho da recepção. Os velhos lhe haviam reservado um dos melhores quartos, onde puseram quanto o menino necessitava, inclusive pequena



mesa de estudo e uma estantezinha para livros. Como se avizinhasse a noite, Pisistrato apressou-se em tomar um banho frio, para descansar um pouco da viagem e esperar o jantar, que era servido às sete horas.

Nesse primeiro dia, deitou-se cedo, como se acostumara no sertão. No dia seguinte, é que o avô Dionísio lhe iria mostrar alguns aspectos da cidade. Realmente pela manhã do dia imediato, na companhia do avô, ele pôde ver as ruas centrais da Cidade Alta, o Palácio do Governo, as duas praças vizinhas, a Igreja Matriz, a Prefeitura Municipal, o vetusto Atheneu, o Mercado Público, o pequeno comércio, os bondezinhos de lanternas coloridas. Lembrou-se, então, o velho Dionísio de mostrar o mar ao neto. Para isto, no Grande Ponto, tomaram o bonde de Petrópolis, o de lanterna vermelha. Dentro de poucos minutos, estavam na avenida Getúlio Vargas, onde saltaram. Encostados à balastrada de cimento, puderam ambos contemplar o panorama do Atlântico, um dos mais belos e grandiosos da natureza. Pisistrato demorou-se algum tempo calado, absorvido no encanto daquele infinito azul das águas. Na sua terra, nos bons anos de inverno, ele vira os açudes sangrando, as enchentes tumultuosas dos rios, mas, como agora lhe pareciam insignificantes e mortosas aquelas massas líquidas diante do oceano e da contínua agitação de suas vagas.

Vovô Dionísio despertou-o do êxtase, apontando-lhe ao fim de longo renque de arrecifes, à entrada do Potengi, o forte dos Reis Magos, conhecido do neto somente de nome num dos compêndios do seu curso primário. A criança recordava-se de terem sido os portugueses os seus construtores.

A hora avançava, e resolveram aguardar o bondezinho, que não tardou. De volta, ia Pisistrato desabafando o seu deslumbramento pelo que descortinara naquele trecho do bairro petropolitano. Em casa, enquanto preparava o almoço, vovó Marcionila escutava embevecida as impressões do neto. Jurava-lhe que ele conheceria em breve outros formosos lugares de Natal, o Tirol, por exemplo, com os seus morros verdejantes, os sítios, as largas ruas e avenidas, as casas ajardinadas.

Pisistrato, cuja natural curiosidade desejava conhecer todos os bairros e recantos da cidade, tinha, entretanto, no momento, uma preocupação maior. Faltando menos de dois meses para a realização dos exames de admissão ao Atheneu, ele precisava de informa-se logo de tudo, antes de inscrever-se. O avô o orientaria, sem perda de tempo, pois Pisistrato queria aproveitar em estudo os dias ainda restantes.

### III

Finalmente, chegara, no Atheneu, a época das provas para o concurso vestibular. Pisistrato, além da base adquirida no curso primário, aplicara-se até à véspera dos exames, que duraram uma semana. A secretaria do Atheneu, ao cabo de quarenta e oito horas, divulgou com as respectivas notas as listas dos candidatos aprovados em cada matéria. Entre eles, lá estava o nome de Pisistrato Vitalino. Obteve boa classificação. Ao júbilo dessa vitória acrescentou o de comunicá-la de imediato, por telegrama, aos seus pais, o professor Sebastião e dona Francelina. Em casa, os avós se sentiam orgulhosos do neto e não cabiam em si de alegres. O menino passou a merecer uma espécie de adoração.

Convém salientar que Pisistrato era pouco vaidoso, mas já possuía certo senso de responsabilidade. Pensava na sua situação como aluno do Atheneu, em como haveria de ser a disciplina no velho educandário, a competência dos mestres, a convi-

vência com os colegas, a nova etapa, em suma, que a vida lhe impunha como desafio. Conquanto inexperiente, ainda no limiar da adolescência, algo de precoce o impulsava à luta, dava-lhe mesmo por antecipação o voluptuoso prazer dos esforços que teria de empregar para desenvolver a inteligência e tornar-se respeitado no mundo.

Abertas as matrículas, foi ao Atheneu e matriculou-se. As aulas começariam nos primeiros dias de março. Tinha, portanto, mais de um mês de folga. Não iria encostar os livros nesse período, mas o aproveitaria especialmente para ampliar os seus conhecimentos sobre Natal. Desta vez, prescindiria de cicerone. Sentia-se capaz de mover-se sozinho.

Um dia, de fato, tomou o bonde do Tirol, o de lanterna roxa, e pôde maravilhar-se do ar pitoresco e saudável desse bairro privilegiadamente engastado no ponto mais alto da cidade.

Noutro dia, tomando o bonde de lanterna verde, o do Alecrim, saltou na praça Gentil Ferreira e, a pé, andou percorrendo ruas e avenidas desse bairro operário, o menos rico, embora o mais populoso e trabalhador.

Deixara para visitar por último a Ribeira, bairro comercial, e as Rocas, o trecho mais humilde e pobre da capital, antigo recanto de pescadores. O bonde de lanterna amarela levou-o à Ribeira, onde constatou o predomínio do comércio e admirou, na praça Augusto Severo, o teatro Carlos Gomes. Do cais Tavares de Lira, observou o rio Potengi. Havia dois navios ancorados, pequenas embarcações, alguns remadores do Esporte Clube de Natal e do Centro Náutico em suas ioles esguias e rápidas. Ao longe, avistou as arcadas de ferro da ponte de Igapó e, do outro lado do rio, na vizinhança da barra, a praia da Redinha.

Antes do início das aulas, Pisistrato já se fizera senhor da topografia de Natal e de parte da sua toponímia. Experimentara mesmo, com alguns colegas do Atheneu, os banhos de mar nas praias do Forte, do Meio e Areia Preta. Repetiria, depois, quanto pudesse esses momentos deliciosos, tão necessários ao corpo como ao espírito.

#### IV

O Atheneu Norte-Riograndense parecia uma colmeia, com a reabertura das aulas. Alunos do ginásial e do colegial, desde as sete horas da manhã se misturavam e se moviam agitados nas apertadas dependências do prédio, espalhavam-se mesmo por fora, pela calçada, onde, na balaustrada que a limitava, alguns se sentavam ou se acostavam para conversar e espiar o movimento da rua Junqueira Aires. Os cursos estavam funcionando pela manhã até ao meio-dia e, à tarde, das treze às dezessete horas. Como de ano para ano viesse crescendo o número de alunos, funcionava também um curso noturno.

O turno da 1ª série do ginásio era matinal. Pisistrato comprara os livros adotados e munira-se de cadernos para apontamentos. Não dispunha ainda de experiência que o capacitasse a julgar os professores, conquanto das primeiras aulas já houvesse feito juízo desfavorável. Entretanto, antes de findo o semestre, sua opinião estava formada tanto acerca dos professores como dos bedéis e funcionários do Atheneu. Não se fazia mister, aliás, ter mais idade ou aptidão psicológica, a fim de bem avaliar as virtudes e os defeitos daquela gente. À mentalidade de Pisistrato apareceram simples demais os personagens do drama, a partir do diretor do



estabelecimento, professor Benedito Maciel, homem encanecido no magistério, ocupante da cadeira de inglês. Este professor cingia-se ao ensino de regras de gramática. Não falava o inglês nem lhe conhecia nada da literatura. O professor de história do Brasil, Jesuino Camargo, mal sabia os fatos elementares de nossa história. Era, contudo, rigoroso nas notas, ao contrário do professor Benedito.

Exceção dever-se-à fazer em favor de dois mestres: Jacinto de Medeiros e Leonardo Silveira.

O professor Jacinto lecionava português. Suas aulas despertavam interesse, porque ele sabia motivá-las, casando inteligentemente gramática e literatura.

Quanto ao dr. Leonardo, da cadeira de francês, prendia os alunos pela facilidade de uma exposição simples e clara, acessível a todos.

É óbvio que incorreríamos em péssimo gosto, se fôssemos minudear o concernente a cada uma das séries do curso completo de Pisistrato. Da parte ginásial citamos alguns professores, como iremos fazê-lo no tocante à parte colegial.

Os quatro anos do ginásio correram depressa. O menino agora era quase homem, em plena vigorosa adolescência, de estatura acima da média, boa aparência, amante dos livros e dos esportes. Do sertão já viera bom nadador, aprendera aqui a remar, como sócio do Centro Náutico Potengi. Atinente ao futebol, raras vezes o praticara, abandonando-o definitivamente por julgá-lo grosseiro e nocivo. Sua amior delícia eram os banhos de mar.

Aos dezesseis anos de idade, quadra da vida geralmente povoada de sonhos, que estaria acontecendo na alma de Pisistrato em relação aos sentimentos? Sob outros ângulos, já o conhecemos, mas os problemas do coração, no referente à mulher, ainda não o haviam perturbado. Ele não era um romântico, uma natureza susceptível de arrebatar-se por qualquer grande paixão amorosa. Tivera, até então, uns flertes inconsequentes com algumas mocinhas da sua idade. Sabia-se capaz de ser amigo, nunca de se tornar apaixonado. Reconhecia, no entanto, a beleza de certos poemas líricos em que se adorava o amor como divindade. Apesar disso, jamais escrevera ou pensara em escrever um verso. Temperamento equilibrado, sem excesso em nenhuma direção — eis o que ele demonstrava ser. Desta forma, se tivesse de escolher uma carreira, de certo não seria a das artes ou da literatura. Pisistrato, pelo que nos deixava entrever, prefereria dedicar-se às ciências exatas. Para essa preferência, indispensável é dizê-lo, em nada contribuíram os professores do ginásio. Ele fora obrigado a tornar-se autodidata.

Particularidade importante da índole de Pisistrato: ele sempre se manifestara indiferente em matéria de religião, se bem que procedesse de uma família católica. Nascera refratário a misticismos ou crenças em seres e fenômenos sobrenaturais. Evitava, inobstante, disputas a respeito, para não magoar os parentes.

## V

Corria o ano de 1942, o quarto da segunda conflagração mundial. Pisistrato, cursando o colegial científico, não era indiferente aos acontecimentos da guerra em que o próprio Brasil se achava envolvido, mas os programas de estudo lhe absorviam a maior parte do tempo. O Atheneu não evoluira em nada: professorado medíocre miseravelmente pago, falta de laboratórios, de museus, de bibliotecas, até de condições higiênicas. Os responsáveis pelas cadeiras de ciências físicas e naturais davam aulas teóricas ridículas. Nenhuma prática. Permaneciam jejunos os es-



tuantes em assuntos de todo imprescindíveis à verdadeira cultura científica, porque mesmo os mais aplicados, os autodidatas, sem lições práticas, dificilmente conservariam na memória as noções aprendidas somente na leitura dos compêndios de química, de física e de história natural.

O ambiente moral do Atheneu, além do mais, não se recomendava. Os bedéis desapontavam Pisistrato. Um deles, cafuso pernóstico e hipócrita, costumava rasurar por dinheiro as notas dos estudantes vadios, valendo-se da conivência de alguns funcionários. Muitos reprovados foram promovidos desta maneira. Por outro lado, o cafuso Lago sofria de desejos libidinosos que o atormentavam no meio das alunas, pois nesse tempo já havia turmas de moças no Atheneu. O freudeano rasurador procurava disfarçadamente sentir-lhes o contacto, tocar-lhes partes do corpo com a mão, a ponto de os outros bedéis o notarem e cochicharem entre si zombeteiramente. O bedel João de Azevedo Bezerra vivia de expedientes, enganando os professores com promessa de serviços que nunca prestava. Um outro, o Antônio Aranha, distinguia-se pela pusilanimidade. Apenas um, o Vicente Gesiel, se portava humilde e correto nas funções.

Numa semelhante ambiência, Pisistrato sentia-se contrafeito. Profundo nojo moral o constrangia, mas não se deixava abater. Estudava num afan supremo, para compensar pelo menos em parte as deficiências escandalosas do ensino. Livrescos embora, seus estudos mormente de física, de química e história natural lhe forneciam uma base razoável que mais tarde ele poderia desenvolver num meio melhor. Se bem que concentrasse a maior parte do tempo no manuseio de livros didáticos, pôde ler algumas obras de autores mundialmente famosos. Grande, por exemplo, lhe foi o entusiasmo ao travar relações com os magistrais volumes de Haeckel, Darwin, Huxley, Spencer e Buchner, na Biblioteca do Estado. Sua vocação de livre pensador incrementou-se notavelmente. Percebeu que havia terminantemente descoberto o seu rumo.

## VI

As provas finais se estavam realizando na segunda quinzena de novembro, enquanto já se apresentavam os preparativos da colação de grau da turma de 1944. Os pais de Pisistrato viam assistir à solenidade de formatura no Teatro Carlos Gomes.

Supérfluo referir o bom êxito dos exames do rapaz.

No dia quinze de dezembro daquele ano, às 8 horas da noite, realmente se efetuou a cerimônia da diplomação. Sebastião Dionísio e dona Francelina de comovidos tinham os olhos úmidos. Os avós não se achavam menos enternecidos. Todos, por fim, abraçaram o rebento querido.

Na casa da avenida Rio Branco organizara-se uma ceia especial em homenagem a Pisistrato. Além dos pais e dos avós, havia pessoas amigas. As irmãs de Pisistrato não puderam comparecer.

Mais uma vez se abria diante do jovem, na sua marcha para o futuro, uma nova perspectiva. Conquistara um diploma que lhe permitia candidatar-se a um curso superior. Que resolução tomaria ele? Deveria decidir-se logo ou esperar mais um ano? Caso não quizesse perder tempo, urgia escolher uma das faculdades de Recife, pois, quando mais não fosse, havia razão de peso para isto. Naquela cidade residia um irmão de seu pai, o dr. Manfredo Dionísio, pediatra de vasto conceito.

Esse tio, homem de uns sessenta anos de idade, era casado, mas os dois filhos que tivera se haviam também formado, tinham constituído família e viviam independentes noutros Estados. Ele bem poderia hospedar o sobrinho. Sebastião, antes de regressar a Seridolândia, debateu o assunto na presença de Pisistrato. Depois de tudo conversado, assentou-se em escrever imediatamente uma carta ao dr. Manfredo. Conquanto este não fosse pobre, propunha-se-lhe o pagamento de uma mensalidade pela hospedagem do sobrinho. O professor redigiu a carta e a botou no correio, via expressa. A resposta chegou quatro dias depois. Estranhara o dr. Manfredo a proposta de dinheiro. Declarava possuir recursos suficientes e viver sozinho com a esposa. Era-lhe, portanto, agradável ter em casa o sobrinho, que ele considerasse como filho. Noutro tópico da resposta, pedia que o avisassem por telegrama da ida de Pisistrato. Realizando-se em fevereiro os vestibulares dos cursos superiores, este deveria estar logo em Recife, a fim de dispor de tempo para se preparar e preencher as formalidades da inscrição.

As tendências de Pisistrato, unidas à circunstância de ter um tio médico em cuja iria morar, indicavam a escolha da carreira. Optaria, de fato, pelo curso médico.

Tratou-se sem demora de fornecer a mala do estudante, de modo a lhe não faltar nada. Ele estaria em Recife, viajando pelo Itanagé, no dia 27 de dezembro, conforme telegrama dirigido ao dr. Manfredo.

## VII

Pela manhã do dia 27 de dezembro de 1944, o Itanagé se aproximava do porto de Recife. Pisistrato embarcara à tarde do dia anterior. O navio fizera o percurso à noite. Ao amanhecer, já acordado, ele avistava primeiro Olinda, através da vigia do camarote.

Ancorado o navio e permitidas as visitas, o dr. Manfredo foi a bordo receber o sobrinho. Não houve dificuldade em se reconhecerem. O dr. Manfredo, depois de abraçar o rapaz, levou-o ao seu carro particular, incumbindo a um carregador do transporte da mala.

Em menos de quinze minutos, estavam em frente de bonita chácara ajardinada, na rua Conselheiro Portela. Era a residência do médico. Uma elegante placa, por sinal, o anunciava: DR. MANFREDO DIONÍSIO — PEDIATRA.

A esposa do facultativo veio receber Pisistrato, a quem acolheu afetuosamente. Um dos criados da casa conduziu a bagagem.

Na residência dos avós ele tivera conforto suficiente. Aqui, na mansão dos tios, tudo parecia mais amplo, mais confortável. Havia mesmo luxo. O quarto que lhe destinaram, com duas dimensões do que deixara em Natal, tinha todas as comodidades. A situação da rica vivenda, num dos pontos centrais da capital, ainda podia considerar-se uma excelente vantagem.

Não sendo emotivo, antes um espírito controlado, Pisistrato meditava satisfeito sobre o que lhe estava acontecendo. Recolhido ao seu aposento, onde mãos inteligentes e delicadas haviam tudo posto em ordem, sua primeira idéia foi escrever aos pais e avós. Duas cartas redigiu em que relatou miudamente as impressões da viagem, da chegada e da instalação na casa dos tios. Pediu, depois, a um empregado doméstico que puzesse as cartas no correio. Naquele dia, não sairia à rua. Esperaria que o tio Manfredo lhe mostrasse Recife. O médico, apesar de bastante atarefado no expediente do consultório, na clínica particular e num serviço de hospital, ar-



ranjaria tempo para isso, um domingo, por exemplo. Urgia, ademais, pensar na Faculdade de Medicina. Ocorrendo em fevereiro os vestibulares, Pisistrato precisava de inscrever-se e adquirir o programa dos exames. Foi o próprio dr. Manfredo quem, à hora do jantar, se reportou a essas questões. No dia 29, um domingo, ele, sua esposa Almerinda e Pisistrato percorreriam REcife de automóvel, no intuito primordial de ensinar ao sobrinho a orientar-se na cidade. Quanto à Faculdade de Medicina, logo na segunda-feira, durante o expediente da manhã, daria um pulinho lá com Pisistrato. O dr. Manfredo conhecia alguns professores, que o estimavam. Valer-se-ia dessas relações, caso necessário.

Naquele domingo de radioso verão, após o café, o dr. Manfredo, a esposa e o sobrinho saíram para o passeio programado. Recife, de vivo trânsito nos dias úteis, aos domingos chegava a parecer uma cidade morta, de ruas quase desertas, as casas comerciais fechadas, raros carros trafegando. Essa paralisação do movimento urbano, inconveniente no sentido de esconder a verdadeira vida recifense, em compensação tornava muito mais fácil o percurso através da cidade.

O dr. Manfredo ministrou-lhe uma lição circunstanciada sobre o que iam observando. O rapaz aprendeu nomes de ruas, de praças, de pontes, de edifícios, de monumentos. Percebera o essencial em duas horas de automóvel. Gostou da vista das pontes sobre o Capibaribe, mas este rio se lhe antolhou pequeno e feio, comparado ao Potengi. A praia de Boa Viagem, desprovida da graça pitoresca das praias de Natal, também lhe não causou entusiasmo.

Na volta, veio recapitulando o que vira pelo caminho. Como na manhã do dia seguinte tivesse de ir à Faculdade de Medicina, o dr. Manfredo deixara de mostrarlha.

Continuava funcionando no Derby aquela faculdade. Às nove horas da manhã do dia marcado, tio e sobrinho a estavam visitando. Informaram-se na secretaria de quanto precisavam, percorreram o prédio e o julgaram pobre e acanhado. O dr. Manfredo, formado no Riô de Janeiro, nunca penetrara na Faculdade de Recife. Penalizou-se de vê-la assim modesta e desaparelhada. Notando a decepção do jovem, procurou tranquilizá-lo, explicando-lhe que a medicina se aprendia nos bons hospitais e na prática da clínica. Neste particular, Recife já possuía um meio hospitalar em progresso, além de seus nosocômios não ficarem distantes e serem franqueados às observações e aos estudos dos acadêmicos de medicina.

Não eram ainda onze horas, quando o tio e o sobrinho, de regresso, se apearam à porta de casa. Dona Almerinda os esperava. Conversaram os três. Estava tudo certo, atinente às provas vestibulares de fevereiro. Conversaram os três. Pisistrato dispunha de pouco mais de um mês para rever o que sabia e melhorar seus conhecimentos. Esses exames, até então, gozavam da fama de fáceis, sendo todo ano reduzida a percentagem dos reprovados.

## VIII

Fevereiro de 1944. Centenas de estudantes de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, inclusive algumas dezenas de moças, prestaram exames vestibulares para a Faculdade de Medicina. O Derby esteve em inusitada agitação por



duas semanas. Tantos jovens arriscaram as suas esperanças, sonhando com as vantagens e as honras da profissão médica. Nem todos foram contemplados nessa loteria onde a sorte muitas vezes sobrepuja o mérito. No exemplo de Pisistrato, a aprovação não dependeu da deusa Fortuna. Moço inteligente e estudioso triunfará sempre por merecimento.

Ao saber-se na lista dos aprovados e em privilegiada colocação, telegrafou aos parentes de Natal e Seridolândia. Seu contentamento não tinha a exaltação dos outros aprovados. Que se sentia satisfeito não restava dúvida, mas a natureza, como aliunde o explicamos, não lhe plasmara uma alma de temperamental e de romântico. O em que ele agora começava a pensar era nas responsabilidades dos estudos médicos. De certo, a beleza e a curiosidade desses estudos lhe seriam sumamente gratas, como são os prazeres dos que, bem aquinhoados de espírito e de caráter, consideram a cultura e a competência os mais nobres e elevados galardões na luta pela vida.

Em casa, os tios, cientes do resultado dos exames, o cumprimentaram risonhamente. Pisistrato já se capacitara do início das matrículas, do local e horário das aulas, das matérias a estudar, do nome dos professores. Todos os livros adotados existiam na biblioteca do dr. Manfredo. Maravilhou-o a anatomia descritiva de Louis Testut, quatro preciosos volumes, acrescidos da parte de Latarjet e da embriologia de Vialleton. Gastou uma hora a folheá-la, detendo-se abismado nas gravuras coloridas. Pediu ao tio que o deixasse levar para a estante do quarto os livros necessários. Também havia lá uma elegante mesa de trabalho.

Nestas condições, rodeado de conforto material e moral, o novel acadêmico ia encetar uma laboriosa etapa da existência, desta vez ainda mais relevante e decisiva. Não podia ser derrotado.

## IX

Livre ainda de inverno, março ia transcorrendo alviçareiro, de céu claro e azul. Na escola do Derby, o borborinho da juventude estudiosa emprestava uns ares de intensa alegria ao bairro burguês. Os bondes traziam ou levavam, de tempo em tempo, ruidosas turmas de estudantes. Pequenos grupos de rapazes e moças, dispersos aqui e ali, defronte da faculdade, discutiam, naquela azáfama dos primeiros dias de aula, o horário dos cursos, os meios de ensino, as impressões causadas pelos professores. Num dos grupinhos, via-se Pisistrato em conversa animada com os colegas. Ao seu lado, duas jovens não paravam de falar. Uma delas comentava as aulas de parasitologia do professor João Cirne.

— Vocês viram como o velho Cirne desconhece os parasitas e se expressa mal? Não consegue dizer nada de aproveitável. Até parece que sofre de arteriosclerose ou de ...

— Burrice, atalhou a colega entre os risos de todos.

O acadêmico Beroaldo Silveira gabou o catedrático de anatomia, dr. Adolfo Miranda. O anterior ocupante da cadeira aposentara-se, por sorte dos alunos. Deixara fama sinistra.

— Contaram-nos — esclareceu Beroaldo — que esse professor jamais fazia uma preparação anatômica. Suas aulas eram puramente teóricas, mal assimiladas de Testut e em português infame. Exigia, entretanto, minudências absurdas e reprovava sistematicamente os estudantes, se lhe não pagassem, um mês antes das pro-

vas, caríssimas aulas particulares. Constava ainda que cometera crime de morte.

De que nos livramos! — exclamou Pisistrato. Esse homem era um doente mental. Ele pertencia ao corpo docente apenas por ter sido um dos fundadores da faculdade.

A conversa andava por aí, quando se separaram para assistir a uma aula de química.

Digamos de passagem que a cadeira de química geral e inorgânica fora durante anos ocupada pelo professor Gonçalo Alves, que de nada entendia praticamente. Repetia decoradas em suas lições as páginas mediocres de Pecegueiro do Amaral e as parlapatices de Oliveira Xavier.

Ensinava agora a mesma disciplina o professor Paulo Antunes, aprovado em concurso.

Tudo bem considerado, se o primeiro ano da faculdade ainda se ressentia bastante de falhas, sob certos aspectos melhorara, especialmente na qualidade dos mestres.

## X

Ninguém terá o direito de estranhar que, redigindo a simples crônica de um destino, omitamos detalhes concernentes à vida e ao meio de Pisistrato. Minudências à Proust ou à Balzac nos obrigariam a encher centenas de páginas, e, ao que supomos, tamanha prolixidade afugentaria qualquer leitor de fino gosto, além de em nossa época pouca gente ainda dispor de tempo para longas leituras. Assim sendo e pensando deste modo, prosseguiremos sem mudar de sistema.

Vamos acompanhar Pisistrato nos seus estudos, nas suas relações de família e na sociedade.

O dr. Manfredo vinha observando a conduta diligente do sobrinho. Interrogava-o muitas vezes sobre as matérias estudadas. Dava-lhe conselhos práticos. Em certas ocasiões, levava-o ao seu consultório, com a intenção de habituá-lo desde cedo às dificuldades da clínica, aos problemas de diagnóstico e terapêutica. Mesmo na hipótese de o sobrinho não querer ser pediatra, de grande proveito lhe resultaria o conhecimento das doenças da infância, visto se entrelaçarem e se ajudarem todos os ramos da medicina.

Noutras oportunidades, ele e dona Almerinda, acompanhados de Pisistrato, assistiam a representações no Teatro Santa Isabel ou a filmes num dos cinemas da capital. Essas diversões não provocavam somente efeitos recreativos. Abriam os olhos do jovem a um mundo novo, de arte e de beleza, porque nessas casas de espetáculo e de cinema havia muito que observar nos frequentadores. Entre eles, ademais, não poucos eram amigos ou conhecidos do dr. Manfredo, vinham palestrar com ele, indagavam-lhe quem era aquele rapaz, e o ensejo possibilitava a Pisistrato travar relações com pessoas distintas da sociedade recifense. O dr. Manfredo, não tendo senão a esposa, nunca pensava em temporadas de banho de mar. Resolvera, porém, no momento, comprar um apartamento em Boa Viagem. Experimentava, tardios embora, sentimentos paternais em relação ao sobrinho. Não se calcula a satisfação deste, quando o tio lhe comunicou a compra do apartamento. Desde as praias de Natal que Pisistrato ficara adorando o mar. Imaginou quanto prazer desfrutaria, principalmente no período das férias acadêmicas. Prelibando essa felicidade, mais ainda se apegou aos estudos, de forma a corresponder ao gosto do tio.



Encerram-se aos 22 de junho as aulas do primeiro semestre. Uns quarenta dias de folga, portanto, precediam a reabertura dos cursos. Assentou-se em família passar essa temporada no apartamento de Boa Viagem. Na chacara da rua Conselheiro Portela ficariam apenas as crianças, que eram todas de confiança. A dona Almerinda bastava levar uma empregada. Quanto aos afazeres profissionais do dr. Manfredo, não sofreriam queda.

A temporada de praia, robustecendo o físico, tornou Pisistrato eufórico para enfrentar as obrigações do segundo semestre. Os meses sucederam-se proveitosos em estudo e convivência. Da sociedade a inexperiência se lhe atenuara muito, enquanto do trato diário com os colegas lhe surgia uma vida moral nova. Fizera-se íntimo de alguns, impusera-se, por seus modos afáveis, à simpatia das acadêmicas, a quem, às vezes, socorria em problemas de estudo. Uma dessas moças, a paraibana Sílvia Muniz Vieira, lhe merecia mesmo especial consideração. Recorde-se, todavia, que Pisistrato, isento de pendores românticos, não estava sujeito a apaixonar-se. Mas, uma cousa é a paixão, outra, a simpatia, e aquela moça como que viera de molde a interessar-lhe a intimidade da alma até então incólume em matéria de amor. Sérios sentimentos afetuosos lhe nasceram da convivência com Sílvia. Vê-la e ouvi-la já se lhe haviam tornado uma necessidade. É certo que ela também se lhe prendera, habituada a compreender-lhe a inteligência e o caráter. O atrativo da mocidade de ambos, aliás bem parecidos, reforçou-se naturalmente pela coincidência da carreira que seguiam, pela semelhança dos temperamentos, pelas horas passadas juntos, quase todos os dias, durante as aulas e nos seus intervalos, quando podiam expandir-se completamente. Na aparência, um psicólogo superficial deslindaria entre Sílvia e Pisistrato uma simples camaradagem rotineira. A realidade, contudo, desmentiria essa interpretação. À medida que o tempo se escoava, mês após mês, os dois se sentiam mais aproximados de coração e de espírito. Muitas vezes, estudavam de parceria os programas de exame, ora na casa de Sílvia, ora na de Pisistrato, que apresentara aos tios a colega. As duas famílias contemplavam embevecidas aquela amizade e, por que negá-lo? almejavam a união deles para sempre. Nas provas finais de dezembro ambos foram bem sucedidos. Seriam agora segundanistas. Sílvia, apesar de paraibana, seus pais moravam em Recife, em Casa Amarela. Pisistrato voltaria à chacara da Conselheiro Portela somente depois das férias.

## XI

Os meses de janeiro e fevereiro não foram de flangem para os dois. Pisistrato e Sílvia encontraram-se e divertiram-se bastantes vezes, mas nunca ao ponto de esquecerem de recapitular os assuntos estudados nem de logo irem pensando nas matérias do segundo ano. Rcomeçando as aulas em março, não estavam desabitoados dos livros.

Os novos professores diferiam pouco dos do ano anterior. O de química orgânica e biológica, por exemplo, dr. Arsênio Pinto, igualava em incapacidade o de parasitologia. Suas aulas eram modelos de irrisória embromação.

A cadeira de fisiologia, de básica importância, fora confiada ao dr. Alberto Braga da Rocha, que assombrava os alunos pela inépcia. O mesmo se diga do professor Antônio Lemos, da cadeira de histologia.



Nada aprenderiam os estudantes, não fosse a sua tenacidade autodidática. Nos anos subseqüentes, até ao sexto — pois julgamos inútil demorarmos em cada ano — o ensino médico na faculdade de Recife ficava abaixo da crítica, se exce tuarmos mestres como Jorge Pernambuco, Altino Araújo, Oliveira Bruno, Valério Marques, Mário Gomes, Barreto Lima. Nos hospitais, todavia, as diversas clínicas estavam sempre abertas à observação dos acadêmicos. Estes tinham de cuidar cedo de suas especialidades na prática hospitalar. Para isso, precisavam de obter lugares de assistentes, que nesse tempo não dependiam de concurso, mas da subalternidade e persistência dos candidatos aliados à tolerância e boa vontade dos clínicos, geralmente professores. Em certos casos, o pistolão resolvia as dificuldades.

Sílvia pôde agregar-se à clínica obstétrica da Maternidade do Derby e acompanhar o curso ginecológico do professor Dilermando Fonseca. Quanto a Pisistrato, desejando especializar-se em psiquiatria, conseguiu ser um dos assistentes do dr. Maurício Valenciano, espírito liberrimo. Apesar de seu gosto pela especialidade psiquiátrica, não descurava o aprofundar-se quanto possível nos outros ramos da medicina, em particular na clínica geral e na pediatria. Nesta última, graças à influência do tio e às suas próprias inclinações, que o induziam a frequentar o Hospital Infantil Manoel de Almeida.

## XII

Estreava-se lutuoso 1944, ano da formatura de Pisistrato e Sílvia. Morrera octogênio em Natal o avô Dionísio. Dona Marcionila, agora absolutamente só, aceitou a proposta do filho para ir morar com ele em Seridolândia. Como o trabalho pode consolar de tudo, as sombras dessa morte se foram a pouco e pouco dissipando. Aulas, quefazeres hospitalares, preocupações com os problemas finais do curso e o rumo a seguir depois de conquistado o diploma, todas essas circunstâncias pesavam na situação moral de Pisistrato. E é de registrar-se, entre os fatos de maior relevo, a inquebrantável amizade dele e de Sílvia, que não podiam mais separar-se. As duas famílias, de há muito ao corrente dessa espiritual e simpática simbiose, aspiravam à união definitiva dos jovens namorados. Que par ideal, em verdade, eles formariam! Além da coincidência das profissões, a correspondência das índoles e das mentalidades, sem contar a compleição sadia e o bom aspecto de ambos, que pernunciavam a constituição de um lar onde a harmonia e a higidez reinariam plenamente.

Pisistrato compreendia o presente e raciocinava sobre o futuro. Longe de tendências sentimentais, como o temos repetido, sabia esperar as oportunidades. Por que apressar o que fatalmente teria de acontecer? Ele conhecia bem os pais de Sílvia. Do pai, o advogado Hildebrando de Moraes, ouvira elogios diretos mesmo no dia em que lhe fora apresentado. A esposa, dona Hermengarda, sempre que o via se desmanchava em amabilidade. A certeza dessas intenções amistosas tranquilizava Pisistrato, em vez de inculcar-lhe a idéia de qualquer aqodamento. Assim, os meses de sucederam até às derradeiras provas e formalidades do ano.

Não restava mais dúvida: Pisistrato e Sílvia haviam conquistado o diploma de médicos.

A colação de grau realizou-se no Teatro Santa Isabel no dia 9 de dezembro, às 8 horas da noite. Do Rio Grande do Norte, para assistir à solenidade de doutora-

mento do filho, vieram Sebastião Dionísio e dona Francelina. A avó, muito idosa, não pudera vir. Estiveram presentes os tios de Pisistrato e os pais de Sílvia. Terminada a cerimônia, os recém formados, seus parentes e alguns amigos se dirigiram para a chácara da rua Conselheiro Portela, onde se haviam hospedado Sebastião e Francelina. O casal Manfredo Dionísio preparava festiva recepção aos dois novos escolápios.

Uma surpresa se reservava para todos no meio da festa.

Pisistrato e Sílvia haviam combinado em transformar aquele dia numa data ainda mais memorável, pedindo aos pais que consentissem no seu noivado. De tal modo eles já se pareciam noivos, que o consentimento teria o valor de uma oficialização ou pura formalidade. Em dado momento, ambos se aproximando do dr. Hildebrando e dona Hermengarda, o pedido foi simples:

— Dr. Hildebrando, eu e Sílvia desejamos que o senhores e dona Hermengarda aproveem o nosso noivado.

O advogado riu-se, nada pronunciou, mas abraçou calorosamente Pisistrato.

Sua esposa concordou elegantemente com o noivado, felicitando a filha.

O dr. Manfredo, ciente de que sucedera e tanto já esperava, convidou os presentes a escutarem a boa nova. A alegria da festa prolongou-se até altas horas da noite.

### XIII

Os bons acontecimentos não são comuns. O que se chama de felicidade reduz-se neste mundo a certos casos excepcionais, e estes mesmos duram pouco, pois a própria vida, como afirmou o poeta, é um relâmpago entre duas noites escuras. Daí, pela esmagadora frequência do mal, a dificuldade em achar o que dizer do bem, o embaraço dos melhores escritores em tecer um longo enredo de sucessos felizes. Enquanto isso, as maiores e mais belas obras-primas, sejam em verso ou em prosa, na sua quase totalidade desenvolvem assuntos trágicos ou pelo menos tristonhos. RElembrem-se os dramas de Êsquilo, Sófocles, Eurípedes, as tragédias de Shakespeare, o **Tartufo** e o **Misântropo** de Molière, os romances de Dostoiéwsky, Tolstoi, Goethe, Zola, Flaubert, Maupassant, os poemas de Vigny, Musset, Baudelaire, Leopardi .... Alinharíamos, se quiséssemos, um rol interminável de exemplos nas artes em geral e na literatura de todos os tempos e lugares. Somente a dor é positiva, sustentava Schopenhauer, e é justamente por isso que gera as obras imortais.

Escolhendo um tema como o nosso — a vida de Pisistrato Vitalino, não lhe ignorávamos a espécie de aridez. Evitamos propositadamente engendrar nefastos acontecimentos que nos proporcionassem páginas sombrias capazes de lágrimas ou maldições de leitores impressionáveis. Pisistrato e Sílvia ficaram noivos no mais venturoso concurso de circunstâncias: perfeito entendimento de suas famílias, serenidade de sentimentos, nobre profissão de ambos, segurança econômica, mocidade, saúde, prestígio social. Por este exemplo, se não fosse tão raro, o dr. Pangloss estaria coberto de razões.

As duas famílias apressaram o casamento. Dispensável a descrição do brilhantismo desse matrimônio bemaventurado, numa sociedade sempre disposta a render fervoroso culto aos vantajosamente situados na vida. É bem verdade, todavia, que esse culto às vezes é merecido como no caso dos felizardos desta história.

Pisistrato e Sílvia foram passar a lua-de-mel no apartamento de Boa Viagem. É

fácil de adivinhar o seu estado dalma: nenhum receio no presente e, pela situação que já desfrutavam, uma convicção absoluta de que, na marcha para o futuro, o destino jamais lhe apresentaria obstáculos insuperáveis.



# A FAMÍLIA NO BRASIL

Otto Guerra

## 1 • Introdução

Muito se tem falado e escrito sobre a família, de um modo geral e quanto à família no Brasil existem valiosos estudos, desde os tempos da Colônia, até nossos dias.

Se procurarmos analisar com atenção o instituto da família, divisaremos situações variadas, sendo algo simplista ou esquemático reduzir tudo a um tipo único, seja nas áreas urbanas ou rurais, seja nos diferentes estratos ou camadas sociais.

Na multiplicidade de tantos organismos, podemos fixar alguns traços típicos e universais do singular grupo social primário que é a família, comunidade ao mesmo tempo biológica e sócio-cultural. Ela é constituída, quando completa, pelo homem, pela mulher, pelos filhos, em convivência estreita, abrangendo, por vezes, número mais extenso de pessoas, geralmente ligadas a uma raiz ou tronco comum.

Os especialistas nos diversos ramos das ciências sociais reconhecem na família o caráter de **universalidade**, constituindo, embora suas diversidades, a "instituição mais semelhante, por todo o mundo", no dizer de COOLEY. Tais especialistas consideram pouco provável uma pretendida promiscuidade primitiva no gênero humano. Com efeito, mesmo nos irracionais superiores e em certas aves eles apontam o fenômeno do acasalamento, seja aos pares, propriamente, seja um macho com reduzido grupo de fêmeas.

Um grande pensador que viveu nos recuados anos de 1225 a 1274, São TOMÁS DE AQUINO, já observara que o cuidado da prole exige apoio recíproco do casal, naqueles animais em que os filhotes não têm condições para subsistir sozinhos. Com maior razão isto ocorre na espécie humana, cuja descendência não reclama unicamente a nutrição corporal, exigindo tarefa muito mais demorada, que é a educação, a processar-se no matrimônio, "conatural ao homem", no expressar do santo teólogo ("Suma contra os Gentios, Livro 3, capítulo 122).

De fato, embora a família também exista fora do casamento — e hoje em dia abundam o concubinato, as uniões de fato, delas tomando conhecimento o Estado, por sua legislação, entretanto os Códigos e os próprios costumes dominantes estimulam a constituição da família pela casamento, levando em conta seus efeitos de ordem jurídica, social e espiritual. Somente assim ela é considerada "legítima", conforme a lei brasileira. E se um jurista do porte de DERNBURG não hesita em considerar o casamento o mais importante instituto do direito privado, os teólogos vêem nele o símbolo da aliança entre Jesus Cristo e a Igreja, uma realidade terrestre que entra no mistério da Salvação.

## 2 • Importância da Família

Já se fizeram muitas tentativas buscando sucedâneos para a família. Aqui e ali surgem também formas esdrúxulas de sua constituição ou vivência, tais como o **casamento de experiência**, o **casamento aberto**, com o preliminar acórdo de reexame permanente da conveniência, ou não, de prosseguir na união conjugal por ambas as partes, posta assim em constante estado de prova, o **matrimônio em grupo** ou **multilateral**, verdadeira aberração, as **comunas**, que extrapolam a própria vida familiar.

**Mas a família tem demonstrado evidente superioridade e uma extraordinária capacidade de persistência, mesmo sob as mais desfavoráveis condições (FRA-**

ZIER). Nenhuma sociedade, até hoje, "conseguiu encontrar um substituto adequado", capaz de assumir as suas diversas e importantes funções (MURDOCK).

Dai porque o artigo 16 n. 3 da Declaração dos Direitos Humanos, votada pela ONU, em 1948, estabelece, enfaticamente: **"A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado"**.

É que ela desempenha papéis múltiplos e insubstituíveis, nas áreas biológica, psicológica, sócio-cultural e também, para os que têm fé, na área religiosa. Os chamados "padres antigos" da Igreja Católica dos primeiros séculos diziam constituir a família uma "pequena Igreja ou "Igreja doméstica". Pensamento ainda hoje válido e que vem repetido em recente Documento de Puebla, México, fruto da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 1979. Conhecido documento anterior, elaborado pelos Bispos da América Latina, em Medellín, Colômbia (1968), proclamava ser a família, simultaneamente, formadora de pessoas, educadora na fé e promotora do desenvolvimento.

### **3 • A Família no Brasil**

Existe muita controvérsia quanto ao papel exato da família na vida social brasileira. Não faltam os que lhe assinalam papel marcante no passado e no presente. Como também os que acham sua influência algo reduzida e cada vez menor, em nossos dias. Parece que a verdade está no justo meio.

Sua influência, em certas épocas, foi marcante, até mesmo em virtude do maior número de funções então desempenhadas, algumas delas absorvidas por outras entidades.

De qualquer forma, a família continua a ser um importante corpo intermediário entre as pessoas e os demais organismos sociais, inclusive o Estado. Capaz de assegurar, quando bem constituída, uma "segurança básica" às pessoas, principalmente aos menores, mas igualmente aos cônjuges, proporcionando, no parecer do sociólogo WILLIAM GOODE, "um tipo de ajuda que as relações de trabalho ou de amizade não dão".

Os analistas do nosso período colonial encontram a influência marcante da família, sobretudo nas elites de poder, ou camadas dominantes. LYNN SMITH, um dos "brasilianistas", mais seguros afirmou, com razão: "No Brasil, a mais importante das instituições sociais foi sempre a grande família, asistocrática e patriarcal. Raramente este grupo social foi suplantado pela Igreja, como nos países hispano-americanos, ou pela escola, como foi o caso da comunidade norte-americana. ... Durante séculos, a América Portuguesa permaneceu dominada por milhares de casas-grandes — constituindo cada uma delas verdadeira fortaleza, nas quais se entrincheirava numeroso clã" ("Brasil, Povo e Instituições, p. 505/506).

Recebemos a influência imediata do direito português, que foi transplantado para o Brasil como um galho, na pitoresca expressão de PONTES DE MIRANDA, inclusive quanto à organização da vida familiar.

Da Metrópole foi-nos trazido um modelo de família, um complexo de valores culturais, em que o chamado **poder marital**, para exemplificar, era bastante forte. Uma herança do direito romano e resquícios das Ordenações Afonsinas (1446 ou 1447), já revogadas em Portugal, quando do nosso descobrimento. Mas até certo



ponto repetidas nas Ordenações Manuelinas (1521) e nas Ordenações Filipinas (1603). Estas últimas, embora atenuadas por leis e costumes do novo ambiente tropical, continuaram a ser aplicadas no Brasil até o ano de 1917, quando foram revogadas. Começou então a reger-nos o nosso Código Civil, no qual PONTES DE MIRANDA viu "a preponderância do círculo de família, ainda despoticamente patriarcal" e ORLANDO GOMES a influência do privatismo doméstico.

Pelas organizações Afonsinas, concedia-se ao marido o direito de castigar a mulher, de mantê-la em cárcere privado, até emendar-se, o direito de matá-la, em caso de adultério, salvo se o responsável pelo deslize fosse um fidalgo.

As Ordenações Filipinas, vigentes no Brasil por séculos, como se viu, declaravam estar a mulher casada sob o poder do marido (Livro 4, título 66), o qual tinha o direito de exigir dela respeito e obediência, em tudo o que fosse lícito e honesto. Expressões bastante vagas, permitindo fáceis abusos, pois era evidente a discriminação contra a mulher, mais ou menos segregada na sua própria casa.

Segundo os princípios reinantes, não apenas durante a vida colonial, mas ainda em plena república, mesmo depois de promulgado o nosso Código Civil, o marido somente cometia adultério se tivesse uma concubina "teuda e manteuda", não se considerando tal uma aventura ocasional. Mas com relação à mulher, bastava que tivesse relações consideradas ilícitas com outro homem, ainda que passageiras ou acidentais, para incidir em adultério. É o que se lê nos comentários do jurista CÂNDIDO DE OLIVEIRA, ao estudar o Direito de Família, na obra "Manual do Código Civil Brasileiro", dirigida por Paulo de Lacerda e escrita por eminentes juristas, segundo sua respectiva especialidade.

Muito embora, acrescente-se o artigo 231 inciso I no mesmo Código Civil, ainda hoje com a mesma redação, determine o dever de fidelidade recíproca, portanto igual para ambos os cônjuges.

Outro notável jurista, LAFAYETTE RODRIGUES PEREIRA, declarava no seu livro clássico, "Direitos da Família", que "a fidelidade deve ser guardada com perfeita igualdade por um e outro cônjuge; e tal é a disposição do Direito Canônico". Mas logo a seguir acrescentava: "É inegável, contudo, que a infração de um tal dever por parte da mulher reveste um caráter mais grave: 1º porque ela, em razão do seu sexo, e das idéias recebidas, é obrigada a maior recato e pois a sua falta fere mais pronunciadamente a moral e os costumes públicos; 2º, porque a sua infidelidade pode dar lugar ao nascimento de filhos adúlteros e destarte introduzir no seio da família elementos de perpétua luta e desordem".

Como se o filho do marido com outra mulher não ocasionasse também suas complicações".

Mas a verdade é que ainda hoje, em matéria de fidelidade conjugal, muita infração se admite no homem casado e sómente a ele. Um civilista nosso, COELHO RODRIGUES, autor de um dos projetos do Código Civil, não adotados, pensou em introduzir o direito de divórcio, por adultério. Recuou, entretanto, declarando que se toda senhora requeresse divórcio com fundamento no adultério do seu marido, aqui no Brasil, chegar-se-ia ao índice de noventa por cento, desorganizando a própria sociedade.

Normas discriminatórias entre homem e mulher eram aliás típicas da época e não específicas da legislação portuguesa ou brasileira. Recorde-se, como exemplo curioso, que a rainha ISABEL I, da Inglaterra (ela reinou de 1558 a 1603), estabele-



cera proibição severa aos maridos, no sentido de não espantarem as respectivas mulheres depois das dez horas da noite, para não perturbarem o sossego dos vizinhos ...

Na França, o artigo 213 do Código Civil, mais conhecido por Código de Napoleão (1804), estatua: "O marido deve proteção a sua mulher, a mulher abediência ao marido". Só muito mais tarde, leis de 1928, 1942 e 1970 suprimiram esse dever de obediência, estabelecendo a atual redação do mesmo artigo 213 que os esposos asseguram, conjuntamente, a direção material e moral da família.

Mas, voltando ao Brasil colonial, GILBERTO FREYRE, no livro "Sobrados e Mocambos", transcreve depoimentos de viajantes estrangeiros idôneos, relatando haver maridos que internavam as esposas legítimas em conventos, até durante anos, sob pretextos "legais" diversos, mas na verdade para viverem uns tempos com a sua amante.

O direito de vida e de morte do pai sobre os filhos, o de sua venda e de sua exposição (normas vigentes no direito romano) tinham sido revogados ainda em Portugal, não chegando assim ao Brasil. Mas era permitido ao pai manter o filho e cárcere privado. Segundo observação de CAPISTRANO DE ABREU, "o pai tinha o filho como um ente inferior; não conversava com ele; muitas vezes, nem dignava-se dar-lhe uma ordem diretamente; não permitia-lhe que se sentasse á sua vista; não lhe deixava que fizesse a barba sem sua licença; conservava-o sempre de rédeas curtas". Mais tarde, "Aquilo que o pai lhe fez, ele irá fazer ao filho" (Ensaio e Estudos 4<sup>a</sup>. série, p. 300).

O pátrio poder somente cessava, rigorosamente, com o casamento do filho, que ainda assim continuava sob uma certa dependência do patriarca, girando em seu derredor, como um satélite.

Quanto aos casamentos, eles decidiam-se entre as próprias famílias e não pelos noivos. Refere CAPISTRANO DE ABREU: "Eram os pais que tudo tramavam e tudo dispunham, sem indagar se os filhos tinham coração e se este coração já se dera a alguém" (Ensaio e Estudos, 4<sup>a</sup>. série, p. 399).

Nos sertões do Rio Grande do Norte a situação era idêntica. Um estudioso desses tempos, JUVENAL LAMARTINE, no livro "Velhos Costumes do meu Sertão", recorda que "os casamentos entre os jovens das primeiras famílias sertanejas eram muitas vezes acertados entre os pais, não raramente ocorrendo os noivos se avisarem pela primeira vez no dia da cerimônia" (p. 59).

Procurando sintetizar, numa só frase, todo o sistema familiar daqueles tempos coloniais, talvez carregando um pouco as côres, assim o caracterizava o bem informado historiador CAPISTRANO DE ABREU: "Pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados" (Ensaio e Estudos, 2<sup>a</sup>. série, p. 211).

Vivia-se, na verdade, num período que se convencionou chamar de **constituição despótica** da vida de família, em contraposição ao período subsequente, de **natureza contratual**, quando se caminhou para uma simetrização, democratização ou igualdade de direitos, no seio da família. Caminhada ainda não concluída, mesmo no Brasil, apesar do Estatuto da Mulher Casada, de 1962, do Código de Menores, de 1979 e de outras reformas e revisões. Uma evolução lenta, porém irreversível. E que decorre duma série de fatores, entre os quais a crescente participação da mulher nas atividades econômicas, sociais e culturais, a partir da revolução industrial e as mudanças sociais.

#### 4 • Tipos de Família e seus problemas

Insistimos na tecla de que não existe uma "Família padrão", nem no Brasil, nem noutra parte qualquer. Os estudiosos do assunto reconhecem existir "ampla gama de particularidades, características de cada categoria sócio-econômica", também variável segundo o meio, urbano ou rural.

ESTANISLAU FISCHLOWIZT, no livro "Proteção Social à Família", distingue, no Brasil, a seguinte série de categorias: a) a família da classe superior rural; b) a família das camadas populares rurais; c) a família da alta burguesia urbana; d) a família da classe média urbana; e) a família da classe proletária das zonas urbanas e suburbanas.

Estas observações datam de 1963. Passados perto de 20 anos, a situação tornou-se ainda mais complexa, variando segundo o meio geográfico e social. Principalmente em virtude das profundas e aceleradas transformações decorrentes de múltiplos fatores sociais (urbanização acelerada, mobilidade social, seja vertical, pela capilaridade e outros processos, seja horizontal, pelas migrações, influência crescente dos meios de comunicação social, conscientização maior da mulher, sobretudo por causa do trabalho e dos estudos, dessacralização, etc... Também ocorreram enormes progressos na tecnologia (influência do automóvel, multiplicação dos eletrodomésticos, suavizando o trabalho da dona de casa) e notáveis foram os avanços das ciências biológicas, com reflexos na vida familiar, dando margem ao uso intensivo dos contraceptivos, ao planejamento familiar, à paternidade responsável, ao emprego da inseminação artificial, à disseminação do aborto voluntário e assim por diante.

Por outro lado, agravou-se a distância social entre pequenas minorias, cada vez mais poderosas, economicamente, influenciando nas decisões políticas, de um lado, e amplas maiorias despojadas do essencial, com níveis de participação social e econômica ínfimos ou até mesmo inexistentes. Famílias marginalizadas, portanto e que, na linguagem do sociólogo FERNANDO BASTOS d'AVILA, estão impregnadas de alto índice de "viscosidade social", um processo social em que enormes contingentes humanos permanecem "colados" ao seu próprio meio, impedidos de emergir para estratos superiores das camadas sociais, de participar.

Instala-se, como conseqüência, na observação sociológica, "uma mentalidade coletiva impregnada de fatalismo pela qual o homem se julga incapaz de se posicionar como sujeito de sua própria história e construtor do seu próprio futuro". Enfim, uma situação de "depressão" e de "estagnação", de aceitação resignada da própria condição. (Mobilidade Social no Brasil, in Carta Mensal, Órgão do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, dezembro de 1979).

#### 5 • Política Social Familiar

É oportuno aduzir duas observações, ligadas a certas concessões, que se fazem, em muitos lugares, em nome do progresso ou da permissividade e que afetam a família brasileira.

A primeira delas prende-se à figura do concubinato. Não faltam juristas, sobretudo franceses, entre os quais SAVATIER, que prevêem a evolução da chamada "união livre" num sentido inverso àquilo que está ocorrendo com o casamento, cujos laços vêm se relaxando.

Quanto mais for o casamento enfraquecido, quer na sua constituição, quer nas maiores facilidades para a sua dissolução, tanto mais, paradoxalmente, a união



livre irá se assemelhando ao casamento, nas responsabilidades e compromissos assumidos, perdendo para muitos, por isso mesmo, as características próprias e o interesse. Desta maneira, impor sanções ao desfazimento da união livre, dar-lhe certas garantias, inclusive à filiação dela resultante, dizem esses juristas, é aproximá-la do casamento e do divórcio, é adelgaçar as diferenças entre casamento e concubinato, degradando o primeiro e promovendo o segundo.

Prende-se a segunda observação à intensa propaganda que vem sendo desenvolvido em prol da liberalização do aborto, curiosamente, num tempo em que tanto se fala em respeito aos direitos humanos e no combate à violência.

O pretexto alegado é o de se evitarem milhões de abortos clandestinos, primeiramente. De fato, ocorrem no mundo de 30 a 50 milhões de abortos anualmente, a metade dos quais provocados. E no Brasil a BEMFAM estima em 2 por minuto, o jurista Heleno Claudio Fragoso em 3 por minuto. Globalmente, cerca de dois milhões. Depois, argumenta-se com o respeito ao direito que deve ter a mulher ao seu próprio corpo.

A experiência dos fatos tem comprovado, estatisticamente, nos países onde o aborto se legalizou que não diminuíram as práticas clandestinas, substancialmente. Por outro lado, a genética moderna demonstra que desde o primeiro instante da fecundação está fixado o programa daquilo que será o novo vivente: uma criatura individual, distinta, com todas as características próprias já definidas, única e irrepetível. Pai e mãe não devem decidir sobre o direito de uma terceira pessoa a viver, um direito fundamental, assim ameaçado em seu nascedouro.

Mas não basta o zelo em prol do nascituro, que o Código Civil Brasileiro considera como já tendo nascido, toda vez que se tratar do seu interesse (perspectiva de recebimento duma herança, por exemplo), quando se lhe dará um curador especial.

Paralelo deve ser o cuidado para com as pessoas já nascidas, crianças ou adultos. É dever da política social ser sensível aos reclamos e aos valores familiares, como disse o Papa JOÃO PAULO II, na homilia pronunciada no Rio de Janeiro, a 2 de julho corrente, evitando uma legislação nociva à estabilidade e ao equilíbrio da família.

De maneira especial deve esta política voltar-se para as famílias carentes, subalimentadas, com deficiências habitacionais, de educação, de ganhos, de saúde, carências que provocam elevadas taxas de mortalidade infantil, de analfabetismo, de menores em situação irregular.

Existem levantamentos que nos obrigam a meditar fundamente. Segundo o professor NELSON CHAVES, grande especialista em problemas de nutrição, calcula-se existirem no Brasil 28 milhões de menores carentes e abandonados, muitos deles retardados em sua vida mental, "mutilados cerebrais" por serem filhos imaturos de mães sub-alimentadas e eles próprios, nos seus primeiros anos de vida não terem podido alimentar-se na proporção indispensável.

O dr. MÁRIO MACHADO, ex-Ministro da Saúde, alarmou-se com o elevado índice de mortalidade infantil, declarando: "Se idêntica mortalidade ocorresse entre os bezerros, a pecuária fatalmente seria conduzida à falência". É que morrem a cada hora, no Brasil, 45 crianças com menos de 1 ano de idade.

Grande proporção de responsabilidade por estas coisas está sem dúvida na ignorância de normas sanitárias. Mas também a pobreza entra com seu tributo.



Ainda agora lê-se no "Jornal do Brasil", de 28 de julho de 1980, a divulgação dos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNDA), procedida pelo IBGE, cuja coleta se processou na semana de 22 a 28 de outubro de 1978. Ficou apurado que dos 12.200.000 trabalhadores do Nordeste, que tinham ocupação, naquele período, mais da metade precisamente 53,5% ganhavam, mensalmente menos do que um salário mínimo e, destes, 16,9% não tinham rendimento algum. Apenas 8,9% das famílias nordestinas tinham renda mensal superior a 5 salários mínimos regionais e somente 1,1% da população economicamente ativa percebiam mensalmente mais de 10 salários mínimos.

Quanto a Natal, segundo se vê do "Plano de Desenvolvimento Municipal", elaborado para a Prefeitura Municipal e referente ao período 1979/1983, foi verificado que a renda média anual, por família, em 1977, foi estimada, para Natal, em Cr 35.928,00 e a renda "per capita", também anual, no mesmo ano, apenas de Cr\$ 6.564,00 portanto um dos índices mais baixos da Nação. Da renda familiar auferida pelo natalense (é a confirmação da conhecida lei de Engel) 46% se destinam à alimentação, sem dúvida precária para grandes segmentos, e apenas 2,5% para educação e lazer.

Como então esperar estabilidade familiar, higidez, disposição para o trabalho, educação da família, capacidade de poupança, contribuição para o desenvolvimento, em situação como esta?

#### **6 • Conclusão**

Se os recursos humanos constituem, como é sabido, fator básico para o desenvolvimento nacional, em que Governo e Povo devem estar empenhados e todos aspiramos, dentro da ordem e da legalidade, é imprescindível que se enverede, cada vez mais, por uma corajosa política familiar. Por sua vez, as forças religiosas devem buscar a elevação do nível moral das famílias, tão ameaçado pela onde de erotismo, fortemente alimentada pelos meios de comunicação social, pela prostituição, que atinge menores, pelos tóxicos, buscando os viciados mais pobre até cheirar as latas de cola.

Há portanto muito o que fazer, da parte dos Governos, das Igrejas, dos particulares. Não se pode esperar que a família, por si só, possa realizar aquilo que fossem outras as condições, poderíamos esperar.

Documento recente dos Bispos do Brasil acentua que a família, muitas vezes, é mais vítima do que agente de transformações da sociedade. Mas é preciso restaurar suas imensas possibilidades. A começar por uma cuidadosa preparação dos futuros casais para a vida de família (os cursos de noivos, por exemplo, são muito importantes) e o nosso Governo determinou, em 1979, que nas escolas do antigo nível secundário se ministrem tais ensinamentos.

É preciso prestar à família não apenas uma assistência múltipla, mas sobretudo estimular a participação de todos os seus membros na tarefa do desenvolvimento integral. A par de organismos de aconselhamento matrimonial, que venham assegurar estabilidade nas relações entre os cônjuges, evitando separações e divórcios, estimular a participação em movimentos familiares, em que os próprios casais debatam os problemas da família, clubes de mães, de jovens, etc.

Só desta maneira poderemos fazer com que a família venha a desempenhar suas funções insubstituíveis, participando ativamente nos diversos setores em que deve atuar, formando cada um dos seus membros para o proveitoso desempenho

de suas tarefas.

Como disse muito bem o sociólogo BASTOS d'ÁVILA, "só um povo que participa tem condições de assumir com dignidade os sacrifícios dele exigidos".

## CARTA — PREFÁCIO

Nilo Pereira

Meu caro Raimundo Nunes:

Nenhuma literatura revela melhor o escritor do que as Cartas que ele escreveu sem a intenção de publicá-las. Sem intenção literária. A carta — a menos que seja a Carta Magna do País — é uma intimidade sentimental. Um momento de euforia. O estilo flui límpido, sem adjetivos.

Não precisamos de recorrer aos exemplos clássicos, a Madame de Stael, a Madame de Sévigné, a Rui Barbosa, a Gilberto Freire (cujas **Cartas do próprio punho** são deliciosas), nem a Eça de Queiroz. Nem mesmo ao secarrão Machado. Aqui mesmo temos um exemplo magnífico em Raimundo Nunes. Digo assim, dirigindo-me a você, para individualizar o autor, o homem de sensibilidade, o artista da palavra, um novo Montesquieu de novas **Cartas Persas**. Apenas suas Cartas não são persas; são da zona Oeste do Rio Grande do Norte, de Mossoró, de Areia Branca, de Pau dos Ferros, de toda uma ecologia política e literária dominada por Vingt-Un Rosado como grão-senhor das letras e da ciência.

Creia, meu caro Raimundo Nunes, que li, encantado, essas suas Epístolas aos nossos Coríntios, envolvendo fatos, figuras, tradições, hábitos, costumes, reminiscências pessoais, tudo com o pitoresco da sua evocação lírica, que contagia o leitor.

O Correio aumentou as tarifas, como a impedir a correspondência que todos temos necessidade de manter com velhos amigos, que nos suportaram a vida toda. Mas, quanto não daríamos para receber, todos os dias, Cartas de Raimundo Nunes! São testemunhos do tempo, a quarta dimensão sempre lembrada por Luiz da Câmara Cascudo, o mestre, que você recorda na consulta que ele lhe fez, indo buscá-lo no hotel onde estava, pois um cliente desse não vai por si mesmo; é procurado, levado em carro ou andor pelas ruas, processionalmente, sob a vigilância da Guarda Nacional. Delicioso episódio. E você, vendo o êxito de Cascudo, com vontade de gritar: — Sou eu quem cuida dos olhos dele. Os olhos mais importantes do Rio Grande do Norte. Que beleza!

Coisa semelhante só aquela página sobre o menino Humberto de Campos, com vontade de bradar, no circo, em noites triunfais de certo histrião, que era ele, o futuro grande escritor, quem lhe vendia a “pinga” no bar. Não há traço biográfico melhor do que esse. Só em carta se diz isso. As biografias são geralmente severas, pesadas, vitorianas, convencionais.

Conheço várias histórias oftalmológicas. Uma delas a que tem por protagonista Chico Pimenta, tio de Cascudo, que foi se receitar com o Dr. Ramires, em Natal, só para fazer raiva ao conhecido oculista. Feito o exame de rotina, nada apresenta de anormal. O Dr. Ramires indaga, curioso:

— Afinal, que é que o Sr. tem?

— Meu caro é o seguinte: homem eu vejo de longe, mulher só bem de perto ...

O Dr. Ramires, vendo-se apanhado na artimanha:



— Retire-se. Tenho mais que fazer.

Cascudo é bem um herdeiro de Chico Pimenta, conforme confessa no seu livro de Memórias — **O Tempo e Eu**.

Meu caro Raimundo Nunes:

Considero-me apenas um estafeta seu. Entrego suas cartas a domicílio. Quanto ao Leonildes, é bem perto, ali no **Bandepe**. Grito — “Correio” — e eis-me diante de tão grande figura humana. Olha-me e pergunta:

— Quem é o sr?

— O barão do Guaporé. Trago uma carta do Dr. Raimundo Nunes. (Confraternizamos). É o primeiro ato.

Tenho um privilégio sobre os demais estafetas; leio suas Cartas antes de as entregar. Vêm abertas. Posso, assim, olhar a fisionomia dos destinatários, vivos ou mortos, porque conheço o conteúdo das missivas.

Deliciosas missivas, as suas! Excelente a recordação dos mestres da Faculdade de Medicina, no Derby. Uma Faculdade sem exceções. Com um bonde especial — o bonde do Derby — onde os estudantes deixaram a sua ironia, o seu espírito zombeteiro, a sua irreverência.

Nós, da Faculdade de Direito, não tínhamos um bonde especial. Não nos faltava, porém, um pouco de pitoresco.

Você teve a felicidade de encontrar um mestre como Oscar Coutinho, o nosso Tom Mix, que as alunas da Escoia Normal chamavam Carro Renault, porque tinha a direção do lado direito ...

Conheci muito o velho Oscar, um santo, homem ingênuo, o último médico-de-família. Em alguns casos chegava a ser enfermeiro: cuidava do vestuário e das necessidades do doente.

Admiro o seu estilo de missivista: breve, agradável, comunicativo, sóbrio, enxuto. Tem a graça e a leveza da boa frase. Além disso, você tem u'a maneira especial de fixar episódios interessantes e figuras típicas de um certo patriarcalismo político.

Recordo, por exemplo, a figura do coronel João Leite, que merece uma das suas pincladas mais vivas como está no episódio da Assembléia Constituinte, ao elaborar o projeto da Constituição potiguar. Diz você:

“Discussões as mais acaloradas em torno do assunto são levadas a plenário, pela retórica e eloquência, especialmente de elementos jovens, onde se destacam Kerginaldo Cavalcanti e Dioclécio Duarte, procurando emprestar um realce de erudição e conteúdo jurídico à feitura da nova Carta. Coronel João Leite contempla sossegado a efusão de entusiasmo da ala jovem, no regaço de sua bancada. Aquela época, era chic comer pipoca com amigos, especialmente se este amigo é o próprio Governador e no conforto é tranquilidade de sua residência particular. No auge do debate, quando os Deputados se inflamam na sistemática do texto constitucional, o Coronel interrompe a discussão, no aparte que se tornou **histórico**: — “Que discussão mais caningada esta de vocês ... se a dana-da da Constituição já faz tempo que está pronta ... ainda nessa noite, o Governador Ferreira Chaves me mostrou, quando fui comer pipoca em sua casa ...” Bem se nota que desde o amanhecer desta fabulosa Repú-

blica, as Constituições se forjam no cadinho bitolado e unilateral do aconchego palaciano, na base da preferência gustativa, que vem evoluindo da pipoca ... ao uisque estrangeiro!"

O sabor dessa narrativa vale pela reconstituição de um tempo histórico. Quanta delícia nessas lembranças!

Vejo o meu amigo Raimundo Nunes envolto em várias aventuras do espírito. Médico, escritor, memorialista, político, jornalista, ei-lo multiplicado e pluralizado em numerosas atividades, que realçam o seu talento e engrandecem o Rio Grande do Norte na Paulicéia, onde o gênio travesso de Macunaíma não apaga a inteligência vivaz do nordestino. Pelo contrário: os que são atraídos pelo colossalismo novalorquino — que Pitirín Sorokin tanto condenava — honram o Nordeste brasileiro. Um desses nordestinos é você, meu caro Raimundo Nunes, que aí, nessa floresta de arranha-céus, não esquece a paisagem comburida da terra castigada ou o cenário verde dos sertões em flor.

Você, Raimundo Nonato e Walter Wanderley constituem uma trilogia bendita: tiram do cotidiano e da memória feliz tudo quanto encantou certa fase da vida, tocada pela magia da recriação literária. Quem não guardou a infância, não soube viver. E quem esqueceu a adolescência, apagou a melhor transição do existir humano.

Nas suas Cartas, meu caro Raimundo Nunes, você faz também história social, literatura, sociologia, economia, política; e tudo isso sai da sua pena brilhante como as "espumas flutuantes" do grande poeta, de cuja neta Walter Wanderley foi aluno, em Mossoró.

Muitas outras coisas podiam ser citadas como padrões de estilo e de força evocativa.

Afinal de contas, o leitor não quer um prefácio; quer o livro, as Cartas, as reminiscências, a beleza que tem o tempo proustiano, que é o tempo das suas epístolas, tão fáceis de ler e de guardar.

Creia que foi com um grande prazer que li esta sua correspondência de tão sugestiva comunicação. Você nasceu estilista. Deus lhe deu a primazia da memória fiel. Eis porque neste seu livro há um circuito de afinidades, como você chama.

Pode não ser este um bom título, mas será um bom apelo à fraternidade humana. É o essencial.

Sua vocação de escritor e de missivista está muito clara e muito brilhante nessas recordações renanianas. Não deve deixar de ter sempre diante de si um amigo, um companheiro, um colega, um admirador a quem escrever para lembrar as coisas que passaram sem passar.

Desculpe a pobreza destas palavras. Acredito que foi uma honra para mim prefiar este seu livro, que sai das entranhas do coração. Todo livro é um filho. Nasce-lhe mais este. E como honra a identidade do pai ilustre!

Abraço afetuosos do leitor incansável

Nilo Pereira



## O ANJO AZUL

Maria Eugênia

Era tempo de começar o trabalho.

Simone queria pintar um quadro para aquele Natal. Nada de pintura abstrata, cubista ou clássica. Queria algo muito simples, que transmitisse, na forma e na cor, uma mensagem espontânea de um estado de alma tranquilo.

Olhou no cavalete à sua frente a tela branca e inexpressiva, ali, ao lado da janela, por onde a estrela do dia jorrava no branco seus raios de luz.

Simone colocou na radiola um Chopin. Gostava de trabalhar ouvindo música. Os pássaros cantavam lá fora as suas alegrias tristes. Olhou o céu. As nuvens, em buquês, pareciam gigantesco véu de hortências brancas a vestir a terra.

Simone pôs a caixa de tinta na janela e observou os pincéis. Vestiu, languidamente, o avental quadriculado, limpou os óculos e os ajustou, com cuidado. Tudo clareava. A tela branca estava mais branca com os raios do sol incidindo sobre ela. Vagarosamente, pegou o lápis, mordiscou-o por momentos, como se o advertisse de suas responsabilidades e obrigações a serem postas à prova. Devagar, riscos leves foram aparecendo. O lápis, seguindo o impulso da mão, teimava em delinear olhos, nariz, boca. Não. Não queria nada de rostos, mas o pincel teimava em adornar uma cabeça com cachos e franja. Um rostinho meigo foi aparecendo. Olhou. Estava lindo. Olhos translúcidos, narizinho arrebitado, boca entreaberta, como se estivesse cantando. "Parece um anjo", ouviu-se a dizer. Pronto! Era um anjo que queria pintar. Justamente o que o seu inconsciente ordenava.

O lápis desceu firme e uma camisola apareceu, mangas largas e mãos postas em oração. Deu ritmo à forma dos dedos, pôs fita nos cabelos e um diadema surgiu como aura luminosa.

Tudo delineado, traços corrigidos, Simone impregnou-se de uma alegria íntima, feliz por ter se encontrado na inspiração. Escolheu as cores. O seu anjo seria azul e branco. Separou pincéis e começou o trabalho, animadamente, misturando as tintas na palheta.

Em primeiro plano, o céu. Contornando o desenho, foi colorindo de azul espesso e brilhante o branco inexpressivo. Estava muito azul. Que fazer? Mordiscou o pincel. Sentiu um gosto de tinta. Sorriu ao perceber que havia mordido a ponta. Passou as costas da mão na boca e a limpou. Bolas! Que fazer com aquele céu tão azul? Nuvens! ... Sim! Só as nuvens salvariam o empírio. Nervosamente, o pincel começou a dançar de branco no azul, delgada bailarina ao ouvir um minueto, desenhando formas e atenuando nuances. Cúmulus apareceram. Melhor, muito melhor! O céu parecia, agora, um extenso tapete de lã, de um carneirinho branco e fofo. Lembrou-se do ditado: "Céu escamado, chão molhado".

Na parede da sala, o passarinho do relógio marcava as horas. Simone não se importava com o tempo. Quando começava a pintar, desligava-se de tudo. Só pensava no seu Anjo Azul e queria dar expansão ao seu desejo. Mudou de pincel. A mão precisava estar firme para pintar olhos, nariz, boca e contornar o rosto. Modificaria o cabelo. Queria-os soltos e lisos, caindo suavemente sobre os ombros. Varetinhas e arcos foram aparecendo, formando um diadema.



Simone toda impregnada de anjo, prestava pouca atenção às coisas ao redor. Respondia automaticamente: "Sim..." não... "mais tarde..." "volte depois..." "até logo..." Suspirou. Deu uma volta no terraço e pediu à copeira um refresco. "Com muito gelo", ouviu-se a dizer. Sentou-se no banco rústico e ficou à espera. Os pássaros estão eufóricos, ébrios de sons. Coitadinhos, tão alegres na prisão! Um dia ...

Simone voltou à sala. Há muito que Chopin calara a sua "Tristesse". Simone procurou um Bach e queria ouvir os seus sons contrastantes e magnificantes, seus minuetos e polacas, oboés e violinos românticos. Música! A mais divina das artes, a que nos transporta a transcendententes paragens emocionais! Precisava terminar o trabalho, embora soubesse que a pressa é a inimiga número um da perfeição. Queria pintar, pintar, pintar.

Viu que o peçoço esta muito longo. Modigliane! Gostava dos seus traços. Não entendia de perspectivas etc, porém seus olhos ensinavam-lhe alguma coisa. Agora, as asas. Mordiscou novamente o pincel. Queria-as diáfanas e brancas. Alongando pontas, encheu-as de penugens delicadas. Almejava dar-lhes impressão de ar, vento. Mudou de pincel e surgiu a camisola, de largas mangas. Sombras delinearam cavas e decote. Caprichou nos braços e nas mãos.

Simone distanciou-se um pouco e viu que o anjo lhe agradava. Ele olhava para ela, de onde quer que estivesse. Estava um amorzinho. Sentiu a satisfação íntima de quem cria alguma coisa. Ouvia-se a dizer; no seu silêncio: "anjinho lindo, fala também da alegria que sinto por ti, da ternura dos teus braços, tão singelos. Com teus defeitos, anjinho lindo, eu te mostrarei a muita gente, e quero que leves na tua candura, a todos os homens de boa vontade, a mensagem fraternal da Paz e do AMOR, desta mesma paz que me envolve neste momento e enche meu coração de alegria".

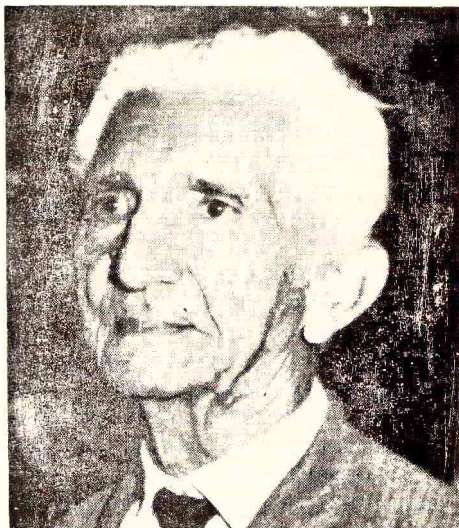
Simone sentou-se e observava o seu anjo. Só agora percebia que as polacas e minuetos calaram-se. O silêncio enchera de tal forma a sala, que ela podia ouvir, através da boquinha entreaberta do seu Anjo Azul, a mensagem que queria levar à humanidade, naquela Natal:

GLÓRIA A DEUS NAS MAIORES ALTURAS, PAZ NA TERRA AOS HOMENS A QUEM ELE QUER BEM".

**RODRIGUES PINAGÉ**

**PRÍNCIPE DOS POETAS DO PARÁ**

**Veríssimo de Melo**



**José Rodrigues Pinagé**

Duas cidades brasileiras, Belém e Natal, — mais do que quaisquer outras, — estão legítima e definitivamente ligadas à figura humana inesquecível e ao renome do grande poeta desaparecido **José Rodrigues Pinagé**. Em Natal ele nasceu a 29 de outubro de 1895. Em Belém viveu quase toda a sua existência, criou sua fulgurante poesia e se consagrou ao conquistar o título de "Príncipe dos Poetas do Pará".

No Rio Grande do Norte, velhas e novas gerações ainda o ignoram quase completamente. Nada se sabe de sua vida e pujante obra literária. No Pará, era querido e festejado por jovens e antigos intelectuais. Frequentava os melhores salões da inteligência local. Foi homenageado por Governadores, instituições e pelo povo. Era membro da Academia Paraense de Letras e foi distinguido com várias condecorações. Sobre ele e sua poesia, escreveram-se livros, ensaios, crônicas, discursos, reportagens. Teve sua voz gravada em **long-play** por iniciativa do Governo estadual. Morto há sete anos, sua lembrança ali persiste e é cultivada a sua imagem como se vivo fosse.

Numa cidade, então, — Belém, — sua memória é relembrada e exaltada. Sua obra citada e aplaudida. Sua figura humana de boêmio humilde e generoso é ainda venerada. Noutra cidade, — Natal, — continua esquecido por poucos e ignorado por quase todos. Talvez apenas uma dúzia de amigos, com os quais confraternizou durante um congresso de trovadores, em 1969, saiba algo de sua existência e repercussão de sua poesia. Nada mais.

Rodrigues Pinagé, — não se discute, — é glória genuína do Pará. Mas não seria fora de propósito — antes nos parece oportuno e urgente, — que também se estenda ao Rio Grande do Norte o conhecimento desse extraordinário poeta. Por ser Natal a sua terra berço, — fato que jamais escondeu. Ao contrário. Tinha orgulho de proclamar-se natalense e ter nascido à rua dos Tocos, hoje, Princesa Isabel, nesta cidade.



Nosso desejo é que se faça também no Rio Grande do Norte justiça ao brilhante conterrâneo. Que se projete seu nome e sua obra na sua própria terra. É preciso reapresentá-lo à sua cidade, às novas gerações. E temos certeza de que muitos se surpreenderão com o seu talento. Com a beleza de suas metáforas. Com o encanto dos vãos de sua poderosa imaginação. Tendo sido gráfico e jornalista, — “pobre de marré-de-si”, — boêmio inveterado, fez-se Príncipe entre os poetas do Pará.

## PINAGÉ EM NATAL

Conhecemos pessoalmente José Rodrigues Pinagé em Natal, no ano de 1969, durante aquele congresso de trovadores. Impressionou-nos a elegância, espontaneidade e graça com que dizia seus próprios versos. Ajudado por voz melodiosa, dicção perfeita, gesticulação adequada, sua memória era pronta e clara. Enfeitava o auditório com sua emocionante poesia.

A princípio, pensávamos que toda a sua produção poética fosse naquele tom grandiloquente, condoreira, à la Castro Alves. Versos de exaltação às riquezas de nossa natureza. De glorificação ao amor e unção religiosa. Ledo engano! Aquele tipo de poesia era apenas uma faceta do poeta. Ele dominava o soneto, — a mais nobre de todas as formas poéticas. Escrevera trovas sem conta. Versejava em todos os ritmos. E em cada poema colocava um pouco de seus próprios sentimentos, deramando lirismo através de imagens maravilhosas.

Logo sentimos que estávamos diante de um autêntico poeta. E quando subemos — com surpresa, — que era nosso conterrâneo, papa-jerimum, — o que até então ignorávamos, — aí dobraram os encantos. Aproximamo-nos do poeta, recebendo seu último livro “MUSA BOÊMIA” autografado. Uma noite, munidos de um gravador, levamos o poeta até à casa do escritor José Melquíades, onde se realizava uma festa de família. Estavam ali reunidos vários amigos e irmãos maçônicos. Pinagé, que também era “pedreiro livre”, logo se fez íntimo de todos. Recitou, com sucesso, vários dos seus mais belos poemas.

## DADOS BIOGRÁFICOS

Não foi fácil obter os dados biográficos fundamentais do poeta. Fomos bater à porta de vários escritores e amigos paraenses. Napoleão Figueiredo e Luiz Scaff nos deram as “dicas” iniciais, para chegarmos a quatro outros escritores que têm contribuição importante sobre Pinagé: Georgenor Franco, Clovis Silva de Moraes Rego, Pedro Tupinambá e Idelfonso Guimarães, — todos velhos amigos e confrades do poeta.

Georgenor Franco nos enviou seu belo livro intitulado “POESIA SEM PRÍNCIPE” (Belém, 1947), — que é, até agora, a melhor fonte que conhecemos sobre Pinagé. Clovis Silva de Moraes Rego — ilustre ex-Governador daquele Estado, — prefaciador do livro “MUSA BOÊMIA”, enviou-nos os discursos com os quais, interpretando as homenagens do Governo e do povo paraenses, fez entrega de duas casas ao poeta: uma em Bragança e outra em Belém. Ambas adquiridas com o produto da venda do seu **long-play** e doadas generosamente ao poeta. Do escritor Pedro Tupinambá, recebemos a Revista da Academia Paraense de Letras, vol. XIX, 1976, com o seu discurso de posse na mesma cadeira que pertenceu ao poeta. Idefonso Gui-



marães nos remeteu cópia do poema "A PALAVRA PERDIDA", que é uma das obras-primas de Pinagé. Luiz Scaff ainda nos mandou fitas magnéticas com reproduções do **long-play** do poeta. — disco intitulado "PINAGÉ — O POETA E O SEU CANTO".

Com esses dados esparsos foi possível reconstituir um pouco a trajetória existencial de Rodrigues Pinagé.

No discurso, em versos, ao receber o título de "Príncipe dos Poetas do Pará", em 1964, Pinagé fez referência à sua terra natal, quando disse: "Numa casinha escondida, no centro da capital, (o pior dos endereços), por isso que a minha vida é uma rua de tropeços: nasci à rua dos Tocqs, na cidade de Natal." Frisou que teve de abandonar seus estudos, para trabalhar no jornal "A República", aprendendo tipografia ao lado do pai de Câmara Cascudo. (Aqui, talvez seja necessário uma explicação: O Cel. Cascudo, pai do escritor Luís da Câmara Cascudo, foi proprietário de um jornal "A Imprensa", onde é possível que Pinagé tenha também trabalhado, como tipógrafo).

Através de Georgenor Franco, soubemos que os pais do poeta eram José Rodrigues Cursino, sargento do Exército, e d. Luzia Virtuosa da Costa Cursino. O sobrenome de Pinagé foi homenagem que o pai prestou a um médico da época, que salvou a vida do futuro poeta.

Já aos 16 anos, Pinagé, viajando para Belém, ingressava ali na imprensa paraense, ao lado de figuras como Humberto de Campos, trabalhando na secção gráfica da "A Província do Pará". Posteriormente, esteve também no jornal "O Estado do Pará".

Em 1921, já estava em Parnaíba, Piauí, trabalhando nas oficinas e logo na redacção do jornal "A Tribuna". Três anos adiante, transfere-se a São Luiz, Maranhão, onde exerce funções de redator-gerente do "Diário de São Luiz".

Em 1929, regressa ao Pará, exercendo vários cargos públicos. Foi promotor adjunto, secretário-tesoureiro de cinco municípios, prefeito do município de Anhangá, escriturário da Prefeitura de Belém, aposentando-se nesse último cargo. Em 1946, no governo de Aurélio do Carmo, foi nomeado Assessor Cultural da Secretaria de Educação e Cultura, aposentando-se em 1968, no governo de Alacid da Silva Nunes, um dos seus grandes admiradores. Ainda no Departamento de Estrada de Rodagens, de 1947 a 1951, exerceu vários cargos em comissão, como o de pagador da tesouraria, contabilista, encarregado do expediente do serviço de divulgação e chefe do Serviço de Pessoal.

Era casado com a sra. Raimunda Gomes Pinagé, já falecida, tendo dois filhos: Olivar, já falecido, e Odeísa Pinagé Rocha, que lhe sobrevive, casada com o sr. Henrique Rocha.

Rodrigues Pinagé publicou os livros: "CONTOS", 1925; "CASOS E COUSAS", 1926; "PERFIS", 1927; "ASAS", 1929; "TAPERA", 1950, "ESCALÃO DA VITÓRIA" (?); "A MENSAGEM DO MAR", 1964; "CHEIRO DE MATO", 1964; "POEMAS ESCOLHIDOS", 1964; e "MUSA BOÊMIA", 1968. Toda sua obra está esgotada. Recebeu várias condecorações, como sejam: Medalha de Ouro, (bons serviços prestados ao Estado); Medalha de Ouro, ("Príncipe dos Poetas do Pará"); Medalha de Ouro e Prata (Colar da Academia Paraense de Letras); Medalha cultural "Olavo Bilac"; Medalha Cultural "Paulino de Brito" Medalha do Tribunal de Contas do Estado; Medalha Comemorativa da Biblioteca e Arquivo Público do

Pará; Medalha "Imperador D. Pedro I", Medalha Cultural "José Veríssimo", e diploma de Cidadão Honorário de Belém.'

Na sua obra, há várias referências à cidade do Natal, como nesta passagem em que relembra a infância:

"No mundo das letras, banhado de auroras,  
Vivi muitas horas do tempo, a rimar.  
Criança modesta, aos sóis e às luas  
Descalça, nas ruas do chão potiguar"

### **PINAGÉ — PEDREIRO LIVRE**

Ainda em sua visita a Natal, em 1969, tivemos oportunidade de ouvir um dos seus poemas, "A Palavra Perdida", que é uma das jóias do seu estro. Sendo maçom, Rodrigues Pinagé quis homenagear a instituição dos Pedreiros Livres, com um poema soberbo, — na verdade uma colcha de retalhos, muito bem urdida, dos rituais maçônicos. O ideal superior da Maçonaria, — a esmola que se deve dar ao pobre, sem esperar-se recompensa, — alí está claramente expresso. O poema consta do livro "TAPERÁ" (Gráfica Falangola, Belém, 1960):

#### **A Palavra Perdida**

**Rodrigues Pinagé**

**(A meu irmão Raymundo V. Martins)**

De onde vindes? Quem sois, peregrino arrojado,  
desconhecido viajor, audacioso e cansado,  
por que viveis a sós?  
Quantos espinhos nós, pisastes, pervagando,  
dia e noite, vencendo as trevas, procurando  
um lugar entre nós?  
Que pureza moral, que destino ou virtude  
vos fizeram chegar junto ao negro ataúde,  
onde dorme o mais nobre e leal dos meus irmãos?  
Por que ousais perturbar meu pranto de saudade,  
se das mãos vos escapa o toque da Verdade,  
após esforços vão?  
E o homem, de olhos vendados, respondeu:  
— Senhor. Andei de tenda em tenda, pela vida.  
E qual desiludido Prometeu,  
encontrei o pecado, o prazer, a alegria,  
a lágrima sem dono, o sonho, a fantasia,  
que o destino me deu!  
Só não pude encontrar a Palavra Perdida ! ...  
Onde estará, Senhor, essa luz flamejante,  
que servirá de guia  
ao incauto viajante?  
E uma voz se elevou, no silêncio do templo,  
como um sino a planger em vibrações de dobre:  
— Ide, viajor. Aonde estiver um pobre,  
dai-lhe uma esmola, e pondo a vossa mão



ao lado esquerdo, sobre o coração,  
na mais nobre atitude desta vida,  
dentro dele ouvireis, numa doce emoção,  
palpitante de amor, a Palavra Perdida!

### PINAGÉ CONDOREIRO

José Rodrigues Pinagé foi eleito a 7 de agosto de 1949 para a cadeira nº 36 da Academia Paraense de Letras, em substituição a Correa Brito Filho. O patrono era Terêncio Porto.

A sessão solene de posse, no Teatro da Paz, realizou-se a 19 de março de 1950, sob a presidência do acadêmico Georgenor Franco, na ausência do presidente efetivo, acadêmico Acilino de Leão. Foi o poeta saudado por Tomaz Nunes.

O seu discurso de posse — pelos trechos que lemos, — foi naquele estilo eloquente e altissonante, que tanto admirava nos autores que mais o influenciaram, segundo confessou: Cruz e Souza e Castro Alves.

Pinagé representou o Estado do Pará, em companhia de Bruno de Meneses, Miguel Pernambuco Filho, Luiz Teixeira e Georgenor Franco no I Congresso Internacional de Escritores, em 1954, em São Paulo. Como igualmente esteve no Rio de Janeiro, em 1963, no IV Festival do Escritor Brasileiro, ao lado de Cândido Mariano da Rocha, Georgenor Franco, Idelfonso Guimarães e a romancista Lindanor Celina. Em todas essas oportunidades, — conta Georgenor Franco, — Pinagé brilhou ao recitar seus versos, arrebatando aplausos do público. Alguns dos poemas para essas ocasiões eram "Rosa do Céu", "Justiça de Salomão", "Exortação às Crianças", "Minha Poesia Imortal" e outras. Desse gênero, típico é o poema "Hoje e Amanhã", que a seguir transcrevemos:

### HOJE E AMANHÃ (No cinquentenário da Academia Paraense de Letras)

Abre o seio, Amazônia! Alarga a superfície!  
Deixa a Vitória Régia aromar a Planície  
e o Irapuru flautear a taba de Jaci!  
Deixa que se misture, entre a nossa família,  
a linguagem que o luso espalhou na Brasília,  
escondendo da raça o valor de Tupi!  
Que importa! O gênio é o mesmo. A mesma dor suprema  
que inspira Alencar, nos olhos de Iracema,  
Jacques Flores sentiu, com a mesma inspiração,  
gravando em letras de ouro, à luz meridiana,  
a figura imortal de Severa Romana,  
cujo olhar provocara a selvagem paixão!  
Todos nós temos na alma um trecho de romance.  
Bem feliz o que deixa, ao menos, de relance,  
a testificação das horas que viveu;



Mesmo no sofrimento é necessário o canto!  
Cantemos para que não nos lacere tanto,  
todo o mal, pelo bem, que o destino nos deu!  
Vê! Quando a natureza o largo céu decora,  
preparando um altar para as missas da aurora  
e ribaltas azuis para estréia do sol,  
ouvimos, como que, nas flores e nos ramos,  
um Deus, que nos convida a cantar! E cantemos  
o céu e a terra e o mar e o ocaso e o arreból!  
Cantemos, porque, Deus é tudo e tudo inspira:  
Cada átomo é uma nota inflamente, na lira,  
que empunhamos, saudando a luz universal!  
Cada romance — é um céu, cada estrofe, uma estrela.  
e o inspirado cantor, ansioso de acendê-la,  
engasta, em cada ponta, um sonho virginal!  
Quando o século vier, completando a jornada,  
e encontrar-me, a dormir, na perpétua morada,  
sem a lira nas mãos ... ficarei a cantar!...  
nas orações que fiz, no silêncio das naves,  
nos hinos que deixei, na garganta das aves,  
nas canções que arranquei das entranhas do mar!

### PINAGÉ LÍRICO E AMOROSO

Em verdade, Rodrigues Pinagé é essencialmente um lírico. Um romântico e amoroso à maneira de sua época. Um boêmio que soube extrair de sua vida descuidada, em versos, os melhores momentos de emoção e ternura.

Clóvis Silva de Moraes Rego destacou no prefácio do livro "MUSA BOÊMIA" o poema "Teus Olhos Dentro da Lua", — elaborado, conforme mais tarde confessaria, "nas suas andanças solitárias pelo vasto lençol de areia das praias do Mosqueiro, em noite enluarada". Ei-lo:

"De olhos perdidos na extensão das águas,  
pensando na extensão das minhas máguas.  
longe de ti, meu adorado amor,  
julguei pequeno o céu, julguei pequeno  
o mar, o firmamento, o ar sereno,  
todo o tropicalismo do Equador!  
E perguntei ao mar e ao firmamento  
onde estarias tu, nesse momento  
de que te poderias recordar!  
Perguntei aos espaços, às procelas,  
ao firmamento, às nuves, às estrelas,  
a todo mundo! E ninguém quis falar!...  
Mais tarde, lentamente despontando  
no céu a lua, pálida, rezando,  
qual solitária monja de marfim,

contemplando a amplidão silente e nua,  
vi teu saudoso olhar dentro da lua,  
quando essa lua olhava para mim!”

Nas “Trovas do Caeté”, — homenagem à juventude de Bragança, cidade que o poeta adorava e onde muitas vezes se refugiava nas suas aventuras boêmias, — encontramos duas trovas que merecem ser lembradas. O lírico e amoroso estão aí presentes em toda a sua pujança:

“Ouvindo, ao longe, um violão, na rua,  
meu peito arfava de saudade tonto,  
e a palmeira apontando para a lua  
dizia que era meia noite em ponto!”  
E esta:  
“Era doce escutar horas inteiras  
a orquestra natural pelo caminho,  
como se a aurora fosse um passarinho  
e pousasse cantando nas palmeiras!”

E, com o passar dos anos, o bravo e insaciável boêmio ainda resistia e cantava de forma altaneira:

“Canta e sorri, ó Musa Boêmia e linda!  
Hamonisa o final das minhas horas!  
Pára o sol no ocidente! Eu quero auroras!  
Não me deixes dormir que é cedo ainda!”

### PINAGÉ HUMORISTA E FESCENINO

No livro citado de Georgenor Franco colhemos algumas passagens do poeta satírico, fescenino e bem humorado, que foi também Rodrigues Pinagé. Sempre que lhe perguntavam como estava passando, num encontro de rua, respondia com esta fórmula:

— Vou bem, graças a Deus e à luz elétrica.

Para um boêmio de sua estirpe, nascido no século passado, a luz elétrica deveria ter sido, de fato, acontecimento transcendental. Sabe lá o que é transformar noites escuras em quase novos dias, prolongando tertúlias indefinidamente!...

O poema “Sangue” é do gênero fescenino. Lembra, em algumas soluções, certos instantes da poesia de Ascenço Ferreira e Jorge Fernandes, com o aproveitamento de expressões populares curiosas. Não o transcrevemos na íntegra, por ser longo. Porém, seu início e final já nos dão idéja perfeita do seu conteúdo. Ei-lo :

“Cabocla de todos os diabos!  
Cabelo preto de uma figa!  
Cabocla filha da mãe!  
Vai tentar o capeta, cabocla danada!”

E conclui assim:

“Eu te arrenego, cabocla do meu sonho!  
Cobrinha de coral, que é meu brinquedo!  
Eu te arrenego e te bendigo,  
porque te sinto fervilhante  
dentro da minha camisa,  
dentro da minha carne  
dentro do meu sonho nordestino!  
E quando estás em mim  
e eu te sinto, queimando-me a boca,  
— ó minha brasa cheirosa, —  
cresce na minha cabeça  
cada pé de vento deste tamanho!  
E, no desespero de minha alegria  
e da minha vaidade,  
cabocla de todos os diabos,  
só acho duas palavras prá me desabafar:  
— Home Vôte!...

No livro “Musa Boêmia” também transparece o tom de humor e sátira que às vezes utilizava. Por exemplo, no poema evocativo “Belém dos quatro B”, ele lembrava:

“... Nos teus tempos, Belém dos meus sonhos,  
a galinha botava dez ovos por quinzena,  
por ter o direito de ficar choca!...  
Hoje, um ovo tem cem pratos  
dentro da casca intocável;  
A galinha mora numa granja de madeira de lei,  
fala inglês, toma injeção  
e bota três ovos por dia! ...  
Até a galinha é um produto da evolução!”

Georgenor Franco ainda nos fala nos sonetos famosos de Pinagé em homenagem a Marta Rocha, — a brasileira que perdeu o concurso de Miss Universo por causa de duas polegadas a mais. Ele os tem gravados, na própria voz do poeta, — o que deve ser uma preciosidade. Na espécie, temos anotado apenas o soneto espanholado “Solidariedad”, que o poeta dedicou a uma cubana ... Mas este, infelizmente, é impróprio para menores até oitenta anos ou mais ...

### UMA OBRA PRIMA DE PINAGÉ

Quando de sua visita a Natal, em 1969, ouvimos, pela primeira vez, o poema “Somos os Mesmos”, que é antológico. É uma obra prima. Ele o dedicou à sua esposa, — a quem tratava por Mundica, — por ocasião do transcurso do 60º aniversário de seu casamento. Bastariam estes versos para consagrar qualquer grande



poeta. E a sua leitura, hoje, ainda mais nos comove, quando sabemos que, pouco tempo depois que o escrevera, falecia sua esposa, tendo ele próprio desaparecido alguns anos à frente. Eis o poema:

### SOMOS OS MESMOS

Escuta, meu amor: Firmam-se os termos  
da lei, que aos nossos corações enfermos  
limita a adoração que tens por mim!  
No decurso das lágrimas que choras,  
nosso relógio, que não tem mais horas,  
marca poucos minutos para o fim!

Seis décadas nos pesam sobre os ombros.  
Se hoje os nossos castelos são escombros,  
sobre essas ruínas teu sorriso é sol!  
Deslumbrado no amor com que me elevas,  
não me assombraram, no caminho, as trevas  
porque tenho no lar meu arrebol!

Fomos jardim, floresta e sementeira!  
Eu — pau d'arco imponente! E tu — roseira  
nas terras altas de sertões enxutos!  
Hoje, somos dois troncos sem alfombra,  
árvores secas, sem sação, sem sombra,  
sem pássaros, sem ninhos e sem frutos!

Tu — da insídia fugindo à tempestade;  
eu — vencendo as crateras da maldade,  
seremos sempre justamente iguais;  
Eu — sem temer as lavas do vesúvio,  
e tu — flutuando à tona do dilúvio  
— dois resignados — viveremos mais!

No entanto, és moça, para mim, querida!  
Secrário augusto, de dourada ermida,  
onde recebo unção e eucaristia  
e experimento as emoções de outrora,  
no mesmo abraço que me dás agora,  
com o mesmo beijo que me deste, um dia!

### BREVES DEPOIMENTOS SOBRE O POETA

O escritor Pedro Tupinambá, no artigo "PINAGÉ — O PRÍNCIPE", fixou de maneira significativa a impressão que o poeta lhe provocava, ao declarar: "A primeira vez que ouvimos Pinagé declamar, daquele tom de voz inconfundível, envergando um jaquetão negro e comprido, gesticulando com os dedos muito finos e sacudindo o corpo, olhar febril, o rosto bronzeado, contrastando com a cabeleira alva, tivemos a impressão de estar à frente de um profeta do Antigo Testamento".

Por sua vez, o escritor Clóvis Silva de Moraes Rego escreveu: "Em Rodrigues Pinagé, não sei bem o que o mais me empolga, nem o que mais me fascina. Não sei, em meio ao turbilhão de tudo quanto jorra da privilegiada mente criadora, em meio ao manancial inesgotável de seu talento poético, em meio ao desmesurado vigor da perene cascata de poesia, que é a constante de sua existência feliz e sonhadora, não sei, repito, onde mais lhe descubro o excepcional poder arrebatador; se no sublime lirismo de sua vocação parnasiana, como excelso discípulo de Bilac, ou na infinita simplicidade de seus versos soltos, brandos e ternos de trovador espontâneo; se na beleza profunda de sua feição romântica, desenfreadamente romântica ... "Adiante: "Não sei se mais o admiro na musicalidade de seus sonetos enternecedores ou se na exuberância de seus longos e pomposos poemas; se nos borbotões de sua inigualável fonte vocabular, transbordante de poesia, sem os rigores da métrica, do ritmo e da rima, ou se no luxo a que se entrega, como primoroso manejador de palavras, nas composições de roupagens faustosas e requintado trabalho".

A escritora Geraldina Marx (Gazeta de S. Paulo, 25.8.54) expressou a sua admiração pelo poeta com estas palavras: "Tanto ele é harmonioso num verso lírico e terno a uma árvore, como se enternece à presença de uma criança ou nos provoca estremecimentos ao narrar a dolorosa tragédia de um manicômio. A onomatopéia encontra no talento de Pinagé uma forma impressionante. "Adiante: "Quando se ouve Pinagé declamar seus próprios versos, parece que ele se transfigura e a voz possui todos os encantos da paixão, de enternecimento, de piedade, com o timbre pleno de ressonância, de cor, de movimento e de expressão".

Georgenor Franco, no seu livro "POESIA SEM PRÍNCIPE", dimensionou a sua admiração e tristeza face ao desaparecimento do poeta: "Nunca mais aqui ou em outro Estado do Brasil encontraremos um poeta como ele, um homem como ele, poeta na expressão mais pura da palavra, que escrevia versos imortais e os declamava de uma maneira personalíssima e invulgar. Homem simples e bom, mesmo sofrido e amargurado, sorrindo sempre e espalhando alegria por onde andava, parava ou sofria".

Creemos que estas breves citações muito dizem da admiração daqueles que o conheceram bastante e com ele conviveram de perto. Outra igualmente não foi a impressão que ele nos deixou, ao conhecê-lo pessoalmente. Sua figura humana e sua poesia nos deslumbraram. Sentíamos que, diante dele, não estávamos ao lado de um homem comum. Pinagé e sua poesia nos deixaram uma impressão tão viva, que acreditamos não se apagará mais nunca.

### JUSTIÇA PARA A MEMÓRIA DO POETA

O que é preciso é que o Ric Grande do Norte saiba fazer justiça à memória do grande poeta potiguar, que se projetou noutras placas, elevando o nome da nossa terra.

Se em vida não recebeu dos seus conterrâneos e de sua terra as homenagens que tanto merecia, — o que é lamentável, — pelo menos que se lhe dêem agora, depois de sua partida, a glorificação que sempre soubemos tributar a quantos intelectuais norte-rio-grandenses brilharam no passado, dentro ou fora do Estado.

Rodrigues Pinagé, — eis um nome e uma legenda para denominação de novas escolas, grupos escolares, prêmios literários, bibliotecas, ruas, avenidas, logradouros

públicos em geral.

Uma terra que não dignifica seus filhos ilustres não é digna também de partilhar de suas glórias. Justiça para esse extraordinário e inesquecível poeta Rodrigues Pinagé, — é o nosso apelo, a nossa sugestão.

## BIBLIOGRAFIA

- FRANCO, Georgenor — **“Poesia Sem Príncipe”** — Gráfica Falangola Editora — Belém — 1974.
- PINAGÉ, Rodrigues — **“Musa Boêmia”** — Imprensa Oficial — Belém — 1968.
- REGO, Clóvis Silva Moraes, — **“Pinagé — O Poeta e seu Canto”** — in Rev. da Acad. Paraense de Letras — Vols. XII e XIV, — 1969/1971 — Belém.
- **“Menestrel Divino e a Casa de Bragança”** — in Rev. Acad. Paraense de Letras, Vols. XII, XIV — Belém — 1969/1971.
- **“Pinagé Redivido na Grandeza de sua Obra Eterna e Bela”** — in Rev. de Cultura do Pará — Ano 4 — Vols. 14 e 15 — Belém — 1974.
- TUPINAMBÁ, Pedro — **“Pinagé — O Príncipe”** — in “A Província do Pará” — Edição de 27.8.1967.
- TUPINAMBÁ, Pedro — **“Discurso de Posse na Academia Paraense de Letras”** — in Rev. da Acad. Paraense de Letras — Vol. XIX, Belém — 1976.



## INTRODUÇÃO AO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

José Melquiades

Francisco Gaspar de Menezes Cruz nos apresenta **esta bela versão** de O CÂNTICO DOS CÂNTICOS. É uma excelente tradução que ele fielmente foi buscar ao original hebraico. Já antes traduzira o livro dos SALMOS, que a editora Vozes publicou em 1968, edição hoje de toda esgotada. Tanto o SALTERIO, quanto o CÂNTICO estão bem elaborados em versos decassílabos, num ritmo puro e límpido como um regato a cascatear entre flores. O autor de tão encantadoras páginas não esconde os seus temores cristãos dentro da "erótica religiosa" na "sedução do Oriente misterioso". Confessa, na introdução, que o poema bíblico não passa de "um conjunto nupcias ou himeneus enfeixados posteriormente em uma única peça". Há talvez, **aí, um reflexo** de vida no alegre paganismo dos festivais de Baco. Himeneu era o deus do casamento e presidia à cerimônia nupcial de acordo com o rito. Filho de Baco e de Vênus, seu culto se espalhou por toda parte e os gregos o invocaram em suas bodas. Era representado pela figura de um jovem louro e belo, sorridentemente coroado de flores e frutos, sobressaindo-se nozes e romãs. As romãs são abundantes no CÂNTICO DOS CÂNTICOS e faziam **parte das alegorias antigas**. Moisés nos fala delas no capítulo 28 do Êxodo, mandando que as colocasse nas vestes sacerdotais e "com esta túnica estará vestido Aarão, quando fizer as funções do seu ministério". Francisco Gaspar de Menezes Cruz trabalhou o texto bíblico com mão de mestre e sensibilidade de artista. Quase nada teríamos a acrescentar, não fosse o impulso **irresistível** de algumas considerações paralelas. Gaspar de Menezes Cruz tem bastante razão para negar a autoria deste poema ao rei Salomão. Mons. Castro Pinto em notas suplementares à Bíblia da Barsa, edição de 1969, assim explica: "**De Salomão**: segundo o original, esta expressão poderia designar Salomão como objeto de cântico e não **como autor**". **Renan** chegou à conclusão de que este livro foi escrito por um judeu amoral. Realmente, em muitas versões da Bíblia o **Cântico dos Cânticos** é chamado canção de Salomão, mas isto foi suposição de quem primeiro encontrou o original. A Salomão se têm atribuído vários prodígios, inclusive uma sabedoria invulgar e até extraordinária, a par de uma virilidade extravagante no seu serralho de mil mulheres. Isso para um homem que viveu apenas 58 anos. É lícito se duvidar de tantos e exagerados predicados. Pode-se contra-argumentar com uma **séria de** fatores negativos. Arrebatou o reino a seu **irmão mais velho**, Adonias, fez-se ungido e empossado no trono de Israel, negou-se, a pedido da própria mãe, Betsabá, a dar ao irmão destronado, como esposa, a **Absag**, mulher formosa e bela que, segundo a Bíblia, aqueceu castamente a velhice de Davi. **Sentenciou** o irmão Bananias, seu capitão da guarda **pessoal**, a executar a pena de morte. Mandou igualmente matar Joab e Semei, destituiu Abiatar do sacerdócio, Abiatar que escapara milagrosamente ao massacre de Saul, desterrando-o para Anatot. Porque tentou abrir em banda uma criancinha de peito para arrancar a confissão de uma mãe desesperada, ganhou fama de sabedoria; tal expediente fora usado antes por **Moisés** como uma praga, aquilo que o êxodo chama a morte dos primogênitos" e pela qual foi punido inocentemente o filho do Faraó. Os parti-

dários do esoterismo lhe atribuem a posse de um anel prodigioso só igualável ao anel de Giges que tornava invisível a quem o colocasse no dedo. Até o caracterizam como sendo metade de ferro e metade de ouro. Como, porém, costumavam, no Egito, alguns reis usarem um anel de sinete e com ele autenticavam certas ordens imperiais, então o anel passou a chamar-se **sino ou selo de Salomão**. Nada mais falso. Na Bíblia só se fala no anel de sinete que o Faraó emprestou a José quando o nomeou ministro do reino (Gen. 41,42). **Também, alude o mesmo anel a Assuero**, o qual, para proteger Ester, tomou-o de Hamã, entregando-o a Mordecai (Ester 8, 2). E que eu saiba, somente isso. Entretanto, as seitas secretas são muito privilegiadas com revelações confiadas unicamente aos iniciados nos **sagrados mistérios**. E com isso Salomão ficou igualmente recompensado.

Assim, pois, ganhou Salomão, pela opinião popular, dons especiais: piedoso, sábio e justo; prudência e grandeza de coração, além de dotes intelectuais invejáveis e um montão de livros que **ele jamais** escreveu. Pierre Bayle por ter levantado a vida profana e sensual de seu pai Davi mereceu duras e vexatórias perseguições. Foram-lhe igualmente creditados 42 odes e 18 Salmos. Não tardou muito e logo **caíram no rol dos apócrifos**. **As odes são pseudos hinos** baseados na adoração mística. Nesses hinos a virgindade constitui pré-requisito à perfeição, o que nunca foi a virtude máxima do filho de Betsabá. **Lactância**, nas suas **Divinae Institutiones**, **alude** a uma dessas odes, mas não esclarece muito sobre seu autor.

O mesmo não aconteceu no **Pistis Sophia** ou o Código de **Askew**, um texto gnóstico do III século **traduzido** do grego e preservado no museu britânico. Aquele texto faz referência a 5 dessas odes. Como, porém, tudo ali gira em torno de interpretações gnósticas sobre o Velho Testamento, logo o **Pistis Sophia** ou Sabedoria da Fé está eivada de heresias e sofismas cavilosamente **arranjados** à maneira do Targum judeu. Os Salmos apresentam, na **composição**, certa semelhança com os do pai Davi. Sabem os estudiosos que nem todos os Salmos são de Davi. Os 150 Salmos do **Salterio bíblico** são de vários autores. **Há Salmos atribuídos a Asafá, a Hermon**, filho de Corá, a Ezraite e até a Moisés. **Quando predominou o Novo Testamento, judeus cristãos** reuniram os 150 salmos sob a epígrafe de Davi. Sabe-se também que monarcas e governantes nem sempre dispõem de tempo para escrever, nem mesmo para elaborar os seus discursos; e ninguém ignora que sobre eles pesa a responsabilidade de muitas injustiças que não cometeram. A fertilidade intelectual é uma delas. Daí a razão de Gaspar de Menezes e outros exegetas negarem a autoria da **Esposa dos Cantares a Salomão**, como se pode duvidar de outros livros da sabedoria divina saídos de seu estilete, numa época em que não existia material adequado à escrita humana. Quanto aos Salmos de Salomão, dir-se-à que aquele que os escreveu **nunca** pensou neste soberano, pois a ele não **se faz** referência alguma. Tudo leva a crer que a tradução grega, aliás muito confusa, é a versão siríaca saída do hebraico, assim como, segundo Renan, "o Evangelho foi primeiro um livro siríaco numa língua semítica". Tudo estava moldado no siro-caldaico, abusivamente chamado hebreu, conforme conclusão do autor de Os Evangelhos. Estes pseudo-escritos se guiavam por interpretações generosas com a escolástica da **halaka** que nos legou o exemplo do Talmude. Da **halaka** passou-se a **agadá**, interpolada de fábulas e lendas encomendadas, sonhos e quimeras e "esperanças ilimitadas". Assim, pois, as odes **creditadas a Salomão** refletem a história de Edessa, e os Sal-



mos a entrada 'de Pompeu em Jêrusalém; e até menciona **sua morte** no ano 48 a.C. Francisco Gaspar de Menezes Cruz, escolástico e humanista, conhece todo esse prodigioso trabalho da imaginação humana; e está bem certo quando discorda da autoria do livro.

## A POESIA HEBRAICA

A base da poesia hebraica repousa no paralelismo cadenciado e não no metro que regula a **quantidade das sílabas** em intervalos regulares, como na poesia grega ou latina. **O número de sílabas não acentuadas pode variar** à vontade. Predomina, no entanto, **uma simetria bem arranjada** e a repetição é inevitável para harmonizar o verso, que assume quase o caráter de verso livre. Às vezes o paralelismo é redundante e os elementos da estância se repetem com sentidos diferentes. Nunca se assemelham à estrofe **ou ao apodo** de uma ode. Este exemplo pode-se cotejar como excelente ritmo que o próprio Gaspar de Menezes Cruz trouxe direto do hebraico, introduzindo-o no vernáculo:

... Por isso me puseram  
como guarda da vinha, mas eu não  
guardei sequer a minha própria vinha  
Noite após noite, no frouxal do leito;  
Busquei aquele, que minh'alma adora  
andei-lhe à cata, sem o ter achado  
vou levantar-me e percorrer as ruas  
atrás daquele, que minh'alma adora.

Veja-se aí o forte traço do paralelismo hebraico, embora bem atenuado pelo gênio cadente dos engenhosos decassílabos de mestre Gaspar Cruz. Há passagens mais sonoras do que mesmo se encontra na Vulgata. Se não, vejamos:

Gaspar: Amiga minha! Vem, formosa minha!  
Eis que o inverno terminou. Cessaram  
completamente as chuvas e nevascas.  
Flores voltaram colorindo a terra,  
chegou de novo o tempo das canções.  
Em nossa terra já se pode ouvir  
a meiga voz da rola turturina.

A Vulgata: **Propera amica mea, et veni, columba mea,**  
formosa mea, et veni.  
Iam enim hiems transiit, imber abiit  
et recessit.  
Flores apparuerunt in terra nostra,  
Tempus putationis advenit: vox turturis  
audita est in terra nostra.



**Gaspar:** Destilam mel teus lábios, minha esposa!  
Há mel e leite sob a tua língua  
O perfume de tuas vestimentas  
é o perfume que possui o Líbano.  
Ó minha irmã e minha esposa! Tu  
és um jardim fechado, és uma fonte  
uma nascente que ficou selada.

**A Vulgata:** Favus distilans labia tua sponsa, mel  
et lac lingua tua: et odor vestimentorum  
tuorum sicut odor thuris.  
Hortus conclusus, soror mea, sponsa  
hortus conclusus, fons signatus.

Não falta, no poema, o misticismo do número pela qualidade e o simbolismo que lhe emprestava a Cabala. Eis um exemplo; nos decassílabos de Gaspar de Menezes:

É a liteira em que vem conduzido  
o nosso soberano Salomão  
Por setenta guerreiros escoltados  
Por setenta valentes de Israel.

Setenta é um número místico por excelência. Era crença em Israel que o Senhor dividira o mundo em **setenta** e duas nações, entregando cada uma à guarda de um anjo. Setenta eram os membros do Sinédrio; setenta os anciãos de Moisés. No primeiro cap. do Êxodo se lê que setenta almas saíram da coxa de Jacó quando José já se encontrava no Egito. Outros setenta eram os filhos de Jericó. Isaías também fala do canto de uma prostituta e por ele Tiro seria esquecida por setenta anos, igual-aos dias de um rei (Is. 23, 15). Tiro era uma cidade **famosa na** costa do Mediterrâneo e possivelmente o porto de maior influência no tempo de Salomão. Hiram, rei de Tiro, ajudou a Salomão a construir o Templo de Jerusalém. **Daí a** alusão ao nome do filho de Davi nesta passagem do Cântico e a presunção de que um monarca morreria depois dos setenta anos. Salomão morreu com 58. Mas não se esgota, nessa passagem, o simbolismo do número setenta. Jeremias é de opinião que a terra seria "um lugar devastado, um assombro", e que as nações serviriam ao rei da Babilônia durante setenta anos. Daniel, numa de suas visões extraordinárias, concluiu que a devastação de Jerusalém duraria setenta anos e que setenta semanas seriam necessárias para acabar o pecado. Complementando as palavras de Daniel vem aquela passagem do Evangelho de Mateus na qual Pedro pergunta ao Mestre quantas vezes se pode perdoar o pecado do irmão.

— Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete, respondeu-lhe Jesus. Setenta é um número sagrado por excelência, múltiplo **de dois números perfeitos:**  $7 \times 10$ . Setenta foram os anos de cativo da Babilônia (Jer. 25, 11); e setenta dias os egípcios choraram a morte de Jacó (Gen 50.). Zacarias ouviu a voz de Jeová

referindo-se a um jejum de setenta anos. (Za. 7,5) Jesus antes de iniciar a viagem triunfal a Jerusalém nomeou **outros setenta** e dois, enviando-os às cidades aonde Ele deveria ir. Não é de admirar, pois, esta passagem do Cântico e a alusão simbólica ao nome de Salomão.

O **CÂNTICO DOS CÂNTICOS** é a tradução direta do hebraico “Shir Hashirim”, uma forma de superlativo nas línguas siro-caldaicas. Esta forma gramatical prevalece em várias passagens da Bíblia: o **Rei dos Reis**, o **Santo dos Santos**, **Valdade das Valdades**, o **Livro dos Livros**, o **Século dos Séculos**. São Jerônimo acreditava que este livro pertencia mesmo a Salomão. Assim escreveu ele no “prefácio in libros Salomonis”. Deixou-se levar pelas referências feitas ao nome desta soberano. Gaspar de Menezes, com muita autoridade, nega esta autoria e o faz com argumento irrefutável. Um dos argumentos de Gaspar de Menezes é que o “texto original hebraico está vazado em hebreu post-exílico”. Argumenta ainda que “há inúmeros estrangeirismos, inclusive o termo grego **appryon** e pululam expressões e palavras inexistentes na língua em que falou Salomão. Estamos de acordo com a argumentação do tradutor. Talvez tenha acontecido ao compositor dos **Cânticos** o mesmo que aconteceu a Lucrecio quando teve que adaptar, em versos hexâmetros, a prosa abstrata de Epicuro, numa época em que a língua latina não possuía ainda vocabulário filosófico adequado a tal sistema. Resultado: valeu-se Lucrecio de palavras comuns para transmitir os termos técnicos como **conclium** — assembléia — para expressar **sistema atômico primordial** — entrelaçamentos iniciais — com o significado de **átomos**; e até neologismo, como **clinamen** (do verbo clino) para **desvio** ou **inclinação**. Pertence ao **Magilote** ou Papiros, coleção na qual se inclui o segundo grupo dos livros hagiográficos, entre eles Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester. O Cântico dos Cânticos, na opinião de alguns estudiosos, compreende um poema amoroso, com forte dosagem erótica, em louvor ao gênero humano. Alguns exegetas, pela sua inclusão no Canon, interpretam-no como um canto alegórico sobre a preocupação divina entre Jeová e Israel. São Jerônimo confessa que tanto a leitura do Cântico, quanto a do livro de Ezequiel só era permitida ao judeu maior de 30 anos, o que significa o temor ao lado profano e humano do poema. O **Magilote** era lido na Sinagoga durante certas cerimônias e só se recitava o Cântico dos Cânticos na solenidade da Páscoa para relembrar a saída do Egito. A Páscoa, por sua vez, celebrava-se na primavera e esta referência encontra-se claramente em algumas linhas da recitação. Não há, neste poema, uma unidade coesa ou coerente com a narrativa. Tudo se desenvolve livremente entre o amor de um homem por uma mulher. A linguagem é alegórica e bastante sensual. O livro foi, por muito tempo, atribuído a Salomão, mas sobram razões para não se aceitarem tal suposição. Salomão está ali citado como Dante, no I canto da Divina Comédia, se perde na selva escura e se encontra com Virgílio e, juntos, passeiam pelo Inferno e pelo Purgatório. É a mesma temática que levou Milton a criar o Pandemônio, inaugurando-o como a capital do Inferno. Além do mais, Salomão é aqui tratado na terceira pessoa. A linguagem do livro nos leva a crer que foi escrito realmente, como conclui Gaspar de Menezes, numa época bem posterior. Há palavras de empréstimo não só ao grego como ao persa. Em todo o poema destacam-se elementos arcaicos, o que prova que o **texto foi revisado** e adaptado ao ritualismo da época. O autor do livro é desconhecido e deve ter sido mesmo, conforme Renan, um judeu amoral. O livro é bem ao gosto de Agadá. Pela Agadá os judeus executavam a Lei com inter-



pretações lendárias. “A Agadá e a Parábola”, escreve Renan “não admitem contornos nítidos; é a transição leve e descuidada da realidade. E este ar de aparente candura que seduz e comove os leitores crentes”. Toda a trama vem narrada em forma de diálogo e tudo indica que a **heroína** do poema é uma campestre rústica, talvez mesmo uma alusão ao serralho de Salomão, onde, segundo a Bíblia, se escravizaram mil mulheres. Por trás do idílio, a lamentação e o anseio de liberdade. Está isento de elementos dramáticos, pois esta característica trágica não existia na literatura semítica. O coro é arranjo do teatro grego.

## O CORO NO TEATRO GREGO:

Esta feição dramática nasceu dos rituais religiosos e do sentimento místico. Estas formas latentes encontram-se na tragédia grega. Na Grécia, este rito prende-se a **Dioniso**, o deus do vinho e da vinha, as forças e as fontes da natureza viva. **Dioniso nos fornece o tema para o êxtase** dos sentimentos humanos entre o espírito lascivo que domina os campos, a floresta, a serra e anima os corações jovens. No culto prestado a Dioniso de Atenas, onde se iniciou a tragédia, ali a divindade era venerada em manifestações diferentes e foi então que nasceu o **ditirambo**, um hino lírico com estâncias irregulares que exprimia o delírio dos manifestantes, culminando pelo entusiasmo da alegria. O ditirambo é, pois, o precursor do coro. O ditirambo, em honra a **Dioniso**, era dançado e cantado por 50 vozes. A comédia ática surge da improvisação dialogada, só mais tarde entoada e depois transformada em canções fálicas. A comédia nasceu do termo “komos” (folia, orgia, bacanal). Era a “canção do komos”. O coro era improvisado e cantarolado por aqueles que se inebriavam com o vinho. Do ditirambo surgiu o coro com os seus **phalophoroi**. O termo ditirambo é de etimologia desconhecida. **Sabe-se, apenas, que era** modulado pelos que se banquetavam no ritual festivo, liderado por uma pessoa “tocada pelo furor do vinho”. Heródoto nos faz crer que o ditirambo já existia 600 a.C. e que foi Arion de Metina, em Lesbos, o seu criador; ou pelo menos, foi este poeta que lhe deu o feitiço **literário**. Segundo Heródoto, Arion era poeta e músico e **amigo** de Periandro, tirano de Corinto. Infelizmente todos os ditirambos de Arion se perderam e não há como julgá-los. Um dos mais famosos compositores do ditirambo foi Lasus de Hermione que se acredita ter sido professor de Píndaro. De qualquer modo, a grande fase do ditirambo, na poesia grega, culminou com a idade de ouro do coral lírico. De todos estes ditirambos primitivos só chegaram até nós os de Simônides de Keos, citado por Plauto na sua **Protágoras**. O poeta cômico Cratinus que compôs coros para comédias burlescas afirmava ironicamente que “não há ditirambo quando se bebe água”. De qualquer modo, na comédia ática, o ditirambo consistia de um diálogo entre o coro e o solista, o que emprestava maior dramaticidade à narrativa. Pois bem, todos estes elementos, embora um tanto atenuados, encontram-se no Cântico dos Cânticos, e o poema se situa mais na Grécia do que na Fenícia. É o gosto pelo vinho, o encanto da vinha, o prazer de possuir a videira. Veja-se o coro inicial nos harmoniosos versos de Gaspar Francisco de Menezes Cruz:

Por tua causa nos transbordaremos  
de alegria e de júbilo sem conta.  
Teus afagos irão embriagar-nos



mais que qualquer dos vinhos capitosos.  
Razão de sobra temos para amar-te.

A tradução de Gaspar de Menezes tem o sabor das Églogas quando Virgílio bucolicamente se disfarça em Amintas, Melibeu, Coridon ou Menalca. É o estilo agreste, o toque da terra e o cheiro dos campos.

O livro que Gaspar de Menezes traduziu com tanto carinho e tanta harmonia encerra uma coleção de canções amorosas depuradas na tradição oral e extraídas do folclore semítico com certas inspirações ou aspirações religiosas. Esta observação foi muito bem apreciada por Wetzstein, cônsul da Prússia em Damasco, no século passado. Observou ele que nos cerimoniais de casamento, os camponeses sírios se deleitavam em entoar canções religiosas e que durante os 7 primeiros dias que se seguiam às bodas, marido e mulher representavam simbolicamente o papel de rei e rainha. Os comentários de Wetzstein foram publicados em 1873 acompanhados de algumas canções populares extraídas do folclore palestino, onde aparecem semelhanças marcantes do Cântico dos Cânticos. O tema básico daquelas canções é realçar os encantos físicos e apresentar a noiva "como um jardim" de rara beleza. Não resta dúvida, todavia, que o Cântico dos Cânticos é bem uma mistura dos ritos sumerianos, do culto fértil da antiga Mesopotâmia e dos matrimônios sagrados contidos nos textos **Ras Shamra**, textos estes datados do século 15 a.C., fragmentos sírios da velha mitologia cananéia. O tema central é fortemente alegórico, com um toque acentuado sobre a sensualidade, a fertilidade e a embriaguês dos sentidos. Vinte e três vezes se fala em vinho, vinha, **vinhendo, vindima**. Haja vista os "cachos de uva do parreiral de En-Gádi". E lá para as tantas se lê esta bela passagem que faria inveja a Umar Khayyám, com seu "ateísmo místico ou o seu hedonismo epicurista":

Comei, bebei, amigos meus caríssimos  
sem medo algum de vos embriagardes.

Há uma sensibilidade lírica das Bucólicas virgilianas:

Seus olhos se assemelham aos das pombas  
à beira dos regatos e banhando-se ...

O livro contém cerca de 450 linhas e todo este sentimento lírico e a emoção artística se refletem nos versos decassílabos de Gaspar Francisco de Menezes Cruz. A excelente tradução rítmica escorre "das fontes de Hesebón perto da porta dita Batrabim". Surge o encanto da sensualidade contagiante quando o esposo convida a amante ao campo, onde devem "passar a noite toda nos pomares":

Manhã cedinho iremos ver as vinhas,  
**Verificar** se estão florindo as uvas,  
Ou se há flores já nas romanzeiras:  
Eu te darei ali o meu amor.

Não falta o perfume que exala das mandrágoras, esta planta afrodisíaca que os israelistas acreditavam excitar o amor e facilitar a concepção. **Raquel e Lia** se deixaram conduzir por sua sedução e lhes nasceram filhos nesse doce enlevo. Tudo isso torna-se mais encantador na tradução de Gaspar de Menezes.

FRANCISCO GASPAR DE MENEZES CRUZ é o responsável por toda essa grandeza literária. **Seus versos são fluentes, suaves, cadentes**; compasso e harmonia. Às vezes apresentam uma sensibilidade litúrgica em enlevo de cantochão. Gaspar de Menezes é um humanista refinado. Como nenhum outro humanista, conhece ele muito bem a poesia grega e a latina e não desconhece o hebraico. Parece ter ouvido Mirto e Corina e penetrou, com os seus conhecimentos, nas sutilezas harmônicas da época jônio-dórica. Seu estilo poético é espontâneo, brilhante e imaginoso, com uma animação vibrante e expressiva. Esta sua tradução tem harpejos de hino, cadência de ditrambo e sensibilidade de encômios. Deu um cunho especial, pelo ritmo e pela expressão, ao coro poético, que neste poema muito difere do de Sófocles, nos dramas satíricos, ou do coro das ninfas de Ésquilo. Francisco Gaspar de Menezes Cruz acumulou os conhecimentos de São Jerônimo, o exegeta que introduziu, no ocidente, o pensamento grego. Imitou-o mesmo, com independência e sem subserviência, em alguns estudos e interpretações, pois foi o próprio Jerônimo, que traduziu para o latim, seguido de comentário, dois sermões de Orígenes sobre o Cântico dos Cânticos e fez a revisão dos Salmos baseado na antiga versão latina. Gaspar de Menezes é um homem de notório saber. Coursou humanidades em seminários jesuítas, onde estudou filosofia e teologia. Lá alicerçou a sua cultura clássica e aprofundou o conhecimento nas línguas vivas e mortas. Na Companhia de Jesus, familiarizou-se com a cultura grego-romana. Sabe latim e grego como São Jerônimo e conhece hebraico como os tradutores da Septuaginta. Abandonou os Jesuítas no 2º ano do Seminário Maior já tendo assimilado a metafísica e a Teologia de Tomás de Aquino. Homem estudioso e apegado aos livros, concluiu o curso anglo-germânico e fez até o 4º ano de Direito. **É um** escolástico, um exegeta e um poliglota. Professor universitário dos **melhores, possui a** memória de Picco Della Mirandola que conhecia, entre outros idiomas, grego, latim, hebreu, aramaico, e árabe; e que também escreveu seu **Heptaplus**, excelente comentário sobre o Gênesis. Gaspar de Menezes já traduziu, igualmente, em versos decassílabos, diretamente do hebraico, todo o Saltério que a Editora Vozes publicou em 1968, cuja edição se esgotou em seguida. No seu gosto pelas coisas clássicas e no seu modo de versejar, talvez se aproxime mais de Quintiliano do que mesmo de Horácio ou de Ovídio, embora esteja bem familiarizado com estes autores. A versão do "CÂNTICO DOS CÂNTICOS", que ele hoje apresenta aos estudiosos desses assuntos, é um trabalho que engrandece a literatura nacional. Tudo que disséssemos sobre o livro e sobre o tradutor ainda diríamos muito pouco, porque as palavras não bastam para descrever o esforço e a sensibilidade desta tradução. Só nos resta parabenizá-lo e nos associarmos, de espírito e coração, aos seus leitores. Vale penetrar avidamente na leitura deste livro e sentir a emoção desses belos versos.

É uma tradução valiosíssima, tão importante para o conhecimento clássico quanto a de Antônio Luis de Seabra às Sátiras ou a de Francisco Soares de Melo à **Arte Poética**. Vale concluir com as palavras de Quintiliano à **Epístola aos Pisões**: Esta tradução de Gaspar de Menezes é **realmente um** Livro de Arte Poética.



O “CÂNTICO DOS CÂNTICOS” composto por el — Rei e poeta Salomão.

## PALAVRAS PRÉVIAS

**“A própria Bíblia tem seu Rubaiats, / ou  
Cama-Sutra mais divino e puro!”**

Versão fiel do texto original levada a cabo pelo mesmo autor que traduziu o Livro do Saltério: Gaspar Francisco de Menezes Cruz.

Único livro da Bíblia onde não figura o sacrossanto nome de Deus, constituem os CANTARES, indebitamente atribuídos a Salomão, um conjunto de cânticos nupciais ou himeneus que, ao que tudo indica, existiam primitivamente em separado, tendo sido em época posterior enfeixados em uma única peça.

O fato de se atribuir a autoria deste poema idílico a Salomão, potentado levantino célebre por seu fausto (de que há referência em o Novo Testamento), sua sabedoria, suas baías gigantescas e não menos por seu avultado serralho, é fácil de explicar. Isto porque era costume antigo atribuírem-se obras anônimas ou apócrifas a medalhões da História pátria com o objetivo de se conferir maior lustre a produções nem sempre dotadas de um valor literário à altura do renome do suposto autor.

O título é de per si um hebraísmo e em vernáculo equivale a “O Cântico supremo” ou “O Cântico por excelência”, sem rival.

Tanto o sínodo de Jâmnia, quanto a tradição católica consideram este livro inspirado por Deus e o arrolam entre os textos protocanônicos quer da Velha Lei, quer do Cristianismo. O próprio Lutero, (si venia verbo), useiro e vezeiro em forjar Cânone de livros sacros ao sabor das conveniências de sua doutrina à margem da tradição milenar, igualmente assim o admite.

Os judeus tinham por hábito só ler este livro após os 30 anos de idade, em virtude de sua temática fortemente erótica, mas que, não obstante, nada tem de obsceno e menos ainda fescenino.

Contra a arbitrária autoria de Salomão milita o fato de o texto original hebraico ser vazado em hebreu post-exílico típico (há inúmeros estrangeirismos, inclusive o termo grego “apyron”), onde pululam expressões e palavras inexistentes na língua que falou Salomão, e mesma utilizada por seu pai, o rei salmista Davi.

Ademais, dificilmente se poderia compreender uma composição salomônica digna de tal autor sem a mínima referência ao 1º Templo de Jerusalém, erguido pelo filho e sucessor do 2º monarca israelita. Por outro lado, a expressão “pavilhões de Salomão” nada tem a ver com o templo mandado levantar por esse soberano.

A tradição cristã, corroborada por hermeneutas do porte de Santo Agostinho e São Jerônimo, quis ver no “esposo” o Deus da Revelação e na “esposa”, primeiramente a nação hebréia escolhida por Javé dentre o mundo pagão de então e, após a prevaricação deicida desta, rejeitando o Filho de Deus Salvador (“Veio para junto dos Seus e estes não O aceitaram”), encarando naquela a personificação da Igreja militante, o verdadeiro Israel de Deus, que reali-



zou núpcias místicas com o Redentor.

Este o sentido correto e o único admissível destas imortais páginas de erótica religiosa, a que não minguia o calor, o elã, a magia e a sedução do Oriente misterioso.

Nossa versão foi decalcada no original hebraico e devidamente cotejada com textos dos melhores intérpretes e exegetas católicos e heréticos.

O enredo deste originalíssimo livro da Bíblia vem a ser em última análise um apanágio da felicidade conjugal. A esposa resiste galhardamente às cantadas e seduções do régio don Juan que, qual pavão, pretende impressioná-la com seu fausto nababesco.

Esforço baldado, em suma: a dulcinéia bíblica despreza e faz caso omisso das tentativas avassaladoras do conquistador real. Só tem seus olhos fitos no plebeu por quem se apaixonara loucamente e ao qual reserva a totalidade dos seus afetos com as primícias do seu corpo. Para não ser seqüestrada e levada à força ao harém do soberano, foge no final do poema, em companhia de seu eleito, livrando-se assim da servidão do serralho.

Ao longo dos séculos este idílio bíblico tem inspirado gênios e vultos eminentes das mais diversas literaturas, como se pode ver em "Romeu e Julieta", onde figuram trechos tirados *ipsis litteris* do "Cântico dos Cânticos". Nem o próprio autor dos "Lusíadas" constitui exceção neste particular, sabido como é quanta influência os temas bíblicos tiveram na lírica camoneana.

É ponto assente e incontroverso ser a Bíblia o mais perfeito e completo dos livros, perfeito pela inspiração, perfeito pela mensagem salutar de vida eterna, perfeito não menos pela beleza estilística e profundamente humana de todos os seus livros. E não menos completa por encerrar todos os gêneros literários. Pelo que não seria completa se faltasse o gênero lírico e erótico, de um erotismo puro e sublime, infinitamente superior e sem base de comparação com o Rubaiate e Cama-Sutra, para não falar da Ars Amandi, documentos degenerados que antes representam a degradação do que a sublimação do amor, apagando esse que compete unicamente aos Cantares, o poema erótico mais puro e mais elevado jamais saído de mente humana.

Isto porque, enquanto os Cantares representam o apanágio da fidelidade amorosa, as outras obras eróticas exploram um sincretismo amor-xodó ou instinto infraumbilical mais próprio de alcouces ou de serralhos levantinos do que da beleza pura e sublime de um amor honesto e não meramente carnal.

G.F.M.C.

## O “CÂNTICO DOS CÂNTICOS”

**ESPOSA:**

— Oh! Vem beijar-me a boca com teus  
pois teu amor encerra mais delícias  
que mesmo o vinho mais inebriante.  
Oh! que suavidade e que fragância  
os teus perfumes exalando estão!  
Teu nome é como um frasco derramado.  
Porisso as moças tanto bem te querem!  
Faze que eu siga atrás de ti. Corramos!  
Ó rei, me leva para a tua alcova!  
**C O R O:**

— Por tua causa nós transbordaremos  
de alegria e de júbilo sem conta.  
Teus afagos irão embriagar-nos  
mais que qualquer dos vinhos capitosos.  
Razão de sobra temos para amar-te!

### A PASTORA NA VINHA

**ESPOSA:**

— Ouvi-me, filhas de jerusalém:  
Eu sou morena, sim, mas sou formosa,  
tal como o são as tendas de Quedar,  
ou como os pavilhões de Salomão.  
A minha tez morena pouco importa,  
pois eu estou tostada pelo sol.  
Estão irados contra mim os filhos  
de minha mãe. Porisso me puseram  
como guarda da vinha, mas eu não  
guardei sequer a minha própria vinha ...

Dize-me tu (a quem meu coração  
ama e adora) qual é o lugar  
onde apascentas teu rebanho. Dize  
aonde o levas para descansar  
ao meio-dia, para eu não andar  
a vaguear em vão e sem destino  
através dos rebanhos dos vizinhos.

**C O R O:**

— Se de fato não sabes, ó mais bela  
das mulheres, vai, segue atrás do rastro  
das ovelhas e leva a apascentar  
os tenros cabritinhos bem pertinho  
da cabana de abrigo dos pastores.

ESPOSO:

— Eu te comparo, amiga idolatrada,  
à égua das carroças faraônicas!  
Quão graciosas são as tuas faces  
por entre os brincos! Quão encantador  
é teu pescoço todo recamado  
de colares de pérolas! Faremos  
uns brincos d'ouro para ti com gemas  
da mais seleta e refinada prata.

ESPOSA:

— Enquanto o rei eu seu divã repousa,  
meu nardo exala seu perfume agreste.  
O meu amado é para mim qual bolsa  
de mirra que descansa entre os meus seios.  
O meu amado é para mim tal como  
um cacho de uma em parreiral de En-Gádi.

ESPOSO:

— Amiga minha, quanta formosura  
e que beleza vejo que tu tens!  
Tal como pombas são os olhos teus!

ESPOSA:

— Oh! Como és belo, meu amor; que  
encanto  
eu vejo em ti! Um leito de erva verde  
é nossa cama!

ESPOSO:

— As vigas lá de casa  
são do mais rijo cedro e suas traves  
foram serradas todas em cipreste.

ESPOSA:

2 •

— Sou o narciso que em Saróm viceja;  
também sou lírio que nos vales cresce.

ESPOSO:

— Tal como um lírio num sarçal de  
espinhos,  
entre as donzelas minha amiga está!



**ESPOSA:**

— Tal como a macieira, que se encontra toda cercada de árvores do bosque, assim é meu amado em meio aos jovens. À sua sombra gosto de sentar-me; o fruto seu é doce à minha boca! Ele me fez entrar naquela casa onde em sinal de amor se bebe vinho com tortas de uvas restaurou-se as forças, robusteceu-me com maçãs, porque estou enferma e minha enfermidade é tão somente amor e nada mais ... Sob a minha cabeça colocou a sua mão esquerda e sua destra é que me aperta num ardente abraço.

**ESPOSO:**

— Eu vos conjuro, filhas de Salém por gazelas e corças das campinas, que não venhais a despertar, nem menos a perturbar a minha amada, a menos que ela consinta ser tratada assim.

### **MONÓLOGO DA PASTORA**

**ESPOSA:**

— Oh! É de fato a voz do meu amado! Ei-lo que vem aí saltando os montes e dando pulos sobre as alcantis. Meu amado tem muito da gazela e faz lembrar um ágil cervozinho. Eis que ele está atrás do nosso muro. Olho através das frestas da janela, vou espreitá-lo, agora, pelas grades. Meu bem amado me falou!

**ESPOSO:**

Levanta-te, amiga minha! Vem, formosa minha! Eis que o inverno terminou. Cessaram completamente as chuvas e nevascas. Flores voltaram colorindo a terra, chegou de novo o tempo das canções. Em nossas terras já se pode ouvir a meiga voz da rola turturina. Começa a dar seus figos a figueira, e a vinha em flor trescala doce aroma.

Ó minha amiga amada, te levanta,  
formosa minha, e vem! Minha pombinha  
escondida nas fendas do lajedo  
e nos abrigos de escarpadas rochas,  
descobre tua face! Dá-me ouvir  
a tua meiga voz! A tua voz  
tem tal doçura e tal suavidade  
teu rosto tem!

C O R O:

— Pegai-nos as raposas,  
as raposinhas que devastam tanto  
nossos vinhedos, pois as nossas vinhas  
estão agora em plena floração!

ESPOSA:

— Meu bem-amado é para mim e eu sou  
toda para ele, o qual apascentando  
vive entre lírios. Logo que o calor  
do dia cesse e as sombras se diluam,  
amado meu, retorna qual gazela,  
ou cervozinho a saltitar ligeiro  
sobre as escarpas das elevações.

### A BUSCA DA PESSOA AMADA

3 •

Noite após noite, no frouxal de leito,  
busquei aquele, que minh'alma adora!  
Andei-lhe à cata, sem o ter achado.  
Vou levantar-me e percorrer as ruas  
atrás daquele, que minh'alma adora.  
Fui-lhe à procura, mas o não achei.  
Deram comigo os guardas **vigilantes**  
quando faziam ronda na cidade.  
— “Acaso vistes quem ninh'alma adora?”  
Logo depois de me encontrar com eles,  
achei aquele, que minh'alma adora.  
Lancei-lhe a mão e o manterei cativo,  
enquanto o não tiver introduzido  
lá no meu lar materno, no aposento  
daquela pela qual fui concebida.

ESPOSO:

— Eu vos conjuro, filhas de Salém,  
por gazelas e corças das campinas,  
que não venhais a despertar, nem mesmo  
a perturbar a minha amada, a menos  
que ela consinta ser tratada assim.

## POEMA NUPCIAL

C O R O:

— Que é aquilo, que sobe do deserto,  
qual se fossem colunas de fumaça  
enchendo os ares com o seu perfume  
de mirra e incenso e dos demais aromas  
postos à venda pelos mercadores?  
— É a leitura em que vem conduzindo  
o nosso soberano Salomão,  
por setenta guerreiros escoltada,  
por setenta valentes de Israel!  
Menejam todos habilmente o gládio  
e são exercitados no combate.  
Traz cada qual o gládio em sua ilharga,  
pois nas trevas noturnas há perigo.  
O soberano Salomão mandou  
para seu uso pessoal fazer  
uma liteira especial composta  
de madeira do Líbano. São feitas  
suas colunas da mais pura prata.  
Seu espaldar é de ouro, e seu assento  
é recoberto de berrante púrpura  
Essa liteira tem a parte interna  
toda bordada com capricho e arte,  
obra de amor das filhas de Salém!  
— Saí, ó filhas de Sião, e vede  
O soberano Salomão trazendo  
o diadema que lhe foi doado  
por sua mãe no festival das núpcias,  
no dia em que, bem mais que noutros dias,  
seu coração se extravasou de júbilo

## OS ENCANTOS DA ESPOSA

ESPOSO:

— Oh! Como és bela, amiga minha, e como  
tu és mimosa! Teus dous lindos olhos  
atrás do véu parecem duas pombas.  
São teus cabelos um tropel de cabras  
que impetuosas descem da montanha  
de Galad. Teus dentes se assemelham  
a rebanhos de ovelhas quando sobem  
do banho na piscina; Cada qual  
se faz acompanhar dos filhos gêmeos,  
e não se encontra estéril entre as mesmas.  
São um fio de púrpura os teus lábios  
e como é graciosa a tua boca!  
Pedaço de romã é tua face,  
escondida debaixo de teu véu.  
O teu pescoço é semelhante à torre



De David, construída para ser  
depósito das armas. Lá se encontram  
pendentes mil escudos, todos eles  
escudos que pertencem aos mais bravos.  
São dois filhotes gêmeos de gazela  
os teus dois seios, a pastar por entre  
lírios do campo. Logo que o calor  
do dia cesse e as sombras se diluam,  
à montanha de mirra e à colina  
de incenso subirei sem mais demora.  
És toda bela, amiga minha, e em ti  
mancha nenhuma existe. Vem comigo  
ó minha esposa, desde lá do Líbano  
vem comigo do Líbano! Contempla  
dos cumes do Amaná, e desde o píncaro  
do Samir e do Hermón, desde as cavernas  
dos leões e das tocas das panteras.  
Esposa minha e minha irmã, roubaste,  
roubaste, sim, meu coração, apenas  
com um dos teus olhares, com um só  
colar que enfeita o teu pescoço amado.  
Esposa minha e minha irmã! Oh! Quanto  
tuas carícias são deliciosas!  
Teus amores me causam mais prazer  
que o mais fino dos vinhos, e a fragância  
de teus perfumes é imensamente  
superior à dos demais aromas.  
Destilam mel teus lábios, minha esposa!  
Há mel e leite sob a tua língua  
o perfume de tuas vestimentas  
é o perfume que possui o Líbano.  
Ó minha irmã e minha esposa! Tu  
és um jardim fechado, és uma fonte,  
uma nascente que ficou selada.  
As tuas plantas vêm a ser um bosque  
de romãs com seus frutos tão gostosos:  
com lingústica e nardo, sim, com nardo  
e açafraão, com canela e cinamomo  
e com todas as árvores de incenso,  
tais como mirra e aloés, com bálsamos  
desses mais preciosos e odoríferos  
És a fonte que jorra em meu jardim,  
uma nascente de água borbulhante,  
um regato que corre desde o Líbano.  
Vento norte, levanta-te! Vem tu,  
vento que sopra do longínquo sull!  
Vinde logo soprar no meu jardim  
a fim de meus perfumes se espalharem.

ESPOSA:

— Que meu amado desça ao meu jardim  
e veja que delícia têm seus frutos!

**ESPOSO:**

— Eis que eu estou entrando em meu jardim,  
ó minha irmã e minha esposa amada!  
Eu colho a minha mirra e o meu bálsamo;  
com o meu mel, eu provo do meu favo  
e com meu leite, eu bebo do meu vinho.  
Comei, bebei, amigos meus caríssimos,  
sem medo algum de vos embriagardes!

### **O SONHO DA ESPOSA**

**ESPOSA:**

— Meu coração velava em pleno sono:  
estou ouvindo a voz de meu amado.  
Ele me bate pressuroso à porta.

**ESPOSO:**

— Abre-me a porta, amiga minha e irmã,  
minha pombinha e minha imaculada,  
pois a minha cabeça está todinha  
cheia de orvalho, e os cachos dos cabelos  
rorejam gotas a correr a flux.

**ESPOSA:**

— Tirei a minha capa. Para que  
vestí-la novamente? Por haver  
lavado os pés, por que razão sujá-los  
mais outra vez? Passou meu bem-amado  
a mão pela abertira duma porta  
e se sobressaltou meu coração.  
Saltei da cama para abrir a porta  
ao meu amigo. A mirra me escorria  
de minhas mãos, a mirra liquefeita  
dos dedos sobre os trincos do ferrolho.  
Abri de par em par ao meu amado,  
ele, entretanto, tinha já partido  
e desaparecera dos meus olhos.  
Toda as vezes que lhe ouvia a voz  
ficava logo fora dos sentidos.  
Eu procurei-o, sem contudo achá-lo;  
chamei por ele, mas não respondeu.  
Deram comigo os guardas vigilantes,  
quando faziam ronda na cidade.  
Bateram-me, feriram-me, tiraram-me  
a minha capa os guardas da cidade.  
Eu vos conjuro, filhas de Salém,  
caso vós encontrardes meu amado,  
que cousa ireis dizer-lhe vós? Dizei-lhe

que estou enferma, e minha enfermidade  
é tão somente amor e nada mais.

C O R O:

— Que tem o teu amado mais que os outros,  
ó mais formosa e linda das mulheres?  
Que tem o teu amado mais que os outros  
para que nos conjure desta forma?

ESPOSA:

—O meu amado é forte e bem corado,  
entre dez mil é fácil distingui-lo.  
Sua cabeça é de ouro mais sem jaça;  
os seus cabelos, cachos de palmeira,  
são tão escuros como um negro corvo.  
Seus olhos se assemelham aos das pombas  
à beira dos regatos e banhando-se  
no leite em plena praia. As suas faces  
são canteiros de bálsamo, ou colinas  
das ervas mais cheirosas. Os seus lábios  
são lírios que gotejam mirra líquida.  
Argolas de ouro são as suas mãos,  
incrustadas de belas pedrarias.  
Seu corpo é como um bloco de marfim,  
ricamente coberto de safiras,  
As pernas são colunas de alabastro,  
firmadas sobre bases de ouro puro.  
O seu aspecto faz lembrar o Líbano,  
com a mesma esbeltez que têm os cedros.  
O seu falar é cheio de meiguice  
e tudo nele me deslumbra e encanta!  
Exatamente assim é meu amado  
e meu amigo, filhas de Salém!

C O R O:

— Para onde foi — oh! dize! — o teu amado,  
ó mais formosa e linda das mulheres?  
Para onde dirigiu-se o teu amigo?  
Em tua companhia o buscaremos!

ESPOSA:

— Ao seu jardim desceu meu bem-amado,  
aos canteiros que estão cheirando a bálsamo,  
a fim de apascentar em meu jardim,  
colhendo assim os lírios. Eu pertença  
ao meu amado e meu amado é meu.  
Ele entre os lírios vive apascentando.



## ELOGIO DA ESPOSA

ESPOSO:

— Amada minha, és linda como Tersa,  
tão aprazível qual o é Salém;  
mas tão terrível quanto a forma armada  
que se dispões em ordem de batalha.  
Desvia, pois, de mim o teu olhar  
que tanto me fascina e me enfeitiça!  
São teus cabelos um tropel de cabras  
que impetuosas descem da montanha  
de Galaad. Teus dentes se assemelham  
a rebanhos de ovelhas, as quais sobem  
de banho na piscina. Cada qual  
se faz acompanhar dos filhos gêmeos  
e não se encontra estéril entre as mesmas.  
Pedaço de romã é tua face,  
escondida debaixo do teu véu.  
São sessenta as rainhas, são oitenta  
as concubinas, sendo inumeráveis  
as virgens, vem a ser, porém, só uma  
a minha pomba, a minha imaculada,  
de sua mãe a única e aquela  
predileta de quem deu à luz.  
ao vê-la, proclamaram-na as donzelas  
a mais ditosa. Louvam-na as rainhas  
e as próprias concubinas enaltecem-na.

C O R O:

— Quem é esta que surge como a aurora,  
tão bela como a lua tão brilhante  
como o sol? Tão terríveis como a tropa  
que assume posição de combater?

ESPOSA:

— Desci até ao horto das nogueiras  
para olhar os renovos lá do vale,  
para ver se brotaram as videiras  
e se as romãzeiras floresciam.  
De que maneira, não sei bem ao certo,  
mas eu imaginei que desfilava  
conduzida no carro de meu povo.

C O R O:

— Retoma logo, Sulamita, e volta,  
volta depressa para nós te vermos!

ESPOSO:

— Por que quereis olhar a Sulamita  
em plena dança de Mahanaim?

## C O R O:

— Que graciosos são os teus pezinhos,  
em tuas alpercatas, ó princesa!  
A curva que apresentam teus quadris  
são um colar que fosse trabalhado  
pelo mais talentoso dos artistas.  
Uma taça redonda é teu umbigo,  
a transbordar de vinho perfumado!  
Monte de vem a ser teu corpo,  
franjeado de lírios perfumados.  
São dois filhotes gêmeos da gazela  
teus lindos seios; torre de marfim  
é teu pescoço; as fontes de Hesebón,  
perto da porta dita Batrabim,  
são os teus olhos. Teu nariz é como  
a torre libanesa construída  
voltada para os lados de Damasco.  
Tua cabeça se ergue sobre ti  
como o Carmelo. Tua cabeleira  
trêmula ao vento qual se fosse púrpura  
e um rei se encontra preso nos teus cachos.

## LOUVORES DO ESPOSO

### ESPOSO:

— Oh! Como és bela, como és graciosa,  
minha amada, delícias de minh' alma!  
Teu porte se assemelha ao da palmeira,  
da qual os teus dois seios são os cachos.  
Disse p'ra mim: Subamos à palmeira,  
para eu colher assim os frutos dela.  
Quem me dera que fossem para mim  
teus seios como cachos da videira  
e o perfume que tem a tua boca  
como maçãs. Igual a vinho velho  
tua palavra para o bem-amado,  
um vinho que umedece os lábios dele,  
quando adormece se entregando ao sono

### ESPOSA:

— Pertenço por completo ao meu amado  
e de contínuo vivo em seu pensar.  
Vem, meu amado, e vamos para o campo  
passar a noite toda nos pomares.  
Manhã cedinho iremos ver as vinhas,  
verificar se estão florindo as uvas  
ou se há flores já nas romãzeiras:  
Eu te darei ali o meu amor.  
O seu perfume exalam as mandrágoras;  
temos à porte frutos excelentes  
quer desta safra, quer de anteriores,  
que reservei p'ra ti, meu bem-amado!

— Quem me dera que fosses meu irmão,  
que minha mãe amamentou ao seio!  
Eu poderia te beijar, achando-te  
mesmo na rua, sem ninguém ousar  
me censurar por ter-te dado um beijo!  
Eu nesse caso te conduziria  
para dentro dos meus umbrais maternos.  
Um vinho perfumado eu te daria 19  
para beber, e mosto que foi feito  
da romãs que plantei no meu pomar.  
Sob a minha cabeça estenderia  
a tua mão esquerda, e tua destra  
me apertaria num ardente abraço.

ESPOSO:

Eu vos conjuro, filhas de Salém,  
que não venhais despertar, nem mesmo  
a perturbar a minha amada a menos  
que ela consinta ser tratada assim.

### DIÁLOGO

C O R O:

— Quem é esta que sobe do deserto  
de braço dado com seu bem-amado?

ESPOSO:

— Eu despertei-te sob a macieira,  
onde entre dores tua mãe de teu  
à luz, onde entre dores te lançou  
a tua mãe, outrora, neste mundo.

ESPOSA:

— Põe-me por selo sobre o coração,  
ou como selo sobre os braços teus,  
pois o amor é forte como a morte  
e duro qual sepulcro é o ciúme.  
Chamas de fogo são os seus ardores,  
e seus fogos, o fogo do Senhor!  
Nem mesmo as correntezas poderiam  
apagar esse amor. Até os rios  
seriam incapazes de afogá-lo.  
Caso alguém desse todos os haveres  
de sua casa em troca desse amor,  
teria apenas, no final, desprezo.

C O R O:

— Temos uma irmãzinha que não tem  
seios formados. Que faremos nós  
de nossa irmã, no dia em que a pedirem



em casamento? Se ela for um muro,  
torre de prata nós levantaremos  
sobre esse muro. Caso for, porém,  
ela uma porta, nós a fecharemos  
inteiramente com varais de cedro.

**ESPOSA:**

— Eu sou um muro e torres são meus seios,  
razão por que sou tida com justiça  
por fonte de alegria ao meu amado.

**C O R O:**

— Salomão possuía em Bal-Hamón  
uma videira, que entregou aos guardas,  
devendo cada qual fazer-lhe entrega  
de mil siclos de prata pelos frutos  
que qualquer um colhesse dessa vinha.

**ESPOSO:**

— A minha vinha está ao meu dispor:  
ó Salomão, terás os teus mil siclos!  
Duzentos siclos haverei de dar  
aos que vigiam quando se vindima.  
Estão alerta nossos companheiros;  
ó tu, que moras nos jardins, vê lá  
se posso ouvir também a tua voz,  
à qual estão atentos teus amigos.

**ESPOSA:**

— Meu bem-amado, vem depressa, e foge  
como a gazela, ou como um cervozinho,  
que buliçosos vivem saltitando  
sobre nossas montanhas perfumadas.

## O DIFÍCIL PROBLEMA DO HÍFEN — II

Ascendiço Almeida

Publicamos nesta revista, volume 26, nº 14, página 75, um estudo subordinado ao título acima.

Tratando-se de assunto demasiado complexo, não o abordamos em sua totalidade, mas prometemos tornar a ele em publicação posterior, o que agora fazemos.

No primeiro trabalho, vimos o emprego do hífen nos derivados. Aqui, iremos observá-lo sob novos aspectos que, a seguir, destacaremos:

### I — O HÍFEN NOS COMPOSTOS

Há dois tipos de compostos: por **justaposição** e por **aglutinação**. Nos compostos por justaposição, os elementos vocabulares se agrupam conservando a sua integridade silábica. Alguns são hifenizados, como: **caneta-tinteiro**; **arco-íris**; outros, não: **passatempo**; **pontapé**. Nos compostos por aglutinação, o 1º elemento perde a sua integridade silábica e jamais poderão ser hifenizados: (água + ardente = **aguardente**; (em + boa + hora) = **embora**; (filho + de + algo) = **fidalgo**.

Hoje veremos os compostos hifenizados. Poderão eles ocorrer em vocábulos formados por:

#### A) Substantivo + Substantivo

algodão-pólvora  
arco-íris  
banana-maçã  
banana prata  
banho-maria  
café-concerto  
caixa-pregos  
cajá-manga  
cavalo-força  
cê-cedilha  
cidade-jardim  
couve-flor  
decreto-lei  
desvio-padrão  
erva-cidreira  
escola-modelo  
feijão-soja  
fruta-pão  
gato-sapato  
guta-percha

herpes-zóster  
hortelã-pimenta  
idade-limite  
lápiz-tinta  
manga-espada  
manga-rosa  
mestre-cuca  
navio-escola  
papel-bíblia  
papel-carbono  
pedra-pomes  
peso-galo  
peso-pena  
pombo-correio  
relógio-pulseira  
rosa-cruz  
saci-pererê  
tamanduá-bandeira  
tatu-bola  
zé-pereira

#### OBSERVAÇÃO:

Entre os compostos hifenizados, é muito freqüente o aparecimento de termos novos, ora surgidos na linguagem popular, ora em decorrência do incessante desenvolvimento das ciências, das artes e das letras. São neologismos que se incorporam

à Língua, trazendo significação a idéias novas que vão surgindo e sendo transmitidas tanto no expressar-se característico do povo quanto no vocabulário científico, artístico ou literário.

Ao grupo dos compostos hifenizados que relacionamos, constituído de substantivo + substantivo, acrescentaremos, a seguir, uma relação significativa de termos hifenizados que ainda não foram registrados por muitos dicionaristas. O fato se deve, enfatizamos, a essa invejável capacidade criadora da comunicação verbal entre os homens, nas suas diferentes camadas sociais.

### EXEMPLOS:

ácido-alcool  
aluno-modelo  
auxílio-maternidade  
carro-pipa  
carta-relatório  
caso-problema  
conceito-chave  
creme-base  
criança-problema  
escola-comunidade  
escola-modelo  
escola-padrão  
escritório-modelo  
extranumerário-mensalista  
fazenda-modelo

(1) Também é correta a grafia "jato-propulsão".

B) Substantivo + Preposição + Substantivo

ama-de-leite  
amigo-da-onça  
arco-da-velha  
ás-de-copas(1)  
ás-de-paus(2)  
azeite-de-dendê  
bicho-da-seda  
bico-de-papagaio(3)  
boca-de-forno  
bola-ao-cesto  
brigadeiro-do-ar  
caderneta-de-poupança  
cafundó-de-judas  
câmara-de-ar  
carne-de-sol  
chá-de-bico(4)  
conto-do-vigário  
corpo-a-corpo(5)  
doença-do-mundo

ferro-carril  
homem-macaco  
jacto-propulsão(1)  
lei-padrão  
livro-texto  
mandato-tampão  
menino-problema  
piloto-suicida  
preço-padrão  
processo-crime  
pronome-sujeito  
repórter-amador  
salário-teto  
tema-chave  
unidade-matéria

irmão-de-opa  
laranja-da-baía  
língua-de-trapo  
mal-dos-peitos  
mão-de-obra  
mesa-de-cabeceira  
mestre-de-cerimônias  
mestre-de-obras  
oficial-de-gabinete  
pai-de-santo  
pai-dos-burros  
pão-de-ló  
papos-de-aranha(6)  
pé-de-moleque  
pé-de-vento  
piolho-de-cobra  
rosa-dos-ventos  
sinal-da-cruz  
suor-de-alambique(7)



dor-de-cotovelo  
estrela-do-mar

testa-de-ferro  
tiro-de-guerra

Alguns compostos desse tipo não apresentam o 2º hífen, pois a preposição liga-se ao último elemento através de apóstrofo.

### EXEMPLOS:

banana-d'água  
caixa-d'água  
dor-d'olhos  
estrela-d'alva

galinha-d'angola  
mãe-d'água  
pau-d'arco  
pé-d'água

- (1) (pop.) O traseiro. Tratando-se de carta de baralho, escreve-se “ás de copas”.
- (2) (pop.) Magricela. Escreve-se “ás de paus” quando se refere a carta de baralho.
- (3) a) Nariz adunco. b) Tipo de planta ornamental. c) Osteófito na coluna vertebral, responsável por dores e fenômenos reflexos.
- (4) (pop.) Clister.
- (5) Como substantivo, o hífen será obrigatório: eu assisti a um duro “corpo-a-corpo”. Como locução adverbial, não será hifenizado: eles lutaram “corpo a corpo”.
- (6) Trata-se de uma expressão popular usada para significar “dificuldades”, “situação difícil”: ele esteve em papos-de-aranha. Há, porém, a forma erudita “palpos de aranha” (sem hífen) empregada com o mesmo sentido: ele esteve em papos de aranha.
- (7) (pop.) Cachaça.

### C) Substantivo + Adjetivo

água-benta(1)  
ama-seca  
ano-bom  
asa-negra  
banana-anã  
batata-doce  
batata-inglesa  
cabeça-dura  
cachorro-quente  
câmara-ardente  
campo-santo  
cão-tinhoso(2)  
cara-suja(3)  
cartão-postal  
cesta-rota(4)  
criado-mudo  
cristão-novo(5)  
cristão-velho(6)  
docência-livre  
erva-doce

estado-maior  
febre-amarela  
feijão-mulatinho  
feijão-preto  
fogo-fátuo  
galinha-morta  
galo-enfeitado(7)  
goma-arábica  
joão-redondo  
lugar-comum  
mão-leve(8)  
mãos-rotas(9)  
maria-mijona(10)  
pé-duro  
pedreiro-livre  
pele-vermelha  
ponta-direita  
roupa-velha(11)  
roda-viva(12)  
tempo-quente(13)

- (1) (pop.) Cachaça
- (2) (pop.) Diabo
- (3) (gíria) Sujeito sem importância. João-ninguém. Pé-rapado.
- (4) (gíria) Indivíduo que não sabe guardar segredos.
- (5) Judeu, ou descendente de judeus, convertido ao cristianismo.
- (6) Cristão que não descende de judeus.
- (7) Alcinha de soldado de polícia. Mata-cachorro.
- (8) Gatuno, ladrão.
- (9) Perdulário, gastador, esbanjador.
- (10) Mulher com saia muito comprida.
- (11) Iguaria feita com sobras de carne aproveitadas da refeição anterior. Espécie de paçoca de carne seca, feijão e farinha.
- (12) Movimento incessante; azáfama; lufa-lufa; barafunda; confusão. Só leva hífen quando funciona como substantivo: a vida humana é uma "roda-viva. Não será hifenizado quando se trata de locução adverbial: ele anda numa "roda viva".
- (13) Desordem; barulho; discussão.

#### OBSERVAÇÕES:

Analise os exemplos abaixo e note as diferenças de significação:

- a) Trouxe da igreja um pouco de **água benta** (sem hífen). Ele é viciado na famosa **água-benta** (com hífen: cachaça).
- b) Este pássaro tem **asas negras**. Ele foi sempre, para mim, uma **asa-negra** (azar)
- c) Cada um dos patetas tinha **cabeça dura**. Este menino sempre foi um **cabeça-dura** (teimoso).
- d) Você está com a **cara suja**; vá lavá-la. Ele é um **cara-suja** (indivíduo sem importância).
- e) No meu quintal amanheceu uma **galinha morta**. Comprei um bom terreno; foi uma verdadeira **galinha-morta** (muito barato).
- f) Dei a um mendigo uma **roupa velha**. Ontem, o meu almoço foi **roupa-velha** (tipo de alimentação caseira).
- g) Estive no Rio e achei o **tempo quente**. Ontem, fui a duas festas; uma delas terminou em **tempo-quente** (briga, confusão).

**NOTA** — Novos exemplos poderão ser vistos na letra (R) e respectivas alíneas.

#### D) Adjetivo + Substantivo

alta-roda(1)	bom-dia(8)
alto-falante(2)	bom-tom
alto-relevo	curto-circuito
baixa-mar(3)	gentil-homem
baixo-império	lesa-nação(9)
baixo-relevo	lesa-sociedade(10)
baixo-ventre	leso-patriotismo(11)
belas-artes(4)	livre-docência
boa-noite(5)	livre-docente
boas-festas(6)	má-criação(12)
boas-vindas(7)	má-língua(13)

(1) Ele pertence à alta-roda (alta sociedade). Escreve-se, porém, “alta noite”, alta comédia “e alta sociedade”, sem hífen.

(2) Ampliador de som. Entretanto, escreve-se “alto dignitário”, “alto funcionário”, “Alto Paraná” (sem hífen). Por sua vez, os naturais ou habitantes do Alto Paraná são chamados alto-paranaenses (com hífen). Veja letra (N).

(3) Maré baixa, vazante de maré. Embora pareça estranho, a expressão baixamar é um Substantivo composto feminino, pois feminina era, antigamente, a palavra “mar”, o que justifica a forma feminina “baixa”.

(4), (6) e (7) Essas expressões só devem ser usadas no plural.

(5) saudação dirigida a alguém no período da noite (também se usa no plural: boas-noites). Escreve-se, porém: ontem, para mim, foi uma “boa noite” sem hífen. A forma hifenizada boa-noite também denomina duas variedades de planta do tipo “trepadeira”.

(8) Saudação dirigida a alguém na primeira metade do dia “cumprimentou-me com um “bom-dia afetuoso”. Sem hífen, porém, nesta frase: “fui domingo a um passeio com as crianças. Elas, principalmente, passaram um bom dia”.

(9), (10) e (11) Todos os compostos em que aparecem “leso” ou “lesa” são hifenizados.

(12) Qualidade de quem é malcriado; ato de grosseria. Na mesma acepção, é também empregado o termo “malcriação”; prefira-se, entretanto, a forma hifenizada “ma-criação”.

(13) Pessoa maldizente; maledicência.

#### E) Adjetivo + Adjetivo

acre-doce(1)	histórico-geográfico
agro-doce(2)	latino-vulgar
azul-celeste	médico-legal
azul-marinho	pardo-escuro
azul-violáceo	plano-côncavo
castanho-claro	plano-convexo
cinzento-azulado	rubro-negro(3)
cirúrgico-dentário	rubro-verde(4)
côncavo-côncavo	surdo-mudo
côncavo-convexo	teórico-prático
convexo-côncavo	transitivo-relativo
econômico-financeiro	verde-amarelo
físico-psíquico	verde-escuro

(1) e (2) Os dicionários registram as formas acre-doce e agro-doce. Também registram, com a mesma significação, o composto agridoce (sem hífen). Acreditamos estar a razão dessa diferença no fato de que não existe na Língua a forma isolada “agri”, como existem as formas “acre” e “agro” (ácido, azedo). Uma prova é que nenhum composto iniciado pelo elemento “agri” poderá ser hifenizado. Exemplos: agricultor, agricultura, agrimensão, agrimensor. Observe-se ainda que os ele-



mentos “acre” e “agro” só serão hifenizados nos dois compostos acima exemplificados (acre-doce e agro-doce); fora esses, nenhum outro terá hífen (agroaçucareiro, agrogeologia, agroindustrial, agropecuária, etc.) Não há, na Língua, fora “acre-doce”, outro composto em que se use o elemento “acre”.

(3) e (4) Alguns desses compostos relativos a cores não são hifenizados. Comparem-se, por exemplo, os compostos rubro-negro e rubro-verde com os compostos não hifenizados alvinegro, alvirrubro, auriverde e aurirróseo; a razão é que os elementos latinos “alvi” e “auri” não existem na Língua como formas independentes.

#### F) Numeral + Substantivo

segunda-feira  
terça-feira  
quarta-feira  
quinta-feira  
sexta-feira  
cem-folhas(1)

meia-colher  
mil-flores(2)  
onze-letras(3)  
primeiro-sargento  
segundo-tenente  
terceiro-sargento

(1) Variedade de planta. Escreva-se, porém: **comprei um caderno com cem folhas (sem hífen).**

(2) Essência de muitas flores diferentes. Entretanto, sem hífen: **meu jardim tem mais de mil flores.**

(3) Significa “alcoviteira”. Sem hífen, porém: **meu neto já conhece as primeiras onze letras do alfabeto.**

#### C) Pronome + Substantivo

meu-bem(1)  
meu-consolo(2)  
nossa-amizade(3)

Nossa-Senhora(4)  
seu-vizinho(5)  
Todo-Poderoso(6)

(1) Empregado como tratamento afetivo: como vai, meu-bem?

Escreva-se, porém: **eu sei que ele quer o meu bem.**

(2) Sinônimo de cachaça. Mas: meu consolo é Você.

(3) (gíria). Tratamento dado a pessoas íntimas ou a estranhos, por simpatia. Escreva-se, entretanto: **nossa amizade** é inabalável.

4. Empregada como interjeição, exprimindo espanto: **Nossa-Senhora! Como aconteceu uma coisa dessas? Usa-se também: Minha-Nossa-Senhora! Escreva-se, entretanto: Eu sou devoto de Nossa Senhora.**

5. Dedo anular. Sem hífen porém: **Seu vizinho é meu amigo.**

6. Com referência a Deus. Nesta acepção, as iniciais são escritas com letra maiúscula.

H) Verbo + Substantivo ou (+ Adjetivo) ou (+ Pronome) ou (+ Advérbio)

arranha-céu (v. + s.)  
 bate-boca (v. + s.)  
 bate-bola (v. + s.)  
 bate-papo (v. + s.)  
 bota-fora (v. + adv.)  
 busca-pé (v. + s.)  
 caça-minas (v. + s.)  
 cola-tudo (v. + pron.)  
 come-longe (v. + adv.)(1)  
 conta-gotas (v. + s.)  
 corta-jaca (v. + s.)  
 escalda-pés (v. + s.)  
 estou-fracá (v. + adj.)(2)  
 fura-bolo (v. + s.)  
 ganha-pão (v. + s.)  
 guarda-chuva (v. + s.)  
 guarda-livros (v. + s.)  
 lança-perfume (v. + s.)

mata-borrão (v. + s.)  
 papa-hóstias (v. + s.)  
 pára-brisa (v. + s.)  
 pára-lama (v. + s.)  
 pára-quedas (v. + s.)  
 pára-raios (v. + s.)  
 pega-rapaz (v. + s.)  
 pia-pouco (v. + adv.)(3)  
 pisa-mansinho (V. + adv.)  
 porta-aviões (v. + s.)  
 quebra-cabeça (v. + s.)  
 quebra-luz (v. + s.)  
 quebra-mar (v. + s.)  
 quebra-nozes (v. + s.)  
 saca-rolhas (v. + s.)  
 salta-atrás (v. + adv.)(4)  
 topa-tudo (v. + pron.)(5)  
 vira-casaca (v. + s.)

**1 • (Ceará): pessoa que tem o hábito de comer terra. Indivíduo amarelo, muito pálido.**

**2 • Sinônimo de galinha d'angola.**

**3 • (Amazonas). Variedade de tucano.**

**4 • Designação dada, no século XVIII, aos filhos de mameluco com negra.**

**5 • Aquele que aceita qualquer incumbência, mesmo que não tenha tempo e/ou competência para desempenhá-la.**

#### I) Verbo + Verbo

corre-corre  
 dói-dói (1)  
 esconde-esconde  
 fecha-fecha (2)  
 foge-foge (3)  
 ganha-perde (4)  
 lambe-lambe (5)

pega-pega (6)  
 pisca-pisca  
 puxa-puxa  
 quebra-quebra  
 ruge-ruge  
 treme-treme (7)  
 vai-volta (8)

**1 • Expressão muito usada na linguagem infantil, embora não tenha sido ainda registrada nos dicionários.**

**2 • Fechamento generalizado do comércio, bancos, etc., em virtude de perturbações de ordem pública, barulhos, desordens, etc.**

**3 • Correria ou fuga motivada por medo.**

**4 • Jogo em que a vitória cabe ao que fizer menos pontos; também é denominado perde-ganha.**

**5 • Fotógrafo ambulante.**

**6 • a) carrapicho; b) briga, conflito, disputa.**

7 • Nome de um peixe.

8 • (MG). **Caixão** que conduz defunto dos hospitais pobres para o cemitério e volta para servir a outros cadáveres. Em certas regiões do Nordeste é também chamado caixão-das-almas.

J) Advérbio +  
Substantivo  
Adjetivo  
Verbo  
Advérbio

abaixo-assinado (1)(adv. + verbo)  
após-guerra (adv. + subst.)  
assim-assim (2) (adv. + adv.)  
bem-amado (3) (adv. + verbo)  
bem-dormido(4) (adv. + verbo)  
bem-dotado(5) (adv. + adj.)

bem-estar (adv. + verbo)  
já-começa (6) (adv. + verbo)  
não-combatente(7) (adv. + adj.)  
não-cumprimento (adv. subst.)  
não-pagamento (8) (adv. + subst.)  
quase-posse (9) (adv. + subst.)

1 • **Reparem a diferença: nós enviamos um abaixo-assinado ao Presidente. Nós, abaixo assinados ...**

2 • **Tem o sentido de mais ou menos: Como vai?** Assim-assim.

3 • **Predileto.** Aquele que é alvo de um afeto.

4 • **Que dormiu bem. Em que houve um sono reparador. Eu tive uma noite bem-dormida.**

5 • **Aquele que é cheio de aptidões: ele é um bem-dotado.**

6 • **Possui duas significações: a) (pop). cachaça; b) (fam.) coceira. Não use hífen, porém, em frases como esta: Você já começa a falar coisas de que não gosto.**

7 • **Muito usado na expressão oficial não-combatente. O “não”, nessas expressões, equivale ao prefixo “in”.**

8 • **Em expressões como esta: “sua letra foi protestada por não-pagamento.**

9 • **Usufruto de direitos abstratos (expressão jurídica).**

Além dos casos estudados, o hífen é empregado ainda:

L) Nos compostos em que o 1º elemento apresenta-se apocopado (supressão de fonema ou sílaba no final de uma palavra). Abaixo, seguem vários exemplos, e, entre parênteses, será transcrita a forma completa:

alvéolo-dental (alveolar)  
alvéolo-labial  
alvéolo-nasal  
anátomo-cirúrgico (anatômico)  
anátomo-patológico  
bel-prazer (belo)  
cine-teatro (cinema)  
escápulo-umeral (escapular)  
és-nordeste (este)  
és-sueste

infanto-juvenil (infantil)  
ínfero-anterior (inferior)  
lés-nordeste (leste)  
lítero-musical (literário)  
médio-latino (medievo)  
nazi-fascismo (nazismo)  
nor-nordeste (norte)  
nor-noroeste  
oés-nordeste (oeste)  
oés-noroeste



Grã-Bretanha (grande) (1)  
grã-cruz  
grão-comendador (grande)  
grão-mestre  
grão-pontífice  
herói-cômico (heróico)

oés-sueste  
oés-sudoeste  
pérfuro-cortante (perfurante)  
sócio-econômico (social)  
súpero-anterior (superior)  
zé-pereira (José) (2)

1 • As letras iniciais aparecem maiúsculas porque se trata de nome próprio.

2 • Observe-se que em “zé” houve redução silábica no início da palavra, fenómeno chamado aférese. O composto “zé-pereira” vem escrito com inicial minúscula porque se trata de ritmo carnavalesco e não de nome de uma pessoa.

### OBSERVAÇÕES

1<sup>a</sup>) Em relação a esses compostos, nota-se uma tendência acentuada para o desaparecimento do hífen. Observem-se por exemplo, as formas anátomo-patologia e anátomo-patológico, que são registradas com hífen em Caldas Aulete (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa), enquanto Aurélio Buarque de Holanda (Novo Dicionário da Língua Portuguesa) as registra sem hífen (anatomopatologia e anatomopatológico)

2<sup>a</sup>) Com os compostos formados por “sócio” (apócope de sociologia e sociológico, as divergências entre os dicionaristas ainda são maiores. Alguns grafam sócio-cultural e sócio-econômico (Aurélio Buarque de Holanda e Antenor Nascentes); outros autorizam as formas sociocultural (sem hífen) e sócio-econômico (com hífen) como, por exemplo, o Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse-Seleções; Caudas Aulete não registra nem uma forma nem outra.

3<sup>a</sup>) Em relação a muitos outros compostos dessa natureza, evidencia-se essa tendência atual para o desaparecimento do tirete, pois a unanimidade dos dicionaristas já o eliminam, como vemos da numerosa relação abaixo:

Abdominopelviano; abdominoperineal; abdominoscrotal; alternomotor; aluminoférrico; antropossomatologia; apicodental; arsenobenzol; arsenossulfureto; arsenorresistente; arteriocapilar; arterionervoso; arteriosclerose; arteriospasmio; bacterioproteína; cardiopulmonar; cardiovascular; craniocerebral; dermorreação; diatermocoagulação; electrocardiograma; fotocópia; fotogravura; fotorradiograma; galvanomagnetismo; gastroduodenal; gastroperitonite; gastropulmonar; labiodental; linguodental; maxilodental; maxilomandibular; meningocortical; nasopalpebral; occipitauricular; occipitocervical; occipitotemporal; uterorretal; vaginoperitoneal; vaginuterino; vasculolinfático; vasculonervoso; vasculossangüíneo; zooterapêutica, etc.

M) Nos compostos que apresentam, como 2º elemento, o adjetivo sincopado **mor**. Gramaticalmente, **síncope** ou **haplologia** é a supressão de fonemas ou sílabas no interior de um vocábulo (**mor** em lugar de **maior**). Todos eles são obrigatoriamente hifenizados. Não há exceção.

Exemplos:

almirante-mor  
bibliotecário-mor  
camareiro-mor  
capela-mor  
capitania-mor  
capitão-mor

chanceler-mor  
contador-mor  
copeiro-mor  
cronista-mor  
escrivão-mor  
inquisidor-mor

N) Nos gentílicos derivados de topônimos compostos. Chamam-se gentílicos os nomes comuns que designam nações, estados ou cidades a que se pertence: denominam-se topônimos os nomes próprios de lugar. As formas gentílicas são escritas com iniciais minúsculas; os topônimos não têm hífen e são grafados com iniciais maiúsculas.

Exemplos.

Gentílicos derivados:	Topônimos compostos
alto-paranaense	Alto Paraná (PR)
areia-branquense	Areia Branca (RN)
belo-horizontino	Belo Horizonte (MG)
cabo-friense	Cabo Frio (RJ)
campo-maioreense	Campo Maior (PI)
espírito-santense	Espírito Santo (ES)
mato-grossense	Mato Grosso (MT)
norte-rio-grandense(1)	Rio Grande do Norte (RN)
ouro-pretano	Ouro Preto (MG)
ribeirão-pretano	Ribeirão Preto (SP)
rio-grandense-do-norte(2)	Rio Grande do Norte (RN)
rio-grandense-do-sul (3)	Rio Grande do Sul (RS)
rui-barbosense	Rui Barbosa (BA)
santa-ritense	Santa Rita (PB)
são-tomeense	São Tomé (RN)
sul-americano	América do Sul
três-lagoas	Três Lagoas (MT)
volta-redondense	Volta Redonda (RJ)
Algumas exceções:	
buenairense	Buenos Aires (Argentina)
costarriquenho ou	
costarriquense	Costa Rica (América Central)
enterrriano	Entre Rios (Argentina e MG)
enterrriense	Entre Rios (BA)
estadunidense	Estados Unidos da América do Norte
riberopretano (4)	Ribeirão Preto (SP)
trasmontano (5)	Trás-os-Montes (província portuguesa (6))
tricordiano	Três Corações (MG)

1 • Há quem escreva “norte-riograndense”, o que é um erro. Esse composto apresenta dois hífens (norte-rio-grandense).

2 e 3 • Esses dois compostos apresentam três hífens.

4 • Apesar de a forma riberopretano ser mais usada, será preferível a forma ribeirão-pretano, enquadrada nos moldes do emprego do hífen em relação aos gentílicos derivados de topônimos compostos.

5 • Usa-se também a forma paralela “transmontano”.

6 • O topônimo Trás-os-Montes é, como se vê, o único da relação acima em que os seus elementos são ligados por hífen, talvez porque o elemento “trás” não tem emprego independente dentro da Língua, a não ser como elemento onomatopéico ou na locução prepositiva “por trás de”.

## O) Nas abreviaturas de nomes compostos

aj.-de-ord. (ajudante-de-ordens)	1º-sarg. (primeiro-sargento)
aux.-matern.(auxílio-maternidade)	1º-ten. (primeiro-tenente)
bel.-art.:(belas-artes)	pron.-subj. (pronomo-sujeito)
cap.-ten. (capitão-tenente)	2ª.-fª. (segunda-feira)
c.-alm. (contra-almirante)	ten.-av. (tenente-aviador)
esc.-mod. (escola-modelo)	ten.-brig. (tenente-brigadeiro)
m.-q-perf. (mais-que-perfeito)	ten.-cel. (tenente-coronel)
kw.-h (quilowatt-hora)	v.-alm. (vice-almirante)

Entretanto, abreviam-se:

ah. (ampère-hora)	bm. (baixa-mar)
as. (ampère-segundo)	E.M. (Estado-Maior)
A.M. (ave-maria)	fs. (fac-símile)
cap. frag. (capitão-de-fragata)	g.m. (guarda-marinha)
cap. m. g. (capitão-de-mar-e-guerra)	P.M. (padre-mestre)
c.v. (cavalo-vapor)	P. N. (padre-nosso)
cosec. (co-secante)	P.N.A.M. (padre-nosso e ave-maria)
cos. (co-seno)	

## P) Expressões estrangeiras hifenizadas:

São numerosas, principalmente as de origem latina, inglesa e francesa.

O Latim, como se sabe, não admite o hífen, mas certas expressões latinas incorporaram-se ao Português, adquirindo o hífen por adaptação aos critérios da nossa Língua ou por sofrerem alterações morfológicas que forçaram a presença do tirete.

Vão, a seguir, alguns exemplos colhidos nos três idiomas citados, acrescentando-se-lhes as respectivas significações em português:

aide-mémorie (fr.)	obra resumida para fixar na memória fatos ou dados importantes.
avant-première (fr.) <sup>1</sup>	representação de uma peça teatral ou projeção de um filme para convidados especiais, críticos de arte etc.
bas-fonds (fr.)	escória social, ralé; zona licenciosa de uma cidade.
best-seller (ingl.)	o livro que mais se vende; obra que constituiu êxito de livraria.
black-out (ingl.)	escurecimento completo de uma cidade, usado nas guerras como precaução contra bombardeios aéreos.
bye-bye (ingl.)	adeus.
catch-as-catch-can (ingl.) <sup>2</sup>	espécie de luta em que todos os golpes são permitidos.
cahise-longue (fr.)	poltrona adequada para a pessoa sentar-se com o corpo estendido.
close-up (ingl.)	pormenor fotografado de mais perto que o conjunto, a fim de que apareça ampliado.



**tête-à-tête (fr.)**  
**vade-mécum (lat.)**<sup>7</sup>

palestra particular entre duas pessoas.  
nome que se dá geralmente a livros de conteúdo prático e formato cômodo.

- 1 • Já existe a forma “pré-estréia” (aportuguesada).
- 2 • Já se emprega a forma portuguesa vale-tudo.
- 3 • Observe o acento agudo recebido na sua passagem para o português, inexistente no latim.
- 4 • Observe a adaptação ao Português, com o emprego do acento gráfico, além do hífen, não existentes no latim.
- 5 • Além do acento gráfico e do hífen, há o aportuguesamento de “mappa” (lat.) para “mapa” (perdendo um “p”).
- 6 • Há também a forma portuguesa “novo-rico”.
- 7 • Veja o acento gráfico(’), inexistente no latim.

## OBSERVAÇÃO

Há, entretanto, numerosas expressões estrangeiras ou adaptadas ao Português que não são hifenizadas, tais como:

ab initio (lat.)	Desde o início.
ad hoc (lat.)	Para este caso.
ad litteram (lat.)	Ao pé da letra, literalmente.
ad mensuram (lat.)	Diz-se da venda cujo preço é estipulado por unidade de peso ou de medida.
ad nutum (lat.)	1 • Diz-se do ato que pode ser revogado pela vontade de uma só das partes. 2 • Diz-se da demissibilidade do funcionário público não estável, deliberada a juízo exclusivo da autoridade administrativa competente.
ad valorem (lat.)	Diz-se da tributação que se faz de acordo com o valor da mercadoria importada ou vendida e não por seu volume, peso, espécie ou quantidade.
all right (ingl.)	Está bem; está certo; perfeitamente.
au revoir (fr.)	Até à vista.
causa mortis (lat.)	Causa da morte.
consummatum est (lat.)	Tudo está consumado.
corpus christi (lat.)	Corpo de Cristo.

curriculum vitae (lat.)	Conjunto de dados relativos ao estado civil, ao preparo profissional e às atividades anteriores de quem se candidata a cargos ou posições.
data venia (lat.)	Com a devida vênia.
Deo gratias (lat.)	Graças a Deus.
dura lex sed lex (lat.)	A lei é dura mas é lei.
ecce homo (lat.)	Eis o homem.
fiat lux (lat.)	Faça-se a luz.
full time (ingl.)	Tempo completo
honoris causa (lat.)	Diz-se dos títulos universitários concedidos sem exame, como homenagem.
in memoriam (lat.)	Em memória.
in totum (lat.)	No todo; totalmente.
ipsis litteris (lat.)	Mesmas letras; textualmente.
ipsis verbis (lat.)	Mesmas palavras; textualmente.
lato sensu (lat.)	Em sentido lato.
per capita (lat.)	Por cabeça.
pro forma (lat.)	Por formalidade.
sine die (lat.)	Sem dia certo.
stricto sensu (lat.)	Em sentido estrito.
verbi gratia (lat.)	Por exemplo, a saber.

#### Q) Nos compostos onomatopéicos (1)

bem-te-vi	reco-reco
mé-mé	ruge-ruge
miau-miau	téu-téu
piu-piu-piu	tico-tico
quá-quá-quá	tique-taque

**1 • Chamam-se compostos onomatopéicos (ou onomatopaicos) aqueles que imitam a voz dos animais ou o som das coisas significadas.**

Entre as exceções, que são muitas, enumeramos as seguintes:

bumbum	gluglu
cocoricó(1)	pipi
cricri	ronron
fonfon	xixi
frufu	zunzum

1 .. Existem as formas paralelas ‘corococó’ e ‘quiquiriqui’.

## R) O uso do hífen subordinado ao sentido.

Podem aparecer dois conjuntos vocabulares constituídos das mesmas palavras, um deles formando um todo semântico (será hifenizado); o outro formando uma locução adverbial, uma interjeição, um vocativo etc. (não será hifenizado).

Exemplos:

a) Trata-se de mulher **à-toa** (adjetivo: desclassificada).

Esta mulher vive **à toa** (loc. adv.: a esmo)

b) Ele sabe de cor a **salve-rainha** (substantivo: prece)

**Salve** (interj). **rainha** (vocativo) esperança nossa...

c) Eu aprendi o **padre-nosso** (substantivo: prece).

**Padre nosso** (vocativo) que estás no céu ...

d) O Governador recebeu um **abaixo-assinado** (petição).

Fulano de Tal, **abaixo assinado** ... (aposto)

e) Ela me contou uma estória **sem-sal** (adj., enfadonha).

A comida está **sem sal** (ensossa, adjetivo).

f) Aos sábados só trabalho **meio dia** (metade do dia)

Nos sábados, eu saio ao **meio-dia** (12 horas em ponto).

g) Nesta rua há uma casa **sem número** (que não tem número)

Nesta rua há um **sem-número** de casas (número indeterminado).

**NOTA:** Exemplos como esses são quase infinitos. Impossível seria esgotá-los. O que aqui pretendemos foi apenas transmitir noções que facilitassem, em outros exemplos semelhantes, o emprego correto do hífen.

## II — EMPREGO ESTILÍSTICO DO HIFEN

Alguns prosadores e poetas buscam, às vezes, com auxílio do hífen, transmitir maior expressividade a determinadas frases ou locuções. Trata-se de um emprego estilístico, subjetivo, sem qualquer relação com as normas gramaticais referentes ao assunto. Esta é, porém, uma prática que não deve tornar-se abusiva, mas, ao contrário, deve ser prudente e adequada.

Exemplos próprios:

a) Os moradores, presos no edifício que se incendiava, gritaram, desesperados, por socorro. Foi um **Deus-nos-acuda**.

b) O andar daquela mulher era um **sobe-e-desce-de-nádegas**.

Exemplos extraídos de vários autores:

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE:

“O meu nome era Maria,

**Maria-Que-Morreu-Antes**.

Antologia Poética: 11<sup>a</sup>. ed., Livraria José Olympio Editora, Rio, 1978, p. 38.

ZILA MAMEDE:

“Dentro da caixa/casa

bar de **mesa-uma-só**

de garções invisíveis

sono de pedra-mó”.

Navegos: 1<sup>a</sup>. ed., Editora Vega, Belo Horizonte, 1978, p. 6.

NIVALDETE XAVIER, referindo-se à enxada:

“Traz na **folha-aço-luzidia**

como em bandeja

a cobra”.



Sertânia, 1ª. ed. Editora Universitária, Natal, 1979, p. 39.

EULÍCIO FARIAS DE LACERDA:

“Ah, as estórias de João ~~Batidão-de-língua-amarrada~~ e de sua mãe morfética”.

O Rio da Noite Verde, 1ª. Ed., Editora Leitura, Rio, 1973, p. 64.

Aí fica uma pequena amostra do emprego do hífen como recurso estilístico.

### III O HÍFEN NAS TRANSLINEAÇÕES

Embora o Vocabulário Ortográfico em vigor não autorize, nas translineações, a repetição do hífen quando a partição silábica coincida com o final do 1º membro do composto, achamos conveniente essa repetição, como meio de mostrar ao leitor que o composto partido é hifenizado.

Exemplos:

— pulseira.

Comprei ontem um relógio —

Ele é um pedreiro —

— livre.

Essa norma torna-se mais necessária ainda quando o composto tem dois sentidos: um, exigindo o hífen; o outro, dispensando-o.

Exemplos:

— dia (com hífen, 12 horas em ponto).

Ontem, cheguei ao meio —

Ontem, trabalhei meio —

dia (sem hífen, metade do dia)

### COMENTÁRIO FINAL

Aqui termina a tarefa a que nos propusemos.

Já o dissemos, e aqui repetimos, que o estudo do hífen não foi esgotado, dada a sua complexidade, suscitando dúvidas e levando a possíveis contradições. O assunto, porém, embora difícil, e talvez por isso mesmo, empolgou-nos, e já iniciamos, há tempo, a elaboração de um Dicionário Brasileiro de Composto Hifenizados. A nossa pesquisa, com essa finalidade, já vai adiantada, e aproveitamos esta oportunidade para solicitar a todos quantos lerem este trabalho a prestimosa colaboração de nos enviarem relações de palavras hifenizadas conhecidas em suas regiões, mesmo as nascidas da gíria ou da linguagem popular, a nosso ver as duas maiores fontes do neologismo nacional, podendo ser endereçadas à rua Amintas Barros, 1979 — Lagoa Nova — Natal, RN., pelo que antecipamos nossos agradecimentos.

## REGIMENTO INTERNO DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Art. 1.º — A Academia Norte-rio-grandense de Letras pautará os seus serviços pelo presente Regimento Interno, que é subsidiário dos seus Estatutos.

### DAS SESSÕES

Art. 2.º — As sessões da Academia Norte-rio-grandense de Letras distinguem-se em:

- a) sessões de Diretoria;
- b) sessões de Plenário;
- c) sessões de Assembléia Geral.

Art. 3.º — As sessões a que se referem o artigo anterior são convocadas e dirigidas pelo Presidente, tendo o 1.º Secretário à direita e, à esquerda, o 2.º Secretário dependendo da natureza, podem ser públicas e secretas.

Art. 4.º — A Diretoria, de acordo com os Estatutos em vigor, é constituída pelo Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, Tesoureiro, Diretor da Biblioteca e Diretor da Revista. Será eleita bianualmente, nos termos dos Estatutos (art. 6º, § 1º), e é da sua competência dirigir administrativamente a Academia, nos termos deste Regimento.

Parágrafo único — As decisões da Diretoria, do Plenário e da Assembléia Geral são tomadas por maioria de votos.

Art. 5.º — As sessões da Diretoria serão iniciadas com a leitura da Ata da sessão anterior, seguindo-se a leitura do expediente a cargo do 1.º Secretário.

§ 1º — Do expediente, constarão correspondência, comunicações diversas, assuntos da Administração, apresentação de propostas;

§ 2º — Nas sessões de Diretoria ou de Plenário, o 1º Secretário fará a leitura de trabalhos oferecidos à Academia, com uma análise rápida de relatórios e pareceres da Comissão de Sindicância, refentemente à inscrição de candidatos a vagas no quadro social, bem como às propostas para sócios correspondentes, honorários ou beneméritos.

§ 3º — Esgotada a matéria do Expediente, seguir-se-à a Ordem do Dia, que constará de:

I — assuntos que foram designados para aquela sessão;

II — discussão de propostas, requerimentos ou indicações lidos no expediente;

III — assuntos referentes à língua ou à literatura;

IV — encerramento da sessão, devendo o Presidente, se possível, designar a Ordem do Dia da sessão seguinte.

Art. 6.º — A votação referente a assuntos constantes da Ordem do Dia só deixará de ser feita na mesma sessão em que forem lidos, se, através de requerimento, for solicitado o seu adiamento para a sessão seguinte.

Art. 7.º — O Acadêmico que comparecer a sessões de Diretoria poderá pedir a palavra pela ordem, com a finalidade de encaminhar ou esclarecer assuntos da Ordem do Dia, para manifestar pontos de vista, para pedir adiamentos ou para solicitar encerramento de discussões e votações.

Art. 8.º — As sessões de Assembléia Geral, solenes ou não, serão realizadas simultaneamente com a Diretoria, mediante o comparecimento de Acadêmicos, con-



vidados especiais, além de ser franqueada ao público. Destinam-se a conferências, comemoração de datas, recepção de novos acadêmicos, homenagem a personalidades e panegírico a acadêmicos falecidos.

§ 1º — Além dos convites impressos, ou verbais, feitos a autoridades, a homens de letras, a famílias e à sociedade, o Presidente convidará o Governador do Estado, pessoalmente ou através de acadêmicos por ele designados, podendo o novo Acadêmico integrar a Comissão. Por ofício, serão convidados os Presidentes do Poder Legislativo, da Assembléia Legislativa e os Oficiais Gerais existentes na área.

§ 2º — Confirmada a presença do Governador, o Presidente designará comissão que se encarregará de recebê-lo à entrada do edifício da Academia e de acompanhá-lo à saída.

Art. 9º — Quando se tratar de Assembléia Geral para a posse de novo acadêmico, será cumprido um ritual próprio, que obedecerá à seguinte ordem:

a) o Presidente abrirá a sessão e, em breves palavras, dirá o objetivo da reunião, convidando o Governador do Estado, quando presente, para assumir a Presidência dos trabalhos;

b) o Presidente, a seguir, dará cumprimento à execução dos trabalhos de posse, designando, com essa finalidade, uma comissão de três acadêmicos;

c) a Comissão conduzirá ao recinto o novo acadêmico, que deverá ser recebido de pé pelos componentes da Mesa e por toda a assistência. O Acadêmico e a Comissão ficarão diante do Presidente. Este, proclamando o resultado da eleição de preenchimento da cadeira vaga nº ....., convidará o novo acadêmico para, da tribuna, pronunciar o seu discurso de posse, voltando os componentes da Mesa e a assistência a ocupar os seus lugares.

d) Concluída a leitura do discurso, o novo acadêmico voltará a presença do Presidente que lhe determinará a leitura do compromisso de praxe, seguindo-se a leitura do termo de posse pelo 1º secretário. Será feita a imposição do capelo simbólico, pela comissão dos trabalhos.

O Presidente fará entrega do diploma respectivo e convidará o recém empossado a ocupar a cadeira que lhe cabe entre os seus confrades.

e) o Presidente concederá a palavra àquele que foi designado para, em nome da Instituição, saudar o novo acadêmico;

f) o 1º Secretário, por determinação do Presidente, procederá à leitura de mensagens e correspondências recebidas e alusivas à posse;

g) o Presidente, concluído o cerimonial, consultará o Governador do Estado, quando presente, se deseja proferir as palavras de encerramento da sessão; caso contrário, ele próprio o fará, acrescentando os agradecimentos a todos os presentes.

Art. 10 — A Academia promoverá sessões de Assembléia Geral em homenagem póstuma a acadêmicos ou a membros correspondentes, honorários e beneméritos, as quais se realizarão depois de trinta dias a partir do óbito. Os respectivos panegíricos serão proferidos por acadêmicos designados pelo Presidente, sendo, na oportunidade, facultadas palavras de agradecimento a representantes das famílias dos homenageados.

Art. 11 — As sessões secretas do Plenário destinar-se-ão ao conhecimento, es-



tudo, discussão e aprovação de assuntos internos ou de caráter privado, bem assim ao conhecimento e apreciação dos relatórios e pareceres da Comissão de Sindicância, relativos a pedidos feitos por candidatos ao preenchimento de vagas e respectivas eleições.

§ 1º — Das sessões secretas não haverá Ata, salvo daquelas que se referirem à eleição.

§ 2º — É permitido a qualquer Acadêmico propor, em sessão plenária, a sua transformação em sessão secreta, segundo a importância da matéria a ser discutida, ou solicitar a convocação de uma sessão secreta para outra oportunidade, destinada ao estudo, discussão e votação, dessa matéria.

Art. 12 — As sessões de Assembléia Geral, de caráter solene, realizar-se-ão no Salão Nobre, e somente os Acadêmicos tomarão assento nas poltronas aos mesmos reservadas.

Art. 13 — De acordo com o artigo 20 dos Estatutos, a Academia entrará em recesso durante todo o mês de dezembro, só havendo sessões, nesse período, quando deliberadas pela Diretoria, atendendo a motivos especiais.

## DOS ACADÊMICOS

Art. 14 — Os ocupantes das cadeiras preenchidas nos termos dos Estatutos e Regimento Interno são membros efetivos e perpétuos, com a denominação de Acadêmicos, reservado a eles o direito de renúncia ou desistência, quando:

a) comunicarem, por ofício, caso ainda não tenham tomado posse, a sua desistência formal de pertencer aos quadros da Academia;

b) Fizerem declaração, por escrito, à Diretoria da Academia, da sua determinação, alegando motivo de foro íntimo;

c) não se pronunciarem, vencidos todos os prazos e prorrogações aos quais se refere este Regimento.

Art. 15 — A renúncia ou a desistência de posse será examinada pela Diretoria e pelo Plenário, em sessão conjunta, para a devida deliberação.

Art. 16 — Ocorrendo o falecimento de um acadêmico, o Presidente comunicará o fato à Federação das Academias de Letras do Brasil e, previamente marcada, realizará sessão de Assembléia Geral, de caráter solene, em homenagem ao Acadêmico falecido, na qual um dos membros, designado pelo Presidente, fará a regimental saudação "in memoriam".

§ 1º — No final da sessão, o Presidente proclamará aberta a vaga e mandará publicar **edital na imprensa local**, com o prazo de 60 dias para a inscrição de candidatos à cadeira vaga.

§ 2º — As inscrições deverão constar de requerimento, "curriculum vitae" e apresentação de, pelo menos, dois exemplares de livros publicados, material que deverá ser remetido à Comissão de Sindicância para análise e parecer respectivos, cabendo-lhe ainda opinar sobre o aspecto formal das inscrições.

§ 3º — Findo o prazo das inscrições, o Presidente as encerrará e, com base nas informações da Comissão de Sindicância, dará a sua conclusão final, apontando o candidato ou candidatos, que poderão ser submetidos à votação, em sessão secreta de plenário, negando esse direito àqueles que não preencherem as condições exigidas.

§ 4º — Nessas eleições, o acadêmico ausente poderá votar, desde que, em envelope fechado, envie ao Presidente carta de apresentação de sua autoria acompanhada de três cédulas destinadas ao primeiro, segundo e terceiro escrutínios, onde sufragará o candidato da sua preferência, sendo eleito aquele que obtiver metade mais um dos votos que correspondam ao total dos acadêmicos existentes.

§ 5º — É defeso ao acadêmico comprometer-se com candidatos inscritos bem como fazer manifestações pró ou contra qualquer deles, ficando, se assim ocorrer, impedido do exercício do direito de voto.

Art. 17 — A aceitação de membros correspondentes e honorários verificar-se-á mediante proposta de, pelo menos, três acadêmicos, acompanhada de justificativa, a qual, depois do parecer da Comissão de Sindicância, será submetido à discussão e votação, em sessão de plenário.

Parágrafo Único — A proposta para a categoria de beneméritos será feita de modo idêntico, com a comprovação do fato ou fatos praticados pelo(s) candidato(s) que haja(m) concorrido para o engrandecimento do patrimônio material da Academia.

Art. 18 — Para a aceitação dos membros a que se refere o artigo anterior, a Comissão de Sindicância dará preferência a:

I — Brasileiros que, no Estado ou no País, se tenham destacado no campo das atividades literárias, artísticas ou científicas.

II — Sábios ou escritores estrangeiros que tenham publicado estudos relativos ao Brasil.

Art. 19 — A Comissão de Sindicância terá o prazo de 30 dias para emitir parecer sobre a viabilidade, ou não, de candidatos a serem submetidos à votação do plenário em qualquer categoria de membro do quadro social.

Art. 20 — O 1º Secretário comunicará ao novo membro da Academia a sua eleição, convidando-o a tomar posse em sessão solene, cuja data será combinada.

Art. 21 — A Comissão de Sindicância, na análise do documento de inscrição, verificará o estrito cumprimento do artigo 2º, § 2 e 3 dos Estatutos e apreciará também, em caráter reservado, o conceito moral de cada candidato.

Art. 22 — De acordo com os Estatutos, artigo 4º, não haverá discriminação de sexo para admissão de membro, em qualquer categoria.

Art. 23 — Somente depois de empossados, os acadêmicos gozarão das prerrogativas de membros da Academia.

Art. 24 — O prazo para a posse do acadêmico eleito, após ter sido comunicado por ofício, ou verbalmente, será de um ano, salvo caso de força maior, devidamente comprovado, justificando requerimento de prorrogação por igual tempo, que será examinado e votado em sessão do plenário.

Parágrafo Único — Concluído o prazo de prorrogação, sem que o eleito tenha sido empossado, a Academia, em sessão de plenário, poderá conceder uma terceira e última prorrogação de, no máximo, seis meses. Caso se esgotem os três prazos, sem que o eleito queira a data de posse, o Presidente, de acordo com o plenário, declarará vaga a cadeira e aberta a inscrição para nova eleição, para a qual o eleito não poderá mais inscrever-se.

Art. 25 — No discurso de recepção, o novo acadêmico estudará a personalidade e a obra literária do seu antecessor e do patrono da cadeira.

Art. 26 — O acadêmico encarregado de saudar o novo empossado apreciará, em nome da Academia, a personalidade e a obra literária do recipiendário.



Art. 27 — Os acadêmicos, nas sessões de Assembléia Geral, usarão, como distintivo, o capelo simbólico, cujas características foram aprovadas em Assembléia Geral.

Art. 28 — Em caso de doença ou invalidez, a Academia promoverá meios de ajuda financeiramente aos acadêmicos reconhecidamente necessitados.

Art. 29 — Logo que seja possível, a Academia abonará aos membros efetivos cédulas de presença nas sessões de qualquer natureza a que compareçam.

Art. 30 — Em nenhuma hipótese, são remunerados os cargos de Diretoria, de comissões ou de serviços prestados à Academia.

Art. 31 — Os acadêmicos que publicarem livros devem enviar à biblioteca um exemplar, pelo menos, da obra publicada.

Art. 32 — Os membros de qualquer categoria do quadro social poderão participar das sessões, sem direito a voto, que é privativo do Acadêmico.

Art. 33 — Pessoalmente, ou através de correspondência, será dado aos acadêmicos o tratamento de Vossa Excelência.

## DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 34 — A administração da Academia Norte-rio-grandense de Letras ficará a cargo de uma Diretoria constituída de acordo com o artigo 4º deste Regimento.

Art. 35 — Compete à Diretoria:

a) dar cumprimento às atribuições e deveres previstos nos Estatutos, neste Regimento e nas resoluções de Assembléia Geral e de plenário;

b) criar e preencher cargos indispensáveis ao serviço, cuja nomeação e demissão serão feitas pelo Presidente, atendidas as exigências da legislação e da previdência social.

c) desenvolver esforços no sentido de conseguir recursos financeiros, no Município, no Estado e na União, que assegurem o funcionamento regular da Instituição e desenvolvam programas de expansão cultural.

Art. 35 — As deliberações da Diretoria serão tomadas por maioria de votos, cabendo ao Presidente o voto de desempate.

Art. 36 — Havendo renúncia coletiva da Diretoria, a Academia reúne-se, automaticamente, no 3º dia útil, às 17 horas, presidida pelo Acadêmico mais antigo, para eleição da nova Diretoria.

Art. 37 — O Presidente representará a Academia em juízo, ou fora dela, ativa ou passivamente, perante os poderes públicos ou terceiros.

Art. 38 — Além de atribuições e deveres previstos nos Estatutos e neste Regimento, compete ao Presidente dirigir sessões de Diretoria, sessões de Plenário e sessões de Assembléia Geral. Assinará o expediente, nomeará comissões, indicará acadêmicos para representar a Academia, autorizará pagamento de despesas, manterá relação com a Federação das Academias de Letras do Brasil, dará seu voto de desempate nas eleições de diretoria e de plenário, advertirá, repreenderá, suspenderá e demitirá empregados, de acordo com as leis trabalhistas.

Art. 39 — Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos, revistido de todas as prerrogativas estabelecidas no Estatuto e neste Regimento.

Art. 40 — Compete ao 1º Secretário:



- a) cumprir as atribuições que lhe são previstas no Estatuto e neste Regimento;
- b) encaminhar ao Presidente todo o expediente recebido que, após o despacho do Presidente, será convenientemente providenciado;
- c) ter sob sua guarda e responsabilidade os arquivos da Academia;
- d) servir de escrutinador, juntamente com o 2º Secretário, na apuração das eleições de qualquer natureza.

Art. 41 — Compete ao 2º Secretário:

- a) lavrar as atas das sessões de Diretoria, de Plenário e de Assembléia Geral e proceder a sua leitura quando determinada pelo Presidente;
- b) cumprir, com o 1º Secretário, o funcionamento da secretaria, inclusive a supervisão dos funcionários.
- c) substituir o 1º Secretário em suas faltas e impedimentos.

Art. 42 — Compete ao Tesoureiro:

- a) guardar e administrar o patrimônio material da Academia, de acordo com as normas aprovadas pela Diretoria;
- b) apresentar à Diretoria o balanço geral da receita e despesa de cada ano financeiro;
- c) assinar, juntamente com o Presidente, cheques de conta bancária para os diversos pagamentos.

Art. 43 — Compete ao Diretor da Biblioteca:

- a) ter, sob sua guarda e direção, a biblioteca da Academia, promovendo a sua organização e desenvolvimento, especialmente no que se relacione com a literatura nacional e, mais particularmente, com a do Rio Grande do Norte;
- b) solicitar dos sócios da Academia um exemplar de cada uma das suas obras publicadas;
- c) fazer registrar, em livro especial, as doações e compras de livros, apresentando, na última sessão do ano da Diretoria, um relatório do movimento da biblioteca;
- d) promover a permuta de publicações feitas pela Academia Norte-rio-grandense de Letras, com as suas congêneres, ou outras associações culturais;
- e) elaborar e propor alterações no Regimento da Biblioteca a ser, futuramente, organizado, com a aprovação da Diretoria.

Art. 44 — Compete ao Diretor da “Revista” que, ao mesmo tempo, será um dos membros da respectiva comissão:

- a) redigir, com os outros membros da Comissão e com os acadêmicos que, para isso, se prontifiquem, uma publicação semestral, ou anual, da Revista da Academia, a qual constituirá o seu Órgão Oficial;
- b) estabelecer o plano da “Revista”, distribuindo-a em secções, de forma que se constitua numa expressão da cultura do nosso Estado;
- c) sugerir à Academia, por intermédio da Diretoria, tudo quanto possa melhorar as condições da “Revista”, intelectual e materialmente, inclusive a regularidade de sua publicação.

Art. 45 — A Academia fará o hasteamento de sua Bandeira na frente do edifício e ao lado da mesa das sessões, situando-a à esquerda da Bandeira Nacional, enquanto, ao lado direito desta, ficará a Bandeira do Estado.

Parágrafo Único — Do mesmo modo, e onde for aplicado, serão usados o escudo, o selo, o carimbo e o “ex-libris”.

Art. 46 — O presente Regimento, devidamente adaptado aos Estatutos, entrará em vigor na data de sua publicação.

# ESTATUTOS DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

## CAPÍTULO I

### DAS FINALIDADES E SEDE

Art. 1.º — A Academia Norte-rio-grandense de Letras, com sede e fôro na cidade do Natal, Capital do Estado do Rio Grande do Norte, tem por finalidade a cultura da língua, da literatura, ciências e artes, notadamente da história, sociologia, folclore, crítica, poesia, ficção e comunicações sociais de modo geral.

Parágrafo único — A Academia manterá biblioteca e, quando possível, teatro acadêmico, cinema educativo; museu e outras iniciativas da cultura.

## CAPÍTULO II

### DOS PATRONOS E ACADÊMICOS

Art. 2.º — A Academia Norte-rio-grandense de Letras é constituída de quarenta (40) Cadeiras, patrocinadas por nomes notáveis na cultura do Estado, preenchidas nos termos destes Estatutos e do Regimento.

§ 1.º — Os titulares, de acordo com o que dispõem estes Estatutos e o Regimento, são membros efetivos e perpétuos, com a denominação de Acadêmicos, ressalvado o direito de renúncia, segundo dispuzer o Regimento.

§ 2.º — Do total das Cadeiras, oitenta e cinco por cento (85%) só poderão ser preenchidas por titulares residentes no Estado.

§ 3.º — São condições para membro efetivo:

- a) Ser norte-rio-grandense ou residir por mais de dez anos no Estado;
- b) Ter publicado livro de reconhecido mérito em qualquer ramo da literatura, da ciência ou da arte;
- c) Atender a outras determinações contidas no Regimento;

§ 4.º — Os membros da Academia não respondem subsidiariamente pelas obrigações da entidade.

Art. 3.º — Além dos titulares, acadêmicos efetivos e perpétuos, o quadro social compreende ainda as seguintes categorias de membros:

- a) Correspondentes;
- b) Honorários;
- c) Beneméritos.

§ 1.º — Para eleição de membro correspondente serão exigidos os requisitos constantes do art. 2.º, § 3.º dos presentes Estatutos.

§ 2.º — A Academia poderá eleger membro honorário pessoa que, por seu notável saber ou relevantes serviços prestados à causa da cultura, se torne merecedor da homenagem.

§ 3.º — O título de membro benemérito é reservado àqueles que hajam prestado serviços relevantes à instituição ou contribuição para o aumento do seu patrimônio.

Art. 4.º — A Academia não faz discriminação de sexo para admissão de membro de qualquer categoria.



## CAPÍTULO III

### DOS ÓRGÃOS DE DIREÇÃO E COMISSÕES PERMANENTES

Art. 5.º — São órgãos de direção da Academia a Assembléa Geral e a Diretoria.

§ 1.º — A Assembléa Geral é o poder máximo de decisão da Academia e será convocada mediante edital publicado na imprensa com indicação expressa da matéria a ser tratada.

§ 2.º — As atribuições da Assembléa Geral serão especificadas no Regimento.

Art. 6.º — A Diretoria é o órgão de execução dos dispositivos estatutários e regimentais, bem como das Resoluções da Assembléa Geral.

§ 1.º — A Diretoria é composta de Presidente, Vice-Presidente, 1.º Secretário, Tesoureiro, Diretor da Biblioteca e Diretor da Revista, eleita bianualmente em sessão de Assembléa Geral, permitida a reeleição.

Art. 7.º — Compete a Diretoria dirigir administrativamente a entidade nos termos destes Estatutos e do Regimento.

Art. 8.º — A eleição da Diretoria será processada em escrutínio secreto, na segunda quinzena de janeiro, devendo a posse verificar-se no mesmo mês.

Art. 9.º — A Academia elegerá comissões permanentes, especificadas no seu Regimento, bem assim comissões especiais designadas pelo Presidente para os fins que especificar.

Art. 10 — Os membros da Diretoria e das comissões permanentes ou especiais não percebem qualquer remuneração dos cofres da Academia.

Art. 11.º — A Academia será representada pelo seu Presidente em suas relações com terceiros e, igualmente, em juízo ou fora dele, ativa ou passivamente.

Art. 12.º — O Regimento disporá sobre as sessões acadêmicas, ordinárias ou extraordinárias, que tenham por objetivo tratar de assuntos concernentes às atividades da instituição.

Art. 13.º — A Academia manterá junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, uma Delegação, constituída de três dos seus membros, de qualquer categoria, residentes na sede daquela instituição.

Art. 14.º — Os serviços administrativos da Academia, diretamente subordinadas à Presidência, serão estabelecidos no Regimento, atendidas as disponibilidades de recursos materiais e humanos para a sua execução.

Art. 15.º — O Regimento Interno da Academia conterá normas referentes:

- a) à eleição da Diretoria e das comissões permanentes;
- b) à eleição dos Acadêmicos e demais membros;
- c) ao funcionamento administrativo da entidade;
- d) à especificação dos direitos e deveres dos membros da Academia;
- e) ao funcionamento da biblioteca, teatro acadêmico, cinema educativo, museu e demais órgãos e serviços integrantes da instituição;
- f) à utilização das diversas dependências da Academia para finalidades essenciais ao desenvolvimento e projeção cultural da entidade;
- g) à proteção e estímulo aos escritores norte-rio-grandenses;
- h) à criação de prêmios literários;
- i) à nomeação e admissão de servidores;
- j) à construção para o Musoléu dos acadêmicos, quando possível;
- l) à regulamentação do uso dos símbolos acadêmicos;
- m) a qualquer outra matéria de interesse da Academia.

## **CAPÍTULO IV**

### **DO PATRIMÔNIO**

Art. 16.º — O patrimônio da Academia é constituído:  
a) do edifício sede da entidade e respectivo terreno;  
b) de legados ou doações;  
c) de rendas de qualquer natureza.

## **CAPÍTULO V**

### **DA REFORMA DOS ESTATUTOS E DA EXTINÇÃO DA ACADEMIA**

Art. 17.º — A reforma total ou parcial destes Estatutos só poderá ser feita em Assembléa Geral Extraordinária, depois de, pelo menos, cinco anos de sua vigência, salvo motivo de força maior devidamente justificado e aprovado nos termos do Regimento.

Art. 18.º — A extinção da Academia só poderá ser efetivada por decisão unânime dos Acadêmicos, em Assembléa Geral Extraordinária, convocada especialmente para esse fim.

## **CAPÍTULO VI**

### **DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS**

Art. 19.º — O Regimento da Academia será adaptado aos presentes Estatutos, no prazo de noventa (90) dias.

Art. 20.º — A Academia entrará em recessão durante todo o mês de dezembro.

Art. 21.º — O atual cargo de Secretário Geral passará a constituir o de Vice-Presidente da Academia, mantidas as demais denominações.

Art. 22.º — Fica prorrogado até 31 de janeiro de 1978 o mandato da Diretoria empossada a 31 de janeiro de 1976.

Art. 23.º — Estes Estatutos entrarão em vigor na data do seu registro no ofício próprio da Comarca, ficando revogadas as disposições em contrário.

(Aprovado em sessão de Assembléa Geral no dia 4 de janeiro de 1977 e de 27 de novembro de 1979).



## OS NOSSOS MORTOS

Registramos, com profunda saudade, o desaparecimento, nos últimos anos, dos acadêmicos Carolina Wanderley, Palmyra Wanderley, Bruno Pereira, Paulo Pinheiro de Viveiros e Walter Wanderley.

Quatro fundadores de cadeiras na nossa Academia, — Carolina, Palmyra, Bruno e Paulo Viveiros, — e um sucessor, — Walter Wanderley, — todos de atuação brilhante na instituição e na vida social e política do nosso Estado.

Carolina e Palmyra Wanderley foram as primeiras presenças femininas na nossa Academia, desde 1936, — o que nos dá um certo pioneirismo no ingresso de figuras femininas em cenáculos de letras no Brasil.

Carolina Wanderley nasceu no Açú, a 4.1.1891, tendo falecido em Natal, a 25.8.1976. Professora diplomada pela nossa Escola Normal, em 1911, inicia sua carreira no magistério dirigindo o Grupo Escolar “Ten. Cel. José Correia”, no Açú, transferindo-se depois para Natal, ingressando no quadro de professores do Grupo Escolar “Frei Miguelinho”, onde se aposentou. Colaboradora de jornais e revistas natalenses, publicou seu primeiro livro, “ALMA EM VERSOS”, em 1919, seguindo-se “RIMÁRIO INFANTIL”, em 1926. Teve Carolina atuação destacada no movimento feminista no Estado, que culminou com a conquista do voto da mulher. Apesar de sua vida modesta e simples, Carolina se afirmou pela superioridade de sua inteligência e fina sensibilidade.

Palmyra Wanderley, nascida em Natal a 6 de agosto de 1894 e falecida na mesma cidade a 19 de novembro de 1978, foi a voz feminina mais alta nas últimas décadas, pela sua intensa publicação, tanto em poesia quanto em prosa, de trabalhos e versos nos nossos jornais e revistas. Publicou vários livros, entre os quais se destacaram “ESMERALDA”, seu primeiro livro e “ROSEIRA BRAVA”, seu livro mais divulgado, com 2ª. edição em 1965, pela Fundação “José Augusto”. Palmyra deixou inúmeros trabalhos e livros inéditos, entre conferências, contos, versos e literatura teatral.

Bruno Pereira nasceu a 6.10.1886, em Mossoró, tendo falecido a 1.4.1979 em Natal. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, turma de 1910, Bruno Pereira exerceu com brilho e competência e advocacia em Natal, destacando-se, nos últimos anos, como Juiz do Trabalho, em cuja função demonstrou superiores qualidades na distribuição da Justiça. Bruno Pereira foi acima de tudo o grande jornalista e polemista do Estado, através de jornais como “A Razão”, “A Imprensa”, “A Tarde”, “Correio da Tarde” e “A República”. Foi deputado estadual, professor do Atheneu Norte-Rio-Grandense, desempenhando sempre seus cargos com absoluta correção e alto descortínio.

Paulo Pinheiro de Viveiros nasceu em Natal, a 18.7.1908, falecendo a 11 de dezembro de 1979, na mesma cidade. Jornalista, advogado de grande atividade, competência e brilho, Paulo Pinheiro de Viveiros emprestou o valor de sua inteligência e cultura à vida política de nossa terra, em largo período, assim como a inúmeras empresas públicas e privadas às quais serviu com dedicação e entusiasmo. Foi um dos mais notáveis oradores do seu tempo, destacando-se ainda como fundador e professor da Faculdade de Direito da UFRN, da qual foi também diretor. Ex-presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Paulo de Viveiros tinha a vocação do administrador, tendo dado novo impulso criador à nossa instituição. Pu-



blicou numerosa colaboração na nossa imprensa, tendo pronunciado incontáveis conferências sobre temas de história e direito. Foi juiz do nosso Tribunal Regional Eleitoral, membro do Conselho Estadual de Educação e interventor da Fundação "José Augusto". Além de várias publicações em plaquetes, destaca-se, na sua obra literária e de investigação histórica o seu livro "HISTÓRIA DA AVIAÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE", Ed. da Editora Universitária, Natal, 1974.

Walter Fonseca Wanderley de Albuquerque nasceu em Macau (RN), a 26.9.1914, tendo falecido em Belo Horizonte, (MG), a 4.9.1980. Jornalista, político, administrador vitorioso na empresa privada, Walter dirigiu jornais, como "Jornal do Oeste", em Mossoró, e "A República", de Natal, tendo de 1947 a 1951 ocupado uma das cadeiras de deputado da nossa Assembléia Legislativa. A partir de 1953, transferiu sua residência para o Rio de Janeiro e de lá para Belo Horizonte, onde desenvolveu intensa atividade como administrador, escrevendo e publicando uma série de livros especialmente sobre aspectos e figuras da zona oeste do Estado, principalmente sobre Mossoró. Um dos seus livros mais aplaudidos foi o notável trabalho de pesquisa sobre a "FAMÍLIA WANDERLEY", (Rio, 1966), seguindo-se volumes de memórias e ensaios sobre poetas e homens da vida pública do Estado.

**ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**  
**PATRONOS E ACADÊMICOS**

CAD. Nº.	PATRONO	PRIMEIRO OCUPANTE	SUCESORES
01	Padre Miguelinho	Adauto Câmara (14-11-36)	Raimundo Nonato da Silva (19-05-55)
02	Nísia Floresta	Henrique Castriciano (14-11-36)	Hélio Galvão (26-05-49)
03	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra (14-11-36)	
04	Lourival Açucena	Virgílio Trindade (14-11-36)	Enélio Lima Petrovich (28-05-70)
05	Moreira Brandão	Edgar Barbosa (14-11-36)	Ascendino de Almeida (08-12-76)
06	Luis Carlos Wanderley	Carolina Wanderley (14-11-36)	Gumercindo Saraiva (08-12-76)
07	Ferreira Nobre	Antônio Soares (14-11-36)	Mariano Coelho (31-01-74)
08	Isabel Gondim	Matias Maciel (14-11-36)	Walter Wanderley (31-01-79)
09	Almino Afonso	Nestor Lima (14-11-36)	Cristóvão Dantas (11-02-60) Humberto Dantas (28-05-70) Peregrino Júnior (29-10-70)
10	Elias Souto	Bruno Pereira (14-11-36)	Paulo Macedo (13-09-79)
11	Padre João Maria	Ilanuário Cicco (14-11-36)	Onofre Lopes da Silva (03-02-55)
12	Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine (14-11-36)	Veríssimo Pinheiro de Melo (23-08-56)
13	Luis Fernandes	Luis da Câmara Cascudo (14-11-36)	
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes (14-11-36)	
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes (14-11-36)	Antônio Pinto (06-06-46) Eloy de Souza (13-10-49) Umberto Peregrino (26-08-60)
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma (14-11-36)	Rômulo Chaves Wanderley (09-08-54) Maria Eugênia Montenegro (29-12-71)
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte (14-11-36)	Aluísio Alves (24-09-77)
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida (14-11-36)	Dom Nivaldo Monte (15-10-75)
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara (14-11-36)	Nilo Pereira (26-05-55)
20	Auta de Souza	Palмира Wanderley (14-11-36)	Mário Moacir Porto (15-05-77)
21	Antônio Marinho	Florianio Cavalcanti (14-11-36)	Luis Rabelo (24-04-75)
22	Leão Fernandes	Padre Luis Monte (14-11-36)	Dm José Adelino (06-06-46)
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior (14-11-36)	Othoniel Meneses (01-05-58) Jaime dos Guimarães Wanderley (28-05-70)
24	Gotardo Neto	Francisco Ivo Cavalcanti (14-11-36)	Antônio Azevedo (28-08-69) Antonio Soares Filho (17-08-76)
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França (14-11-36)	Inácio Meira Pires (24-04-75)
26	Manoel Dantas	José Augusto (22-07-43)	Diógenes da Cunha Lima (29-12-71)
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa (22-07-43)	
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros (22-07-43)	
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira (22-07-43)	
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo (22-07-43)	
31	Padre Brito Guerra	José Melquiades (08-10-64)	
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado (26-08-60)	João Batista Cascudo Rodrigues (13-04-67)
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza (13-04-67)	
34	José da Penha	Alvamar Furtado (13-04-67)	
35	Juvenal Antunes	Ednor Avelino (13-04-67)	Gilberto Avelino (16-09-77)
36	Benício Filho	João Medeiros (13-04-67)	
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro (13-04-67)	
38	Luis Antônio	José Tavares (13-04-67)	
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes (13-04-67)	
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros (13-04-67)	





Reg:

Vol.n°